
Às vezes, a vida é simplesmente maravilhosa
MONROE
Mas às vezes, ela também pode ser complicada
SOUTHWARD RIVER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MONROE

SOUTHWARD RIVER

Tenho que agradecer a querida *Karen Guedes*, minha superamiga, por estar ao meu lado e revisar essa obra para mim! Muito, muito obrigada querida!

Ei, mocinhaaaa...

Você mesmo, Lis!

Principal fonte da ideia;

Grande responsável por Monroe;

Esse livro é seu, caçula!

Amo você,

Obrigada

S. River — 27/07/2015

PRÓLOGO

PRIMEIRO CAPÍTULO

SEGUNDO CAPÍTULO

TERCEIRO CAPÍTULO

QUARTO CAPÍTULO

QUINTO CAPÍTULO

SEXTO CAPÍTULO

SÉTIMO CAPÍTULO

OITAVO CAPÍTULO

NONO CAPÍTULO

DÉCIMO CAPÍTULO

DÉCIMO-PRIMEIRO CAPÍTULO

DÉCIMO-SEGUNDO CAPÍTULO

DÉCIMO-TERCEIRO CAPÍTULO

DÉCIMO-QUARTO CAPÍTULO

DÉCIMO-QUINTO CAPÍTULO

DÉCIMO-SEXTO CAPÍTULO

DÉCIMO-SETIMO CAPÍTULO

DÉCIMO-OITAVO CAPÍTULO

DÉCIMO-NONO CAPÍTULO

VIGÉSIMO CAPÍTULO

VIGÉSIMO-PRIMEIRO CAPÍTULO

VIGÉSIMO-SEGUNDO CAPÍTULO

EPÍLOGO

Sob as luzes do salão de dança
Você parece uma garota tão boa
Luzes acima do chão
Se você desistir de Nova York
Eu te darei Tenessee
O único lugar para estar

The Face — Kings of Leon

PRÓLOGO

02/2013

A noite de quarta-feira estava sendo ótima. O tempo arejado e o clima perfeito para voltar para casa andando. À apenas duas quadras dali, Sophie resolveu passar na padaria pelo caminho.

Ela desceu as escadas checando o relógio de pulso. Oito da noite, em ponto, como sempre, descendo o lance de onze degraus até a rua.

Com a chave na mão, a loira abriu a porta de ferro e saiu, vislumbrando a rua naturalmente pouco movimentada naquele horário. As luzes da academia em frente estavam quase que completamente apagadas, pois pelo tempo ali, já sabia que fechavam mais cedo nas quartas.

Olhou para os dois lados antes de fechar a porta e enfiar a chave na fechadura e já trancava a porta quando o celular tocou.

Sophie soltou a chave presa na fechadura para abrir a bolsa e vislumbrar o nome da avó piscando na tela do aparelho. Com um sorriso ameno, ela apertou o botão verde e levou o aparelho à orelha no exato momento em que um vulto passou por sua visão periférica.

Sequer teve tempo de reagir. Em um milésimo de segundo, o corpo de quarenta e sete quilos era pressionado contra a porta recém-fechada.

— Pra dentro! — A voz esganiçada esbravejou, e Sophie derrubou o celular e a bolsa no chão em uma instantânea crise de pânico. A mão masculina girou a chave e abriu a porta de ferro, jogando a mulher para dentro para trancá-la novamente logo em seguida.

O coração feminino estava explodindo dentro do peito ao encarar o

lance de escadas que descia e subia todos os dias. Ela trincou os dentes e os punhos estavam cerrados em pavor quando a mão grande se emaranhou aos fios dourados; o corpo inteiro tremendo conforme era violentamente puxada para cima pelos cabelos.

— Vai, sobe!

Do lado de fora, na rua silenciosa, dois homens saíam da academia agora com todas as luzes apagadas. Eles estavam cogitando a ida ao bar com mais alguns amigos e em que horário se encontrariam.

Brandon Monroe tinha trinta anos de idade, os cabelos eram castanhos-avelã, quase loiros no sol e os olhos verdes intensos. O amigo, Alex Sand, possuía a mesma idade, cabelos ruivos, alguns quilos de massa muscular a menos, orbes acinzentados e já estava balançando a chave do carro.

— Às dez e meia, então?

— Vou correndo para casa para compensar essas cervejas. — Brandon brincou, vendo o amigo entrar no carro e ligar o motor.

— Nos vemos lá!

— Beleza! — Observando o carro sair pela rua o homem colocou o capuz do casaco, arrumando a mochila nas costas para atravessar a rua que tinha de cruzar para ir para casa e iniciar sua corrida.

Ele estava pensando que precisava visitar a mãe em Nebraska quando pisou em alguma coisa que imediatamente quebrou e o instinto fez Brandon parar, apenas para constatar, em meio à leve escuridão que o rodeava, uma bolsa e um celular.

As sobrancelhas grossas se arquearam e ele olhou para a fachada silenciosa.

Aquela academia: onde passou a maior parte de sua vida... Treinava ali de novo desde que voltara, há dois anos, e há dois anos ouvia o piano que vinha daquela saleta em cima de uma loja de móveis.

Todos os dias exceto domingo, Brandon se pegava analisando cada nota soando ao fundo enquanto socava algum saco de pancada no fim da tarde. O som

era tão forte que atravessava a rua, os vidros, e o zumbido dos ventiladores, e chegava aos seus tímpanos numa mescla de calor e clareza que causava calafrios.

Os olhos caíram para a porta de ferro e ele recolheu os objetos quebrados no chão antes de se aproximar um pouco mais, tentado a forçar a maçaneta apenas para checar se estava trancada.

Não havia muitos motivos para que alguém deixasse uma bolsa e celular jogados no chão daquela forma.

Os anos no exército lhe ensinaram que para todo o bem, existe um mal.

E o simples pensamento fez Brandon abraçar a maçaneta redonda e puxá-la.

Naquele exato segundo, um grunhido e um estrondo soaram.

Imediatamente, o calafrio percorrendo a espinha se agravou com violência e o fez tirar a mão da maçaneta para se afastar e chutar a porta de material forte.

O cara que observava Sophie todos os dias há três meses e tinha resolvido atacar era Fliker, ele já tinha usado tanta coisa que não lembrava mais do sobrenome. O sujeito saiu de Dakota do Norte e quando chegou no Tennessee já tinha fritado metade do cérebro. Ele escutou o barulho, mas esqueceu depois do primeiro centésimo de segundo.

Com o efeito da metanfetamina correndo pelas veias, Fliker sentia sempre aquela vontade. O rosto de Sophie sempre vinha à mente, o corpo, as mãos dela. Ele estava obcecado por ela e puxou seu casaco frágil e o rasgou pelas costas enquanto ela engatinhava para dentro da sala de música com um grito escapando pela garganta.

O choque havia passado e agora só restava o medo, transbordando pela alma e se transformando em rugidos desesperados por ajuda.

Do lado de fora, no terceiro chute, a veia do pescoço de Brandon estava saltando e ele parou, respirando profundamente.

Havia um filho da puta ali dentro, disso teve certeza quando os gritos femininos começaram e precisou de um segundo para levantar a perna e girar o

corpo, chutando pela quarta vez, tão forte que a porta caiu pelos primeiros degraus da escada e ele a saltou, subindo aos pulos e chegando no topo num piscar de olhos, a tempo de ver o indivíduo loiro se debruçando na mulher embaixo dele, que se contorcia freneticamente entre gritos e um choro desesperado.

Sophie não viu o exato momento em que aconteceu porque seus olhos estavam fechados, mas sentiu o peso sobre ela simplesmente desaparecer, e o estranho gemido soou antes de a janela logo a frente ser estilhaçada e dessa vez, um grito curto pôde ser claramente ouvido até desaparecer de vez.

Quando abriu os olhos cheios de lágrimas, a visão embaçada observou a figura alta parada à sua frente, ofegante.

Foram necessários dois segundos para que chegasse à conclusão de que aquele homem havia jogado o invasor pela janela.

— Tudo bem? — A voz grave, por um momento, fez os ombros se encolherem.

— Quem é... Você... — Sophie tinha uma respiração ofegante e não conseguia retomá-la já que o coração ainda batia desenfreado.

— Eu treino na academia ai da frente. — Monroe deu de ombros. — Meu nome é Brandon. — Assim, avançou o passo em direção à loira e estendeu-lhe a mão. — Ele fez algo?

— Não, ele... Só teve tempo de rasgar meu casaco preferido. — Ela tentou sorrir, mais tranquila ao ver os confiantes olhos verdes fincados nos seus. — Obrigada... — A mão delicada abraçou a forte que a puxou para cima. — Você salvou minha vida.

Ali, inexplicavelmente, a proximidade, embora não fosse alarmante, tornou-se estarrecedora e Brandon deu um passo para trás quase ao mesmo tempo em que Sophie o fez.

— Não precisa agradecer... Esses filhos da puta se aproveitam de mulheres pequenas. — Brandon sorriu amenamente, mas a expressão ainda demonstrava dureza. — Tem certeza que está bem?

As bochechas já vermelhas de Sophie atingiram um tom mais intenso e

ela desviou os olhos dos dele.

— Sim...

— Em todo caso, vou ligar pra polícia.

— Não pre-

— Sinceramente não sinto a mínima vontade de sair daqui e te deixar resolver o assunto sozinha, por mais que o cara esteja praticamente morto lá embaixo... Tenho a impressão de que você sairia correndo e o deixaria escapar da cadeia... — Depois de dizer isso, ele se debruçou na janela, discando o número da polícia no celular e olhou apenas para ter certeza de que estava correto, sorrindo poucamente ao ver o corpo estirado lá embaixo. — Lixo de merda. — A cuspida não acertou Fliker, mas passou perto.

— E-eu não qu-quero incomodar e a-além do mais ele está pra-praticamente morto e... Eu... Acho que ia sair me-mesmo correndo... Mas... — Sophie respirou fundo, ela estava enrolando a língua de novo.

— Alo? — Brandon lhe encarou e a loira finalmente acordou para a situação; os olhos verdes fincados nos seus enquanto ele segurava celular na orelha. — Pode mandar uma viatura na Forest View Road, em Kingsport? Foi uma tentativa... — A hesitação foi tão natural que ele precisou de meio segundo para continuar. — De assalto. — Completou. — 2552. — O homem confirmou, sem tirar os olhos dos azuis celestes que reluziam ainda assustados. — Brandon Monroe. A vitima é...

— So-So-Sophie Lanure. — A loira disse.

— Sophie Lanure. — Repassando a informação, só ali se deu conta que não tinha perguntado o nome dela até então. — Estamos aguardando aqui.

Guardou o celular no bolso e voltou-se para a loira com o habitual semblante sério.

— Então você é a proprietária daqui?

— Só alugo. — Ela se desencostou da parede, abraçando os próprios ombros.

— É a dona do piano? — O dedo foi apontado para o piano negro de

cauda que se dispunha no canto da sala.

— Sim. Pelo menos isso é meu nesse lugar.

Quanto àquilo, Brandon decidiu não comentar. Tampouco comentaria sobre o fato de ouvir o som que vinha do piano há dois anos.

Aquela mulher possuía olhos grandes, intensos e claros que se destacavam com a pele pálida e cabelos loiros. O topo da cabeça dela batia no inicio de seu peito e frente a frente, aquela diferença ficou nítida.

E então, diante do silêncio que começava a se tornar constrangedor, Sophie estendeu o braço, a mão aberta em direção ao homem, que a encarou por um curto tempo antes de abraçar a mão pequena.

— É um prazer conhecê-lo, Monroe. E obrigada pela ajuda, mais uma vez.

A sobrancelha masculina se arqueou levemente ali.

— Por acaso é militar?

— Perdão? — Sophie piscou, e por algum motivo, nenhum dos dois lembrou que suas mãos ainda estavam ali, abraçadas.

— Monroe. — Ele especificou diretamente. — Me chamou pelo sobrenome.

— Ah, é só um costume. Não sou militar. — Ela deu de ombros, um sorriso ameno deixava as bochechas um pouco mais vermelhas. — Você é?

— Já fui. — Só ali, Brandon deu fim ao demorado aperto de mão e virou-se para sair do cômodo. — A polícia deve estar chegando.

No segundo seguinte, a loira escutou as sirenes e um calafrio percorreu sua espinha.

— Como adivinhou? — A indagação veio enquanto desciam os degraus.

— Acho que o piano esta te deixando surda.

— Claro que não! Você que tem esses ouvidos biônicos.

— Não tenho ouvidos biônicos. — Foi uma afirmação concreta que a fez ter vontade de rir.

— Eu é que não estou ficando surda...

A viatura parou em frente à porta e quando Brandon saiu, ele se virou e estendeu as mãos para ajudá-la a saltar a folha de ferro que jazia pesadamente no chão. Entretanto, para a completa surpresa de Sophie, as mãos masculinas foram de encontro aos seus quadris, suspendendo-a através do obstáculo e ela apenas aguardou, congelada, ser colocada no chão de novo.

— Obrigada... — A voz saiu quase inaudível e os orbes azuis se desviaram dos verdes para encarar a dupla de policiais se aproximando do cara ainda desacordado no chão.

Os quarenta minutos seguintes foram chatos, cansativos, e longos o suficiente para que Fliker acordasse, todo quebrado, mas consciente para identificar Brandon como seu quase assassino. “O desgraçado me jogou pela janela!” ele gritava dentro da viatura “vocês não vão fazer nada?”, insistia exasperado, conforme o automóvel policial se distanciava mais e mais até desaparecer em uma das curvas.

Novamente, pegos pelo silêncio, os dois se olharam sem saber o que fazer.

— Então acho que é isso. — Ela abaixou o rosto. — Obrigada. E boa no-

— Vou te levar pra casa. — A voz grave calou a sua com absoluta facilidade. — Aquela é sua bolsa, certo? — Ele apontou para a bolsa colorida jogada na calçada ao lado da porta destruída.

— Sim. — Sophie estava impressionada, surpresa, ou o que fosse lá aquilo que sentia, vendo-o se abaixar para pegar o que restara de seu celular e a bolsa aberta. — Posso perguntar por que esta sendo tão gentil?

Ali, Brandon parou.

— Eu preciso ter algum motivo? — As sobrancelhas se arquearam.

— Nos dias de hoje, acho que sim. — Foi franca, o rosto começando a incendiar.

— Bem, meu motivo é que são nove da noite. — Brandon ficou de pé e andou novamente em direção à garota que, quanto mais ficava próximo, menor ela se tornava, bem diante de seus olhos. — E você tem um metro e cinquenta de altura...

— Isso por acaso é um problema? — Sophie botou as mãos tremulas na cintura, com um bico que nem ela mesma sabia que estava fazendo.

— Só se tiver um otário drogado atrás de você.

— Você já jogou ele pela janela, Monroe. — Cruzou os braços, tentando evitar que ele visse como as suas mãos estavam tremendo e como ela tinha sido atingida por uma simplicidade tão arrebatadora.

— Você por acaso está supondo que aquele é o único otário drogado do Brentwood?

— Tudo bem. — A loira suspirou derrotada e ao mesmo tempo, aquecida por ele ter insistido. — Vamos.

— Escuta... — Continuava parado no meio da rua, colocando a bolsa dela dentro da mochila. — Se você me chama de Monroe... Tenho que te chamar de Lanure?

Ela parou de andar também e voltou-se para o moreno com um sorriso ameno.

— Não. Se quiser, pode me chamar de Sophie.

Brandon reprimiu a pergunta de qual era o maldito motivo para ela o chamar de Monroe.

Retornando a caminhada, o homem alto lhe alcançou facilmente e com as mãos nos bolsos, lado a lado da loira, começaram a andar em um caminho que só ela sabia.

— Então Sophie... Pianista desde criança?

— Como a maioria dos doidos que se submetem à isso... — A garota riu. — Desde criança, aprendendo. E você?

— O que tem eu? — Os olhos verdes fixaram-se no chão.

— O que faz desde criança? — Ela foi cuidadosa, vendo que o homem parecia ser um pouco fechado.

— Respiro. É a única coisa imutável na minha vida. — Aquela resposta fez Sophie perder o ritmo da caminhada e seu coração de repente ficou descompassado.

— Entendi. — Não soube o que dizer além da palavra tímida que praticamente escapou pela boca.

— Mas... — Brandon percebeu aquilo, pela visão periférica que captava perfeitamente a expressão feminina se tornando cabisbaixa. — Na maior parte da minha vida, eu estive no exército.

— E porque deixou?

— Porque prefiro lutar em um ringue do que no Iraque. — O moreno deu de ombros, mas novamente, suas palavras tinham sido quase capazes de paralisá-la.

— Você... Lutou no Iraque?

— É por isso que não gosto desse assunto. — Com faíscas saindo pelos orbes verdes, ele a encarou um pouco mais sério do que o já habitual. — As pessoas sempre fazem essa voz de terror.

— Mas é um terror.

— Você nem esteve lá. Eu estive e não falo assim.

— Desculpe.

— Tudo bem... — Sabia que às vezes as pessoas encaravam a maneira que falava de um jeito diferente do que realmente era. Brandon sempre dizia exatamente o que tinha a intenção de dizer. Suas palavras nunca eram floreadas por centenas de artifícios para tornar a situação mais doce. — Eu é que peço desculpas. As vezes as pessoas acham que estou puto, mas não estou.

— Entendi...

— Você pode perguntar o que quiser. — Ele entrelaçou os dedos atrás da nuca e encarou o céu estrelado de Brentwood - Tennessee.

— Eu... Não quero saber nada. Eu não quis parecer introme-

— Você não pareceu nada, Sophie. Você é apenas uma pessoa normal. Eu é que sou meio maluco.

— Meio maluco?

Teve que rir diante da entonação assustada.

— Não do tipo ruim.

— Existe algum tipo bom de maluco? — Deixando-se levar pela risada masculina, Sophie riu também, tímida.

— Acho que não... — Brandon suspirou.

— Não achei você maluco. — Os olhos verdes imediatamente se voltaram para os azuis. — Mas também não é muito-

— Vai estragar a frase? — A interrompeu, mas Sophie começou a rir.

Um riso descontraído que arrancou um pouco da sensação incômoda que assolava Brandon. Ele tinha alguma experiência em lidar com psicológicos abalados e quando olhava para Sophie era exatamente o que via. Um abalo disfarçado de risada.

— Não, desculpe, vamos apenas deixar isso no ar.

— Certo, eu gosto dessa ideia. — Concordou, ainda a observando entre os risos que nem tinham se dado conta de estarem dando, mais uma vez, se encararam.

Então no instante seguinte ela parou.

— É aqui. — Apontou para a casa. A única no fim da rua, já que o resto era preenchido por uma grama bem cortada e verde. O poste de luz amarela jazia iluminando a entrada da casa e ele voltou os olhos para Sophie.

— Boa noite. — Disse.

— Obrigada, Monroe... Você me salvou de algo... Muito ruim. — A loira foi honesta e apesar do rosto queimar e do coração estar batendo forte, ela não desviou o olhar.

— O importante é que agora você chegou em casa. E o único dano foi no seu casaco preferido.

— É. — Rindo um pouco desconcertada, deu seu primeiro passo para trás, ainda o encarando. — E-existem outros casacos no mundo.

Se fosse honesto, diria que não fazia a mínima ideia do que ela queria dizer com aquilo, mas a frase o acertara como uma marretada na cabeça.

— Boa noite. — Sophie disse, acenando antes de se virar para correr até o fim da rua. Ela puxou a chave do bolso e abriu a porta de casa com as mãos tremendo. Quando finalmente trancou a folha de madeira, o corpo feminino escorreu como água até o chão, e se abraçou com o coração batendo rápido. Completamente sozinha naquela casa enorme, a loira sentiu um medo horrível culminando pela alma.

A crise de choro nasceu e transbordou tão rápido que não conseguiu respirar. Ela se lembrou do quão vulnerável e inofensiva fora.

Inútil diante de uma força maior como a do homem que a atacara. Do que adiantava todos os concertos se não era capaz se proteger a si mesma? O pensamento de que poderia ter acontecido vibrava dentro de si e foi como se de repente, lá estivesse de novo, sendo arrastada pelos cabelos escada acima. A escada que subia e descia praticamente todos os dias.

Com o corpo dolorido e desmanchando a feição tranquila, Sophie não passou da porta de entrada. Ela ficou ali e deixou que o medo e a angústia reprimida finalmente fossem libertadas. Precisava de um banho, precisava tirar de si qualquer vestígio... Mas... Quando pensou naquilo, a visão embaçada fitou a mão direita.

A mão que fora apertada prolongadamente sem que nenhum dos dois notasse.

Ali, o som da campainha a fez pular do chão, levantando-se num salto exasperado, Sophie passou as mãos pelos cabelos e limpou o rosto com alguma velocidade antes de observar pelo olho mágico e vislumbrar a figura de Brandon Monroe do lado de fora.

Seu coração disparou e a garota atravessou a sala até a cozinha, puxando uma faca da gaveta.

Ela não tinha certeza sobre mais nada. Não tinha certeza se seu salvador era o que aparentava ser.

Quando voltou a porta, as mãos tremiam violentamente. Precisava aprender a se defender. Precisava aprender a lidar com aquele medo enorme brotando nas entranhas e dominando seus músculos com absoluta facilidade.

A mão direita girou a chave na fechadura e ela puxou a maçaneta, abrindo a folha de madeira até a metade.

Olharam-se por pelos menos dois segundos antes de Brandon levantar a mão que segurava a bolsa colorida.

— Esqueci de entregar. — Ele sibilou, baixo. A primeira impressão que tivera era que Sophie estava chorando por horas, apesar de não fazer mais do que dez minutos que a tinha visto entrar. — Está tudo bem?

— Tudo. — A mão tremula alcançou a bolsa enquanto a outra escondia a faca atrás das costas. — Obrigada. Eu esqueci completamente.

E apesar de querer fechar a porta, não foi capaz. Não com os olhos verdes sobre si como duas estacas.

Julgando-a silenciosamente.

— O que você tem? — Brandon foi direto e Sophie fechou um pouco mais a porta.

— Eu não tenho nada, juro.

Foi necessária uma respiração profunda para manter a calma.

— Escuta... Eu não te conheço o bastante para saber se está falando a verdade ou não... Apesar de achar que não. E moro há quase meia hora daqui... Então, se puder ser gentil e não me deixar ir embora preocupado... Eu agradeço.

A faca de cozinha tremia forte em suas costas e Sophie precisou de pelo menos dois segundos para poder entender que Monroe estava dando seu melhor para ser educado.

— Eu apenas tive uma crise de choro. — Sophie disse a verdade. — Costumo reprimir essas coisas até estar sozinha.

Ele ficou sem resposta.

— Pelo jeito sua noite vai ser péssima... — Foi ha primeira coisa que veio a mente e Brandon simplesmente deixou as palavras saírem. Ela estava passando pelo estresse pós-traumático que já tinha levado muitos amigos à loucura.

— Pelo jeito, sim...

— Meu telefone está na lista telefônica. — Ele anunciou. — Se você não for ficar bem, me deixe sabendo.

Assim, o homem de cabelos castanhos claros e olhos verdes intensos saltou os dois degraus da pequena entrada da casa de Sophie Lanure.

— Boa noite. — Disse por fim, vendo-a abrindo um pouco mais a porta.

— Boa noite... — Sophie sussurrou, sentindo-se um pouco culpada por achar que ele poderia querer-lhe algum mal.

Quando fechou a porta, ela largou a faca sobre a mesa da cozinha e se jogou no sofá. A vontade de chorar tinha passado porque de repente, parecia ter a certeza que o número dele realmente estava na lista e se precisasse, bastava ligar.

De alguma maneira, aquele desconhecido parecia conhecê-la muito bem.

A loira afundou o rosto na almofada, angustiada.

Entre todos aqueles pensamentos rondando sua mente sem parar, havia uma noite péssima esperando para ser atravessada.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Quando amanheceu, Monroe estava abrindo a academia para o velho Loui, que só dava as caras às nove da manhã e olhe lá, às vezes nem vinha. Brandon e Alex cuidavam de tudo há dois anos, já que Loui era praticamente da família.

Tinha visto os hoje dois homens crescerem e os treinara para conhecer o combate, a honra, a bondade, moldando o caráter dos dois de acordo com o que julgava melhor, já que Monroe tinha vivido com a mãe até os dezoito até ela se mudar para o Nebraska e ele decidir ficar pela irmã e o amigo... E então passou a morar sozinho, quase como Alex, que perdera a mãe aos doze e o pai aos vinte e quatro, vítima do câncer, ele sequer pôde ir ao enterro.

Eram caras duros na queda e que não gostavam de desonestidade. As melhores mãos para deixar a academia enquanto a velhice levava Loui embora.

Quando Brandon fitou a porta lacrada do outro lado da rua, um suspiro escapou pelos lábios.

— Dia! — Era Alex, chegando numa corrida que aparentemente já durava alguns quilômetros.

— Dia. — A chave girou na maçaneta e ambos entraram.

— Que cara é essa? — É claro que o ruivo notou.

— Ontem aconteceu uma coisa muito bizarra...

— Isso faz parte da desculpa de porque não foi encontrar a galera no bar?

— Não é uma desculpa. — O encarou seriamente. — Sabe a sala de piano do outro lado?

— Sei... — Com a expressão do amigo, Alex parou de rir e cruzou os braços, escorando-se ao balcão para ouvir o moreno.

— Ontem quando a gente se separou, eu tava indo pra casa e pisei num celular no chão.

— Celular?

— Pois é. Também achei estranho na hora, mais estranho ainda porque tinha uma bolsa ao lado. Era tipo, bem na frente da porta da sala de música.

— Que porra aconteceu? — As sobrancelhas claras estavam arqueadas.

— Um cara tinha entrado lá e pegado a mulher, a pianista.

— Caralho! E ai?

— Joguei ele pela janela... E chamei a polícia.

— Você jogou o cara pela janela do segundo andar? — Naquele momento, Alex começou a gargalhar. — E a mulher?

— Levei ela pra casa. Acho que o otário não teve tempo de fazer nada além de rasgar o casaco dela...

— Porra, essa garota teve-

Mas ele teve que parar de falar quando os olhos de Brandon se arregalaram levemente ao constatar que era Sophie passando pela porta, segurando uma aparente marmita.

Os dois homens se entreolharam quando ela parou, os encarando.

— B-bom dia...

— Bom dia. — Eles responderam em uníssono e mais uma vez trocaram olhares.

— Eu po-posso voltar outr-

— Eu vou lá pro fundo. — Alex deu de ombros diante da expressão fuziladora do moreno e saiu como se nenhum dos dois realmente existisse.

— Não liga pro imbecil. — Ele tentou, respirando profundamente, almejando alcançar novamente a paciência já perdida. — E a sua porta?

— Estão trazendo uma nova... — De certa maneira, foi como se subitamente fosse capaz de falar. — Olha... Eu não sei se você come isso. Mas eu trouxe mesmo assim. Pode dividir com seu amigo se quiser... — Ela sorriu diante das sobrancelhas curvadas de Monroe. — É bolo de cenoura com cobertura de chocolate. — O anúncio fez os olhos verdes brilharem e ele pegou o pacote enrolado em um delicado pano de prato quando Sophie lhe estendeu. — Acho que é bom.

— Você acha? Talvez eu deixe o Alex provar primeiro, então...

— Eu esperava “imagina, deve ser bom sim” ou algo do tipo. — Diante da resposta divertida, Brandon não teve alternativa a não ser rir também.

— De novo, acho melhor só deixar isso no ar. — Ele respondeu, colocando a caixinha enrolada num pano de prato bordado sobre o balcão.

— Eu já vou indo... — Sophie amenizou o riso quando notou que se continuasse ali, novamente, a conversa se tornaria um pouco mais séria.

— Tudo bem. Obrigado pelo bolo. Se precisar de ajuda com a porta me avise.

— Pode deixar. — Sorriu docemente, virando-se para puxar a porta e sair.

— Sophie. — O chamado fez a loira parar onde estava, ainda segurando a porta.

— Sim?

— Ontem... Você ficou bem?

Os olhos azuis se arregalaram, e no segundo seguinte a batida do coração foi completamente falha. Ela apertou os lábios em uma linha reta.

— Eu dormi logo depois que você foi embora. — Mentiu. Na verdade tinha ficado acordada a noite inteira.

— E essas olheiras você fez com maquiagem?

Para o completo alívio de Sophie, o caminhão com a porta de ferro chegou, parando em frente ao local e ela olhou para o automóvel antes de voltar-se para Brandon.

— Você não diz à uma mulher que ela tem olheiras, Monroe. — Aconselhou. — Eu vou indo!

O moreno riu quando se viu sozinho, observando-a atravessar a rua e começar a falar com os dois homens que vinham colocar uma nova porta. Seus olhos caíram para o pacotinho enrolado em tecido e logo as mãos desatavam o nó que segurava o tapperware fechado.

Quando o tecido caiu, o cheiro subiu até as narinas numa velocidade surpreendente.

Era um vapor de cenoura e cobertura de chocolate que chegou a lhe dar alguns calafrios.

— Ei o que é isso? — Estava tão enfeitiçado pelo cheiro que mal percebeu a aproximação do amigo.

— Lá vem uma raposa traiçoeira.

— Cala essa boca Brandon. Isso é bolo de cenoura? — Os olhos acinzentados de Alexsander estavam brilhando.

— Tira o olho do meu bo-

— Eu escutei a conversa toda e tenho certeza que ela disse “Pode dividir com seu amigo”.

— Ela disse que eu poderia, SE EU QUISESSE. — Brandon pontuou, pegando um pedaço e enfiando na boca. — E eu não quero dividir com você.

— Porra, Brandon!

— Tira as suas mãos sujas do meu bolo, filho da puta. — O moreno puxou a pequena caixinha de plástico para longe das mãos desesperadas de Alex.

— Sabe há quantos anos eu não como um bolo feito com amor? — Mas quando o ruivo disparou aquela pergunta, a massa de cenoura entalou na garganta de Monroe e ele engasgou. — Que porra? — O amigo começou a rir. — Só por que eu disse amor? Ihhh...

— Vai... — Ele engoliu o bolo, se recuperando da tosse. — Vai se foder...

— Cara... Você viu os olhos dela? E o sorriso tímido? — Brandon fechou os olhos impaciente. — Acho que tudo que essa mulher faz deve ser com algum carinho.

— Agora tire esse assunto da sua boca. — Os olhos verdes encaravam através do vidro transparente da academia e ele fitou a figura de Sophie no fim da rua, numa distância absolutamente alarmante dos dois homens que trabalhavam na porta.

Ignorando completamente o amigo, Brandon saiu para a calçada e alcançou a loira em silêncio.

— Oi.

— Oi. — Ela respondeu, vendo o tappeware aberto que o moreno segurava.

— O bolo estava realmente muito bom. — Teve de concordar, levemente contrariado. — Você que fez mesmo ou comprou por ai?

— Eu fiz, não suspeite. É meu bolo preferido.

— Por que está tão longe da porta? — A rápida mudança de assunto fez os ombros femininos se encolherem levemente.

— Nada. Apenas observando. — Ela deu de ombros.

— De muito longe. — Brandon completou e Sophie deixou um suspiro escapar.

— Monroe...

— Se quiser pode esperar lá dentro. — Brandon lhe encarou e as

bochechas de Sophie estavam visivelmente rosadas. — Assim não fica parecendo uma maluca parada na esquina.

— Estou parecendo uma maluca?

— Completamente. — Ele riu e a loira precisou rir também.

— Tudo bem. — Ela concordou, iniciando junto ao moreno a caminhada de volta à academia.

— Ficou com medo?

— Eu não quero falar sobre isso... — Um novo suspiro, dessa vez, mais cansado, fez o homem parar de andar.

— Se o cara te ataca o que você faz?

— O que? — Os olhos azuis se arregalaram e ela parou também.

— O que você fez para impedir o cara de ontem?

— Eu...

— Nada? — Cogitou seriamente e a mulher encarou o chão, deixando os lábios comprimidos em uma linha reta.

— Fiquei com muito medo. — Sophie confessou entre dentes. As mãos de repente tinham começado a tremer.

— Tenho certeza que sim...

— Acabei paralisando e só consegui...

— Gritar. — Brandon completou a frase com mais firmeza, observando-a concordar num aceno ameno. — Isso é só por que você não estava preparada para fazer outra coisa.

— Eu sei... Quero aprender. Mas... To com vergonha de pedir. — A honestidade fez o homem ficar surpreso e subitamente sem respostas.

— Vergonha de pedir o que? — Ele precisou perguntar e Sophie apertou ainda mais os lábios.

— Nad-

— Não me venha com “nada”. — Brandon avisou, ainda segurando o potinho com um singelo e único pedaço de bolo restando.

— Monroe, eu realmente... Não sirvo pra essas coisas.

— Serve pra que? Para se defender?

— Não, eu quis dizer que não sirvo pra machucar pessoas.

— Essa é minha especialidade.

Os olhos azuis cintilaram em sua direção e ele soube que talvez a frase não tivesse sido bem aceita.

— Isso não soou muito bem... — Sophie disse a verdade, ainda que levemente assustada.

— Sinto muito. — Deu de ombros. — Essa é a verdade. — E com isso, Brandon colocou o último pedaço de bolo na boca e encarou a mulher mais uma vez.

Vendo-o com os farelos alaranjados pelo canto da boca fazia Sophie pensar que ele não era nada do tinha acabado de dizer ser. A mão forte empurrou a porta e lhe deu passagem e passou tentando não cerrar os punhos em constrangimento.

Ele ainda não tinha notado que a boca estava suja.

— Você tem bolo na boca. — Sophie não conseguiu conter as palavras.

— Ah. — Limpando a boca e a barba por fazer, o homem a fitou mais uma vez. — Limpou?

— Não... — Ele tinha passado a mão por todo o maldito rosto, mas o canto da boca ainda continuava sujo de bolo e cobertura. — No canto esquerdo, Monroe.

Ali, percebeu que se continuasse olhando para as migalhas, ele ia achar que estava olhando para sua boca. O que secretamente, sem que ela sequer soubesse, era a mais pura verdade.

— E agora?

— Esqueça. — Decidiu quando viu que a migalha ainda estava ali.

— Como assim esqueça? E essa coisa sujando minha cara?

— Acho que eles terminaram. — Sophie observava os dois homens lá fora e Brandon analisou a situação por meio segundo.

— Eu resolvo, pode deixar. — O anuncio fez a garota arregalar os olhos.

— Como assim, resolve? — Ela tentou argumentar, aproximando-se do homem que já ia em direção à porta de saída.

— Fui eu que destruí sua porta, afinal...

— Não, não precisa!

Sophie só percebeu o que tinha feito quando viu a expressão de Brandon e ela soltou o braço masculino com vontade de sair correndo.

— Desculpe. — Foi necessária uma respiração profunda. — Não precisa.

— Sophie... Apenas fique ai. — E com isso, saiu da academia puxando a carteira do bolso.

Quando voltou, ele tinha um recibo e um par de chaves nas mãos.

— Suas cópias. E o recibo. — Ele entregou tudo para duas mãos pequenas e levemente trêmulas e depois de ver aquilo, os olhos verdes se fincaram aos azuis. — Qual é o problema?

— Nenhum pro-

— Suas mãos estão tremendo e você está me dando esse olhar. — A maneira que ele dizia tudo tão diretamente deixava Sophie um pouco hesitante. Ela nunca havia conhecido uma pessoa com aquela personalidade e se fosse sincera, era uma mistura agridoce de cavalheirismo e grosseria.

— Não estou dando olhar nenhum... E minhas mãos estão tremendo porque você acabou de gastar duzentos dólares. — A voz estava um pouco trêmula também e Brandon girou os olhos.

— Acho que eu não deveria precisar dizer isso pra você, mas ficar engolindo as coisas faz mal.

— Tudo bem... Quer saber o que está me incomodando? — O pescoço estava começando a queimar e ela voltou os orbes cintilantes na direção masculina.

— Claro que sim. — Brandon foi firme, sem uma sombra de hesitação e por um momento, aquilo deixou a loira constrangida.

Mas ela respirou fundo e esticou o braço. A ponta do polegar deslizou pelo canto da boca masculina, tirando a migalha do bolo.

— Pronto.

Mas Monroe estava muito chocado para responder qualquer coisa. Ele engoliu em seco, estranhando o descompasso cardíaco.

— Você me deixou ir lá falar com os caras com uma migalha na cara? — Foi ha pergunta incrédula que quebrou o clima estranho e Sophie começou a rir, abrindo a porta da academia.

— Bom dia, Monroe. — Ela sorriu e o moreno soube que era uma despedida.

— Até mais, Sophie. — A observou, silenciosamente atravessar a rua e girar a chave na porta trancada, entrando no corredor da escadaria e desaparecendo de sua visão.

Um suspiro escapou pelos lábios e ele se virou para andar até os fundos da academia, onde um ringue grande se dispunha no centro e em volta dele alguns sacos de pancada pendurados por correntes que vinham do teto de vigas grossas.

— E ai? — Alex parou de socar o boneco de plástico quando viu o amigo.

— E ai o quê?

— A loira.

— O nome dela é Sophie. — Dito isso, o primeiro soco fez o saco de pancadas balançar forte.

— Que seja.

— Não cara. — Brandon continuava desferindo golpes. — Você não chama de “a loira” você chama de Sophie.

— Tá certo, Brandon... E a loira?

— Imbecil.

— To te zoando cara.

O moreno parou para encarar o amigo.

— Minha irmã ta vindo morar comigo. — Anunciou, mudando de assunto.

— A Brandy? — Alex ficou surpreso.

— Tenho outra irmã?

— O que aconteceu?

— Problemas.

— Muito específico. — O ruivo zombou, voltando a socar o boneco. Os cabelos cor de ferrugem eram sempre aparados em um corte militar e os olhos profundos tinham uma entonação acinzentada. Assim como Brandon, ele tinha trinta anos de idade.

— A Brandy está grávida. — A frase fez Alex parar de novo e olhar o amigo com ares de perplexidade.

— Grávida...?

— Sim, de três semanas.

— Ela parou de lutar?

— Agora que sabe, sim... E aparentemente não é só isso.

— Caralho... O que pode ser pior?

— O chute que ela deu na bunda do suposto pai da criança.

— Tá brincando?

— Você sabe como ela é... — O moreno suspirou, o suor começava a

brotar pelo couro cabeludo. — Brandy não leva desaforo.

— É eu sei... Meu nariz também sabe.

— E tem a luta em duas semanas. Vai ser um inferno com a mudança da—

— Se quiser posso providenciar a mudança.

— Isso. — Brandon ficou secretamente feliz com a ajuda. — E ia te pedir outra coisa...

— O que?

— A Sophie... Será que dá pra colocar ela em algum horário seu que não tenha muita gente, tipo bem de manhã?

— Claro, mas...

— Com o que aconteceu ontem, acho que ela vai ficar com medo de tudo quanto é maluco por ai, entregadores à médicos, imagino... E ela não deve saber nem como se fecha a mão pra socar a cara de alguém. Com a luta se aproximando tenho que focar-

— Já entendi cara. Fala pra ela aparecer amanhã às seis. Enquanto você faz seu treinamento, eu treino ela. Vai ser mais tranquilo já que o pessoal só começa a chegar às nove. — O ruivo tirou o suor que escorria pela testa e voltou a golpear o boneco.

— Valeu Alex.

Naquele fim de tarde, Brandon ouviu as teclas do piano e pela primeira conseguiu visualizar perfeitamente os dedos de quem agora sabia ser Sophie, deslizando pelas teclas. Ele poderia desenhá-la na mente com absoluta facilidade.

Quando a noite caiu, o moreno avisou que estava indo mais cedo, e exatamente às oito da noite, as costas se encostavam ao muro gelado ao lado da porta de ferro recém-instalada.

Com praticamente a mesma roupa de sempre, Brandon cruzou os braços em frente ao peito vestindo um moletom preto e calça da mesma cor e do mesmo

tecido.

Dentro da sala, Sophie respirava fundo, no topo da escada iluminada. A porta de ferro fechada e a chave na mão tremendo. Detestava o fato de não ter uma arma ali, apesar de ter certeza de que se tivesse não seria capaz de apertar o gatilho.

Ela engoliu em seco e desligou a luz do cômodo, voltando os olhos para o lance de onze degraus.

— Você consegue, Sophie. — Foi um sussurro de incentivo para si mesma, silencioso e quase inaudível, mas que lhe encorajou para descer todos os degraus rapidamente, enfiando a chave na fechadura e abraçando a maçaneta, Sophie abriu a porta sem conseguir puxar o ar para dentro dos pulmões.

Quando pisou na calçada, o vulto preto colado na parede a fez saltar para trás e cair de costas no chão, liberando um grito que ecoou pela rua.

— Sophie! — Brandon deu um pulo, assustado, e avançou para que os joelhos colidissem no chão e fosse capaz e segurar o braço feminino. — Caralho, você me assustou!

— Monroe! Meu Deus! — Ela se livrou do toque para cobrir o rosto. As mãos espalmadas cobriam a face que se contorcia em uma incontrolável carranca de choro. — Que susto...

— Desculpe. Me desculpe mesmo, eu... Não era a minha intenção... Caralho, Sophie... Me desculpe...

A loira sentiu o tronco ser apertado e foi colocada de pé num piscar de olhos.

— Eu só estava te esperando pra não voltar sozinha. — Aflito, o homem se abaixou devido à sua altura para encará-la melhor. — Ei, Sophie, por favor, não foi por querer.

— Eu sei... Eu sei, desculpe...

— Se machucou? — Ele a soltou quando teve certeza de que a mulher não cairia de novo.

— Não... Estou bem...

Quando as mãos de Sophie deixaram que seu rosto se revelasse, Brandon encarou os olhos azuis prestes a transbordarem.

— Ah, Sophie... Desculpe mesmo... Eu não queria que você-

— Tá tudo bem, Monroe... Foi só um susto. — Vendo a cara do homem levemente embaçada, Sophie sentiu a obrigação de dizer.

— Amanhã não se assuste de novo. — O aviso foi sério.

— Amanhã? — O encarou com ares surpresos e o homem deu de ombros.

— Se você achar-

— Não... — Ela o cortou. O rosto voltando a queimar. — Só estou surpresa com a gentileza. — Sorriu e seus olhares correram para direções opostas.

— Alex disse pra você aparecer amanhã às seis da manhã... Ele vai te dar aulas de defesa pessoal. — Brandon preferiu mudar de assunto e mais uma vez, havia uma sombra de surpresa na face da loira.

— Alex?

— Aquele ruivo.

— Ah...

— Algum problema?

— Não! É que...

— Eu não vou poder te ajudar nessas próximas duas semanas. — Ele pareceu ler os pensamentos de Sophie. — E Alex é praticamente meu irmão, uma ótima pessoa. Não vai ter problemas com ele.

— Entendi... — Ali, ela deu o primeiro passo para o início da caminhada de volta para casa e o moreno a acompanhou num breve silêncio.

— Se achar melhor-

— O que vai fazer nessas duas semanas? — Ela o cortou, um pouco sem

graça.

— Treinar para o nacional.

— Nacional?

— De luta. — Brandon explicava conforme caminhavam pela rua. — Eu vou disputar o cinturão do peso Meio-Pesado com Charlie Jenko.

— Oh... Aquelas lutas que vemos na tv? — Ficou surpresa ao perceber que ele falava da mesma coisa que ela passava a madrugada vendo angustiada.

— Sim, essas.

— Caramba! É bem sangrento...

— É verdade... — O homem precisou concordar, andando ao lado da loira que provavelmente agora o imaginava apanhando no ringue. — Mas vai dar tudo certo.

— Você não sente dor?

— Não tanto quanto uma pessoa normal. — Ele deu de ombros. — Mas sinto sim.

— Você já levou muitos socos na cara?

— Acho que a primeira vez que alguém me pergunta isso... — Brandon riu. — E sim, muitos, já até perdi a conta.

Sophie riu da maneira que ele falava, desprovido de qualquer medo ou hesitação.

— Parece até a coisa mais simples do mundo.

— Bem, é bem fácil apanhar. O difícil é bater.

— Não tem medo de se machucar?

— Mas eu sempre me machuco. — A frase foi cheia de verdade. — Isso é o de menos.

— Não... Digo se machucar pra valer... Como naquele filme ‘Menina de Ouro’.

— As coisas não acontecem como nos filmes, Sophie. Ninguém vai deitar um banco no meio do ringue, nem praticar conduta ilegal.

— As coisas não acontecem como nos filmes, Sophie. — Ela o imitou, provocando um imediato meio sorriso nos lábios masculinos. — Eu queria que fosse... Não como esses dramáticos! — Adiantou-se antes que Brandon pensasse que ela queria um destino parecido ao do filme citado para ele. — Mas sim os bons filmes! — O moreno começou a gargalhar conforme as bochechas femininas ficavam mais e mais vermelhas.

— Porque está rindo?

— Cite um. Quero saber sobre seu mundo ideal...

— Meu mundo ideal? — A pergunta lhe surpreendeu e de repente, os olhos verdes lhe encaravam com alguma curiosidade. O nervosismo lhe tomou com uma rapidez surpreendente e Sophie desviou os orbes para o chão escuro.

— É... Aquela coisa toda... Você sabe.

— Não sei...

— Apenas diga seu filme preferido, onde queria viver e aquela coisa toda. — Se fosse sincero, diria que sequer sabia por que diabo estava iniciando uma conversa maluca como aquela, mas desde que botou os olhos em Sophie pela primeira vez, ele soube que não haveria uma conversa ruim.

Não haveria um momento que se arrependesse de estar ali, exatamente onde estava.

— Narnia. Eu gostaria de viver por lá.

— Então um mundo cheio de bichos falantes e uma maldita Bruxa Branca querendo matar Aslam é seu mundo ideal?

— Você sabe o nome dele? — Os olhos azuis se arregalaram.

— Eu sei o nome de muitos bichos falantes.

— E é Feiticeira Branca. — O corrigiu, tentando engolir a surpresa.

— Que seja,... É uma desgraçada. — Ali, os dois caíram na risada.

— Sim... O mal está mesmo ali... — A mente viajou para os olhos alucinados de Fliker, um dos otários drogados do Tennessee. — Mas também tem o bem. — Os orbes azuis encararam os verdes e ela sorriu. — O Aslam está ali para ensinar isso. O amor, a amizade, a fé.

— Verdade, sempre achei que fosse uma retratação de Jesus. — Brandon ponderou.

— Mesmo? — Mas Sophie estava surpresa. — O autor é cristão, foi isso mesmo que ele quis mostrar. Por isso Aslam morre e ressuscita no primeiro filme.

— Não sabia disso. Então esse tempo todo eu tinha razão.

— Sim. — A loira riu.

— Então quer dizer que prefere Narnia a o aqui, agora?

Naquele segundo, talvez pela primeira vez na vida, Brandon se arrependeu do que disse, mas ele se manteve inexpressivo diante da cara que ela fez.

— Eu nunca disse isso... — Sussurrou, voltando-se para o caminho que se encurtava a cada passo.

Dentro de um silêncio estranho, se viu sendo o verdadeiro estragador de conversas da face da terra.

— Era brincadeira. — Ele sentiu necessidade de dizer.

— E o seu mundo ideal? — Com alguma perplexidade, o homem encarou a figura feminina. Os olhos fitavam o céu estrelado, fixamente, e as bochechas rosadas pareciam um termômetro para o coração de Sophie.

— Meu mundo ideal... É o Planeta Terra. Tennessee. Oito e vinte e cinco do dia sete de fevereiro de dois mil e treze. — Ele deu de ombros, esticando os braços e se espreguiçando.

— Ou seja, agora. — Ela começou a rir, mas depois de dois segundos, aquela risada não pareceu tão correta.

— Exatamente. Eu nunca espero mais do que o agora.

— Não tem expectativas?

— Eu tenho metas. — Brandon foi direto e o calafrio subindo pela espinha de Sophie fez os ombros tremerem.

— São tão distantes assim uma da outra? Metas e Expectativas. — Estava surpresa com a maneira direta de falar que beirava a grosseria, mas cada palavra saindo da boca de Brandon lhe despertava a genuína vontade de responder.

— Não. — Ele respondeu. — A única diferença é que expectativas são feitas de sonhos que você constrói em cima do que você espera que aconteça. E metas são feitas de uma construção incansável para alcançar o que se almeja. Não são sonhos.

— E são diferentes? — Foi irônica e Brandon deixou um riso descontraído escapar.

— São coisas que você adquire com o tempo.

— E o velho sábio tem quantos anos?

— Trinta. E você?

— Vinte e cinco. — A loira deu de ombros. — Talvez em cinco anos eu seja tão forte e direta como você.

— Então sou forte e direto?

— Você me entendeu. — As bochechas atingiram um tom escarlate tão forte que o moreno começou a gargalhar.

— Entendi sim... Não é porque você é pequena e não sabe socar alguém que não seja forte. — Com os olhos verdes fincados nos azuis, ele apenas exibiu sua habitual expressão séria. — E você já é direta.

— Sou direta?

— É sim. — Não era uma completa mentira, mas também não era uma completa verdade. — Vamos dizer que sim. — Retificou e Sophie bufou indignada.

— Viu?

— Mas Sophie... Você não precisa ser absolutamente nada além do que você realmente é. Esse é o diferencial. O que te faz ser uma pessoa única. — Brandon engoliu em seco diante dos enormes orbes o fitando diretamente e os passos se tornavam cada vez mais lentos. — Como eu, ou qualquer outra pessoa. — Completou, amenizando a sensação de que sem querer, a havia cortejado.

— Eu posso continuar sendo eu mesma e mesmo assim aprender a socar a cara de alguém. — Ele riu da afirmação compenetrada e a expressão que deixava Sophie a beira de um ataque de doçura.

— Se for isso que realmente quiser.

— Eu não quero depender de alguém pra salvar minha própria vida.

— Esse é um bom pensamento. Dentro das possibilidades do seu um metro e cinquenta...

— Monroe!

— É verdade! — A exclamação engraçada tirou a cara de birra de Sophie. — Um soco e você já era.

— Um soco seu.

— Um soco de qualquer homem que realmente queira socar.

— Eu não vou deixar isso acontecer. — Com os braços se cruzando em frente ao peito, ela bufou de novo.

— Como se isso dependesse de você.

— Sei que não depende de mim...

— Se aprender o suficiente para correr, já vai ser um ótimo avanço. — Ele foi sincero e Sophie concordou. — Alex é um bom professor, vai te ensinar bem.

— Entendi... — Apesar de tentar, não conseguiu passar tanta firmeza.

— O pai dele era amigo do meu pai. Nós nascemos no mesmo ano. Sou um mês mais velho que o imbecil. Então pode ficar tranquila.

— Estou tranquila.

— Não parece...

— Não é isso. — Sophie precisou respirar profundamente e suavizar a expressão. — Não sei se ele vai ter paciência com uma ignorante.

— Você não é ignorante. E um professor faz o quê além de ensinar uma coisa para a pessoa que ainda não sabe?

— Tudo bem... Você tem razão... — Suspirou. — Vocês... Serviram juntos? — Ela estava curiosa e de repende as palavras tinham saído.

— Sim. — Brandon encarou as estrelas que a loira antes fitava e enfiou as mãos nos bolsos, sentindo os músculos das costas repuxarem em uma súbita tensão. — Voltamos em um dos primeiros comboios de 2011. Isso foi há dois anos. Estávamos no Iraque desde os vinte anos.

Naquele momento, o coração de Sophie falhou uma batida terrível e a boca secou numa velocidade alarmante.

— Você passou oito anos na guerra?

— Eu passei oito anos no Iraque. — Ele explicou, obtendo paciência para falar do assunto sabe-se lá de onde. — Se somar todos os combates deve dar uns cinco anos.

— Cinco anos... — A loira engoliu em seco. — É muito, muito tempo.

— Tenho amigos que ainda estão lá. — Brandon ponderou. — Não é muito tempo.

— Bem, pra mim que nunca saí dos Estados Unidos é muito tempo.

— Passa rápido quando você perde a noção de tempo.

— Isso deve ser terrível... — A voz lôbrega de Sophie foi o estopim para ele suspirar, num grunhido preguiçoso que a obrigou em encará-lo mais uma vez.

— Como eu disse, o presente é o mais importante para mim. O passado das pessoas não deve ser um fardo, mas sim ser carregado com honra.

— Você tem razão. O Velho sábio ataca novamente... — Sophie riu, tentando quebrar o clima pesado que se formara e quando deu por si, estava parada em frente à própria casa. — Oh. — Ela não conseguiu conter a surpresa.

Não havia sequer percebido quando foi que tinha parado de andar.

— Chegamos. — Brandon leu os pensamentos femininos. — Há uns quarenta segundos.

Sophie quase arregalou os olhos. Estava a quarenta segundos parada e não tinha notado? Um arrepio subiu pelas pernas e atingiu a espinha como um raio.

— Amanhã eu vou aparecer. — Foi ha primeira coisa que veio à cabeça.

— Tudo bem. — Ele sorriu. — Boa noite.

— Boa noite.

Segurando um sorriso ameno e sincero, o moreno observou-a entrar na casa e depois disso retomou a corrida habitual, atravessando os dezesseis quilômetros até a própria casa.

Os trinta e três graus da noite do Tennessee às vezes lhe deixavam saturado. Ele passou a meia hora de corrida repassando a conversa que tivera com a pianista e quando chegou em frente ao sobrado verde musgo que jazia entre dois terrenos vazios, deparou-se com a figura alta de Brandy Monroe.

Ele estancou, fitando as malas em frente ao lance de escadas.

— Então você veio mesmo? — Brandon avançou novamente, abrindo os braços para dar na irmã um abraço caloroso de boas vindas.

— Eu juro que não aguentava mais.

— Fez bem. Vamos entrar.

E assim tirou a chave do bolso e abriu a porta de entrada, colocando as malas da morena para dentro e a acompanhando até a cozinha.

— Eu vou tomar um banho, a casa é sua. — Sabia que com a irmã não precisava ter cerimônias e ela já havia estado ali antes, sabia como a casa funcionava e onde as coisas estavam guardadas.

Brandy sequer respondeu, estava ansiosa em descobrir o que era aquela embalagem de isopor no fundo da geladeira do irmão, que aparentemente transbordava queijo.

A alguns quilômetros dali, Sophie pensava e repensava na possibilidade de sua decisão ser um erro terrível. Mas mesmo assim, o telefone tremia em sua mão. Ela engoliu navalhas. Precisava ter coragem. Ele disse que era só ligar, se precisasse, bastava ligar. E não que precisasse...

Os olhos azuis se fecharam, incomodada com a própria confusão. Não que precisasse. Ela apenas queria saber se aquele era mesmo o número dele. O único Brandon Monroe de Brentwood.

Os dedos discaram pausadamente até que finalizasse a sequência de números que imediatamente culminaram em um claro sinal de que a ligação estava chamando.

E deliciando-se com aquela batata assada gelada que ela julgava estar ali há uns três dias, Brandy escutou o telefone tocar. Ela se levantou do sofá e deixou a comida sobre a mesa, levando alguns segundos ate achar o telefone sem fio em cima da geladeira, um dos inusitados lugares que Brandon escolhia para deixar o aparelho.

— Alô?

Quando Sophie escutou a voz feminina ela arregalou os olhos e apertou o botão vermelho pelo menos quinze vezes antes de respirar. Encarou o telefone, perplexa e o jogou no sofá.

Enquanto isso a morena apenas encarava o aparelho em dúvida, colocando-o sobre o balcão e voltando a comer a batata.

Pelo menos mais dez minutos se passaram até que Brandon voltasse para a sala, encontrando a irmã mais nova jogada no sofá, com a boca levemente engordurada de queijo. E para sua completa surpresa a TV estava desligada.

— Tudo bem? — Jogou-se ao lado dela. — E o bebê?

— Na minha barriga. — Ela deu de ombros.

— Travis está de acordo?

— Travis estaria morto se não estivesse de acordo. — Ela limpou a boca com as costas das mãos. — Ele está pouco se fodendo pro bebê. E nem quero que se importe. Ele é um lixo.

— Um lixo que você amava.

— Pelo amor de Deus, Brandon. — Brandy esfregou o rosto, fadigada. — Já não basta um feto crescendo dentro de mim, você tem que me falar sobre amor?

— Se você não o fez com amor, pelo menos devia amá-lo. É um bebê **seu** ai dentro. — O cenho masculino estava franzido e ele encarava fixamente a expressão impaciente da irmã.

— Eu sei. — A mulher respirou. — Podemos apenas parar de falar sobre isso? Alguém ligou aqui, mas a ligação caiu.

— Alguém quem? — As sobrancelhas se arquearam.

— Não sei, imbecil. Acabei de falar que a ligação caiu. — Brandon saiu do sofá e alcançou o telefone em cima do balcão, apertando o botão para identificar a última chamada recebida e ele rediscou o número imediatamente apesar de não fazer ideia de quem fosse.

— *Alô?*

— Sophie? — Ali, o coração falhou uma batida.

— *Ah...* — Ela parecia ter engasgado e os olhos verdes correram para os da mesma cor que pertenciam a uma já muito curiosa Brandy. — *Então esse número é mesmo seu. Desculpe, eu não queria incomodar.*

— É sim. Achou que não fosse? Não está incomodando...

— *Não... Só queria saber mesmo...* — Do outro lado, Sophie tentava o seu melhor para não parecer nervosa. — *Eu liguei por outro motivo...* — Mentiu.

— Que motivo?

— *Pode dizer ao Alex que vou me atrasar dez minutos amanhã?*

— Claro... — Ele estranhou.

— *Obrigada. Eu vou deslig-*

— Foi a minha irmã que atendeu o telefone, Sophie. — Brandon a cortou e quando ouviu aquilo, o peito de Sophie Lanure simplesmente explodiu.

— *Não... Precisava ter dito.* — Ela sussurrou e o moreno mordeu os lábios com a expressão de completa euforia da irmã, que fazia mímicas irritantes em silêncio.

— Só pra você não achar que eu sou o tipo errado de maluco.

— *Eu não achei.* — Sophie engoliu em seco.

— Certo. — O moreno suspirou um pouco constrangido. — Tudo bem ai?

— *Tudo. Eu vou desligar agora que já sei que esse é seu número e você já sabe que vou me atrasar dez minutos.* — Tentou tranquilizá-lo sem ser capaz de apaziguar a si mesma.

— Alex vai cobrar flexões por cada minuto além dos dez já avisados. — E finalmente, foi como uma onda de tranquilidade quando a ouviu rir do outro lado da linha.

— *Está me desencorajando!*

— Boa noite, Sophie...

— *Boa noite, Monroe... Até amanhã.*

— Até. — Ele ficou com o telefone na orelha até Sophie desligar.

— Puta que pariu, o que foi isso? — Era Brandy e seus olhos cintilando em curiosidade.

— Brandy...

— Nem pense em me contar menos do que absolutamente tudo, irmãozinho...

Ouvindo aquilo, Brandon pensou seriamente em usar suas técnicas militares para dar fuga da própria casa e passar a noite longe das perguntas enlouquecedoras da irmã.

SEGUNDO CAPÍTULO

As seis e dez da manhã, Sophie chegava em frente à academia, encontrando uma sala completamente vazia. Ela percorreu os olhos por entre os instrumentos de malhação e percebeu que estava sozinha.

— Olá? — Chamou, alto.

— Aqui no fundo! — Se bem se lembrava, aquela era a voz de Alex.

Com a saliva descendo com dificuldade pela garganta, a loira atravessou o local até os fundos, onde uma subsala ainda mais ampla se dividia em sacos de pancada e um ringue no centro.

— Bom dia! — Ela se assustou com a figura alta surgindo em sua lateral e respirou profundamente. — Pontualmente dentro do atraso.

— Bom dia. — Recuperou-se, tentando sorrir com alguma tranquilidade. — Não quero nenhuma flexão extra.

Alex riu também, vendo que ela havia se vestido de acordo; uma calça de moletom larga e cinza e um moletom da mesma cor.

— Boa garota. Agora preciso saber sobre seu ritmo de vida. Você é sedentária?

— Eu toco piano. — Ela foi direta. — Sempre fiz de tudo para manter a saúde das minhas mãos. Não costumo fazer nada... — Ela ponderou. — Além de boa alimentação.

— Então... Você é sedentária. — O ruivo resumiu.

— É... Ok, eu sou. — Precisou assumir depois de olhar a cara dele.

— Então vamos começar com uma receita para ter força.

— Uma receita? — Os olhos azuis cintilaram em curiosidade.

— Isso. Você vai precisar de vinte flexões por dia. E também dois quilômetros de caminhada, no mínimo. Por aqui, vamos fazer o alongamento e defesa pessoal.

— Certo. — Sophie concordou, ainda tentando localizar Brandon. Mas depois de quinze minutos de conversa e alongamento intenso, a loira percebeu que talvez ele simplesmente não aparecesse.

A única hora que Alex tinha livre usou para treiná-la, e foi encarada de maneira intensiva e compenetrada pela mulher, que não parou e escutou tudo que o ruivo ia explicando.

Quando saiu da academia, Sophie preferiu voltar para casa correndo e apesar de ter chegado exausta, a sensação era de dever cumprido.

Ela tomou um banho rápido e se vestiu de novo, dessa vez com roupas leves e mais soltas pelo calor infernal que despontava junto com o início da manhã. Chegando novamente em frente à academia, a única pergunta era, se ele tinha dito até amanhã, onde estaria então?

Os últimos dois dias vinham deixando Sophie mal acostumada e um

suspiro cansado escapou dos lábios quando a primeira aluna chegou, às nove em ponto.

A tarde foi quente, infinita, insuportável, unicamente por que ela não era capaz de se desfazer daquela dúvida. Onde diabos ele estava?

Quando a noite chegou, Sophie não queria encarar o fato de que havia uma enorme possibilidade de que Monroe não estivesse escorado ao muro do lado da porta. Não sabia exatamente o que estava acontecendo, além de ele estar se preparando para uma luta em duas semanas.

Talvez fosse esse o exato motivo e mesmo assim, ela ainda não estava inteiramente convencida de que era capaz de fazer a própria mente entender aquilo.

Na verdade, tudo que Sophie não entendia se resumia em um único sentimento, e era um daqueles que, pelo menos uma vez na vida da gente, não queremos encarar.

A saudade.

Como uma coisa presa entre os dentes e você é incapaz de tirar. Ali estava ela, presa em Sophie e lhe incomodando mil vezes mais do que o calor que tanto detestava.

Ela respirou fundo e girou a maçaneta.

Mas a primeira coisa que viu foi uma mulher. Ela tinha olhos verdes, intensos, e cabelos castanhos escuros. Um rosto de traços marcantes e um maxilar forte. O um metro e setenta de altura fez Sophie parar.

— Boa noite.

— Boa... Noite... — Respondeu, hesitante. — Posso ajudá-la?

— Você é Sophie Lanure, certo?

— Por quê?

— Meu nome é Brandy Monroe. — A morena sorriu. — Muito prazer! — E lhe estendendo a mão, Sophie não pôde fazer nada além de segurá-la, mas

teve a mão praticamente esmagada pelo aperto forte que para Brandy, era completamente natural.

— Monroe? — Foi ha indagação surpresa. — Você é a irmã do Brandon?

— Isso mesmo! Desculpe por ontem, não foi minha intenção te fazer pensar nas coisas erradas.

— Coisas erradas? — Ela se fingiu de boba. — Imagina, não pensei nada...

— Bem... — Brandy deixou um sorriso amarelo se desenhar nos lábios e deu de ombros. — Meu irmão pediu pra te avisar que não vai poder te levar nas próximas duas semanas. Ele ia só amanha, mas teve que ir hoje de tarde, agora está em Boston treinando.

— Boston? — Os olhos azuis se arregalaram.

— Ele vai estar de volta depois da luta. — A irmã de Brandon sentiu no tom da loira que ela estava mais do que surpresa. — Espero que inteiro.

— Também espero... — Deixou escapar dentro de um suspiro.

— Então... Onde é sua casa?

— Não precisa fazer isso, eu consigo-

— Brandon disse que nunca mais olharia para mim se soubesse que não acompanhei você todas as noites até ele voltar.

Ali, o coração de Sophie explodiu dentro do peito.

— Não tem motivo pra se preocupar tanto assim.

— Ele me contou do drogado que te atacou... É melhor irmos juntas... E eu acabei de chegar em Brentwood... Vai ser legal ter uma amiga.

— Oh... — Encarou a morena impressionada com a maneira que ela falava. Era direta e honesta como o irmão. — Você será bem-vinda, também vou gostar de ter uma amiga! Não cheguei agora, mas...

— Sei como é. — Disse, evitando que a garota se constrangesse. —

Também sou de poucos amigos. E acredite, é melhor assim.

— Sei que é. E você, porque mudou pra cá?

— Eu morava em Nebraska. Costumava disputar nos pesos médios-

— Você também luta? — Ela a interrompeu.

— Sim. — Deixou a risada tranquila escapar. — Eu e Brandon somos dois cães de briga.

— É do exercito também?

— Não... Eu sempre tive medo de levar um tiro. — A confissão foi encarada com seriedade pela loira. — Mas sempre gostei de adrenalina. Me achei na luta livre. Já lutou?

— Estou tentando aprender depois do ataque...

— Posso te ajudar! — Brandy bateu as palmas, subitamente animada, e andou alguns passos à frente. — Se o cara vir de frente, você precisa subir os ombros assim. — Ela levantou a musculatura dos ombros expostos pela regata e ergueu os braços em uma posição natural de boxe. — E depois você mira na garganta, e BANG! — O soco varou o ar e fez os orbes azuis se arregalarem, paralisando o passo de Sophie.

— Caramba... — Sibilou, assustada. — Isso é muito forte.

— Você estava treinando com o Alex, certo? — As mãos femininas se esconderam nos bolsos da calça larga. Sophie assentiu. — E ele por acaso fez alguma demonstração séria ou só te ensinou?

— Ele me ensinou o inicio de defesa pessoal. Vou aparecer todo dia.

— E já viu o Brandon lutar? Ou o Alex?

— Ainda não... Por quê? — Indagou, com as sobrancelhas arqueadas em curiosidade.

— Bem, primeiro veja um dos dois lutando e dai me diga de novo se isso foi forte.

— Não queira comparar. — O calor invadiu as bochechas numa

velocidade alarmante ao lembrar-se das mãos de Monroe em seus quadris, tirando-a do chão com extrema facilidade. — E é muito forte sim... Bem... Olhe pra mim.

— Não queira comparar. — Brandy repetiu a frase da loira com uma risada travessa. — Você é toda delicada e eu sou uma... Pedra.

— Você não é uma pedra. — De repente, mesmo com um sorriso nos lábios, ela parecia absolutamente estranha.

— Não do tipo ruim de pedra. — Ela explicou e Sophie sorriu amenamente.

— Assim como seu irmão não é o tipo errado de maluco.

— Exato. — As duas caíram na risada, dobrando a esquina e se aproximando da casa da loira.

— Quer almoçar amanhã? — Sophie indagou e Brandy lhe encarou surpresa.

— Claro que sim! Vai ser muito legal! — A morena abriu um sorriso.

— Mesmo?

— Mesmo! Você é muito legal Sophy!

— Sophy?

— Que é? Não pode?

— Pode sim! — Sorriu, voltando a andar. — E você também é muito legal Brandy!

— Que bom que nos demos bem. Meu irmão tinha toda razão.

— O que? — Naquele momento, Sophie quase parou de andar de novo. — O que ele disse?

— Hmm, está curiosa?

— Brandy!

— Ele disse que você era delicada, inteligente, e bem-humorada, e que

eu ia gostar de você.

— Por que diabos ele... — Mas ela tampou a própria boca quando notou o palavrão. — Desculpe, falei uma palavra horrível.

A risada de Brandy ecoou pela rua escura e ela encarou Sophie com um semblante perplexo e engraçado.

— Diabos? Tudo bem, está perdoada.

— Porque ele falaria isso...

— Por que você é uma boa pessoa. Bem simples.

— Como uma pessoa muito boa, posso perguntar uma coisa?

— Pode. — Ela assentiu divertidamente.

— Você vai passar essas duas semanas sozinha também, certo?

— Eu vou assistir a luta do Brandon. Devo embarcar pra Boston um dia antes. Você não vai...?

— Não... — Ela não queria dizer que não havia sido convidada.

— Brandon disse que achou melhor não te convidar porque você acha essas coisas muito sangrentas.

— Eu acho que não quero ver isso de camarote... — Sophie foi sincera. — Mas de qualquer maneira... Até lá..., quer jantar aqui em casa? — Mudou de assunto.

— Bem, vou confessar que estou faminta. — Brandy sorriu e Sophie sorriu também. — E sei cozinhar!

— Eu também! — Vendo-se praticamente em frente à própria casa, a loira puxou a chave da bolsa e conversando, as duas caminharam até estarem na cozinha, com as luzes ligadas e o som da TV soando ao fundo.

— Então eu me envolvi com esse cara... Ele é um imbecil. — A morena falava, cortando cebolas ao lado de uma Sophie que escutava a história atentamente. — Ele lutava também... Mas é o tipo errado de maluco.

— Por quê?

— Sabe o tipo de cara que... Você sabe que não tem nada a perder, mas coloca o tempo todo tudo a perder? Imaturo, violento e mal pagador...

— Mas você se apaixonou-

— Pela casca. — Brandy deu de ombros. — Depois vi que não era assim... Mas já era tarde demais.

— O que? Tarde demais por quê?

A faca parou de picar a cebola e a morena respirou profundamente.

— Nada. Era um imbecil.

— Brandy. — Sophie largou a própria faca e tocou o ombro da outra. — Não é porque nos conhecemos hoje que você não pode falar.

— Eu fiquei grávida. — A garota soltou e os olhos azuis da pianista se arregalaram. — Ainda estou né.

— Agora? Grávida?

— Pois é... — O suspiro foi de exaustão. — Por favor, não faça essa cara.

— Brandy,... Vai ser muito legal ver seu filhinho!

— Está falando isso porque não é sua barriga ficando enorme.

— Um dia a minha vai ficar também. — Sophie deu de ombros.

— Os filhos de Brandon vão ser enormes... — E então, o calor do próprio inferno atingiu a mulher.

— Por que tá di-di-dizendo isso?

— É só um comentário. — A morena riu, travessa. — Você já se imaginou no meio, né?

— Cla-cla-claro que que que não! — Deu graças pela faca estar na mão da lutadora, já que todos aqueles gestos exasperados teriam matado as duas.

E a muitos quilômetros dali, Brandon andava no quarto de hotel, de um lado para o outro, com o telefone grudado na orelha e estava prestes a jogá-lo na parede quando a ligação chamou até cair novamente.

Respirando profundamente, discou o número de Alex e voltou o aparelho à orelha.

— Alex. — Falou assim que a ligação completou.

— Fala cara!

— Preciso que passe na minha casa, Brandy não atende ao telefone. — O tom foi tão preocupado que o silêncio do outro lado da linha foi completamente compreensível.

— Eu to saindo daqui agora. — Alex finalmente disse. — Chego na sua casa em dez minutos.

— Me liga assim que chegar.

A irmã já enfrentava um início de depressão que poderia ser encarado como perigoso e quando a ligação foi encerrada, ele voltou a discar o número da própria casa.

Alex se enfiou dentro do carro lembrando-se da última vez que tinha visto Brandy Monroe. Ela tinha dezoito anos e tinha quebrado o nariz com um soco de direita. Com o coração batendo levemente descompassado, Alex também se lembrou do que sentia pela mulher, ainda naquela época. Tal sentimento havia se mantido sempre dentro de um caixão bem lacrado, numa cova profunda pelo simples fato de saber que a morena não sentia absolutamente nada por ele.

Mesmo assim, atravessando a Avenida pouco movimentada em direção à casa de Brandon, o ruivo pensou que no fim, o que sentia não importava contanto que ela não tivesse feito nenhuma merda.

Ele rasgou metade da cidade até estacionar em frente ao sobrado verde musgo completamente apagado e já sacando o celular, discou o número de Brandon que caiu direto no ocupado.

Ouviu o telefone tocar do lado de dentro e bufou irritado, começando a

procurar a chave extra, escondida em algum lugar ali. Isso se Brandy já não a tivesse pegado.

Quando o toque parou, Alex tentou de novo e o amigo imediatamente atendeu.

— As luzes estão apagadas.

— A chave extra tá embaixo do bloco no jardim. — Então Alex esticou o pescoço para vislumbrar o bloco de pelo menos setenta quilos.

— Porra Brandon!

O ruivo desligou o telefone e avançou, pulando o cercado e abraçando a escultura pesada, ele a tirou do lugar, revelando uma única maldita chave embaixo. Abaixou-se e pegou-a voltando para a porta e destrancando-a, Alex entrou na casa.

— Brandy? — Chamou. O tom foi alto e imperativo, mas a única resposta foi o silêncio.

Assim, aflito, acendeu as luzes e procurou na casa inteira para então respirar em alívio e voltar a ligar para o amigo.

— Ela não ta em casa. — Disse assim que o moreno atendeu.

— Porra... Onde ela pod... — Mas Brandon parou de falar assim que a lembrança o atingiu. — Eu pedi pra ela levar Sophie para casa.

— Onde é a casa dela?

E gargalhando na sala comendo duas maças fatiadas com mel em cima, as duas mulheres se divertiam vendo o programa de Stand-up comedy passando na TV. Elas já haviam jantado, mas a simpatia imediata fez Brandy ficar quinze minutos além das quase duas horas.

— Ele disse o saco de batata? — Sophie ria.

— Ele disse SACOS de batata. — A morena gargalhava, mastigando um pedaço de maça quando a campainha tocou e as duas se entreolharam. — Eu atendo.

— Não! — Sussurrou, subitamente nervosa. — Você ta grávida e eu não

to esperando visitas.

As duas se entreolharam quando a campainha tocou pela segunda e terceira vez seguidas.

— Tem certeza? — Brandy indagou.

— Tenho. São quase onze da noite.

— Tudo bem. — E assim que disse isso, o toque estridente da campainha começou a tocar sem parar. — Porra... — Ali, no resmungo enraivecido, Sophie viu que não poderia sequer tentar segurar a morena e a observou andar em uma marcha firme e segura até a porta, escancarando-a.

— Alex?

— Brandy! Porra! — Ele falava ao telefone e os cabelos estavam levemente desalinhados. — Ela ta na Sophie, Brandon.

— O que aconteceu com você? — A mulher indagou.

— Você sumindo aconteceu!

— Eu não sumi! E tenho vinte e sete anos, pelo amor de Deus!

— Tudo bem. — Alex estava dizendo em voz alta, mas era para si mesmo. — Tá tudo bem.

— Tá tudo bem. — Afirmou, arqueando as sobrancelhas. — Alex... Tá tudo bem?

— Eu vou voltar pra casa, Brandy.

Sophie estava observando a situação toda e viu nos olhos acinzentados uma preocupação urgente querendo ser enterrada.

— Desculpe preocupar você, Alex. — Se intrometeu. — Eu to cuidando dela.

— Desculpe assustar vocês. — Ele deu de ombros. — O Brandon é um imbecil exagerado.

— Ei só eu falo com meu irmão desse jeito.

— Cala a boca Brandy. Boa noite Sophie!

— Espera ai! — Brandy apontou para o ruivo. — Me dá uma carona?

Ele estancou parado ainda de costas para as duas. Foi necessária uma respiração profunda para se voltar para a mulher.

— Vamos. — O olhar de Alexsander estava mudado. Foi ha primeira coisa que Brandy pensou quando ele se virou novamente, acenando em direção ao carro com a cabeça.

Um calafrio percorreu sua espinha.

— Mas que porra esta havendo com você?

— Brandyyy! — Sophie sussurrou. — Seja gentil ele ta te dando uma carona! — A garota falava num fio de voz para que o ruivo não ouvisse.

— Tudo bem, tudo bem. — A morena deu de ombros, levantando as mãos, rendida. — Boa noite, Sophie. Nos vemos amanhã.

— Nos vemos amanhã. — As duas se abraçaram. — Boa noite.

Os olhos azuis fitaram os dois se afastarem até estarem dentro do carro em movimento sumindo da rua escura e ela fechou a porta e a trancou.

Dentro do BMW X6 M preto que atravessa as ruas desertas de Brentwood em direção à casa dos Monroe, lá estavam eles. E o silêncio ali dentro talvez fosse pior do que o silêncio no meio do Alasca.

— Me desculpa. — A voz feminina o fez tirar os olhos da estrada por um segundo e meio.

— Tudo bem.

— Juro... Nem passou pela minha cabeça que meu irmão fosse te envolver nisso.

— Já disse que tudo bem. — Sem querer, acabou sendo seco. Estava nervoso. — Sem problemas.

— Eu nem pensei que você fosse se preocupar com isso, Alex.

— Defina “isso”? — Ele a encarou com seriedade e novamente o calafrio gélido percorreu a espinha feminina. — E nós crescemos juntos, como não ia me preocupar?

— Desculpe... — Brandy pediu novamente. — Eu só ando meio...

— Eu sei. Tudo bem. Por isso eu disse “sem problemas”.

Ela não soube o que responder. Respirou fundo e encarou o cenário escuro do lado de fora. O rádio tocava baixo uma música do Ryan Bingham e quando as palavras finalmente cessaram, tudo que eles conseguiram escutar foi a voz que saía pelos alto-falantes do carro e dizia: “You are never far behind”.

— Como foram seus últimos anos...? — O tom foi baixo e um pouco hesitante. Se fosse sincera, era como se fosse um sentimento parecido com o medo, bem ali, se esgueirando.

— Produtivos. — Alex soube que ela queria mudar de assunto e apenas suspirou. — Loui está praticamente convencido em me vender a academia.

— O velho vai vender? — A surpresa estava estampada na expressão feminina e por um segundo, foi como se a conversa tivesse voltado ao normal, como quando ela tinha dezessete e ele vinte.

— Eu estou quase fazendo magia negra para que sim.

— Credo, Alex! — Brandy gargalhou.

— Não, to falando sério. Aquela merda ta caindo aos pedaços, perdendo cliente. E o maldito não me deixa arrumar, mas também não quer arrumar.

— Loui é osso duro de roer...

— É sim. Às vezes sinto vontade de empurrar ele da escada.

— Nossa eu vou contar isso pra ele.

— Você não é nem maluca. — O homem sorriu, parando no cruzamento. — Estou quase massageando os pés dele para convencê-lo, não estrague tudo.

— Eu tava brincando. — Ela o tranquilizou com uma risada. — Vou ser sua cúmplice nessa.

Os olhos cinzas fincaram-se nos verdes e por um momento, Brandy se deu conta de que não fazia a mínima ideia do que se passava na mente de Alex.

— Você voltou junto com Brandon?

— Sim, no mesmo comboio.

— Vantagens de altas patentes.

— Altas patentes não vão pro campo, Brandy.

— Mesmo assim.

— Mesmo assim. — Ele afirmou.

— Pelo menos você não perdeu as pernas numa granada.

— Ah, pelo menos né. — A ironia arrancou uma risada sinistra da garota e o ruivo sabia sobre o humor negro de Brandy desde que se lembrava de ser gente.

Ela sempre teve um quê de filha da puta, como ele. Talvez fosse por isso.

— A última vez que te vi você estava com o nariz quebrado.

— Eu tinha acabado de fazer dezessete.

— Isso. E eu ia fazer vinte e um.

— Pouco tempo antes de você ir. — Brandy lembrou.

— É. — E então uma áurea pairou sobre eles, e ela era tão estranha quanto a trilha sonora que os embarcava no momento.

— Fazem quantos anos?

— Nove anos. Ou algo assim. — Alex ponderou num tom baixo, mas a garganta estava seca.

— Caralho. Muitos anos.

— Você vai ficar bem ai, sozinha? — Quando Brandy deu por si, o carro estava parando e visualizou o sobrado verde-musgo.

— Vou. — Ela piscou. Foi rápido.

— Qualquer coisa, liga.

— Pode deixar. — A morena saiu do carro quando Alex puxou o freio de mão e ele a observou entrar na casa para arrancar com o carro.

— Sim... — A voz saiu quando já estava sozinho no carro em movimento. Os olhos presos na estrada e os pensamentos no sorriso assombrosamente impactante de Brandy. — Tempo pra caralho...

TERCEIRO CAPÍTULO

O dia amanheceu para revelar à Sophie uma terrível verdade: Estava menstruada. E as cólicas a arrancaram da cama uma hora antes. Ela aproveitou para tomar um banho quente e engolir alguma coisa para poder mandar o remédio para dentro. Precisava fazer a dor parar para não faltar no segundo dia de aula e às seis da manhã, chegava correndo na academia, apesar das dores abdominais estarem trucidando-a viva.

— Bom dia! — Alex abria a academia quando a viu.

— Bom dia, Alex! — Ofegante, a garota se apoiou nos joelhos. — Deu tudo certo ontem?

— Deu sim, deixei a Brandy em casa. E você, ficou bem?

— Fiquei sim. Já explicou tudo pro Monroe, certo?

— Expliquei. Ele é muito exagerado, encheu minha cabeça de coisa.

— Eu percebi.

— O que? — O ruivo a encarou, subitamente tomado pela curiosidade.

— Sua preocupação. — Sophie sorriu inocentemente. — Você foi muito legal de se preocupar com a Brandy.

— A gente cresceu junto. — Quando falou aquilo, percebeu que talvez fosse a pior desculpa do mundo para explicar. Mas Alex era também a pior pessoa do mundo para expor o que sentia.

— Entendi. — Ela respondeu ainda carregando o sorriso e observou o homem abrir a porta para entrarem.

— Você veio correndo?

— Vim.

— E se cansou?

— Já recuperei o fôlego.

— Isso é ótimo. Vamos começar com o golpe de ontem, você precisa aperfeiçoar seu reflexo de defesa.

Ela concordou, e ambos começaram o kata de defesa seguida de ataque, mas para o completo terror de Sophie, a cólica voltou nos primeiros quinze minutos de aula.

Com o rosto vermelho e as veias saltando do pescoço, ela encarava Alex com a boca levemente aberta.

O homem segurava um batedor em cada mão. Luvas corretas para receberem golpes e as pernas femininas se moviam em pulos leves pelo chão.

— Levante os ombros. Isso melhora seus reflexos, sua audição. — Ela levantou os ombros imediatamente e quando Alex observou a maneira que Sophie encarava a luva de sua mão direita, ele percebeu que ela poderia ser pequena, mas tinha uma séria firmeza psicológica escondida, talvez adormecida.

— Soco!

O reflexo feminino levou pelo menos um quinto de segundo para impulsionar o braço em direção à luva de Alex. O soco foi fraco, mas certo, e ela sabia que no segundo seguinte ele avançaria.

O passo para trás era o que vinha lhe retardando e repuxou os músculos das panturrilhas para saltar para trás, vendo o braço do ruivo se esticar em sua direção, passando a centímetros de seu queixo.

— Isso, Sophie! — Eles pararam. — Vamos de novo.

— Vamos! — Os cabelos loiros jaziam desalinhados e o suor escorria pela lateral do rosto enquanto a cólica menstrual fazia o estômago revirar.

As mãos masculinas se estenderam e mais uma vez avançou em sua direção.

Ela não ia parar.

Quando Brandon voltasse, saberia do que suas palavras eram feitas. Tão firmes quanto as notas de um piano bem tocado.

(...)

O sábado estava sendo insuportavelmente quente, apesar de produtivo, e quando fechou a caixa do piano de calda, Sophie deixou um suspiro cansado escapar. Os dedos estavam doídos. Não sabia se era pelos socos ou pelas notas excessivas tocadas naquele dia.

Como os últimos dias haviam sido recheados de risadas ao lado de Brandy, ela não poderia reclamar da falta secreta que o moreno de olhos verdes lhe fazia, apesar de ser muito difícil de esconder para a Monroe mais jovem, que hora ou outra lhe enchia de perguntas.

Era incrível como a cólica havia conseguido estragar seu humor durante o dia inteiro, a ponto de ser incapaz de sorrir.

Quando pisou no primeiro degrau da escadaria, Sophie ouviu uma música. Uma batida dançante que fez as sobrancelhas se arquearem.

Ela abriu a porta e deu de cara com o BMW preto de Alex, mas quem estava no volante era Brandy e ela dançava sentada no banco.

— O que é isso?

— Alex me emprestou! Entra!

E a loira fez o que lhe foi ordenado e quando bateu a porta, o refrão da música explodiu nos alto-falantes.

— I can’t feel my face when i’m with you! — Brandy apontou para o painel do carro, iniciando uma verdadeira coreografia. — But i love it! But i love it!

Contagiada pelo aparente bom humor da amiga, Sophie começou a dançar também, sentada no banco confortável, mesmo sem saber a letra da música, aquilo era absurdamente divertido. Era a primeira vez na vida de Sophie que passava por uma situação como aquela, e ela estava adorando.

Elas ficaram gargalhando e dublando ou tentando dublar até o fim da música e ainda entre risos, Sophie voltou-se para a morena.

— Eu estava pensando em passar no mercado...

— Vamos! Comer o que? — Brandy parecia animada.

— Você está animada. — Ela deu voz aos pensamentos.

— Não estou. Estou normal.

— Ontem você estava mal-humorada.

— Sabe de uma coisa? Ontem quando Alex me levou pra casa tivemos uma boa conversa. Foi como tirar um peso das costas. Fazia muito tempo que eu não o via. Ele tá mudado. — A mulher deu de ombros.

— Mudado pro bom ou pro ruim?

— Pro bom, claro. Não sei se só eu é que penso isso.

— Vocês tem uma história juntos? — Sophie indagou, a música agora baixa ressoava ao fundo.

— Nós crescemos juntos... Ah! — Os olhos verdes encararam rapidamente os azuis. — Não desse jeito, amoroso. Apenas amigos. Por que ta dizendo isso?

— Nada. Eu só perguntei da história de vocês, não me referi a nada amoroso, você que pensou errado...

— Sei. — Brandy lhe enviou um sorriso irônico. — Nós sempre fomos bons amigos. Mas não falava com Alex desde que Brandon e ele foram pro Iraque... Eles tinham vinte anos. Na época que ele foi, eu tava saindo com esse cara... Travis... Não consegui dar tchau pro meu irmão nem pra ele.

— Não se-

— Não. — Ela pareceu ler os pensamentos da loira. — Eu tava com o celular desligado na casa do Trav.

— Entendi... Mas tudo bem agora, pôde falar com seu irmão, com o Alex, e voltar pro Tennessee.

— Pois é. Foi um alívio. — Foi sincera, e o BMW estacionou em frente ao pequeno mercado de bairro.

— Então, devido ao calor, eu estava pensando em jantar sorvete... Mas você esta grá-

— Essa é a melhor ideia que já ouvi na minha vida! — Brandy bateu a porta do carro e alcançou Sophie do outro lado para juntas entrarem no estabelecimento. — Podemos incrementar com torta gelada?

— Contanto que Alex não saiba sobre a minha completa ruína na dieta...

— Fala sério! Defesa pessoal não exige dieta de uma magérrima como você.

— Para. — A loira exigiu e no segundo seguinte, ouviu o som de um celular tocando. — Comprou um celular?

— Sim! — O tom foi de pura vitória. — E é o Brandon.

Sophie comprimiu os lábios imediatamente.

— Oi maninho! — A morena estava dizendo animadamente conforme andavam pelos corredores do mercado. — Estou fazendo compras pra janta. Adivinha com quem?

Os olhos azuis se arregalaram e ela sentiu o coração falhar.

— Exatamente! Como adivinhou? — E então, rapidamente, a expressão de Brandy mudou. Ela ficou séria. — Não... Não precisa! Brandon, eu tenho vinte e... Não estou usando isso como desculpa... — A mulher bufou, escutando o irmão do outro lado da linha. — Tudo bem, Brandon, vá se foder, certo?

E então, para sua completa surpresa, a morena lhe estendeu o celular com uma cara contrariada.

— O que? — Engoliu em seco.

— Ele quer falar com você.

— Eu?

— Sophy... — Depois daquilo, Sophie pegou o aparelho com mãos tremulas e o colocou na orelha.

— Oi...?

— *Oi Sophie. Tudo bem ai?*

— Tudo... E ai? — Ela começou a suar frio, ouvindo a voz grave grudada em seu tímpano.

— *Tudo também. Em dez dias estou de volta. Como vão as aulas com o Alex?*

— Está indo bem. Ele é um bom professor...

— *Que bom...* — Uma pausa estranha foi feita, mas a loira aproveitou para respirar. — *Sophie... Eu preciso de um favor.*

— Favor...? — Ela indagou, hesitante.

— *Eu preciso que leve Brandy no médico. Ela ainda não começou toda aquela coisa-*

— Sim. — Foi tão firme que calou a boca de Brandon. — Eu a levo. Eu estou cuidando dela. Pode ficar tranquilo. Se precisar de algo é só me falar.

— *Certo...* — Do outro lado da linha, o moreno estava surpreso. — *Espero que não estar te causando dor de cabeça.*

— Claro que não... A Brandy se tornou minha amiga e se ajudando ela vou estar ajudando você, é ótimo.

— *Tudo bem...* — Brandon respirou mais calmo. — *A consulta é amanhã às dez da manhã. Se você não arrastá-la, ela não vai sozinha.*

— Pode deixar comigo.

Dentro de um quarto de hotel em Boston, Brandon sorriu.

— *Você vai ver a luta?* — Mudou de assunto. Não queria desligar.

— Vou sim. Brandy e Alex estão embarcando dia quinze, certo?

— *Certo... Por que você não vem também?* — Quando percebeu, já tinha dito.

— N-não... Não vai dar... Tenho que dar aula. — Foi ha primeira coisa

que veio na mente de Sophie e ela se amaldiçoou por ser tão previsível. — Mas vou ver pela TV. Acha que vai ganhar...?

— *Não sei... Jenko é bem forte.* — Brandon foi honesto. — *E pesa dois quilos a mais que eu.*

— Se sentir que não consegue é melhor não ir. — As palavras escaparam dos lábios femininos e ela colocou a mão livre sobre a boca diante das risadas escandalosas de Brandy.

Do outro lado da linha, o moreno também riu.

— *Obrigado pelo conselho...*

— Boa sorte... Tomara que não se machuque.

— *Não vou.*

— Ei, não nos garanta isso. Brandy vai ficar preocupada. — Ela mentiu de novo. Eram tantas pequenas omissões em prol de sua integridade emocional que Sophie havia deixado de se importar.

Contanto que ele não ficasse sabendo que suas mãos tremiam violentamente ali, parada no meio do corredor de massas e molhos do mercado.

— *Bem, e se eu garantir?*

— Você acabou de dizer que ele era forte.

— *Eu acabei de dizer outras coisas também...*

— Ok. Ok. — Sophie se deu por vencida. — Se você garante, está garantido. Só não quebre essa... Promessa... — Quando viu, já tinha falado. Ela sentiu vontade de bater a própria cabeça na parede, mas como um sinal claro de que Deus estava, ali, Brandy riu divertidamente, quebrando o clima e disparando um:

— Diga que ele vai ter que raspar a cabeça se perder.

— Brandy disse—

— *Eu ouvi.* — O moreno a cortou. — *Diga pra essa idiota que pode ser o que ela quiser. O cinturão vai ser meu.* — Ali, a loira sentiu um arrepio

absurdo na espinha. A voz de Brandon mudava quando ele estava compenetrado e ela não sabia se o homem tinha ciência daquilo.

A única coisa que sabia era que quando ouvia aquela voz não podia controlar o choque percorrendo o corpo.

Naquele sábado a noite, com o celular preso na orelha e dentro do mundo secreto de seus pensamentos, Sophie assumiu para si mesma que estava levemente atraída por Brandon Monroe.

E então, ela ouviu. Era uma segunda voz do outro da linha, uma mulher.

— *Brandon, o pessoal disse pra se apressar! É sua irmã? Manda um beijão para ela!*

Os olhos se arregalaram. Se tinha uma coisa no mundo que odiava era ficar curiosa. Mas aquele tipo de curiosidade beirava a aflição. Uma leve angustia secreta e crescente.

— *Pode dizer à Brandy que Sarabeth está mandando um beijo?* — O homem não parecia tão contente.

— Sarabeth mandou um beijo... — Repetiu, vagamente, e Brandy lhe encarou com as sobrancelhas arqueadas.

— Sarabeth está lá? Diga que estou morrendo de saudade e morando em Brentwood! — Mas no fundo, queria passar de vez o telefone e não ter mais que mandar recado nenhum.

— Brandy disse que—

— *Ela já foi.* — Brandon estava constrangido. — *Muito chata e barulhenta.* — Foi ha reclamação.

Sophie não soube o que falar. Não conhecia a garota para saber de algo, mas ele falava como se já fosse um amigo íntimo. E deveria mesmo ser. Monroe era o tipo de pessoa que estava sempre cercado de gente. Não sabia se, como a irmã mais nova, ele era de poucas amizades e muitos conhecidos.

— Melhor desligar... — Sugeriu com o rosto quente.

— *É uma coletiva de imprensa.*

— Vou passar para sua irmã... — Sophie simplesmente ignorou a última frase. — Boa noite, Monroe. Cuide-se...

— Boa noite Sophie... Você também... Cuide-se. — Ele engoliu em seco, sentindo o batimento cardíaco falhar estranhamente.

— Fala maninho.

— *Sophie vai te levar amanhã.*

— Isso é ridículo, mas tudo bem.

— *Então estão se dando bem?* — A indagação foi feita enquanto fechava a porta do quarto e alcançava a equipe no fim do corredor.

— Sim! Vamos falar muito sobre isso depois.

— *Por quê?* — O moreno curvou as sobrancelhas.

— Vou desligar agora que já estou encarando essa vitrine de tortas geladas há dez minutos.

Brandon começou a rir, entrando no elevador.

— *Fico feliz que esteja bem.*

— Eu sempre estou bem. — A ouviu dizer e sustentando o mesmo sorriso, o homem apenas respondeu:

— *Certo. Boa noite Brandy... Cuide-se*.

— Você também. Boa noite e...

— *O que?*

— Sophie está mandando um beijo! — A irmã gritou do outro lado da linha e os olhos verdes se arregalaram.

— Não estou não! — Foi ha última coisa que escutou antes da ligação ser encerrada.

Ele olhou para o aparelho levemente perplexo.

Brandy era um caso perdido.

(...)

No dia seguinte. Sophie fechava a sala quando ouviu a voz de Alex. Ela olhou para o outro lado a tempo de escuta-lo perguntar onde Brandy ia.

— Eu já disse!

Ali, os olhos acinzentados localizaram Sophie do outro lado da rua.

— Hey Sophie! Onde estão indo?

A loira encarou a outra mulher que lhe fitava com ares desesperados e engoliu em seco.

— No shopping! — Gritou de volta, apressando-se para trancar a porta e atravessar a rua. — Por quê? — Quis saber quando se aproximou da dupla.

— Nada. — Ele voltou os orbes sérios para os verdes.

— Pode ficar tranquilo, agora ela tem celular. Quer anotar? — Sorriu inocentemente.

— Sophie. — Foi um nítido tom de reprovação vindo de uma morena aparentemente irritada.

— Quero. — Alex sacou o próprio celular do bolso.

— Aqui... — Ela lhe entregou o aparelho onde jazia o número da morena e aguardou até que o homem copiasse pacientemente.

— Pronto. Obrigado, Sophie. — Entregou o celular para as mãos pequenas da loira.

— Podemos ir agora? — Brandy já a arrastava para dentro do BMW que o ruivo havia emprestado.

— Bom passeio. — Alex murmurou, vendo a dupla de garotas entrarem em seu carro e acenando, Brandy acelerou.

— Por que não falou pro Alex sobre onde estamos indo? — Foi ha

primeira pergunta ao dobrarem o quarteirão.

— Acho que ele não sabe que estou grávida. E nem quero que saiba.

— Ahn? — Sophie arregalou os olhos. — Daqui a pouco vai ficar impossível esconder.

— Ai ele vai ficar sabendo sozinho e eu não vou precisar falar nada.

— Brandy... Não acha que isso é um pouco...

— Um pouco o que? — Ela estava irritada.

— Não quero me intrometer...

— Fala logo Sophy!

— Alex parece gostar de você. Por que não quer-

— Exatamente por isso. — Brandy lhe interrompeu secamente. — O que ele ia pensar de mim?

— Você está grávida. Não há nada de mal nisso.

— Nao, Sophy. Você não vê nenhum mal nisso, mas eu vejo. Eu não sou ninguém para entrar na vida de Alex depois de nove anos e...

— E...? — Sophie incentivou em um sussurro perante a hesitação da amiga.

— E bagunçar tudo... — O murmúrio fúnebre arrancou um arrepio da pianista, que ficou sem respostas enquanto Brandy embicava o carro no estacionamento da clínica.

— Estou farta de me arrepender. — Com essa fria sentença, a morena desligou o carro e abriu a porta, saindo do automóvel.

Sophie ainda ficou alguns segundos sentada no banco, olhando fixamente o painel do BMW. “Farta de se arrepender”. Queria entender Brandy, queria saber do que ela se arrependia, mas acima de tudo, queria lhe mostrar que a vida estava ali e não poderia ser evitada, nem pela tristeza nem pelo

retardamento de acontecimentos.

Quando saiu do carro e alcançou a morena, as duas se olharam em silêncio por alguns segundos.

— Tá tudo bem, Sophy. Não esquenta.

— Sim... — A resposta foi vaga e as duas entraram na clínica. Foi um piscar de olhos até estar sentada ao lado de Brandy, encarando um médico de aproximadamente cinquenta anos com um queixo duplo impossível de não ser encarado.

— Então, Brandy... Vou remarcar você para dia vinte e um desse mês. Por enquanto não posso dizer muita coisa.

— Como assim? — Sophie abriu a boca antes da outra e seu cenho estava levemente franzido. — O que pode nos dizer agora?

— Eu vou pedir uma bateria de exames, nada mais do que o necessário para iniciarmos o acompanhamento da gravidez. Depois disso, você vai voltar sempre para checarmos sua saúde e a do bebê, que ainda é muito pequeno. — Ele olhava para Brandy.

— Certo... — Mas havia uma centelha de desconfiança na voz de Sophie, que praticamente respondia pela amiga silenciosa.

(...)

Assim havia voltado para casa onde passou o resto do domingo com Brandy. Ao cair da noite, elas se despediram e Sophie a viu manobrando o carro e acenou até o BMW desaparecer de vista.

Entrou em casa, tomou um longo banho e comeu alguma coisa.

Mas quando se jogou no sofá, o telefone sem fio já estava preso em uma das mãos. Ela encarou o visor do aparelho e discou o número já salvo na lista telefônica.

No terceiro toque, a loira encerrou a ligação.

“Ele está ocupado”, passou por sua cabeça, às nove da noite de um domingo, dez de fevereiro, infernalmente quente e tediosa e decidiu deixar o

aparelho ao lado das pernas, repousando inocentemente em cima do estofado enquanto se esticava para pegar o controle remoto da TV.

E então, assim que alcançou o objeto, o telefone começou a tocar e ela derrubou o controle, dando um pulo de susto que quase fez o coração sair pela boca.

Estava tocando. Logo após ela ter tentado ligar. Ele estava retornando?

— Meu Deus e se ele estiver retornando... — Sussurrou, sozinha naquela enorme casa.

A mão trêmula alcançou o telefone sem fio e ela o atendeu com a garganta seca.

— Alo?

— *Você me ligou?* — Os olhos azuis se fecharam, apertados.

— Desculpe, está tarde.

— *Não...* — Ele falava alto para abafar a música alta. — *Pode falar.*

— Amanhã eu ligo-

— *Sophie... Qual é o problema?*

— Nenhum problema... Fui ao médico com Brandy hoje...

Em Boston, junto com a equipe de vinte e três pessoas, Brandon jantava em uma pizzaria badalada da cidade. O local estava lotado de gente disposta a falar muito e falar alto e no meio daquilo tudo, o homem vinha tentando escutar a voz tímida do outro lado da linha.

— E ai? E a Brandy?

— Ah! — Sarabeth surgiu atrás de si, abraçando o homem sentado na cadeira. — É a Brandy? — Ela puxou o telefone das mãos de Brandon e colocou o telefone na orelha.

— Oi Brandy!

— Não é a Brandy. É uma amiga. — O moreno puxou o telefone de

volta e se levantou, evidenciando a diferença de altura da outra lutadora. — Eu vou lá fora!

Avisou antes de se direcionar à saída.

— Sophie? Desculpe. Como eu disse... Chata e barulhenta. — Mas o silêncio fez o homem arquear as sobrancelhas. — Sophie?

— Eu não queria incomodar.

— Pare de achar que me incomoda, Sophie... — Brandon foi direto, percebendo que a loira sempre achava que estava lhe causando algum problema.

— E-eu... Só liguei mesmo pra te avisar sobre a consulta da Brandy... — Sophie desconversou, respirando profundamente.

— E ai, como foi?

— O médico pediu uma bateria de exames para iniciar o pré-natal e marcou uma nova consulta para dia vinte e um... Ma-mas eu não gostei muito dele, não explica as coisas direito e é mu-muito seco...

— Entendi... Então é melhor mudar de médico... O que a Brandy ta achando...?

— Ela... Está indo bem. Um pouco assustada e nervosa... Mas que mulher não ficaria?

— Tem razão... Mas Brandy vai tirar isso de letra, ela é forte e destemida, e daqui a pouco se acostuma com a ideia de ter uma vida crescendo dentro dela... E Sophie... E você? — O moreno quis saber, tentando parecer despreocupado.

— Eu o que? — Do outro lado, havia um coração descompassado batendo no peito de Sophie.

— Como você está? — Escorando-se ao muro do lado de fora da pizzaria, os olhos verdes encaravam o céu de Boston e seus arranha-céus.

— Bem... E você?

— Com saudades do Tennessee... — Foi honesto. A voz grossa causou um arrepio imensurável na espinha feminina. — E das pessoas que vivem ai...

— Os dias passam rápido. — Sophie não sabia como ainda era capaz de falar alguma coisa. A mão tremia violentamente, prendendo o telefone na orelha. — E já já Alex e Brandy estão indo te encontrar...

— *Pois é...* — A respiração foi profunda. — *E você?*

— Eu o que? — A loira repetiu pela segunda vez naquela ligação, mordendo o lábio inferior para controlar o nervosismo.

— *Nada...* — Brandon chegou à conclusão de que se continuasse, ia acabar falando demais.

— Nada? — Sophie fechou os olhos. Que raio de conversa era aquela?

— *E suas aulas de autodefesa?* — Mudou de assunto, passando a mão pelos cabelos desalinhados.

— I-indo... Eu acho que vou ficando melhor a cada aula.

— Tenho certeza que sim. Já parou pra pensar que um dia pode estar disputando algum cinturão?

Sophie riu um riso que beirava o sarcasmo e o homem também deu risada da maneira despretensiosa que ela achava graça das coisas.

— Deixe isso pra Brandy... Eu me contento em aprender apenas o suficiente para me defender. E além do mais, é bom aprender coisas novas...

— *Quando eu voltar...* — Mas Brandon parou de falar, interrompido por alguém que pedia-lhe um autografo e a garota aguardou pacientemente até que ele retornasse à linha. — *Desculpe, onde eu parei?*

— Quando você voltar pra onde?

— *Ah sim...* — O homem suspirou. — *Quando eu voltar pro Tennessee... Quer me levar numa dessas suas apresentações?*

— A-a-a-a-apresentações? — Sophie quase gritou e Brandon teve que se segurar pra não gargalhar. — Você diz de-de-de-

— *Piano.* — Ele completou a frase que aparentemente ela não era capaz de terminar. — *Apresentações de piano.*

— Ma-mas... Piano? Você gosta disso?

— *Claro que sim.* — Deu de ombros.

— Tudo bem... — A mulher sentia o rosto e pescoço queimarem fortemente. — Eu levo sim.

— *Hey Brandon!* — De novo, Sophie notou que já estava reconhecendo a voz sempre interrompendo as coisas.

A chata e barulhenta.

— *Vamos, vamos! É hora do brinde! Vamos!*

— *Eu preciso desligar...* — Ele sussurrou. — *Te ligo depois..., certo?*

— Boa noite Monroe... Não perca seu brinde! — Foi um incentivo tão doce e ao mesmo tempo tão seco que Brandon engoliu navalhas.

— *Boa noite Sophie...*

Quando a loira desligou o telefone seu rosto estava contorcido em uma carranca que fazia uma mescla perfeita entre chateação e injustiça.

Ela não era ninguém.

Ninguém capaz de viver tão perto dele assim.

(...)

Ouvindo o hip-hop tocando alto o bastante para fazer as paredes vibrarem, Brandon Monroe aguardava os minutos restantes para que pudesse subir no ringue, naquele sábado a noite, dezesseis de fevereiro, que por algum motivo, parecia particularmente agradável.

Ele estava pensando no que Sophie poderia ter achado de Sarabeth e o que poderia estar passando pela mente da loira no exato momento em que ela era a única coisa em sua mente.

Queria voltar logo para o Tennessee.

E sentada em frente a uma TV, Sophie Lanure encarava fixamente a filmagem ao vivo que era transmitida pro país inteiro. Ela tinha que admitir que

já fazia muitos e muitos anos que não ficava tão ansiosa por algo assim. Por mais que a voz de Sarabeth ainda estivesse ressoando em sua mente, ela olhava para a tela da TV com absoluta expectativa para vê-lo. Fazia seis dias desde que tinha falado com Brandon pela última vez. Estava ignorando ligações e obrigando Brandy a inventar desculpas...

Mas ela queria ver...

Ver sua expressão.

Seria a primeira vez que ia ver Brandon lutar e estava sozinha em casa, abraçada ao seu travesseiro predileto, de pijamas, comendo pipocas e tomando suco de laranja.

Os locutores do canal estavam apresentando Jenko, o oponente de Brandon e ela já o detestava no primeiro bater de olhos na figura robusta e mal encarada do homem. Ele realmente parecia um pouco maior que o moreno.

Então a voz masculina anunciou Monroe, e a câmera focou na porta por onde a figura masculina surgiu, rumando para a pesagem. Seu coração estava disparado e ela mal conseguia mastigar a pipoca que já estava na boca.

Num piscar de olhos, a figura de Monroe saltava de um lado para o outro dentro do ringue, aguardando com certa impaciência a luta ser iniciada. As pernas eram fortes e o tronco repleto de músculos parecia um encaixe perfeito para os braços poderosos. Vestindo apenes um calção preto um pouco acima do joelho, os cabelos haviam sido recém-aparados em um corte militar. Ele queria o cinturão e o atual campeão parecia ter muita vontade de manter o título, vendo pelos olhos frios fincados no oponente.

Ela assistiu o juiz e locutor chamarem os lutadores ao centro e ditarem as regras, desejando uma luta justa e naquele segundo dentro do ringue, a um milésimo de avançar em direção à sua meta, Monroe estava pensando na gargalhada divertida de Sophie.

Ele puxou o ar para dentro dos pulmões e os pés avançaram no tatame conforme a luta se iniciava.

Os punhos cerraram e adrenalina bombeada nas veias fez o moreno atravessar o ringue inteiro até o contato com Jenko ficar evidente. Ele levantou o punho fechado e protegido pela luva e se esquivou de uma sequência de três

golpes.

Entre o terceiro e o quarto soco, lá estava.

A brecha na defesa que facilitou à Brandon um gancho médio de direita que se encaixou com perfeição ao queixo de Jenko e o levou para o chão.

Quando piscou, Sophie encarava aquela multidão de gente pela tela da TV e cada uma delas gritava um só nome: Monroe! Monroe! Monroe!

— Eu não consigo acreditar nisso! — Era o que um dos locutores dizia e o coração da mulher tinha parado, observando fixamente a figura do homem desacordado no chão. — É um nocaute aos dezessete segundos!

— Essa é, sem sombra de dúvidas, a luta mais rápida e impressionante que eu já vi na minha vida, Julian! Desde que entrou para o UFC, Brandon Monroe não para de subir! Ele é uma maquina de nocautes!

Ele tinha nocauteado o campeão invicto dos pesos médios-pesados desde 2011 em dezessete segundos?

— Com um soco, Julian! — O locutor parecia ler seus pensamentos. — Um soco que derrubou a invencibilidade de Jenko! Isso é impressionante!

— Muito impressionante... — Ela sussurrou, concordando com a TV, sozinha em casa.

O coração batendo rápido ao ver o moreno ter as mãos levantadas e o cinturão atado à cintura.

— Brandon Monroe é o atual campeão do médio-pesado!

(...)

O domingo estava sendo angustiante.

Dentro de casa, sentada em uma das cadeiras da mesa de jantar, Sophie batia as mãos em cima da mesa.

Ela sabia que Brandon estava voltando para o Tennessee junto com Alex e Brandy naquela tarde por que a morena já havia lhe ligado uma dezena de vezes desde a noite anterior.

Suspirou, aflita, desejando que o telefone tocasse mais uma vez, já que o sol sumia rapidamente com o passar dos minutos.

E então, o aparelho começou a disparar um som alto que imediatamente foi cessado já que o dedo desesperado de Sophie atendeu a ligação.

— Alo?

— *Estamos embarcando!* — Era Brandy. — *Em uma hora estamos chegando ai! Alex disse que se quiser, pode passar na casa dele e pegar o carro pra nos buscar no aeroporto.*

— Pode ser! Onde está a chave?

— *Onde está a chave, Alex?* — Brandy indagou ao ruivo que estava ao seu lado na fila de embarque.

— *Dentro do pote em cima da mesa de jantar. A chave da casa fica dentro da caixa de correio. A mão dela deve caber.*

— *Claro que cabe. Escutou tudo?*

— Sim. — A loira sorriu. — Vejo vocês em uma hora. Boa viagem!

— *Até daqui a pouco!*

As duas desligaram e Sophie correu pro banho.

Quarenta e cinco minutos depois estava estacionamento o BMW preto de Alex em uma das vagas em frente ao aeroporto.

O calor insuportável lhe obrigou a usar um vestido solto, abaixo dos joelhos, azul bebê, e rodado do quadril para baixo. Com os sapatos de salto pretos, Sophie fechou o automóvel e rumou para dentro do local.

O tempo que passou desde que chegou ali nunca pareceu tão lento. Eram quinze minutos que aparentavam quinze horas.

Estava no meio de um suspiro impaciente quando as portas automáticas se abriram, revelando uma saltitante Brandy, seguida de um sorridente Alex e enfim, o normalmente sério Monroe. Seu coração deu um salto tão forte que Sophie foi quase incapaz de segurá-lo dentro do peito.

Ela se adiantou para encontrar a morena no meio do caminho e as duas se abraçaram prolongadamente.

— Senti saudades!

— Eu também! — Sophie sorriu, afastando-se da mulher.

— Oi Sophie! — Alex acenou, carregando as malas de Brandy e as próprias.

— Oi Alex!

E então os dois saíram na frente como se nada estivesse acontecendo, lhe deixando em um beco sem saída chamado Brandon Monroe e seus absurdamente intensos olhos verdes.

— Oi... — O homem sorriu.

— Oi... Parabéns pela vitória... Aqueles foram os dezessete segundos mais impressionantes que já vi.

— Obrigado, eu disse que garantia, não disse...? — Ele a alcançou, ouvindo um “sim” constrangido dos lábios adocicados e ambos começaram a andar lado a lado, embora muito mais devagar que a dupla quase sumindo de vista a frente. — Como passou...? Sentiu saudades...?

Os orbes azuis se arregalaram e o rosto ficou três vezes mais quente do que já estava. O descompasso cardíaco tirou o ritmo de seus passos e Sophie o encarou com um semblante avermelhado.

Brandon riu. Estranhamente, tinha sentido falta das bochechas coradas e olhos cintilantes.

— De t-todo mundo... — Foi ha resposta baixa que lhe fez rir um pouco mais.

— Bem, eu senti saudades, Sophie... De você. — Céus se ele apenas soubesse o que aquela simples e inocente frase havia provocado, talvez nunca tivesse dito, ou talvez...

Apenas tivesse dito antes.

QUARTO CAPÍTULO

Às seis da manhã da segunda-feira se revelou uma verdadeira surpresa já que quando chegou na academia deu de cara com um bem-humorado Brandon.

Ele tinha acabado de abrir a academia e a viu entrar; a loira estava com pequenas gotas de suor escorrendo pela testa, pois havia corrido o trajeto de casa até ali.

— Bom dia! Veio correndo?

— Sim! Bom dia.

— Pronta para mais uma aula?

— Prontíssima. — Sophie sorriu. — Onde está Alex?

— Por quê?

— Ué... — Ela ficou confusa, o encarando com um semblante indefeso que tinha quase o mesmo efeito que cócegas em Brandon.

— Vou assumir suas aulas a partir de hoje. — O homem esclareceu diante dos olhos cada vez mais arregalados.

— O que?

— Não gostou? Eu posso-

— Não... — Foi uma interrupção gentil e tímida. — Só fiquei surpresa. Achei que ia se dedicar-

— Existem outras prioridades. — A resposta simples fez a loira congelar de novo, ainda o encarando.

— Outras pri-pri-

— Sophy! — A voz de Brandy invadiu o local. — Bom dia!

Os dois lhe encararam com semblantes surpresos.

— Acordada? — Foi uma pergunta em uníssono que fez Brandon encarar Sophie quase imediatamente.

— Eu vim assistir o treino. — A morena já aparentava estar irritada. — Não me encham a porra do saco.

Ele não falou na hora, guardou pra si. Mas ficou feliz de Sophie ser capaz de influenciar até nos horários sempre desregulados da irmã.

— Tudo bem, vamos lá. Você já está aquecida, certo?

— Certo! — Subitamente sugada de novo para o assunto, a loira se viu andando no encalço masculino para os fundos da academia.

— Pelo amor de Deus não vá matar a Sophie, Brandon.

— Me matar? — A garota encarou Brandy com ares surpresos.

— Fique calada Brandy. Não vou matar ninguém. — Brandon girava os olhos, saltando para dentro do ringue. — Muito menos a Sophie.

— Será que Jenko já acordou? — A irmã brincou, caindo na risada sozinha.

— Venha, Sophie. — E ignorando Brandy, Monroe esticou as mãos em direção à loira.

— No ringue?

— Alex nunca te colocou aqui em cima?

— Não... E eu ainda não coloquei as luv-

— Ele nunca te treinou com luvas? — O cenho masculino estava franzido. — Venha. — Foi quase como uma ordem, que percorreu o corpo dela inteiro, obrigando as mãos pequenas a abraçarem as fortes.

Ele a puxou para cima e Sophie sentiu o corpo ser tirado do chão com tanta facilidade que não pode evitar o segundo arrepio.

Ao pisar no ringue, sabia que seria difícil obter concentração quando eram os olhos verdes lhe encarando fixamente.

— Então... Me diga o que já aprendeu.

— Eu... Aprendi... — Sophie engoliu em seco. — Parar o enforcamento... E... Golpe na traqueia...

— Entendi... Já ficou boa nesses dois?

— Alex disse que estou evoluindo. — A boca estava mais árida que um deserto. Com o coração desenfreado dentro do peito, Sophie o observava atentamente.

— Evoluindo... Certo... Me mostra.

— Como? — A palavra saiu sem que pudesse impedir e Brandon sabia que se risse ela hesitaria ainda mais.

Por isso permaneceu sério.

— Execute primeiro o desarme de enforcamento.

— C-certo... — Respirando profundamente, Sophie levantou os braços e executou a defesa no ar, livrando-se de mãos imaginarias que apertavam seu pescoço.

— De novo. Dessa vez sem esse medo todo. — Ele balançou o corpo e os ombros. — Faça comigo.

Sophie desarmou a posição e timidamente começou a imitá-lo. Os dois segundos seguintes lhe revelaram que aquilo era ótimo para relaxar os músculos.

— Estabeleça uma figura. Uma fantasia. — O moreno começou, sem

parar os pequenos saltos que a mulher imitava. — Você precisa se focar nessa figura. Precisa decidir que ela vai cair e essa decisão não pode, sob nenhuma circunstância, ser revogada. Feche os olhos e os abra novamente quantas vezes forem necessárias, mas quando decidir atacar, você precisa carregar sua vontade de vencer, de sobreviver... E não pode recuar. A necessidade de ir até o fim, na maioria das vezes, prevalece sobre a derrota.

— Entendi! — A exclamação escapou e o calafrio percorrendo a espinha foi claramente notado pelo observador Brandon Monroe a menos de dois passos de distância da nuca alva de Sophie.

— Repita a defesa.

— Certo!

E naquele momento, as mãos de Sophie se abraçaram em frente à boca do estômago e ela subiu em um V invertido, abrindo firmemente os braços e girando, chutando o ar e quase caindo ao fim do ataque.

— Improvisou essa parte?

— Sim... — Foi uma confissão divertida e ela o encarou, corada.

— Agora quero ver o quebra-traqueia. — Os braços masculinos se cruzaram em frente ao peito e ele a observou socar o ar com a força que tinha. O punho fechado não estava tremendo e Sophie realmente parecia nutrir firmeza. — Ficou ótimo. Imaginou a figura?

— Sim. — O tom estava mudado e o sorriso masculino aumentou. — Eu imaginei aquele drogado.

— Levante seus punhos. O ataque vai chegar em cinco segundos. Eu vou dar o tempo necessário para você pensar, mas como disse: ...Até o fim.

— O que? Como assim?

— Você nunca vai estar preparada para ser atacada se não for atacada.

— M-mas, m-mas...

— Um, dois, três-

— Monroe!

— Quatro, cinco! — Os olhos azuis estavam arregalados quando avançou em sua direção e levantou os braços, abraçando o pescoço alvo com absoluta facilidade. — Vamos, se defenda!

Mas Sophie estava paralisada, a cor já branca havia se tornado ainda mais pálida e Brandon notou que a respiração feminina estava ofegante.

— Coloque suas mãos na boca de seu estômago e as levante entre meus braços, depois separe e chute. — A paciência não era uma das virtudes do irmão, entretanto Brandy via o quanto ele estava se esforçando. — Vamos, Sophie. — Ele continuou, apertando apenas um pouco mais as mãos que rodeavam o pescoço delicado.

Sophie respirou fundo e fez o que lhe havia sido pedido com tanta calma, sentindo o aperto se agravar lentamente, a garota impulsionou os braços de Brandon e pela primeira vez, diferente de Alex, ele não havia largado.

— Um agressor não vai soltar você facilmente. — Ele avisou, os olhos estavam cravados nos azuis e o estômago de Sophie revirou. — Ele não fez tudo que fez até ali a toa. Ele não vai hesitar, Sophie. Ele não vai largar. Você precisa ser mais forte que isso. Não precisa ficar com medo de me machucar, vá em frente e use toda sua força!

Mas ela não conseguia. Era incapaz. Estava tremendo dos pés à cabeça. O coração rugia dentro do peito e os olhos de Brandon lhe reduziam à uma pequena fagulha dentro de um incêndio.

— Mantenha o contato visual. — Foi ha ordem alta quando desviou os olhos dos dele e Sophie foi obrigada a encará-lo mais uma vez, os lábios se apertaram e os dentes rangiam quando fechou o punho.

— Me-me s-solte...

— Acha que ele vai soltar com um pedido? Se eu quisesse poderia te jogar longe agora. — Monroe estreitou os olhos quando viu o braço de Sophie recuar e ele se preparou para o soco que atingiu seu estômago.

Diante da musculatura rígida do homem, os dedos de Sophie se tornaram uma gelatina dolorida e ela recuou mais uma vez a mão, dessa vez balançando-a aflitamente.

No segundo seguinte, Brandy gargalhava alto e Monroe lhe soltava, preocupado.

— Se machucou?

— Sua barriga é dura, Monroe!

— Ahahaha! Sua barriga quebrou os dedos dela, Brandon! — Brandy estava rolando de rir.

— Não quebrei nada! — Ele vociferou, apreensivo, voltando-se para a loira. — Quebrei?

Ali, ele quase pôde ouvi-la, em uma de suas conversas, dizer que sempre procurou proteger os dedos de quaisquer fraturas que pudessem lhe impedir de tocar piano.

— Sophie, pelo amor de Deus, responda.

— Não quebrou! Foi como fechar a mão na porta do carro! — Ela o tranquilizou, mas quando voltou o rosto para a face preocupada do moreno, não podia evitar a ardência que lhe acometia os olhos.

— Não, não... Desculpe... — Abaixando-se, o homem ficou ma altura da loira e a mão enorme tocou a cabeça de fios loiros, a afagando levemente.

Sophie congelou e as risadas de Brandy cessaram imediatamente.

— Desculpe mesmo...

— Tá tudo bem... — Foi ha única coisa que conseguiu dizer, sentindo os dedos de Brandon se embrenharem entre as mechas de seus cabelos. — Já passou...

Mas ainda doía. Ela só queria que ele parasse de afagar sua cabeça porque aquilo era quase como uma injeção letal de morfina na veia.

(...)

A semana passou rápido. Acompanhou Brandy ao novo médico e ele era de certo mais gentil e explicativo. Era sexta-feira quando foi avisada e convidada para uma festa na casa dos Monroe. Seria no sábado e ela passou praticamente a noite inteira pensando se aquilo era certo ou não. A semana tinha passado num piscar

de olhos e tinha visto Brandon todos os dias, todas as noites. A companhia dele se tornava tão constante quanto a de Brandy.

E ela, secretamente, adorava aquilo.

No sábado, precisou reunir forças para dar aulas o dia todo e correr para casa com a amiga para tomar banho e se arrumar. A morena lhe havia ajudado na escolha do vestido e também usava um, preto, que combinava com os sapatos da mesma cor.

Já a loira optou por um vestido marinheiro azul marinho com listras brancas na horizontal e um sapato de boneca preto confortável. Os cabelos estavam presos em um coque despojado e ela se olhou no espelho, levemente desanimada com a aparência.

— Você tá linda. — Brandy pareceu ler seus pensamentos, se escorando ao batente da porta do banheiro e cruzando os braços em frente ao peito exatamente como o irmão fazia. — Alex chegou. Vamos descer?

— Vamos. — Ela borrifou o perfume no pescoço e saiu do banheiro.

— Sua presença já foi triplamente confirmada por um certo alguém, sabe. — A mais velha comentou conforme desciam as escadas.

— Brandy, para com isso... — Pediu, constrangida, descendo logo atrás da amiga e pelas janelas já era capaz de enxergar os faróis do BMW apontados para a casa.

A meia hora seguinte até o sobrado cujo nunca havia ido antes foi uma espera eterna, apesar de divertida. O ruivo e Brandy estavam se entendendo e eram dois piadistas, deixando o ambiente um pouco mais ameno dentro da aflição secreta que corroia as beiradas do estômago de Sophie.

Quando o carro parou em frente à casa, a loira percebeu que talvez não devesse ter vindo. Havia pessoas para todos os lados, era uma festa grande e aparentemente regada com muita música alta e bebida. Ela engoliu em seco.

Não se lembrava de ter pisado em um lugar assim antes.

Mas mesmo antes de sair do automóvel, ela o localizou.

Os braços cruzados em frente ao peito, e parado feito uma estátua em

frente à casa de esquina, ele fixou os olhos no carro e o seguiu até que parassem para então começar a andar em direção ao BMW de Alex.

Brandy saiu saltitante, seguida de Alex, e Sophie abriu a porta do carro com a mão tremendo. Ela não sabia se seria capaz de dar o passo seguinte vendo a quantidade de mulheres usando mini-vestidos ali.

— Heeey... — Brandon segurou a porta do carro e estendeu-lhe a mão. — Você veio.

— Não devia ter vindo... — Foi ha primeira coisa que saiu da boca feminina e os olhos verdes se arregalaram.

— Por quê?

— Eu... Nunca fui numa festa assim e... Essa... Esses...

— Sophie? — Monroe se abaixou e lhe encarou de perto.

— Essas pessoas não combinam comigo.

— Vamos embora então. — Ele deu de ombros, levantando-se. — Hey, Alex! Joga a chave!

Diante dos olhos azuis completamente arregalados, Alex jogou a chave para o amigo, que a pegou no ar e se voltou novamente para ela.

— Para onde quer ir?

— Ah...? — Chocada demais para qualquer outra reação que não fosse aquela. Brandon simplesmente evitou rir do rosto completamente vermelho que encarava naquele momento.

— Disse que não quer ficar aqui. Eu não vou obrigar você. Também não gosto de todo esse markenting. — A resposta simples lhe aliviou de alguma maneira, mas agora ela sabia que andava no meio de um tapete de fogo.

— Não pode ir embora. — Sussurrou. — A festa é sua. Eu fico.

— Não vai ficar se não quiser ficar, Sophie. E eu não dou a mínima para essa merda de festa. Brandy e Alex cuidam de tudo.

— Mas Brandon-

— Você gosta de comida japonesa?

— O que? — Ela engoliu em seco.

— Comida japonesa. Você gosta?

— É minha comida preferida...

— Então... Está com fome? — Ele sorriu, e as milhões de borboletas no estômago de Sophie começaram a voar.

— Eu vou me sentir mal se você largar sua própria festa. — Foi honesta e arrancou um suspiro do homem. — Já disse que fico.

— Tudo bem... Você fica o tempo que quiser.

— Combinado. — A loira sorriu, saindo do carro.

Indo na frente e vendo que Sophie havia mudado de ideia, Brandy segurou o braço de Alex e o puxou para perto.

— Vai e avisa pros imbecis não mexerem com a loira de vestido azul.

Alex olhou para trás e riu, concordando com a morena e seguindo na frente.

E andando lado a lado, Sophie e Brandon entraram em um pequeno e constrangedor silêncio.

— São bem curtos... — Ela sussurrou, vendo uma mulher estonteante cruzar o caminho de ambos com um vestidinho vermelho que cobria apenas o necessário para não ser crime.

— O calor vira uma desculpa. — Brandon respondeu. — É o tipo mais fácil de se ver por ai, concorda?

— Sim... **O tipo**. — Ela murmurou. — Você conhece toda essa gente?

— Eu conheço no máximo cinco ou seis pessoas... — Foi honesto.

— Deve ter umas duzentas pessoas aqui.

— Pois é. O empresário marcou a festa e chamou as pessoas.

— Entendi... Isso deve ser um pouco estranho.

— É um pé no saco. — O homem bufou. — Estou lutando pra cortar essas merdas...

— Se for bom pra sua carreira.

— Como isso pode possivelmente influenciar positivamente na minha carreira?

— Ou trocar de empresário... — Sophie riu da cara óbvia que ele fez.

— Essa é minha próxima meta.

E então ela se viu passando pelos portões abertos do sobrado amplo e as pessoas iam e vinham animadamente.

Ali, a hesitação se tornou clara e Sophie estancou perante a movimentação.

— Tudo bem... Vamos. — A mão grande circundou sua cintura e ele a encarou com um sorriso calmo, conduzindo a garota para dentro da festa. Sem qualquer reação, Sophie se deixou ser levada para dentro até que estivesse na sala lotada de pessoas que exalavam bebida alcoólica e cigarro.

Com aquele toque aparentemente capaz de queimar cem mil vezes mais do que o próprio fogo, ela foi guiada até a parte de trás da casa, entre muitos cumprimentos das pessoas ali para Brandon.

Ela só sentiu alívio quando viu Brandy e Alex se aproximarem.

— Mudou de ideia? — Brandy disse ao pé do ouvido enquanto abraçava a loira.

— Estou tentando... — Sussurrou.

— Não se preocupe. Apenas fique perto da gente e tudo vai dar certo.

— O que acontece se eu me afastar?

— Não, não é isso. — A morena riu. — Nada vai acontecer se a gente se afastar. Mas você vai ficar mais tranquila com Brandon e eu por perto, certo?

— C-certo...

— Por isso, Brandon. — Dessa vez, Brandy falava em alto e bom tom, encarando o irmão. — É melhor não sair de perto dela!

— Eu não vou sair. — O homem tinha uma das sobrancelhas levemente arqueadas em estranheza. Não queria trazer Sophie para perto pelo quadril de novo, como havia feito antes, porque percebeu o quanto aquilo tinha deixado a loira atordoada e constrangida.

Monroe via a relação que tinha com a mulher como uma semente... Ele só não sabia se ela ia florescer ou não. Tinha medo de estar completamente errado em relação à Sophie; como ela o via.

A meia hora seguinte foi passada entre risadas e conversa boa entre os quatro amigos. Nenhum dos quatro bebia ou fumava e pareciam os únicos sóbrios ali.

— É estranho parecer o intruso.

— Ok, nem fale, de onde veio essa gente toda? — Brandy praguejou, vendo um grupo de pessoas gritarem no quintal.

— Vamos apenas contratar uma empresa de limpeza profissional amanhã. — Alex tentou apaziguar os ânimos dos dois irmãos esquentadinhos.

— Sim. Isso. Ótima ideia. — Sophie havia parafusado um sorriso automático nos lábios e estava tentada a tocar o ombro de Brandon para tirar a atenção do homem do grupo de pessoas ao lado. — Viu? — Ela segurou levemente o tecido da camiseta preta e a puxou com delicadeza. Os olhos verdes se voltaram imediatamente para os azuis e a onda de calor subindo pelo corpo de Sophie a fez apertar o tecido um pouco mais antes de soltá-lo de vez. — Não se preocupe. Amanhã contratamos a limpeza.

— Devíamos botar esse pessoal para for-

— Brandy, cala essa boca. — Alex lhe fuzilou com o olhar.

— Mas ela tem razão. — Brandon retornou os olhos estreitos para as pessoas ao lado.

— Não, não... Gente. — Sophie puxou de novo a blusa masculina, dessa

vez forte o bastante para esticar o tecido completamente. — Não vamos fazer nada drástico, por favor, Monroe. — Foi um pedido trêmulo quando Monroe lhe encarou de novo.

— Não ia ser nada drástico. — Sibilou, tentando acalmar a vontade de chutar a bunda dos moleques que não sabiam se comportar. — Ia apenas pedir para eles saírem.

— Deixa,... — Sophie respirou fundo. — Eles estão bêbados. Não há argumentos contra isso.

— Ah, tenho um ótimo argumento para eles! — Brandy rugiu quando um vaso de flores foi derrubado e se estilhaçou no chão.

— Brandy! Para! Você-

— Você o que! — A morena se voltou para Alex que nem por um segundo hesitou, permanecendo com o aperto firme no braço feminino e os olhos cravados nos verdes de Brandy.

— Você vai estragar a festa de todo mundo!

— Não. — O irmão se intrometeu. — Fica ai Brandy, você ta grávida.

A mulher arregalou os olhos. Sophie fez o mesmo e Alex nem conseguiu respirar. Ele tinha falado tão naturalmente que agora já não era mais um assunto delicado para ninguém, apesar de ainda ser para todo mundo. E então, antes que se recuperassem do choque, Monroe foi até a bagunça no quintal da casa.

E andando calmamente em direção ao grupo em sua maioria masculina, mantinha a expressão impassível parafusada no rosto.

— Boa noite. — Ele se deixou notar, atraindo a atenção de um homem cheio de tatuagens. — Será que poderiam-

— Brandon Monroe em pessoa!

Ele não respondeu. O sujeito se levantou e a altura do ex-fuzileiro se tornou evidente, ao mesmo tempo em que mais três ou quatro pessoas pararam de fazer baderna para cruzar os braços atrás da figura do careca.

— Cara... Eu agradeceria se diminuíssem um pouco o volume. — Brandon mantinha as mãos pendendo aos lados do corpo.

— Ah claro, vamos diminuir o volume.

Sophie fechou os olhos.

Aquele caipira tatuado e bêbado queria problemas e ela reconhecia aquilo pelo olhar devastador que ele enviava à Monroe, juntamente com o sorriso sádico que parecia, por algum motivo, incentivar a turma atrás dele.

— Se quiserem continuar no mesmo tom é só ir lá pra fora. — Aconselhou, o timbre havia mudado e um calafrio percorreu a espinha da loira, que se agarrou à Brandy quando Alex começou a andar até lá.

— Calma. — Brandy abraçou a amiga. — Alex e meu irmão são dois tanques. Vamos pra outro lugar.

— Não! — Sophie a segurou. — E se precisarem de ajuda?

— Ah, claro, ai você vai lá ajudar... — Brandy a puxou de volta.

— Algum problema? — As mãos de Alex estavam abraçadas atrás das costas quando se aproximou do amigo, encarando o grupo de sete caras e duas garotas que lhes encaravam de volta.

— Nenhum. — O homem riu.

— Cara você vem na festa de vitória de um peso médio pesado pra arrumar confusão? — Alex não tinha muita paciência. — Tira a porra da sua galera daqui agora antes que saia numa merda de ambulância, seus otários do caralho! — O ruivo apontava para a saída, entre dentes e àquela altura era Brandy a não querer ir embora.

— Ou o carro do IML. — Brandon deu de ombros, o olhar cortante fazia o sorriso do outro morrer.

— E ai? Vai peitar ou vai peidar? — O ruivo deu um passo pra frente. — Seus bostas.

— Ei, ei! — Ali, todo mundo arregalou os olhos vendo a loira se desvencilhar da amiga para atravessar a distância até Brandon. — Por favor,

vamos todos parar com isso! Isso é uma festa não é? Vamos apenas nos di-divertir! Ninguém quer brigar aqui, tenho certeza, pessoal, va-vamos ape-

Mas as risadas que se seguiram fizeram os ombros já trêmulos de Sophie tremerem mais ainda.

— Quem traz a professora do jardim de infância pra uma festa dessa?

— P-por que você n-não é mais educado e se retira da festa? Está incomodando as pe-pessoas! E eu não sou professora de jardim de infância, sou pianista! E você está estragando a festa! Sua mãe não te ensinou mo-modos?

Brandon apenas permitiu que Sophie falasse, pois ela permanecia parada atrás dele, e sabia que nenhum golpe passaria por ali. Ele estava apenas esperando um motivo forte o suficiente para colocar aqueles imbecis para fora.

— Por que você não cala-

— AH! — Alex fez um claro sinal de pare com as mãos, e Brandy vendo tudo de longe quase foi capaz de começar a rir. — Não cara... Acho melhor não.

— Acha melhor não o quê? — Ele mostrou os dentes de ouro e Brandon suspirou.

— Acho melhor não falar mais nada e dar o fora. — Dessa vez, Brandon não esperou, ele puxou a cadeira onde o homem se sentava e o obrigou a ficar de pé, levantando a cadeira de madeira e a colocando ao lado de Sophie, voltou os orbes faiscantes para o grupo de penetras arruaceiros. — Fora. — A ordem dita entre dentes e o dois passos que o colocaram absurdamente próximo do mais baixo fizeram o mesmo hesitar, ainda sustentando a expressão raivosa.

— ‘Vambora... — Disse, chamando os amigos agora silenciosos e apenas um olhar foi necessário para que Alex os acompanhasse até o lado de fora.

— Tudo bem? — Foi ha primeira coisa que perguntou quando o grupo sumiu de vista, voltando a atenção para a loira. — Você foi muito corajosa...

— Preciso de um banheiro. — O estômago de Sophie revirava.

— Brandy, leva a Sophie no banheiro? Ela não parece bem... — O

homem a encarou preocupado, vendo a irmã se aproximar sustentando a mesma expressão.

— Tudo bem, Sophy? O que você tem? — A morena abraçou a amiga. — Pode deixar maninho. Vai estar aqui?

— Vou esperar Alex voltar, nos encontre aqui de novo. — Ele livrou os dedos dos antebraços de Sophie e observou a irmã ampará-la, sumindo de vista pela porta-varanda da sala.

Sophie tentava apaziguar a tremedeira e os batimentos cardíacos, sendo ajudada por Brandy a passar por toda aquela gente que nem percebera a quase briga que aconteceu no quintal e quando chegou à porta ao lado da cozinha, ela parou a morena.

— Pode deixar, eu vou sozinha. Estou bem. — Tranquilizou-a.

— Tem certeza? — A loira assentiu com a cabeça. — Vou esperar aqui fora.

— Certo.

Assim, entrou no banheiro, trancando a porta e abrindo a torneira que despejou água fria, Sophie levou as mãos debaixo do jato e as levou até a nuca, respirando fundo uma, duas, quinze vezes.

A única coisa repetida em looping na cabeça era “Eu não deveria ter vindo.”.

Do lado de fora, Brandy aguardava tranquilamente quando duas mãos lhe abraçaram por trás e ela se virou numa defesa imediata que cessou ao reconhecer Sarabeth como sua agressora. Abriu um sorriso e abraçou a ruiva.

— Beth, porra!

— Brandy, caralho! Como assim, dois anos!

— Dois anooooos! — As duas se abraçaram de novo.

— E ai, onde pego uma bebida? Tenho muita coisa pra te contar!

— Nem fala em bebida porque também tenho mil novidades!

Brandy se esqueceu completamente do que estava fazendo ali, parada em frente a porta do banheiro, e saiu com a amiga que não via há anos para a cozinha, em busca de uma bebida.

Os cinco minutos seguintes se passaram rapidamente até que Sophie abrisse a porta do banheiro e constatasse que Brandy não estava ali.

Seu coração disparou e ela percorreu os olhos por todos os lados sem reconhecer um único rosto.

Do lado de fora, Alex e Brandon seguiam pela saída observando o grupo que ainda causava confusão em frente aos carros estacionados e chegando à situação, Brandy juntamente com Sarabeth. Mas quando a morena bateu os olhos nas costas do irmão, ela se lembrou imediatamente.

— Merda! — Saiu correndo e deixou Sarabeth olhando com cara de boba.

Mas enquanto Brandy chegava ao banheiro Sophie alcançava o quintal e enquanto a mais alta corria pela sala para alcançar os fundos, Sophie voltava para o banheiro e checava a cozinha, assustada, rodeada por aquela gente toda e lembrando-se do que tinha acontecido a pouco, a loira viu o lance de escadas e não hesitou em subi-lo rapidamente, atingindo a primeira porta.

Agarrou a maçaneta tremendo, entrando em um ataque de pânico que não melhorou ao constatar que estava dentro do quarto de Brandon.

Ela sentiu a pressão baixar, amaldiçoando o próprio azar e se sentou na cama, fechando os olhos e respirando fundo.

No térreo da casa, Brandy atravessava a sala de novo até o lado de fora, onde encontrou o irmão caminhando de volta para dentro da casa.

— Ué? Cadê a Sophie? — Foi ha primeira pergunta.

— Então-

— Brandy. — A morena sentiu um calafrio na espinha quando ouviu aquele timbre de voz direcionado para ela. — Onde está a Sophie?

— Eu não sei... — Sussurrou e Alex tomou a frente, puxando Brandy diante dos olhos que começavam a flamejar do amigo.

— Vamos procurar. — O ruivo se adiantou.

— Onde você a viu por último? — Monroe puxou o braço da irmã. Ele estava chateado com ela e podia notar isso pela expressão gélida e o timbre ainda mais frio.

— No banheiro... Desculpe Brandon, Sarabeth apareceu e-

— Foda-se a Sarabeth, Brandy. Você foi uma péssima amiga com Sophie. — Ele foi seco, adiantando-se na frente e desaparecendo entre as pessoas.

— Relaxa, Brandy... Ele ta de cabeça quente. — Alex quis apaziguar a situação.

— Eu sei... E agora você sabe que eu to grávida.

— O que tem isso? — O homem arqueou as sobrancelhas.

— Nada. — Ela sorriu. — Vamos procurar a Sophie.

Mas os quinze minutos seguintes foram de absoluta angustia. Brandon já havia procurado em todos os cantos que a tinha levado. Tinha ido até o BMW e tentado ligar para a casa da loira, sem sucesso.

Ele estava começando a sentir um suor frio brotar no couro cabeludo quando olhou para a escadaria. Havia um descompasso cardíaco o incomodando de uma maneira que nunca antes incomodou. Ele não sabia exatamente o que era, mas beirava a angústia. Aquela fadiga que se tem quando tudo está fora de seu controle, longe de suas mãos, e você não é nada comparado à cascata de acontecimentos que chega sem parar.

Quando deu por si, saltava os degraus da escada até o segundo andar e girou a maçaneta do próprio quarto, abrindo a porta num solavanco.

Sophie estava no canto direito, quase ofuscada pelas sombras do quarto, encarando uma fotografia que repousava sobre a prateleira e diante daquele barulho todo, a loira simplesmente se encolheu, colando as costas na parede, ainda segurando o porta-retratos na mão trêmula.

Os olhos verdes varreram o quarto inteiro e quando localizaram a figura de Sophie parada no canto, ele não hesitou em atravessar o resto da distância até

o corpo franzino, puxando o punho delicado para circundar seu quadril e abraçá-la.

— Que susto, caramba... — O sussurro rouco bateu contra a nuca de fios loiros e ele a apertou um pouco mais.

Sophie estava congelada, ao mesmo tempo, cozinhando de dentro para fora. Cada fibra de seu corpo parecia estar reagindo intensamente àquele abraço. Sequer conseguia respirar. Sequer piscava.

Tudo que ela conseguia fazer era sentir as mãos de Brandon deslizando por suas costas com absoluta delicadeza.

A saliva desceu como uma navalha e simplesmente não houve uma fração de força capaz de afastá-lo. A única coisa rondando a mente de Sophie naquele momento era “Eu não devia mesmo ter vindo?”.

— Tudo bem...? — O homem sussurrou quando se afastou dela, brevemente, encarando-lhe preocupadamente. — Me desculpe pelo que Brandy fez.

— Eu já sou adulta. Ela não precisa ficar cuida-

— Eu estava contanto que cuidasse. Independente de já ser adulta, você nunca veio em um ambiente assim e não quero que tenha lembranças ruins... Fora as que já têm agora.

— Não tenho lembranças ruins. — Só conseguiu dizer aquilo já que Monroe estava absolutamente perto e a olhava de uma maneira difícil de combater. Ela só conseguia lembrar da maneira que ele a abraçara antes. Tão preocupado que chegou a se sentir culpada.

— Mesmo...?

— Obrigada por ter me achado... — O suspiro saiu tímido e as bochechas estavam vermelhas e torridamente quentes. — E desculpe por ter mexido nas suas coisas. — Ela colocou o porta-retratos de volta na prateleira e Brandon viu o quanto a pequena mão tremia.

— Pode mexer no que quiser. — Passou as mãos pelos cabelos e respirou profundamente, se afastando de vez da garota, que ainda parecia

surpresa pela resposta.

— Essa é sua mãe?

— Isso. O nome dela é Tessa. — Ele sorriu. — E essa é a Brandy. — Ele apontou para o neném de colo que a mãe segurava na foto.

Os olhos do Sophie brilharam.

— E esse?

— Meu pai. Blane. Ele era do exercito também, aeronáutica.

— Que legal! Ele pilotava?

— Sim. Caças de ataque... Mas isso foi ha muito tempo. — Brandon se referia à foto. — Essa foto foi tirada acho que uns... cinco ou seis anos antes de ele morrer numa colisão.

— Oh...

— Ah não se preocupe. — O homem deu de ombros. — Homens como meu pai veem muita honra nesse tipo de morte.

— Mesmo assim, é triste... — Ela sussurrou, baixando os olhos para as outras fotos onde todo tipo de cenário poderia ser visto. O exército, a família, as lutas, viagens. Risos.

— E você? — Não quis prolongar o assunto.

— Eu?

— Sua mãe... Seu pai...

— Eu não conheci meu pai. E minha mãe morreu para me ter. — A sentença foi dura, como uma marretada na nuca. — Fui criada pela minha avó, Juliet.

Monroe sentiu um sentimento bizarramente estranho, vendo-a murmurar aquelas palavras enquanto encarava fixamente a foto onde Tessa segurava uma quase recém-nascida Brandy nos braços.

— Eu nunca tive essas fotos.

— Bem, minha avó morreu antes de eu nascer. Não tenho fotos com ela também. — Sabia que não era o bastante, mas ele tentou amenizar.

— Pois é, as pessoas perdem o que precisam perder na vida...

— E também ganham o que precisam ganhar. — De repente, era a própria mão tocando o ombro alvo e delicado. — Sophie... Quer ir jantar... — As palavras escaparam pela boca masculina. — E parar de falar dessas coisas tristes?

— O que?

— Lembra, comida japonesa? Fica aberto até meia noite e tenho certeza que-

— A essa altura isso realmente cairia bem. — O interrompeu, o timbre urgente.

— Você quer dizer depois de ser chamada de professora de jardim de infância, passar mal e se perder numa festa de arromba?

— Sim. — A loira começou a gargalhar. — Professora de jardim de infância, hahaha!

— Você se parece mesmo com uma... — A voz de Brandon mudou para algo mais dócil e ele sorriu. Ali, Sophie teve certeza que viu algum brilho galante reluzindo nos olhos verdes. — Mas eu prefiro sua profissão real. Posso imaginar você tocando o piano que escutei esses últimos anos todas as tardes.

Ela arregalou os olhos e o ar sumiu dos pulmões.

— O que? — Engoliu em seco. — Você ouvia?

— Ouvia. Você toca muito bem.

— Brandon! — A ruiva que passou pela porta parecia apressada e aflita e a dupla voltou os olhos para ela, que parou de andar. — Brandon, a Brandy ta te chamando, para de ser safado e vamos.

— S-s-safado? — O fio de voz fez Sarabeth arquear as sobrancelhas.

— Será que poderia ser mais educada? — Ele pediu calmamente, mas os orbes já se estreitavam. — Essa é Sophie. Minha amiga. Diz pra minha irmã

que to saindo, Beth.

— Ok, ok, quando terminar ai com ela me avise. — Sarabeth deu de ombros e Brandon trincou os dentes.

— Ei! — A voz grossa ecoou pelo cômodo e congelou a ruiva onde ela estava. — Eu já pedi pra ser mais educada. Se soltar uma dessa de novo vamos ter outra conversa, Beth.

— Nossa Brandon, credo... — Com os olhos girando e se remoendo por dentro, Sarabeth olhou para Sophie antes de sair do quarto, deixando a dupla dentro de um silêncio constrangedor.

— O que ela quis dizer?

— Ela é chata. Insuportável. Barulhenta.

— Certo... — A loira engoliu em seco. — Mas o que ela quis dizer? Por que ela te chamou de safado? E... Como assim terminar aqui comigo?

O homem ficou constrangido, mas suspirou.

— Ela achou que a gente tava fazendo alguma coisa.

— Ahn? — Sophie tentava conter o calafrio percorrendo sua espinha.

— Esqueça. Sarabeth só fala merda. Vamos sair daqui, só tem gente louca nessa porcaria. — Ele foi na frente, abrindo a porta recém-fechada por uma insuportável Sarabeth, sendo seguido pela mulher até que atingissem o corredor da escadaria onde Brandy subia com Alex.

— Sophieee!! — A morena saiu correndo assim que viu a amiga, e a abraçou fortemente — Desculpe, desculpe, desculpe!

— Tu-tudo bem...

— A gente vai sair. — Brandon foi seco. — Cuida de tudo.

— Monroe, não precisa ficar bravo com a sua irmã... — Sophie se separou de Brandy e encarou o homem alto.

— Precisa sim, fui uma péssima amiga. — Brandy a abraçou de novo. — Desculpe!

— Ta desculpada. — Ela sorriu amenamente. — Não tem problema, mesmo...

— Isso nunca mais vai acontecer.

— Não mesmo. — Os olhos masculinos faiscavam. — Porque nunca mais vou deixar ela sob sua responsabilidade.

— Ei, e-e-eu não sou uma criança! — Sophie apontou. — E pa-pare de ser tão gro-grosso com ela! Brandy esta grávida, Monroe!

— É! Pare de ser grosso comigo *Monroe*, estou grávida! — A morena sorriu em pleno escárnio, frisando o sobrenome diante do olhar de raiva do irmão. — Babacão.

— Cala essa boc-

— Monroe!

— Tudo bem, pelo amor de Deus, vamos dar o fora daqui! — Ele estava fadigado. Tinham estragado uma noite que não havia sido nem um pouco planejada daquela maneira.

Mas quando deu por si, segurava o punho feminino, puxando-a pela rua em direção ao BMW.

— Parecemos fugitivos! — Sophie tentava se equilibrar nos saltos altos, sendo puxada pela mão forte, as bochechas estavam vermelhas e o corpo quente aquecia mais e mais.

— Coloque suas horas de corrida em prática!

— Então somos mesmo fugitivos? — Começou a rir quase descontroladamente quando Brandon a fitou com uma teatral cara de quem acabou de assaltar um banco.

— Encare como um escape da atual terrível realidade. — Deu de ombros, tirando a chave do carro de dentro do bolso e o desalarmando.

Só ali, perceberam o que estavam prestes a fazer.

Era tão parecido com um encontro que até poderia ter sido dito como um, mas nenhum dos dois tinha coragem o suficiente para dizer isso em voz

alta.

“Um escape da atual terrível realidade?” Passou pela mente feminina quando puxou a maçaneta da porta e a abriu, vendo Brandon fazer o mesmo.

E no milésimo seguinte lá estavam, sentados lado a lado em um carro fechado às onze e quarenta da noite em um sábado pleno de acontecimentos inusitados e aquele era um deles.

Quando o homem apertou o botão de ignição, o motor do carro rugiu e a música tocando no rádio era do Red Hot Chilli Papers “Aeroplane”, o que imediatamente atraiu a atenção da mulher.

— Adoro essa música! — Ela não conseguiu refrear a exclamação, vendo o moreno aumentar o volume com um sorriso tranquilo.

Sophie colocou o cinto de segurança cantarolando enquanto o carro dava ré para saírem de frente da casa movimentada.

— Será que Brandy vai ficar bem? — Ela ponderou depois de um tempo.

— Alex está lá. Acho que nem eu sou melhor. — Brandon deu de ombros, atingindo a avenida deserta.

O relógio no painel do carro lhe indicava que já era quase meia-noite e talvez fosse a primeira vez que ficou com Sophie até tão tarde. A presença de loira era absurdamente agradável. Nos momentos em que não estava com ela, passava pensando quando aconteceria.

Quando seria o momento que estaria cara a cara com a feição doce, com os olhos azuis cintilantes que secretamente gostava muito de encarar.

— Eles nunca ficaram juntos?

— Não. Mas se fosse pelo Alex já estariam casados. — Aquela afirmação fez Sophie corar.

— Caramba, casados? Ele gosta tanto dela assim? Eu não sabia.

— Ele gosta dela desde que tinha uns oito anos. — O moreno disparou uma risada tranquila. — A Brandy finge que não vê.

— E por que...?

— As pessoas tem o direito de não corresponder, certo? — Ele a encarou e por algum motivo, Sophie sentiu a quase obrigação de olhar de volta. — Apesar de às vezes parecer que eles foram feitos para ficarem juntos, Brandy deve ter algum motivo.

— Entendi... — A loira suspirou, voltando os grandes orbes para a paisagem passando em velocidade lá fora. — Sabe... Eu queria falar uma coisa, mudando de assunto.

— O que?

— Em uns dois meses, mais precisamente dia vinte e nove de abril... Eu vou ter um concerto em Kentucky e-

— Eu vou. — Ele a interrompeu, e os músculos da loira se enrijeceram terrivelmente. Ela não ia convidá-lo, mesmo desejando intensamente. A pergunta seria se poderia cuidar da casa enquanto viajava. — Você vai de avião?

— Acho que sim...

— Podemos ir de carro. — A sugestão foi solta no ar junto com o calafrio percorrendo a espinha feminina. Vendo pela visão periférica, o homem apertou os lábios. O descompasso cardíaco o acometia novamente. — Brandy e Alex vão junto. — Amenizou, tentando não transparecer que aquilo era o ponto decisivo do assunto.

— Po-podemos resolver isso quando Brandy e Alex ficarem sabendo...

— Quando a Brandy ficar sabendo ela vai te obrigar a ir de carro. — Ele avisou entre risos descompromissados.

— Você tem razão. — Sophie riu também, encarando-o desapercebidamente e o pensamento que passou pela mente foi que ele ficava realmente bem sorrindo. — Tudo bem... Se todos forem, vai ser legal ir de carro.

Apesar de querer perguntar “Então se fosse só comigo ia ser ruim?”, Brandon engoliu todas as palavras e apenas sorriu.

— Onde é que compro os ingressos?

— Não precisa. — Sophie disparou, ainda corada. — Eu consigo os ingressos para vocês.

— Não, não... Esse tipo de talento tem que ser valorizado, todos pagarão. — Foi o que disse, um pouco antes dos faróis do BMW baterem contra a fachada do restaurante.

— Fechado. — Sophie via a mesma coisa que ele. — Ahhh, você falou tanto da comida japonesa que fiquei mesmo com vontade. — A mulher confessou num tom baixo e Brandon precisou se esforçar para não apertar o volante.

— Quer voltar amanhã? — Disse, libertando a vontade de convidá-la enquanto manobrava o carro. — Dessa vez mais cedo. — O sorriso foi ameno diante do vermelho que se intensificava no rosto feminino.

— C-cla-claro... — Sequer conseguia respirar, quanto mais pronunciar uma palavra inteira de uma vez.

— Então... Temos um encontro amanhã. — O tom foi divertido apesar de os dois saberem que era a mais pura verdade.

— Bem, e-eu sou no-nova nisso...

Ali, ele não soube o que dizer. Era a primeira vez que Sophie iria à um encontro?

— Eu também. — Brandon deu de ombros.

— Também não precisa mentir... — O sussurro de Sophie fez o homem começar a gargalhar. Não podia mentir e dizer que a resposta da loira não o havia deixado absolutamente balançado.

— Não estou mentindo. Eu não luto pelo que não me interessa de verdade.

Os olhos azuis se arregalaram e ela sentiu vontade de pular do carro em movimento, tamanha a vergonha.

— Desculpe. — Brandon havia notado. — Não queria te deixar nervosa... — Ele respirou profundamente. — Só quero que saiba que... Minhas intenções não são ruins.

— E-eu... Eu sei... Me pegou de surpresa.

Ele não soube o que dizer, de novo. Vendo Sophie enrijecer ao seu lado, Brandon preferiu deixar o silêncio falar sozinho, o que não aconteceu já que o rádio terminou a canção que Sophie gostava para iniciar uma animada música que a garota imediatamente também reconheceu.

— Ah... — Ela não conseguiu evitar e Brandon tomou aquilo como um sinal para aumentar o volume do som.

A musica tocando era “Kids”, da banda MGMT, e apesar de não saber daquela informação, vê-la cantarolar a canção sem deixar a voz escapar era estranhamente hipnotizante.

Dava-lhe calafrios. Quase imensuráveis e dessa vez, Monroe não conseguiu evitar o aperto no volante. Uma maneira de neutralizar o nervosismo que aparentemente o tomava de assalto quando o assunto era Sophie Lanure.

— Sabe o que essa música me lembrou? — Ela foi corajosa e abaixou o volume do rádio com a ponta do dedo indicador.

— O que?

— Aquela foto de Tessa.

— Minha mãe? — O homem arqueou as sobrancelhas e a encarou por um breve segundo.

— Isso. Ela tinha um sorrisão e sua irmã nos braços. Em outra foto era você, pequeno, agarrado na perna dela. Vocês deviam dar muito trabalho... — A loira riu, tentando amenizar o silêncio entre eles.

— Éramos encapetados. Alex vivia em casa também. Minha mãe sempre fazia comida para mais um porque sabia que ele vinha, então basicamente criou três filhos e não dois.

— Como ela reagiu quando você disse sobre o exército?

— Ah, ela chorou. — Ele foi sincero, rindo pra quebrar o gelo. — Mas depois dizia para todos que o filho era fuzileiro.

— Acho que já estava acostumada por causa do seu pai.

— Sim, ela o conheceu nova. Sofreu muito quando meu pai foi pro campo... Mas depois dos primeiros meses, tudo voltou ao normal... — O moreno fixou os olhos na estrada, mas sua mente estava voando para o passado. — Por mais que meu pai não estivesse mais por perto todos os dias... Às vezes ele voltava de repente e nos surpreendia na escola ou em casa. — Um sorriso ameno surgiu nos lábios masculinos e indo para longe, num tempo que não voltaria jamais, Brandon não notou o olhar atento de Sophie sobre sua expressão, decorando cada milímetro de sentimento. — Uma vez foi na saída do colégio, eu tinha uns oito ou nove anos e Brandy uns cinco. Ela estava chorando porque era o dia do pai apresentar seu emprego e o nosso não foi. E ai ele apareceu na porta. Estava um calor infernal e a camiseta azul estava com aquelas poças de suor embaixo dos braços, mas mesmo assim Brandy o abraçou apertado. Eu também o abracei. É muito interessante como a vida passa né? — Ali, Monroe piscou e voltou os olhos para a loira, que ainda o encarava com a vista ardendo. — De repente, num piscar de olhos, as pessoas desaparecem. — Falar aquilo fez um nó se formar na garganta de ambos.

— Algumas pessoas são feitas para nos ensinar pra sempre, e outras para nos deixar ensinamentos. — Sophie sussurrou, sem jeito. — Eu acho que seu pai deixou muitos ensinamentos...

— Disso eu tenho certeza. — O homem parou o carro em frente à casa dela e dessa vez, lhe encarou. Um olhar tranquilo e verdadeiro que arrancou um calafrio de Sophie. — Agora só preciso descobrir quem vai ficar pra me ensinar para sempre.

— Muitas pessoas vão ficar. — Foi o que ela conseguiu responder, deixando todo o medo de lado. — Brandy, Alex, eu e-

— Você? — A cortou, quase sem controle, e a mulher arregalou os olhos, colando as costas na porta do carro, já parado em frente sua casa há algum tempo.

— N-n-não...? — Num fio de voz quase inaudível com a música de fundo, o coração de Brandon fraquejou terrivelmente.

— Eu realmente espero que sim. — Ele sorriu diante da feição avermelhada de Sophie. — Você é uma pessoa muito boa, Sophie.

— Você também é uma pessoa boa. E sua irmã nem se fala, Alex

também. Estou feliz por conhecer todo mundo. — Com o coração desenfreado, Sophie abriu a porta do BMW e pisou no chão sentindo o corpo mole feito gelatina.

Monroe saiu logo em seguida, alcançando-a rapidamente e a mão masculina abraçou o antebraço da garota.

— Esses saltos estão me matando. — Foi ha desculpa para o desequilíbrio e o homem apenas sorriu, acompanhando-a em direção aos degraus até a porta de entrada da casa de Sophie.

— Amanhã vai treinar? — Brandon indagou descompromissado.

— No mesmo horário. — A afirmação foi quase súbita, um pouco desafinada e se fosse sincero, era exatamente aquilo que o fisgava; A verdade em cada fração, cada respirar.

No exato segundo em que a soltou, Sophie deu o primeiro passo e subiu o início do lance de quatro degraus.

Mas a genuína vontade de olhar para trás fez a ponta do pé esquerdo bater na panturrilha direita e a próxima coisa que ouviu foi o pisar forte na madeira que rangeu alto, até que as mãos grandes lhe circundassem o quadril, tirando seu corpo em queda do chão e fazendo Sophie levitar em pleno ar. Nas mãos de Brandon, ela parecia uma boneca.

A única ação que conseguiu executar foi se agarrar aos ombros dele, num susto, até que o homem a colocasse no chão de novo.

Mas àquela altura, seu peito não parecia forte o suficiente para segurar a vibração dos batimentos cardíacos e a proximidade que colava seu peito ao dele foi distanciada apenas o bastante para que, dentro de um silêncio sepulcral e talvez até tendencioso, Monroe se abaixasse, o suficiente para alcançar os lábios femininos em um toque tão leve que não poderia ser comparado à estrondosa onda de energia que acometeu ambos.

O corpo inteiro de Sophie vibrou numa intensidade nunca antes experimentada e ela recuou tão rápido quanto perdeu o ar.

— Desculpe. — Monroe tirou as mãos da cintura feminina para percorrer os dedos pelos próprios cabelos nervosamente. — Eu... Fui longe

demais. Desculpe. Isso... Não vai mais acontecer.

Mas Sophie não conseguia dizer absolutamente nada. Sua boca estava latejando apesar de ter sido apenas um toque rápido e leve e ainda que alguns segundos já tivessem se passado desde que se separaram, seu corpo ainda queimava como uma fogueira ardente e o coração batia desesperado.

— Boa noite... — O ouviu dizer, mas não teve coragem de desviar o olhar do piso de madeira. Ela apenas conseguiu respirar quando o motor do BMW soou. Dentro dele, Brandon tentava não socar o volante. Não queria ter ido embora. Não queria ter abandonado Sophie daquele jeito.

Mas ela não lhe deixava alternativa.

Seu coração ainda estava cheio de freios e Brandon não conseguia mais evitar a vontade de tirá-los e quando chegou ao cruzamento de esquina, ele parou o carro e deu ré, manobrando de novo e voltando para a rua sem saída.

Quando bateu os faróis na fachada da casa, viu a figura de Sophie ainda parada ali.

Pela primeira vez na vida, sentiu vontade de arrancar o volante.

Brandon saltou para fora do carro e pulou os degraus até a porta de entrada.

— Eu não vou sair daqui até você estar dentro da sua casa. — Sibilou, levantando as mãos até que estivesse a centímetros de tocá-la.

— Desculpe... — A loira sussurrou. — Eu.. S-só estava r-respirando ar fresco...

— Já respirou o suficiente? Posso esperar. — Brandon venceu a vontade de tocá-la e enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu já vou entrar... — O rosto ainda estava fervendo.

— Sophie. — Foi um chamado claro e nítido como o dia, mas a mulher não conseguiu encará-lo. — Não é como se eu não quisesse ter feito aquilo. Eu quis. — Os pelos de Sophie Lanure se arrepiaram, um por um, ficando de pé como se tivesse sido eletrocutada. — Eu não me arrependo. Mas eu não quero forçar a barra... Vou seguir seu passo... Se você quiser.

— S... Se-seguir meu p-p-passo...?

— O que estou tentando dizer é que... Se você quiser... Eu espero. Eu espero o tempo que for. — Ele sorriu, mesmo que Sophie não o encarasse. — Não precisa responder. Nem faltar nos treinos. Eu queria ter sido mais paciente, mas não consegui... Desculpe.

— Tu-tudo bem... — Ela engoliu em seco. A mão trêmula puxou a chave da bolsa. — E-eu... Não vou faltar. — Ela abriu a porta e o encarou rapidamente. — Boa noite, Monroe.

Brandon respirou profundamente, vendo os olhos azuis cintilando no escuro.

— Tranque a porta. — Pediu, ainda sustentando um sorriso ameno. — Boa noite, Sophie... Até amanhã.

Mesmo que não fosse a intenção, os orbes observadores de Monroe captaram a curvatura da bochecha esquerda de Sophie, a que ela deixava a mostra, ocultando-se atrás da porta conforme a fechava.

O que ela estava tentando esconder...

Aquilo era um sorriso.

QUINTO CAPÍTULO

Ás seis da manhã da terça-feira, Sophie se olhava no espelho de casa. Ia se atrasar, mas não faltaria. O coração batia forte, mesmo que ainda não tivesse sequer pisado para fora de casa. Os tênis de corrida estavam apertados nos pés e a calça de moletom cinza balançava conforme ela dava leves pulinhos, encarando-se fixamente.

— Não é nada demais. — Disse para si mesma. — Apenas corra. — Respirou, uma, duas, e na terceira ela saiu do banheiro, correndo pelas escadas e fechando a porta, a mulher colocou a mochila nas costas e começou sua corrida pelos quilômetros que lhe separavam dos olhos verdes.

Não levou mais do que dez minutos para chegar à academia. O calor insuportável que vinha junto com as primeiras horas da manhã tinham resultado em um moletom cinza encharcado de suor nas costas e axilas.

Com o coração batendo em um ritmo quase desesperado, Sophie empurrou a porta de entrada e encarou a academia vazia como sempre naquele horário.

Assim que pisou ali dentro, a loira pôde ouvir. Foi imediato. O som de socos, o respirar, o impacto. E seu corpo já quente começou a ferver.

Com alguma relutância, rumou para os fundos do local, conforme os sons se tornavam mais evidentes e seu coração batia cada vez mais rápido. Não importava o quanto tentasse, simplesmente não conseguia tirar a sensação que

Monroe lhe havia trazido com aquele reles tocar de lábios e o simples fato de o pensamento lhe atingir o tempo todo como uma flechada fazia Sophie desejar não estar ali.

Ali para encarar o responsável por causar tudo aquilo.

— Atrasada.

A voz fez os ombros franzidos se encolherem conforme Sophie localizava Brandon no fundo da sala, batendo num boneco de treino. Engoliu em seco.

— Desculpe.

— Vamos começar? — O moreno parou de golpear para andar até ela. Suado e ofegante, Sophie parou pra pensar se era de propósito.

— Tu-tudo bem.

— Pronta para aumentarmos a quantidade de flexões?

— Aumentar? Mas eu mal consigo vinte!

— Então a partir de hoje você vai mal conseguir trinta. — Monroe sorriu.

Era como se tudo que tinha acontecido na noite anterior não passasse de um delírio na cabeça de Sophie. Ele agia tão naturalmente que, por um segundo, ponderou se tinha mesmo acontecido.

— Tudo bem? — Ela piscou diante da indagação. Havia um ar pairando ali e não era o costumeiro cheiro de manhã. Era o cheiro do perfume de Brandon e pela primeira vez se deu conta de que gostava mais daquele aroma do que de qualquer outro, e aquilo incluía bolo recém-saído do forno e terra molhada depois da chuva. Até chocolate, flores, ou frutas.

Não havia absolutamente nada mais extasiante.

O descompasso lhe tomou de assalto no instante seguinte, e ela ainda estava se dando conta do fato quando encarou as sobrancelhas arqueadas de Monroe e sua expressão que era quase uma pergunta dita sem palavras.

— Sophie? — Ali, os olhos verdes estavam fincados nos seus e eles

mais pareciam duas bigornas capazes de lhe tornarem o ser mais pesado da terra.

A loira percebeu que nem querendo conseguiria se mover com ele tão perto.

— E-estou bem. — Limpando a garganta ou pelo menos tentando fazê-lo

— Se gaguejar de novo é melhor ir para casa. — A voz séria puxou Sophie de volta para a realidade. — E é melhor olhar para mim. Aqui em cima.

Brandon apontou para os olhos e a loira apertou os lábios em pura apreensão.

Se ele apenas soubesse.

— Vamos começar. — Ela sibilou, com firmeza, por mais que os ossos tremessem. Não conseguia se mover, ainda sim, jogou-se no chão e começou a fazer as flexões diante dos olhos desgraçadamente fixados em si de um silencioso Brandon.

Quando notou, meia hora depois, o sangue estava quente e já estavam no rinque. Os punhos desnudos cortavam o ar em socos bem direcionados que lhe exigiam força de vontade. Absoluta e extrema força de vontade e autocontrole.

O suor pingava pelo queixo e o coração batia rápido. Podia escutá-lo batendo dentro da caixa torácica, assim como a respiração, varando seus tímpanos como verdadeiras flechas. Os orbes captavam os punhos de Monroe avançando lentamente em sua direção, afiando seus reflexos. As investidas tornavam-se cansativas depois de dez minutos.

Sophie entreabriu os lábios, ofegante, e Brandon engoliu em seco, vendo o moletom que ela usava começar a ficar completamente encharcado de suor. Mesmo assim, não tirava a veste para usar uma blusa mais leve. Continuava usando o tecido cada vez mais pesado, que alentava seus movimentos e tornava o treino três vezes mais cansativo.

Com os fios loiros começando a escapar do coque apertado, a mulher sentia o corpo inteiro começar a latejar. Um formigamento fervente que significava exaustão.

Brandon agia como se nada tivesse acontecido e o fato lhe incomodava de maneira absurda. Estava se esforçando para não transparecer, mas o nervosismo e o cansaço estavam lhe subindo à cabeça. No instante em que piscou, livrando-se da gota salgada que rolava por seus cílios direitos, ela ouviu.

— Rasteira!

Mas os reflexos não foram suficientes e Sophie viu a queda lhe atingir de forma certeira. Seus calcanhares deslizarem sobre o tatame depois de um chute na panturrilha.

Mas o punho foi segurado e puxado com tanta força que o baque arrancou o ar de seus pulmões e ela só teve tempo de arregalar os olhos, com a outra mão forte lhe segurando o quadril com firmeza.

A verdade é que Brandon não esperava a queda tão desengonçada que foi desencadeada por sua simples, ingênua e já tão bem treinada rasteira. E havia avisado. A culpa não era sua por agora estar com o corpo colado ao dela, com seu braço esquerdo ainda sendo puxado para cima.

Sophie mantinha os orbes azuis cintilando na direção da expressão perplexa de Monroe. O silêncio os devorou conforme a distância se tornava algo cada vez mais apavorante. Eram incapazes, mesmo que ofegantes e levemente cansados, completamente incapazes de se moverem. Congelados, presos unicamente por um persistente olhar, de novo, com bocas separadas por poucos centímetros.

Mas ele pulou como um gato assustado quando ouviu o estrondo próximo e a risada de Alex. Afastou Sophie com o coração explodindo no peito, vendo a garota simplesmente despencar no chão, ofegante.

— Eu vou voltar mais tarde.

— Brandooon! — Era a voz de Brandy soando no cômodo amplo e dentro do ringue, os olhos verdes se fecharam.

Sophie estava jogada no tatame, tentando respirar e colocar a cabeça no prumo correto.

No segundo seguinte, antes de sequer conseguir piscar as pálpebras suadas, a música explodiu dentro da academia, o que não era habitual tão cedo.

Era uma música agitada, pop, dançante, que de certa maneira, quebrou o clima e fez Sophie sentar no tatame.

— Pode explicar que porra é essa? — O homem indagou, vendo a irmã subir no ringue.

— Isso é workout! E VOCÊ TA FORA!

— O que? — Ele arregalou os olhos. — Você ta grávida!

— E você não é ignorante, sabe que grávidas podem malhar!

— Isso é loucura. — Alex levantava os braços. — Não aprovo essa porra.

— Cala essa boca, por favor?

— Tudo bem. — Brandon ponderou, já que ela estava animada e a música começava a fazer Sophie sorrir. — Se não for se esfor-

— Beleza! — A morena saltou para dentro do ringue e fez o queixo do ruivo parado de canto cair. Alex não a via há muito tempo e não fazia ideia de que naquele tempo, Brandy havia trabalhado o corpo quase tanto quanto ele, era uma lutadora quase perfeita para sua categoria e conhecida por saltos altíssimos. Ele precisou desviar os olhos do corpo feminino cheio de curvas e voltar-se para o boneco de treino que tratou de apaziguar os instintos.

E vendo isso, o observador Brandon apenas sorriu, e dois pares de olhos verdes se encontraram para Brandy piscar para o irmão divertidamente, conforme o via pular do ringue.

— Vou deixar as coisas com você. Volto depois! — E com um sorriso enigmático, o homem acenou para a loira que acenou de volta, ainda sem entender.

As duas garotas viram Alex e Monroe saírem da academia conversando como se nada demais tivesse acontecido e por todos os infernos Sophie não ouviu nada graças à música.

— Você deve estar se perguntando “que porra foi essa?” — Brandy sentou ao lado da loira, que corou imediatamente.

— Não nessas palavras.

— Vamos passar esse resto de treino juntas porque o Brandon vai resolver umas coisinhas.

— Coisinhas? — Os orbes azuis cintilaram em curiosidade. — Por que parece tão maldosa? — Ela apertou as pálpebras.

— Não é nada maldoso, sua boba. — Brandy riu. — Ele foi até aquele restaurante japonês ter certeza sobre a reserva porque, segundo Brandon, “a atendente não parecia inteligente”. — Ela usou as aspas no ar e Sophie teve que rir de novo, surpresa e levemente corada.

— Então... Isso... Isso tudo foi programado?

— Achou que ele ia simplesmente deixar Alex voltar a cuidar de você?

— O que está insinuando, Brandy?

— Eu não estou insinuando nada. — A morena levantou os braços, rendida. — E por que está tão vermelha?

— O que?

— Parece um pimentão... — Os olhos verdes se estreitaram diante da feição adquirindo um tom ainda mais vibrante.

— É o treino! — Sophie disparou nervosamente.

— É o treino... Ou o treinador?

— Brandy!

— Eu sei a diferença de um rubor e outro, Sophie... E-

— Monroe me beijou ontem ha noite... — A loira sussurrou, abaixando o olhar para o tatame enquanto a música alta vibrava no cômodo. — E quase nos beijamos de novo agora há pouco, quando você chegou...

— O que? — Brandy perdeu imediatamente o tom brincalhão e a face ficou séria.

— Na fr-frente de c-casa...

— Meu Deus! — A mulher gritou, perplexa e ao mesmo tempo, querendo sair pulando. — Isso... Isso é muito legal, Sophie! Você gostou?

— Eu nem sei... O que pensar... Meu coração parou e... e... E-eu me es-esquivei...

— Aiii!! — O gritinho histérico de Brandy, de certa forma, suavizou a sensação de Sophie e ela sorriu amenamente. — Sophie e Brandon sentados numa árvoreee!

— Brandy, para com isso!

— Você não gostou? É fácil responder.

— Eu sei que é, mas-

— Sophie, responde! Porque seu coração parou?

— Eu, eu...

— Você?

— Eu gostei sim... Eu gostei, Brandy... Meu Deus, eu gostei muito... Foi quase como morrer, mas uma morte boa... Eu fiquei... — Ela se pegou gesticulando, sem gaguejar e olhando para amiga com ares desesperados e simplesmente parou. — Eu fiquei sem nenhuma reação... E ele disse que não ia mais acontecer... E...

— E agora...? — Brandy estava sorrindo abertamente e de novo Sophie não sabia como encará-la sem ter vontade de sair correndo.

— O que t-tem ago-agora?

— Vou te contar um segredo. Não vai falar pro Brandon que eu falei.

— O que?

— Semana que vem, na quarta-feira dia vinte e sete, é o aniversário dele. Ele odeia aniversário. Não comemora desde os doze anos.

Sophie ficou sem palavras, momentaneamente, mas engoliu em seco e respirou fundo.

— Por que não?

— Ele disse que nunca teve bons motivos para se comemorar a velhice. Felicitar a morte, pra quê?

— Oh... — Ela ficou surpresa e de novo, se viu sem saber o que dizer, mas o sorriso da amiga dizia que a coisa não acabava ali.

— Então Sophie...

— O que? — Mordeu os lábios, o coração batendo descompassado.

— Quer ser o bom motivo?

— O bom... Motivo? — O sussurro escapou embargado e tenso.

Mas Brandy apenas sorriu.

(...)

— Não, não, definitivamente não, pode trocar. — A morena balançava a cabeça negativamente, sentada na cama de casal de Sophie enquanto a amiga suspirava cansada, indo novamente para o banheiro e voltando com um novo vestido, dessa vez branco e florido.

— É um encontro. De noite. Sophie... — A pontuação na frase foi claramente um aviso para ela parar de escolher vestidos tão inocentes.

De saco cheio, Brandy levantou da cama e abriu as portas do armário grande. Os olhos foram rápidos em achar, no canto direito aparentemente empoeirado, um cabide com alguns vestidos pretos, prontamente jogados em cima da cama.

— Aqui. — Ela puxou um deles. — E sapatos, tem vermelho?

— Vermelho?

— Qual é o seu número?

— Eu tenho! — Um pouco assustada com a pressa de Brandy, Sophie abriu a outra porta do móvel, revelando uma invejável coleção de sapatos.

— Caralho! — Imediatamente a morena se abaixou, pegando o par de

saltos vermelhos e elegantes que ficariam perfeitos com o vestido.

— Mas isso não vai cair bem...

— Sophie, está calor, o restaurante é chique e esse vestido não tem absolutamente nada demais, agora os sapatos... Esses sapatos são lindos pra caralho! Vai, vai! Experimenta. — Empurrando-a em direção ao banheiro com o vestido nos braços, Brandy sentou de novo, esperando alguns minutos até que a loira surgisse, estonteante.

— Ficou lindo, meu irmão vai-

— Brandy! — Sophie berrou. — Caramba!

Uma hora depois, Sophie estava sozinha em casa. Já eram quase nove da noite e o aroma de seu perfume adocicado pairava pela sala, conforme o som dos saltos altos batendo contra o piso de madeira transformava a espera em um sapateado lento. De um lado para o outro, nervosamente, ela aguardou, e o coração que batia forte deu um salto quando os faróis batendo na frente da casa do lado de fora iluminaram a sala através das frestas das cortinas.

Sophie fechou os olhos, aflita.

Era um encontro. Um encontro com Brandon Monroe e ele estava em sua porta agora. Desde a noite passada não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a sensação que aquele homem lhe trazia. Sua simples presença fazia um furacão surgir dentro da alma. E ela era completamente incapaz de lidar com aquilo. Com a absoluta fraqueza que lhe engolia quando ele estava por perto.

O corpo inteiro tremeu ao toque da campainha e a loira contou até dez, vagarosamente, esforçando-se para não cair ali mesmo no meio da sala.

Deu início aos passos curtos e hesitantes até a porta e ela girou a maçaneta para se deparar com a figura alta do homem de olhos verdes.

Por um segundo, tudo que conseguiu fazer foi encará-la, tentando não devorar a figura franzina dos pés a cabeça, Brandon cravou os olhos nos dela e se manteve ali.

Sem estender o punho e usando um vestido preto, ela era perfeitamente capaz de nocauteá-lo.

— Oi...

— Você... — Ele passou o dedo pela gola da camisa, mesmo que ela já estivesse levemente afrouxada. — Você está... Diferente...

— Di-di-diferente? F-Foi a B-Brandy que e-escolheu! — Da vergonha de Sophie, Brandon apenas riu gostosamente.

— Brandy tem bom gosto... Você ficou... De tirar o fôlego.

— Se-será que dá pr-pra parar...

— Desculpe... — Ele continuou rindo. — Vamos? — A mão grande foi estendida na direção da mulher, que ainda sentia os joelhos tremendo como vara verde.

O sorriso confiante que Monroe enviava pareceu um sinal. Um sinal bom o bastante para que, cheia de vergonha e com vontade de esconder o rosto, Sophie segurasse sua mão.

Por um curto segundo, ambos dividiram um sorriso muito parecido.

— Que carro é esse? — Ela não conseguiu evitar ao vislumbrar o automóvel. Uma caminhonete 4x4 preta.

— Meu carro. — Brandon respondeu normalmente. — Não uso muito.

— Notei. — Sophie ria, vendo-o abrir a porta e ajudá-la a entrar no carro. Nervosa, abraçou as próprias mãos quando o moreno bateu a porta e rodeou o carro.

— O cinto. — Foi ha primeira coisa que Brandon pediu ao entrar no automóvel e viu a loira corar, puxando o cinto de segurança em frente ao peito conforme ele fazia o mesmo. — Então, preparada para devorar um barco inteiro de sushi?

— Eu nem almocei hoje... — Ela confessou, provocando um riso tranquilo do homem.

— Eu também não. Vamos dar prejuízo pro restaurante.

— Não quero ficar gorda...

— Você gorda?

— Como vou tocar piano?

— Você nunca vai ficar gorda, Sophie, não por uma rodada de sushi.

— Não é bem uma rodada, e estamos indo pra um lugar super—

— Não se preocupa com essas coisas... Estamos nos divertindo. — As palavras de certa forma provocaram uma estranha paralisia em Sophie. Ela não queria estragar tudo. Não queria estragar o momento. E aquela paralisia mental durou até se ver sentada numa mesa, com um sorriso abobalhado no rosto e Brandon parecia rir também. Por algum motivo, as respostas até ali haviam sido completamente automáticas, tomadas por nervosismo extremo que só pareceu clarear ali. Naquele exato momento.

— Qual é a sua cor favorita? — Imediatamente, se arrependeu de tal pergunta estúpida. Os olhos verdes lhe encararam com alguma estranheza, mas ele continuou com o sorriso tranquilo na boca.

— Verde. E a sua? — Mas o coração falhou uma batida quando notou que ele não tinha rido nem feito piada de sua indagação boba.

— Azul...

— Algum motivo em especial?

— É a cor do céu. E do mar. De todas as coisas infinitas.

— É a cor dos seus olhos também... — Da maneira que ele falou, parecia até que era capaz de nadar dentro dos enormes e profundos orbes azul turquesa.

— Eles não são infinitos. — Foi o que conseguiu dizer.

— Parecem quando eu olho. — Monroe deu de ombros. Ele sequer se deu conta da maneira como aquela frase atingiu Sophie. — Tipo aquela ilusão de ótica, sabe?

— E-eu... Não sabia que causava essa impressão...

— Não é uma impressão...

Sophie engoliu em seco.

— Os s-seus... Também... — Ainda mais baixo, o sussurro fez o coração de Brandon se apertar levemente. — São muito... Bonitos.

— Porque está tão nervosa? — O homem sorriu. Por mais nervoso que estivesse em ter Sophie ali falando sobre a beleza de seus olhos, ele queria demonstrar alguma tranquilidade e confiança em si mesmo.

— Eu n-n-n-n-a-na-na-na-

— Ahahahahahha! — Riu de boca cheia, jogando os hashis na mesa e tentando tirar a imagem daquela mulher maravilhosa gaguejando da cabeça.

— Brandon!

— Também estou nervoso... — Os orbes azuis se arregalaram e ela o encarou fixamente. — Mas a gente não devia ficar.

— Eu sei. — A resposta foi vaga. De repente, estava perdida naquela singela sensação de compreensão. — É que... Eu nunca... Fiz isso antes.

— O que? — Não teve outro jeito. Ele simplesmente reagiu.

— Um encontro... — Tentando ser clara em poucas palavras, a loira não sabia se ia conseguir continuar consciente.

— Ah... E o quê que tem? — Mas teve de se controlar para não engolir em seco bem ali, subitamente com o nervosismo triplicado. — Tem sempre uma primeira vez pra tudo... E bem... Fico feliz de ter tido a honra. — O sorriso ameno foi como uma onda de tranquilidade para Sophie, mas ainda sim, as mãos continuavam tremendo fortemente.

— Ansiosa pro concerto? — Ele mudou de assunto e ela precisou suspirar aliviada.

— Muito... O teatro é grande e o piano... — Com a voz sumindo, engoliu em seco de novo.

— O que tem o piano...?

— Bem... O piano é um Grand Piano Model D... Eu nunca tive a oportunidade de sequer tocar em um... Deve custar no mínimo cem mil dólares.

— Caramba...

— Sim, caramba... Meu sonho é ter esse piano em casa... — A mulher confessou num tom baixo. — Mas só de poder tocá-lo no concerto vai ser uma honra...

— Quanto custou aquele seu piano?

— Bem, custou dez anos de dinheiro juntado em aulas comunitárias e servindo mesas. — Rindo, Sophie notou que as mãos já não tremiam tanto e agora jaziam sobre a mesa. — Vinte e oito mil dólares.

— É o preço de um ótimo carro. — Surpreso. Surpreso com a maneira que ela falava, como gostava de sua voz e entonação, de seus gestos pequenos e doces.

— Entendeu porque não tenho um carro?

— Sim. — Monroe começou a rir, e Sophie riu também. — Às vezes essas são as escolhas que nos fazem crescer.

— O piano foi a coisa que mais me fez crescer na vida. Quando eu era criança minha avó dizia que eu fazia qualquer coisa pra tocar, e não tínhamos um piano. Então eu passava as horas tentando convencê-la a me levar no shopping... Onde tinha uma loja de instrumentos musicais e nessa loja tinha um piano Yamaha simples, mas lindo, e eu passava um bom tempo lá, irritando os vendedores que com o passar do tempo resolveram me ajudar.

— Isso é incrível... — Brandon estava mais do que impressionado. Ele estava admirado. — Aprendeu a tocar numa loja de instrumentos musicais?

— Haviam partituras pra vender por lá também.

— Temos uma pequena gênio aqui, então?

— Não sou uma gênio, bobo... — A risada foi de constrangimento, mas Brandon sabia que ela já estava bem mais tranquila.

Quando deu por si, percebeu que o tinha chamado de bobo e no milésimo seguinte, a mão masculina cobria a sua. Foi como se todo o restaurante e sua natural badalação simplesmente desaparecessem e seu corpo se tornou um carvão em brasa, fumegando da maneira mais intensa.

Petrificada e os olhos de Brandon se cravaram ao seus.

— Quer que eu solte? — Ele murmurou. A atenção completamente voltada para a expressão feminina.

— N...N-n-não... — Os olhos se fecharam momentaneamente. Não conseguia respirar. O coração ia explodir e a mão de Brandon sobre a sua parecia mais pesada do que qualquer outra coisa que já lhe havia tocado.

— Com licença. — Brandon não quebrou o contato físico quando o garçom chegou, por mais que tenha sentido a nítida vontade de Sophie em fazê-lo. O atendente colocou o barco de madeira repleto de peças de sushis, sashimis, nigiris, e mais uma porção de tipos que fizeram os olhos de Sophie brilharem.

— Isso é lindo. — Teve de admitir. — Obrigada.

— Obrigado. — Brandon também agradeceu o garçom.

— Bom apetite.

Eles apenas esperaram a figura se afastar para puxarem os hashis.

— Como é que dizem? — Ela perguntou, lembrava-se de ter visto em algum lugar.

— Itadakimasu. — Ele estendeu o sushi preso no hashi e Sophie fez o mesmo, com um sorriso divertido.

— Isso! Itadakimaaaasu! — A loira colocou o sushi na boca e fechou os olhos, mastigando e degustando do delicioso sabor.

— Delicioso... — Mas Brandon olhava diretamente para a expressão feminina de puro prazer.

— É delicioso! — Concordou, notando que haviam distanciado as mãos e nem tinha percebido. — Foi mesmo a melhor escolha.

— Que bom que gostou. — Ainda de boca cheia, o homem sorriu divertidamente. — Sabe que os japoneses não comem isso com tanta frequência, certo? Lá é bem caro e eles preferem outras coisas.

— Deve ser enjoativo comer isso o tempo todo. Nada como um bom filé de carne.

— Comendo sushi e desejando um filé de carne? — Brandon brincou e

ela fez um bico, com um pouco de molho tarê manchando a boca. — Tem molho na sua boca.

O aviso foi um gatilho para que Monroe precisasse ver a expressão envergonhada de Sophie enquanto o ato intuitivo de passar a língua pelos lábios ocasionava um verdadeiro furacão dentro do lutador.

— E agora?

— Sumiu. — A voz saiu rouca e ele precisou colocar outro pedaço de peixe na boca para abafar a respiração alta.

— E ainda estou no segundo... — Sophie sussurrou. As bochechas coradas estavam quentes como uma febre súbita.

— Precisa de um babador?

— Idi... — Parou ali, notando que estava prestes a xingá-lo. — Quase me fez ofendê-lo, viu?

— Desculpe... — Os orbes caíram para a mão esquerda ali, parada em cima da mesa como se dissesse “me toque de novo”, e com absoluta segurança, o homem fez o que seus instintos lhe ordenaram. Ele abraçou a mão livre enquanto ela escolhia uma das peças no barco e a loira parou por um segundo ao sentir o toque, levemente congelada e com o coração disparado no peito.

Sophie respirou profundamente.

Gostava daquela sensação. Ela superava o nervosismo e o medo de tudo dar errado. O sentimento que a mão dele sobre a sua trazia ia além de qualquer medo e possivel insegurança.

— Está desculpado... — Com o calor subindo pelo corpo como um termômetro prestes a explodir, tentou sorrir.

E ele não sabia a soma exata... Mas sabia que aquilo estava se tornando grande. Enorme. Um império crescendo dentro de si e o par de olhos azuis começava a se tornar uma espécie de ponto de paz que, uma vez ultrapassado... Seria simplesmente impossível voltar atrás.

E eles realmente comeram todas as peças da comida japonesa colocada no barco, e riram e continuaram conversando sobre todo tipo de assunto, com as

mãos que em certos momentos pareciam obrigadas a se separar, mas acabavam unas novamente em um toque gentil sobre o peito da mão feminina.

Quando deu por si, estava caminhando ao lado do homem, para fora do restaurante, entre risadas enquanto Monroe guardava a carteira e ria da maneira como o garçom lhe havia pedido um autografo ao trazer a conta.

Exatamente como ao entrar, os saltos afundaram nas pedrinhas brancas do caminho e a única diferença foi ha mão forte segurando seu antebraço lhe ajudando a retomar o equilíbrio. Sophie parou de rir por puro nervosismo quando Brandon sorriu amenamente, escorrendo os dedos até que estivessem se entrelaçando aos seus.

— Sabe o que eu estava pensando...? — Desconversando para tirar a atenção daquela absolutamente nova aproximação, encarou a caminhonete parada à pelo menos vinte passos de onde estavam.

— O que?

— Quer ir na luta?

— Que luta? Já decidiram? — Ela estava surpresa já que o homem tinha acabado de voltar de uma vitória.

— Já. Vai ser seis dias depois do seu concerto... Em Miami.

— Miami? — De novo, a voz de Sophie parecia repleta de choque.

— A comissão vai pagar as passagens e hotel... E mesmo que não pagasse eu pagaria se quisesse ir, afinal é um convite. — Brandon explicou, a mão abraçava a pequena da loira e ele sentia que se empenhasse um pouco mais de força poderia quebrá-la com facilidade. Sophie era muito delicada e gostava de cada fração da mulher, o bastante para ter certeza de nunca usar uma força além da adequada.

— Eu não sou rica, mas esse não é problema. Minhas aulas são-

— Vai ser num domingo.

— Oh. — Como não havia chegado nessa conclusão antes, acabavam-se ali as desculpas para negar. — Nesse caso... Eu vou sim.

— Falando sério? — Ali, ele pressionou delicadamente a mão da mulher, atraindo os olhos azuis em sua direção.

— Se não for incomodar.

— Eu realmente queria muito que você dissesse sim, Sophie... Nunca vai me incomodar. — O homem sussurrou francamente, sustentando um sorriso naturalmente galante que fez o corpo de Sophie tremer por inteiro.

— Vai ser como na última vez? — A indagação veio junto com o alarme do carro soando.

— Como assim? — Brandon abriu a porta do passageiro e deu a volta para subir no banco do motorista.

— Vai... sumir? — Sophie disse quando o viu entrar no carro.

— Ah, isso... Bem, eu também não concordo com essa distância, por isso... — Ali, a pausa foi quase o suficiente para causar um ataque cardíaco na mulher. Ela só queria ser boa. — Se você for, pode ir aos treinos... E não precisarei ficar dez dias... Sem ver você.

— N-não... Se... Incomode... — Ela estava sem fôlego e ele não tinha nem ligado o carro ainda. — Você tem q-que se co-concentrar...

— Me concentrar pensando no que raios você está fazendo no Tennessee?

— Monroe... — Sophie respirou profundamente. — Não diga como se tivesse... — Mas não conseguiu terminar a frase graças aos olhos verdes cravados aos seus.

— Como se eu tivesse o que...? — Ele sussurrou de volta. A voz rouca levantou cada pelo do corpo esguio. — Sentido sua falta?

A loira engoliu em seco, congelada.

— Mas eu senti... — Brandon não a esperou responder. — E você sabe disso...

— E-e-eu a-assisti a luta n-naquele dia... — Gaguejando e quase engasgando no próprio ar, tudo que ela queria era um pouco de calma. O silêncio

do carro agora parecia uma câmara de gás.

— Acha que eu nocautearia o cara tão rápido se não estivesse contando com isso? — Foi uma pergunta que Sophie não fazia ideia se era retórica ou não. — Mas da próxima vez... Eu quero que você esteja ao alcance dos meus olhos...

— Nem sei... O que dizer... — Foi franca, o peito vibrando com os batimentos fortes.

— Diga que vai.

— Tudo bem... — Os dentes morderam o lábio inferior com alguma aflição e aquilo fez o estômago de Brandon fervilhar. — Eu vou mesmo... E... — Ela respirou fundo. — Nada...

— O que? — O homem arqueou as sobrancelhas sem conseguir desmanchar o sorriso.

— Posso... Mesmo... A-a-a-a-assistir... Os...

— Treinos? — Ele completou a frase e Sophie concordou silenciosamente. — Onde eu estiver... Quero que esteja junto. — Foi absolutamente perturbador vê-lo segurar o volante e cortar a distância que os separava com tanta rapidez que Sophie sequer conseguiu piscar.

Ao dar por si, a testa estava colada ao do homem e eles se encaravam de tão perto que talvez Brandon fosse capaz de sentir o calor que a pele feminina emanava.

— Você é importante pra mim... — A voz de Monroe saiu baixa, e séria. Uma rouquidão que tirou a alma de Sophie de seu corpo físico. Não havia uma sombra de dúvida no olhar daquele homem e ela era sã o bastante para ter plena consciência daquilo. — Está se tornando cada vez mais importante... Por isso me diga agora se estou indo no caminho errado. Se não é isso que você quer...

— I-i-isso...? — A expressão de completo choque era impossível de ser mascarada. Com a ponta de seu nariz roçando contra o dele e sua respiração batendo quente contra seu rosto pálido.

— Namorar comigo. — Brandon foi direto e as duas palavras saindo por sua boca estavam em brasa. — É isso que você quer...? Ou estou entendendo

errado?

Sophie estava se perguntando o que diabos tinha deixado entender. Seria o jantar, o beijo, ou a centena de outras pequenas coisas que vinham surgindo desde o início como uma verdadeira cascata incontrolável?

— Se você estiver na dúvida sobre o que eu penso... — Continuou firme, encarando-a olho no olho. — Quero que seja minha namorada.

Mas os orbes azuis estavam ardendo. Flamejando como se o molho de pimenta mais potente do Tennessee tivesse sido jogado diretamente contra as retinas. Sophie piscou para libertar as lágrimas frutos de seu nato nervosismo. O coração batia num desespero descontrolado e as mãos se apertavam no colo enquanto sequer conseguia mover o rosto tão próximo ao do homem que havia sido o único, em vinte e cinco anos, a conseguir a façanha de disparar seu coração daquela forma.

Monroe era diferente de todo o resto do mundo inteiro. Ele era único num cenário de centenas de milhões. O único que não era um borrão. O único que arrancava a alma de seu corpo e fazia cada pelo ficar de pé.

— Brandon... — O murmúrio trêmulo tirou o equilíbrio do homem alto, arrebatou sua calma por completo e o fez trincar silenciosamente os dentes. Era a primeira vez que ela o chamava assim e tinha certeza que de alguma maneira...

Aquilo era um sim.

Um sim tão doce e gentil que parecia uma música.

A forma que ela dizia seu nome num timbre baixo soava como as teclas do piano que os dedos delicados ministravam com perfeição. O coração de Brandon estava descompassado como nunca antes e a mão presa ao volante pressionou o couro com força quando fechou os olhos, diante dos arregalados de Sophie.

Ele tocou a boca feminina num roçar leve e gentil, tão amoroso que Sophie sentiu o corpo inteiro derreter. Ela não sabia mais o que estava acontecendo ao seu redor, onde estava agora ou onde estava antes. Ela só sabia que a barba por fazer de Brandon roçando em seu queixo e os lábios do homem pressionados contra o seus lhe traziam uma sensação incomparável à qualquer outra que já tinha sentido na vida.

E por saber o que estava em jogo, Brandon separou suas bocas mantendo o contato ameno e inocente que ela parecia necessitar para ganhar confiança. Ele a viu abrir os olhos devagar, ainda lacrimejantes, e espalmou a mão na bochecha alva para arrancar-lhe a lágrima grossa escorrendo.

— Não quero assustar você. Fiquei pensando no melhor jeito de me aproximar e acho que o melhor jeito é esse... Sendo sincero... Sei que você é tímida... E sei que mesmo não te conhecendo tão bem assim consigo respostas dos seus olhos... Por isso... Me diga se eu estiver indo rápido demais... — O homem sorriu, roçando seus lábios mais uma vez nos da garota que tinha o queixo trêmulo. Leve e doce como antes, Brandon não intensificou o toque, foi apenas um leve beijo antes de se voltar mais uma vez para ela. — Quer ir tomar sorvete?

— O... — Sophie arregalou os olhos. — O que...?

— Sorvete. Quer ir tomar?

— Que-quero! — Ela não esperava parecer tão animada, mas a exclamação fez Brandon sorrir abertamente.

— Sabe aquela sorveteria de esquina com a locadora no centro? — A indagação foi feita como se os lábios de Sophie ainda não latejassem. — Eles dizem que quem comer a taça master ganha um urso de pelúcia gigante. Vamos tentar? — O olhar direcionado a loira foi divertido e tranquilizante.

— Esta tentando me engordar...? — Tímida, mas já era um progresso falar todas as palavras sem gaguejar.

— Estou tentando ganhar o ursinho para te dar. — Brandon foi franco, dando de ombros. — E tomar sorvete... Mas principalmente...

— N-não quero ir... — A súbita coragem fez o homem lhe encarar surpreso. — ...para casa... E não me importo com o ursinho... Só... — Ela completou para o total alívio masculino. — Quero... Ficar... Um pouco mais com você...

Perplexo e extasiado, o homem que mantinha agora o corpo ereto e pronto para ligar a caminhonete precisou se curvar novamente.

Brandon a beijou de novo, ainda mais doce que da primeira ou segunda

vez, e ele parecia anestesiado pelo fato de que agora já podia fazer aquilo.

Já podia beijar a boca de Sophie.

— Eu também quero ficar mais tempo com você. — E dizer coisas como aquela. Tão naturalmente quanto as batidas descompassadas fazendo seu coração parecer defeituoso. — E é tão bom poder dizer isso em voz alta. — Confessou. — Achei que eu fosse levar um pé na bunda... — A risada foi um soco que quebrou o gelo de Sophie e ela sorriu também, corada.

— N-não ia c-chutar sua bunda. Eu... Gosto... — Precisou limpar a garganta para continuar, diante dos olhos verdes cravados nos seus. — Eu gosto de você, Monroe...

Foi como ter paz depois de décadas de guerra, e Brandon sorriu.

— Eu também gosto de você... Bastante. — O homem sorriu, apertando o volante. — E como espera que eu não beije você de novo agora...?

— Não... Espero... — Ela não tinha nenhum ar nos pulmões quando Brandon, surpreso com a resposta, a beijou de novo.

— Que dia é hoje mesmo...? — Foi há pergunta ao se separarem.

— Eu não sei... — Sophie ainda estava presa no beijo anterior; se perguntassem, ela não saberia dizer nem qual era o próprio nome. — Por que...

— Porque hoje é o dia em que começamos a namorar... — Levado pela onda de prazer que os olhos dela cintilando em sua direção causaram, Monroe não hesitou em beijar os lábios doces mais uma vez. Sophie não recuou. Ela deixou que ele tocasse sua boca, pensando que se seus beijos inocentes eram tão avassaladores, provavelmente não sobreviveria à algo mais intenso.

Mas Sophie estava errada.

Só não sabia disso ainda.

SEXTO CAPÍTULO

Abriu os olhos com o telefone tocando. Ela pulou da cama e agarrou o aparelho no criado mudo.

— Sophie Lanure falando.

— É assim que atende quando mal sabe que dia é hoje?

— Eu acabei de acordar... — Ela choramingou e Brandon riu do outro lado da linha, sequer imaginando que Sophie sabia sim, muito bem, que dia era.

27/02/2015.

O dia do aniversário de Brandon.

— Bom dia, Sophie... Já percebeu o calor infernal?

— Como não notar... — Coçando os olhos, Sophie vislumbrou o ar-condicionado ainda ligado para amenizar o mormaço.

— Vamos num parque aquático? — A pergunta lhe fez sentar na cama, o coração já havia readquirido o compasso apressado.

— Um pa-pa-pa-pa-

— Pa-pa-parque aquático. — Ele a imitou rindo. — Vamos? Um treino diferente.

— Não me imite... — Pediu, fingindo uma ameaça. — E... Pode ser.

— Estou passando pra te buscar... Tomamos café juntos e vamos.

Se fosse sincera, Sophie nem conseguia acreditar.

— Isso é um sonho...? — Sussurrou contra o telefone.

— Não... — Ele falou sério. — Eu estou bem acordado... E você?

— Não tenho certeza...

— Acho que se eu disser que estou chegando na sua porta você acorda. — Ali, a loira pulou da cama.

— O que? — Ela quase gritou.

— Estou dobrando a esquina...

— Brandon! Vou me arrumar!

— Certo... — Ele riu. — Ate daqui a pouco.

Ambos desligaram com sorrisos nos lábios e Sophie saiu correndo em busca de algo que substituísse as roupas de banho que ela simplesmente nunca comprou.

Tomou um banho rápido e prendeu o cabelo numa trança despojada. Colocou uma calcinha e sutiã pretos e por cima destes uma regata preta e um shorts jeans não muito curto.

Ela estava calçando o all-star azul marinho quando a campainha tocou e de repente, corria com os cadarços desamarrados e o coração acelerado pelas escadas, tropicando para chegar à porta de entrada onde uma profunda respiração foi dada antes que abrisse a porta.

Do outro lado, aguardando ansiosamente, estava Brandon Monroe, um marmanjo de um metro e oitenta e cinco centímetros de altura e quase cem quilos. Ele mal passava ereto pelo batente da porta de Sophie e quando a folha de madeira se abriu, a única coisa que lhe restou fazer foi sorrir.

— Bom d-

A palavra sumiu ao encará-lo, com uma regata branca e shorts preto abaixo dos joelhos. Os tênis eram praticamente iguais aos seus. Ele estava absolutamente... Bonito. Nunca tinha visto as tatuagens de perto e agora elas estavam ali, quase que completamente visíveis.

— Bom dia... — O moreno lhe mediu rapidamente apenas para constatar que ela ficava linda com roupas casuais. Sophie quase sempre usava roupas largas ou que cobriam a maior parte do corpo e o shorts jeans acabou deixando os quadris acentuados e as pernas brancas a mostra. Monroe precisou se esforçar para não manter os olhos por lá, viajando pelo corpo curvilíneo.

— Q-quer entrar...? Eu só preciso pegar minha bolsa.

— Tudo bem. — A loira estava prestes a sair correndo quando a mão forte circundou seu pulso e a obrigou a parar. Voltou-se para o homem com um semblante de dúvida. — Vai subir as escadas?

— V-vou... P-por que...?

— Por quê? — Os olhos verdes se estreitaram conforme arqueava as sobrancelhas. — Quero te levar em um parque aquático, não pro hospital. — E dito isso, para a completa surpresa e perplexidade de Sophie, Brandon se abaixou e amarrou os cadarços corretamente, em dois laços perfeitos. — Pronto, pode ir.

— O... Ob-brigada... — Com o rosto vermelho e dentes cravados nos lábios inferiores, ela teve de se virar e sair correndo porque não conseguia ficar mais um segundo ali. O simples vislumbre da feição masculina levava seus olhos aos lábios que lhe vinham beijando há três dias. Beijos leves que não passavam de selinhos e ela simplesmente se derretia pelo fato de ele ser tão paciente e gentil e de que apesar dos chiliques e surtos de Brandy, não cedia à pressão.

Agarrou a bolsa em cima da cama ao chegar ao quarto e deu a si mesma uma última chance de se olhar no espelho. Não usava maquiagem alguma e os cabelos presos deixavam os traços delicados de Sophie ainda mais marcantes.

Tentando controlar o sorriso divertido e em uma secreta felicidade, a loira desceu a escadaria e notou ser acompanhada por um par de olhos verdes intensos e observadores.

— Pronta?

— Sim! Vamos.

— Pensei em tomarmos café da manhã no Hulian’s, é perto.

— Eu adoro aquele lugar! — Brandon não conseguia esconder o quanto a maneira empolgada que ela falava lhe atingia em cheio. — As rosquinhas são de matar! — Sophie continuou, ambos caminhando para fora já da casa.

— Eu pensei exatamente nisso... — Ele comentou, lembrando sobre ela ter falado antes de adorar as tais rosquinhas. — De lá pegamos o sol da manhã por causa da sua pele e depois te deixo em casa de novo pra ir dar aula...

— Parece perfeito! — Sorrindo abertamente, Sophie pensava sobre o fato que Brandon sequer fazia ideia de que ela não daria aula hoje. Mas ele só não fazia ideia porque tinha uma irmã que adorava surpresas e uma namorada que gostava de surpreender.

Trancou a porta e num piscar de olhos sua mão já se entrelaçava a dele. Era algo natural, depois de três dias de encontros rotineiros e beijos doces.

Estava se apaixonando... E o simples pensamento fazia o coração explodir, com uma revoada de pássaros dançando no estômago.

Tomaram um café cheio de risadas e rumaram para o parque aquático, mas a cada quilometro o nervosismo feminino crescia e crescia.

— Faz uns dez anos que não vou num lugar desses... — Confessou, se preparando para as risadas, mas elas não vieram e os olhos azuis encararam o semblante tranquilo do homem que dirigia ao seu lado.

— Eu também. Faz mais, na verdade. A última vez que nadei foi num resgate no oceano pacífico.

— Isso não conta. Não foi divertido. — Sempre que Brandon tocava naquele assunto, ela ficava mais surpresa, e claro, podia imaginá-lo perfeitamente nadando nas águas revoltas do oceano para salvar alguém.

— Não foi mesmo... Mas eu não estava ali pra me divertir. Estávamos resgatando dois companheiros de um avião que tinha caído e já eram quase duas da manhã.

— Minha nossa... — Não conseguiu conter a surpresa. — Estava frio? — Dessa vez Brandon riu.

— Está preocupada com isso? — Ele tentava omitir o quanto tinha achado aquilo fofo e Brandon não era o tipo de cara que já tinha achado algo fofo antes.

— Claro que sim, e se pega um resfriado? — Ali as risadas se agravaram.

— Ser comido por tubarões, me afogar, ter hipotermia ou morrer com uma cãibra corporal...? — Foi irônico e Sophie fez um bico.

— Isso tudo também... — Mas a verdade é que ela sequer tinha a completa visão de todos os perigos que Brandon já tinha corrido por aquele mundo. — Fico aliviada...

— Aliviada? — Parou de rir, embicando no estacionamento do parque.

— Que você não faz mais isso...

— Um fuzileiro não é ex-fuzileiro nem depois de morto, Sophie. — Ele foi claro. — Um dia posso ser chamado de novo.

— O que? — Os olhos azuis se arregalaram.

— Se uma guerra estourar posso ser chamado de novo. — Brandon reafirmou num suspiro. — E eu não gosto desse assunto. Nenhuma guerra vai estourar. — Foi uma frase sólida que serviu para ambos.

— Tem razão... — Sophie também precisou de um segundo para respirar e tirar o assunto da cabeça. Não havia quase ninguém no parque naquele horário e aparentemente era diversão garantida.

— Ei... — Parecendo ler seus pensamentos, o homem parou o carro na vaga e se voltou para a loira, afagando a bochecha rosada da face subitamente triste. — Ta vendo por que não gosto desse assunto? Não fica triste... Isso tudo é besteira e provavelmente nunca vai acontecer.

— Provavelmente... — Sussurrou, mas o queixo começou a tremer e Brandon sentiu o coração falhar uma batida, avançando para beijar os lábios trêmulos.

— Para com isso... — Murmurou de volta, a boca ainda roçando na dela. — Está se preocupando à toa.

— Desculpe... De repente... Imaginei coisas ruins... — A voz de Sophie soou baixa, e os lábios roçando aos do homem fizeram um calafrio percorrer o corpo de Brandon a ponto de ele ter que controlar a vibração muscular causada por palavras tão simples.

— Não imagina nada. — Dessa vez, afastou-se dela e segurou suas bochechas com as mãos espalmadas, fixando os orbes aos azuis lacrimejantes. — Vamos aproveitar o dia.

Ela sabia que aquele era o dia do aniversário dele. Onde faria trinta e um anos de idade e segundo a irmã, a data não era comemorada há um década ou mais... Mas naquele dia... Era como se secretamente...

Brandon só quisesse se divertir, com o único motivo que lhe dava

alguma satisfação em acordar todos os dias e existir. E o motivo de repente era ela; Sophie Lanure estava se tornando grande dentro de si. Aquela era a verdade, e mesmo que ela não soubesse que aquele dia era o dia de seu aniversário, seria apenas um dia comum aos olhos dele também.

Mais um dia comum ao lado dela.

Eles entraram no parque de mãos dadas, mudando o assunto para algo menos deprimente e quando notaram, estavam colocando as bolsas com toalhas e utensílios em cima da mesa redonda branca ao lado da piscina que não havia sequer uma alma viva.

— Será que é muito funda? — Sophie encarava a piscina fixamente.

— Antes de qualquer coisa, aqui. — Quando se virou para encará-lo, Brandon segurava o pote de protetor solar, despejando um pouco na ponta dos dedos. Congelada ali, Sophie deixou que o homem passasse o protetor solar em seu rosto, delicadamente, circundando o pescoço e ombros e pegando um pouco mais para passar nos braços femininos. — Pronto.

Ela engoliu em seco, na beira da piscina que cogitava ser ou não funda. Aquecida com o fato de que ele se importava mais com sua pele do que ela mesma.

— Eu não sei nadar muito bem...

— Não seja por isso. — A frase foi dita num tom divertido, mas Brandon segurou a mão feminina e a puxou para dentro da água. Ambos caíram na piscina e apesar de Sophie estar um pouco assustada, as mãos fortes circundando seus quadris lhe asseguraram de que não se afogaria na piscina que não dava pé.

— Eu vou me vingar... — Avisou, segurando-se nos ombros grandes.

— Eu acreditaria se fosse qualquer outra pessoa falando... — Brandon balançou a cabeça para tirar o excesso de água e beijou a boca de Sophie sem aviso, num encontro rápido e casual de lábios cujo ela sabia precisar se acostumar, mas toda vez parecia ter sido atingida por um trem. E a sensação era ainda mais intensa ali, dentro d’água.

— Por que... Você entrou de roupa?

— Porque você também entrou. — Foi ha resposta direta. — Não quero te deixar sem jeito.

— Eu não entrei. Fui jogada. — Ela fez um bico que provocou risadas. — Mas entendi... Obrigada...

— Mas se quiser, eu posso ti-

— Não! Não precisa... Seu bobo...

— Estou aqui pensando o que acontece se eu te soltar agora... — Monroe estreitou os olhos, pensativo, a barba por fazer acumulava gotículas cristalinas.

— Não me solte...

— Você disse que não sabia nadar muito bem... Ou não sabia nadar nada?

— E-eu disse que n-não sabia nadar muito bem... M-mas na verdade não s-sei mesmo nadar. Na-nadica de nada...

— Sabe prender a respiração debaixo da água?

— Brandon...

— Quer aprender ou não?

— Não posso usar boinhas?

— Você não tinha dito que não era mais criança? — As sobrancelhas masculinas se arquearam desafiadoramente.

— Eu disse, mas-

— Sem “mas”... — Apesar de sério, não havia uma dureza rude na voz de Monroe. — Vou te ensinar a nadar. Confia pelo menos um pouco em mim?

— Eu confio. — Foi ha resposta, sem pestanejar, que arrancou um calafrio forte da espinha masculina.

— Então segura minhas mãos... — O pedido gentil foi imediatamente atendido e as mãos delicadas deslizaram pelos braços de Brandon ate que suas

mãos segurassem firmemente as dela. — Se você elevar seu corpo e bater as pernas, vai ver que vai conseguir se manter... Quer tentar?

— Po-pode ser... — Sussurrou, levantando o corpo embaixo d'água para começar a mover as pernas fortemente, espirrando um pouco de água, mas também criando uma força capaz de trazer seu corpo para ainda mais próximo do de Brandon.

A meia hora seguinte foi produtiva e agora ele já a esperava no fim da piscina.

— Você não está remando, Sophie! — O aviso alto foi suficiente para que a loira recuperasse o ar e reiterasse as braçadas fortes que a lavaram ainda mais rápido até onde o homem esperava, com um sorriso cada vez mais evidente estampado nos lábios.

O coração de Sophie batia forte. Ele era um bom professor; entendia tudo que Brandon dizia com perfeição e era bom poder confiar plenamente nos braços estendidos em sua direção.

Ao chegar no fim da piscina e ter os quadris abraçados pelos braços fortes, exausta, mas tentando não transparecer, ela pensou que nunca, nunca tinha confiado em alguém assim antes. Antes daqueles olhos verdes tão intensos que poderia mergulhar neles com absoluta facilidade. Sophie só não sabia se uma vez lá dentro, conseguiria sair.

Não sabia se uma vez lá dentro, ia *querer* sair.

— Você ta melhorando muito rápido! — A exclamação do moreno soou ao mesmo tempo em que firmava as mãos nos quadris femininos e a retirava da água, sentando a loira na borda da piscina antes de fazer o mesmo. Por um momento, Brandon encarou a face rosada. — Está tentando não parecer ofegante? Vai desmaiar.

Então Sophie soltou o ar e ofegou, cansada, o coração ainda batia disparado e não conseguiu controlar a cabeça pendendo até que recostasse no ombro forte.

— Tudo bem? — Ele a circundou delicadamente, trazendo a figura franzina para mais perto ainda e mal sabia Monroe que era exatamente aquele o motivo que não deixava Sophie voltar a respirar direito.

— Sou uma sedentária...

— Você corre dois quilômetros por dia há um bom tempo. Não é sedentária.

— Corro dois quilômetros e não consigo nadar uma piscina.

— Não seja exagerada. — O homem riu, afagando os cabelos molhados e tirando as mechas loiras que ainda estavam levemente grudadas nas bochechas avermelhadas da pianista.

— Não estou sendo... — Foi uma resposta levemente emburrada. — Mas vou melhorar. Eu sei que vou.

— Eu também sei que você vai... — Quando Monroe viu, sua voz tinha saído rouca e complacente como se estivesse sussurrando no ouvido de Sophie e ele a sentiu tremer, acolhida em seu abraço carinhoso. — E fica linda assim...

— O que? — Ela estancou. Os olhos se arregalaram e a face queimou.

— Disse que fica linda assim... Obstinada.

Mas quando Sophie ousou encará-lo, Brandon tomou seus lábios mais uma vez, dessa vez, um selinho demorado que arrancou o ar dos pulmões femininos enquanto a mão firme se espalmava em sua bochecha.

Era tão perfeito que parecia até um sonho, e ela sorriu no meio daquele beijo ameno, ainda que intenso, com vontade de dizer à Brandon algumas palavras entaladas na garganta.

(...)

— Então... Tudo que eu preciso fazer é ligar? — A voz era temerosa, com os olhos enormes de Brandy lhe fitando em genuíno entusiasmo.

— Sim! E dizer para ele vir nos buscar. Que estou passando mal.

— Brandy, Monroe vai pegar o carro e sair desvairado... — Ela ponderou hesitante. — E se ele se envolver em algum acidente? Você não vai se perdoar.

— Escuta Sophie, eu conheço meu irmão, e eu sei que ele é capaz de pilotar com maestria até a porra de um tanque nessas condições.

— Não fala assim...

— Todo mundo já ta aqui. Você já esta aqui, só ele não e vo-

— Tudo bem! — A loira exclamou um pouco nervosa. O celular na mão trêmula foi encarado como uma arma e ela apertou o botãozinho verde com o coração preso na goela. — Se der errado a culpa é sua...

— Tá, tá! — As mãos de Brandy abanavam o ar descompromissadamente quando viu a amiga colocar o celular contra a orelha, tirando os fios loiros do caminho e aguardando com uma expressão ansiosa.

— Alô? — Sophie ficou absolutamente gelada quando a voz de Monroe soou do outro lado da linha.

— Mo... Monroe...

— O que está acontecendo? — Ele imediatamente notou o nervosismo na voz feminina e a própria entonação se tornou a personificação de um homem aflito do outro lado da linha.

— Sua irm—

— O que tem Brandy? — Brandon a cortou e Sophie encarou Brandy com um olhar pesado de culpa. — Onde estão?

— Ela e-está pa-passando mal... — Cuspiu as palavras. — Estamos no Dylan’s, mas não se-

Entretanto a ligação ficou muda e Sophie encarou o aparelho com um semblante que beirava o choro.

— Que foi?

— A ligação... Caiu... — Brandy começou a rir maleficamente diante da afirmação vaga.

— Huhuhu. Ele deve estar vindo correndo para cá.

— Brandy!

— Pessoal! Quinze minutos e o Brandon vai chegar! Silêncio total! Judy, banda ao meu sinal heim!

— Tudo bem!

— Ei, ei cheguei! — As duas olharam para a ruiva que vinha correndo.

— Você conseguiu vir de Chicago? — Sem graça, a irmã de Brandon deixou um sorriso automático escapar. Ela sabia das intenções de Sarabeth, mas também tinha certeza que preferia Sophie.

A escolha era a mesma com Brandon.

— Eu viria até da Rússia!

— Deixa eu te apresentar! — Brandy praticamente a cortou, nervosa. Que merda Beth estava falando com os olhos fincados em Sophie? — Essa é a Sophie.

— A garota da festa, certo? — Ela estendeu a mão forte em direção à loira.

— Certo. Mu-muito prazer. — Sophie a cumprimentou, sentindo a mão doer no aperto forte que Sarabeth propositalmente desferiu.

— Sua amiga? — A ruiva indagou fingindo um perfeito sorriso enquanto esmagava a mão de Sophie.

— Minha amiga. E namorada do Brandon.

— Namorada do Brandon? — Os olhos de Sarabeth ficaram arregalados e ela simplesmente perdeu, por um breve instante, toda a compostura, fechando ainda mais o aperto na mão da outra menina que estava prestes a deixar um gemido de dor escapar pela boca. Beth apenas continuou sorrindo, como um golpe silencioso, esmagando sua mão tão forte que Sophie apertou um dos olhos, refreando a expressão de dor.

— Pois é. — A irmã do homem que não estava presente continuou. — Há alguns dias, né Sophie?

— Sim... — Foi ha resposta seca, num fio de voz.

A simples menção de “namorada do Brandon” fez com que o aperto se intensificasse e Sophie não se lembrava de ter sentido uma dor tão aguda como aquela, muito embora as dores das cólicas menstruais fossem terrivelmente

dolorosas.

Os olhos lagrimejaram e os desviou da mulher, não entendendo o motivo da agressão proposital. Sarabeth soltou a mão pequena e Sophie imediatamente a puxou. Tentava controlar a vontade de olhar para a própria mão, pensando no que diabos ainda fazia ali, parada. Ela tinha certeza que o dedão tinha sido deslocado e a dor começava a tomar todo o pulso e braço, mas antes que pudesse colocar os olhos na fratura, a porta de abriu de uma vez e a exclamação "SURPRESA!" tomou conta do lugar.

Brandy imediatamente saiu correndo em direção à porta, sustendo um brilho intenso nos olhos e um sorriso orgulhoso parafusado nos lábios.

Os olhos claros encararam a cena sem ao menos conseguir respirar direito com a dor no dedo e o braço todo latejando. Brandon passou pela porta e parou por uns instantes; o rosto contraído em preocupação mudou para uma expressão de nítida incredulidade.

Ficou imóvel ao ver os amigos reunidos naquele bar e nem conseguiu se mexer quando Brandy pulou no pescoço dele num abraço apertado que ficou ainda mais sufocante quando Sarabeth o abraçou também.

A intenção da loira era fazer o mesmo e poder abraçar o namorado, além de pedir desculpas pela pequena mentira que foi praticamente forçada a contar para ele, mas não conseguia se mexer; o estômago revirava com a dor subindo pelo braço e se apoderando do ombro, e a boca ficou seca, como se não tomasse água há dias. Precisou se sentar na cadeira mais próxima e criou coragem para olhar o estrago que Beth havia feito. Por um segundo, a aflição que sentiu por ver o dedo deslocado foi pior do que a dor e fechou os olhos com força, com duas pequenas lágrimas escorrendo pelo rosto delicado.

Sophie respirou fundo uma, duas, três vezes, mas não queria ter que olhar novamente para o desastre feito em sua mão por um aperto forte e um sorriso falso.

— Feliz aniversário, merdinha! — Brandy falava com Brandon, animada.

— O que aconteceu, você está bem? — O irmão perguntou, ignorando o 'merdinha' e voltando os olhos para a mais nova. Os pés ainda cimentados no chão.

— Claro que estou, era só para te atrair pra cá. — Ela riu alto com a cara que ele fez, mandando-a à merda com um olhar sínico.

— Brandon, feliz aniversário! Nem acredito que estou aqui! — Foi ha vez de Sarabeth lhe abraçar, de novo, mais apertado do que deveria.

— Vocês armaram tudo isso. — Monroe estreitou os olhos e Brandy deu de ombros, com um largo sorriso para o irmão. Ela sabia que ele tinha gostado e secretamente estava tentando manter a pose firme. E era verdade, passando as mãos pelos cabelos, Brandon tentou ficar sério, não querendo admitir que não desconfiara de nada. Por fim, o sorriso escapou dos lábios. — Cadê a Sophie? Não acredito que a convenceu a mentir.

— Pois é! Quase tive que usar uma arma, mas tudo bem... — Brandy riu e olhou para trás. O homem seguiu quase imediatamente o olhar da irmã e localizou o que parecia ser um vulto da figura pequena e franzina de Sophie nos fundos, mas assim que deu o primeiro passo, os demais convidados lhe cercaram, entusiasmados com o fato de que afinal, aquela era uma festa de aniversário para um amigo que nunca comemorava a data. — Deve estar com vergonha de ter mentido. — A irmã completou, vendo-o ser rodeado por diversos fuzileiros e amigos de luta, além dos próprios vizinhos e amigos do Tennessee e da academia que o conheciam desde garoto.

Enquanto a tortuosa sessão de fazer sala para toda aquela gente não passava, os olhos estavam procurando por uma pessoa específica no meio das demais. Não demorou para os amigos se afastarem e começarem a beber, dando espaço para que finalmente pudesse ver a figura pequena sentada à mesa no canto do bar, de cabeça baixa. Os pés se moveram imediatamente na direção dela, com um sorriso bobo nos lábios.

Deviria querer mesmo lhe fazer uma surpresa para mentir daquele jeito, com aquele timbre de voz. Era nos pequenos gestos que percebia o que Sophie sentia por ele, o quanto estava disposta a tudo para estar ali e fazê-lo feliz. Fazê-lo ter um bom motivo pra comemorar estar ficando um ano mais velho.

Se Sophie ao menos imaginasse que tudo aquilo fazia com que gostasse ainda mais... Ainda mais daqueles olhos azuis...

— Alguém me deve uma explicação. — Sorriu, usando um falso tom bravo assim que se aproximou o bastante para a voz se sobressair a da algazarra

no bar.

Levantou uma sobrancelha ao ver a loira levantar a cabeça para ele, com olhos marejados de lágrimas e imediatamente se abaixou para ficar da altura dela na cadeira.

— O que houve? — Ele disparou. O tom foi urgente e a vontade era de vistoriar cada fração do corpo feminino em busca de algo que lhe provocasse tamanha expressão de dor.

— Bra-Brandon... — Forçou um sorriso, levando as costas da outra mão para limpar os rastos de lágrimas, enquanto tratou de esconder o dedo machucado. Não queria estragar a festa do namorado. — Fe-fe-feliz a-aniversário...

— Porque está chorando, Sophie? — O tom continuou preocupado e levou a mão no ombro da namorada.

— Me-me desculpe por... Por ter inventado sobre a Brandy... — Sophie tentou desconversar, embora fosse muito difícil com o dedo latejando.

— Eu perguntei por que está chorando, Sophie. — Brandon falou mais sério e a viu baixar a cabeça para não precisar encará-lo. Escorregou a mão pelo braço coberto pela blusa e viu os ombros delicados estremecerem; um gemido de dor escapou dos lábios femininos ao tentar esconder o machucado. — Sophie... — Puxou de novo o braço dela, delicadamente, sabia que estava escondendo alguma coisa.

— Não! – A exclamação fez o coração de Brandon saltar, e ela recuou mais uma vez, com a voz mais chorosa do que pretendida.

— O que diabos foi isso, Sophie?! — Os olhos verdes estavam cravados no dedo deslocado da mulher. Havia deslocado mais partes do corpo do que se lembrava e também sabia como aquilo doía.

— Eu... e-eu... Bati... — Não quis falar a verdade, envergonhada demais por um simples apertão ter lhe causado aquele estrago. Não queria que ele pensasse que era tão frágil. Também não queria que Brandon ficasse bravo com Sarabeth. Estourado como era poderia gerar uma confusão enorme no bar. Era aniversário dele, tinha que ser tudo perfeito, merecia que fosse.

Brandon não quis pressioná-la, mesmo que soubesse que as palavras balbuciadas eram totalmente mentirosas. Levantou de cima das pernas e puxou a cadeira ao lado para se sentar de frente para a loira que suava frio, com a dor no dedo machucado tomando conta de seu humor por completo. — Me deixe ver isso, Sophie. — Estendeu a mão e ela balançou a cabeça para os lados num tímido sinal negativo. — Vamos, me deixe resolver.

— Nã-não, dói! — Choramingou, puxando a mão para perto do peito, segurando para não cair em prantos. — M-muito...

— Não confia em mim? — A voz rouca de Brandon fez com que o estômago feminino revisasse, e não era pela dor.

— Eu-eu... Confio..., sabe disso... – Ela baixou os olhos para não precisar encará-lo.

— Eu sei como fazer a dor parar, vamos, me deixe ver. — Brandon manteve a mão estendida e esperou para que Sophie tomasse coragem e estendesse a dela também.

Incerta, pousou a mão pequena sobre a grande do homem e a diferença de tamanho ficou evidente. A mão dele era enorme, firme, enquanto a sua era minúscula, tremia de dor e todo o braço latejava; os olhos estavam ligeiramente arregalados, voltados para o dedo machucado esperando o que o homem faria para curar a aparente fratura.

— Queria saber como deslocou o dedo com uma batida, Sophie. — Brandon falou, com um tom de leve implicância.

— Fo-foi... Na... No... — Ela não conseguia pensar nunca resposta convincente; na verdade, não conseguia pensar em nada no momento. Os olhos estavam postos sobre o ferimento, o corpo franzino congelado com medo do que ele faria e pensando que qualquer movimento ocasionaria uma dor ainda maior.

Por outro lado, nervoso, ainda que completamente calmo para ajudá-la, Brandon fez menção de tocar no dedo delicadamente. Ainda sim, o leve toque fez lágrimas brotarem nos olhos com a dor, tirando a mão de cima da mão masculina.

— Pa-para, Monroe!

— Sophie, tem que confiar em mim agora.

— Ma-mas... — Ela respirava com dificuldade, a dor superando as expectativas femininas, além do suor frio começando a brotar na testa. — Me-me diga o que vai fazer...

Ele não falou nada, apenas a olhou.

Novamente colocou a mão sobre a dele e, por um segundo, achou que desmaiaria com a dor agonizante que se espalhou.

E foi ali, naquele exato instante, experimentando tal dor intensa, que Sophie se deu conta de um fato absolutamente importante, e esse fato veio caindo como uma bigorna em sua cabeça.

— Como eu vou tocar piano?! — A voz saiu desesperada, num sobressalto de surpresa e aflição que fez o coração de Brandon falhar. — Meu Deus... — dessa vez, não segurou as lágrimas.

— Sophie... Isso não é nada. — Ele sussurrou, cravando os olhos nos azuis que cintilavam e transbordavam de lágrimas. — Olhe bem para mim. — Foi uma nítida ordem e ela não se negou a obedecer. Piscou para se livrar das lágrimas e fixou os olhos nos orbes verdes tão firmes quanto a mão que lhe esmagara os dedos mais cedo.

Monroe era mais firme que qualquer coisa.

E então a expressão masculina mudou. Libidinoso e talvez até perverso, fez um calafrio percorrer a espinha de Sophie. Ele lhe deu um sorriso malicioso e a loira piscou, confusa com a repentina mudança.

— Sabia que você está muito gostosa hoje? — A voz do homem saiu rouca, sensual, e fez cada pelo de Sophie ficar de pé como se não houvesse gravidade. Ela arregalou os olhos e sentiu o calor do inferno tomar o corpo.

—Mo-mo-mon! — Sequer conseguiu completar seu nome, com a surpresa presa na garganta, mas as palavras súbitas dele encobriram o movimento que colocou o dedo da mulher de volta ao lugar.

— Ai! — Um gemido de dor escapou involuntariamente dos lábios rosados conforme os olhos verdes notavam a face vermelha e marcada pelo

rastro de lágrimas.

— Viu? – Foi a simples indagação, acompanhava um sorriso suave feito somente para ela.

A loira deixou um suspiro escapar, pendendo a cabeça para frente e colando a testa no ombro dele, com os olhos mirando a mão que ainda abraçava a sua entre as pernas.

— Desculpe, era para te distrair. — Ele sussurrou, a mão livre se elevou para afagar os cabelos loiros, soltando a mão ferida para circundá-la em um abraço protetor. — O que não deixa de ser verdade, por outro lado...

— Se-seu... Bobo. — As palavras saíram chorosas, conseguindo finalmente encarar a mão e mexer o dedo machucado, sentindo apenas um leve ardor, mas nada que a impedisse de mexê-lo. A sensação foi indescritível já que por um segundo, a hipótese de não poder comparecer ao concerto lhe apavorou por completo. — De-deu certo, Monroe! Obrigada!

— Claro que deu certo. — Ele riu e segurando a mão machucada que ainda tremia, envergou-se o suficiente para levar aos lábios até lá e dar um leve beijo. Sophie petrificou com o gesto. O corpo estremecendo completamente ao sentir a boca masculina tocar sua pele. — Vamos aproveitar a festa?

— Ce-ce-cer... — Ela não conseguiu falar nada, mas se aproximou de um “certo”, com o rosto queimando pela vergonha.

Brandon se levantou e ajudou a namorada a fazer o mesmo, mesmo que ela ainda tentasse se mexer com os joelhos trêmulos. O moreno passou o braço pelas costas delicadas, para conduzi-la em direção ao restante do pessoal que conversavam e riam próximo ao balcão do bar.

— Então é aqui que vocês estão escondidos! — Brandy apareceu, animada, com Sarabeth ao seu lado. — Alex acabou de chegar, precisou fechar a academia, mas já chegou, vamos comemorar!

Ali, Sophie levou as duas mãos no braço de Brandon, segurando com mais força e ele viu que aquilo era pura apreensão. O homem voltou os olhos para baixo. Ela praticamente se encolheu ao lado dele, baixando os orbes azuis com medo.

Não foi difícil entender o que havia acontecido ao ver Sarabeth voltar os olhos raivosos para a loira.

— Brandy, fica com a Sophie um pouco. — Falou e voltou os olhos para a loira. — Me espere aqui um segundo, Brandy não vai te deixar sozinha.

— Monroe...? — Ela ficou confusa, sem querer soltar o braço forte. Definitivamente, nunca mais ia se aproximar de Sarabeth.

Ele apenas lhe encarou rapidamente e não demorou em se desvencilhar das mãos femininas, voltando os olhos perigosamente estreitos para Sarabeth.

Brandon agarrou o braço da ruiva a ponto de quase tirá-la do chão. Em um silêncio sepulcral, o moreno guiou-a em direção á saída do bar. Os protestos e reclamações da mulher foram ignorados e somente a soltou quando chegaram do lado de fora, onde não havia ninguém para vê-los ou ouvi-los.

— O que porra você fez, Sarabeth?! — Os olhos de Brandon estavam flamejando uma raiva quase palpável.

— O que aquela pirralha inventou para você? — Era um nítido desafio.

— O nome dela é Sophie. — Ele praticamente latiu. — E ela não me falou nada, não precisou.

— Aquela va-

— Termine essa frase e faço com você algo bem pior do que você fez com a minha namorada. — As palavras não precisaram ganhar um tom alto para fazerem a alma da ruiva congelar. Foi uma ameaça tão verdadeira e sussurrada tão macabramente que até mesmo para Beth, que conhecia o homem há anos, soou absurdamente perigoso.

Nem mesmo quando ele estava no ringue, jamais tinha o visto tão bravo.

— Você gosta mesmo daquela coisa minúscula... — Foi um tom incrédulo.

— Mais do que você imagina. — Brandon confessou. — É melhor nunca mais tocar nela. Nunca mais! Você entendeu? — O passo que pareceu exatamente o passo que um leão daria, andando em direção à vítima, fez a ruiva colar as costas na parede de tijolos do lado externo do bar. — Eu nunca bati em

uma mulher, mas se tocar nela de novo, eu abro uma exceção e quebro sua cara.

A ruiva engoliu em seco, um calafrio de temor percorrendo as costas. Ele não estava brincando, não mesmo. O maxilar travado e uma veia saliente na testa; parecia que estava pronto para a luta ou uma guerra e ninguém em sã consciência teria coragem de encará-lo.

Era orgulhosa e não daria o gosto dele saber que estava com medo, então emburrou a cara e cruzou os braços em cima do peito.

— Vamos voltar para a festa. — Brandon a deixou e abriu a porta, olhando por cima do ombro para a mulher. — Quando entrar, vai se desculpar com Sophie.

— Eu não vou! — Sarabeth arregalou os olhos, perplexa.

— Não foi um pedido. — E aquilo sim, tinha sido muito mais do que uma ordem. Ela se calou, seguindo-o de perto, engolindo navalhas com as palavras frias.

Sophie estava em cólicas ao lado de Brandy e Alex, com medo de que Brandon fizesse alguma besteira com Sarabeth.

Andando de um lado ao outro da loira, com raiva da outra amiga, Brandy quase espumava. Ela era doida, mas nunca imaginou que pudesse machucar Sophie.

— Se ele não bater nela, eu mesmo bato! — Brandy tinha olhos raivosos em busca de Beth.

— Eu não devia ter te contado. — Sophie contraiu o rosto e levantou a mão para a amiga. — Olha, nem dói mais.

— Não importa, Sophie. – Foi Alex que falou igualmente irritado. — Ela é uma vadia, não se aproxime mais dela.

— Eu não vou...

— Sophie, voltamos. — Brandon deu um sorriso gentil para ela, fazendo o coração da menina explodir no peito, esquecendo-se até mesmo da existência de Sarabeth.

— Monroe... — Ela balbuciou, com o homem cobrindo a figura da outra mulher.

— Sarabeth, sua vaca, caralho! — Brandy foi para cima dela, mas Alex logo segurou a grávida furiosa.

— Esqueceu que está grávida, porra? —Alex girou os olhos.

— Me larga, Alex! — Ela tentou, mas os braços fortes do homem lhe segurando pela cintura impediam que se aproximasse da outra. Não sabia se era a firmeza que ele usava ou se era o simples toque na cintura que impossibilitou que se mexesse.

— Brandy, chega. Eu já resolvi. — Brandon colocou fim na conversa e segurou Sophie pelos ombros, para puxá-la para frente de si.

— Mon-monroe... — Se viu cara a cara com a agressora e somente não saiu de perto dela porque o namorado lhe segurava. Apenas baixou os olhos, sem graça pela situação.

— Sarabeth quer falar com você, Sophie. — Brandon encarou a mulher como se nutrisse o poder de explodi-la em pedaços.

— Me desculpe, Sophie. — Sarabeth engoliu em seco, falando a contragosto e Brandy se acalmou, mas Alex não soltou sua cintura.

Ela sequer viu o aceno positivo de Sophie antes de se afastar, mas aquele incidente não atrapalhou o resto da noite, sentaram-se à mesa para conversar e aproveitar à noite. Brandon não saiu do lado de Sophie um segundo sequer, não a deixaria sozinha em um bar com tantos homens estranhos.

Naquele momento, com a irmã, o melhor amigo e a namorada, ele não poderia ter imaginado um aniversário mais perfeito. Foi no instante que sentiu a mão de Sophie lhe puxar a manga da camisa que saiu da própria felicidade para voltar os olhos para ela. O rosto delicado, com as bochechas coradas e os lábios entreabertos. Ela não desconfiava que lhe encarar daquele jeito parecia um convite para um beijo.

— Monroe, eu preciso ir ao banheiro... — Falou, timidamente. — Sabe onde fica?

— Eu te levo. — Brandon fez menção de se levantar, mas ela o parou prontamente.

— Nã-não precisa! – Sophie ficou sem jeito com o pedido dele. — Preciso saber onde é, só isso.

— Tem certeza? — Ela acenou positivamente com a cabeça e ele indicou o caminho. Brandon não tirou os olhos da loira, seguindo pelo meio das pessoas para chegar ao banheiro. Não demorou a vê-la sair de lá, mas um sinal de alerta acendeu na mente masculina quando um cara alto e loiro segurou o braço da namorada no caminho de volta até a mesa. Franziu a testa ao ver que Sophie sorriu para ele e pior ainda que o sorriso foi o beijo que ele deu no rosto doce.

O cara ta beijando o rosto dela... To ficando louco?

Brandon fechou a mão em punho, nada feliz.

De repente, como um fantasma, aparecia pelas costas femininas.

— Monroe? — Ela deu um sorrido mais largo e Brandon queria tirá-la de lá ainda mais rápido. — Algum problema?

— Nada, queria saber se estava tudo bem. — Parou ao lado da loira e passou o braço pelas costas dela, puxando-a para mais perto. A mão grande num aperto firme na cintura.

— Mon-Monroe, o-o que... — As palavras saíram gaguejadas, sentindo a pele sob a mão dele começar a queimar.

— E quem é você? — Brandon perguntou, com um sorriso gentil, escondendo o instinto protetor.

— Sou aluno da Sophy. — O outro sorriu, de um jeito galanteador que Brandon não gostou. O loiro estendeu a mão e ele a apertou prontamente. – Matt Smith, prazer.

— Sophy? — Ele repetiu o apelido e se voltou para a loira, ignorando por um segundo a mão estendida, mas logo em seguida a apertou, controlando-se para não quebrar todos os dedos intrometidos dele.

— Meu nome é Brandon... Sou namorado da *Sophy*, muito prazer.

— Finalmente arrumou um namorado, Sophy! — Matt brincou, parecendo ter muita intimidade com Sophie. — Achei que ia morrer virgem!

Sophie se encolheu. O rosto atingiu uma tonalidade vermelha escarlate, como se todo o sangue do corpo tivesse se acumulado no rosto delicado. Brandon rangeu os dentes, era muito difícil controlar a raiva que sentia das palavras do homem. Quem ele pensava que era para falar com sua Sophie daquele jeito? Não queria parecer descontrolado e assustar ela, então apenas sorriu forçadamente.

— Agora temos que ir, Sophie. — Brandon sorriu para a namorada. — Tenho uma surpresa.

— Bom te reencontrar, Sophy. Qualquer dia passo lá no estúdio para te ver, certo? — Ele não se incomodou com a presença de Brandon e beijou a loira no rosto novamente. — Prazer, Brandon. Cuide bem da nossa garota. Até mais!

— Vou cuidar muito bem da minha garota, pode deixar. — Ele fez questão de enfatizar o “minha” e Sophie sentiu o coração bater descompassado no peito, as pernas fraquejando.

Brandon não esperou mais nenhum segundo para tirar Sophie daquele lugar, não querendo que mais nenhum homem se aproximasse dela.

Porra! Como pode uma menina tão pequena conseguir virar de forma tão gigantesca com a minha cabeça?

Naquele momento, tudo o que queria era ficar sozinho com a Sophie e sabia exatamente o lugar que poderia ir: o telhado do bar.

— Monroe? — a voz doce dela soou, enquanto passavam pela porta e ele a guiou para a lateral do bar até uma escada escondida que precisou ter algumas caixas chutadas para dar passagem. — Aonde vamos?

— Espera mais um pouco, eu disse “surpresa”, lembra? — Subiu na frente, soltando a cintura dela para lhe segurar a mão firmemente. — Já vai ver.

Ela deu um pequeno sorriso e o seguiu, chegando a parte de cima do bar.

Não era muito alto, mas o suficiente para ter uma perfeita vista do céu noturno, com as estrelas brilhando intensamente sobre os dois.

Ele a viu levantar o rosto para encarar o céu, com os lábios se curvando em um sorriso adorável; aquele sorriso que ele tanto gostava de ver.

— Que lindo, Monroe... — Sophie estava anestesiada. Amava o céu e ainda mais, as estrelas. Ele ficou em silêncio e ela baixou o rosto em busca da face masculina. — O que foi? — A pergunta veio acompanhada de um piscar de olhos.

— Nada, esqueça. — Brandon passou a mão pelo cabelo, exasperado. Apenas esticou o braço para puxá-la pela cintura, para perto de si, com as mãos pequenas se espalmando no peito largo. Imediatamente o rosto doce ficou corado e o par de joelhos estremeceu. — Você parece estar bravo... — Sophie baixou os olhos para as mãos no peito dele, trêmulas pela proximidade que estava do homem. — Eu-eu... Fiz algo errado...?

— Não... — Brandon se sentiu um estúpido pela cena de ciúmes e esticou a mão para tirar o cabelo da frente do rosto dela, tocando o rosto corado. — Eu fiquei com um puta de um ciúmes do Matt... — Confessou, não queria que ela se sentisse mal por algo que era culpa dele. Sophie ficou em silêncio por alguns segundos, ainda confusa com tudo aquilo. As bochechas vermelhas e um sorriso leve nos lábios.

— E-ele é meu aluno e amigo de muitos anos... — Sophie falou, levantando o rosto para Brandon. — E ele quer que o namorado tome aulas comigo.

— Namorado? — Brandon cuspiu a palavra em plena surpresa diante do riso divertido e ameno da namorada. Um alívio gigantesco tomou conta e pareceu conseguir respirar livremente, encolhendo os ombros. — Me desculpe, eu não devia ter me importado com isso. — Foi quase um suspiro conforme apoiava o queixo no topo da cabeça da loira. — Mas é que só a ideia de outro cara... Chegando perto de você... Fico irritado... Você acaba mexendo comigo mais do que imagina...

— E-eu não fiz nada... — A voz dela saiu em um fio e ele sentiu as mãos pequenas tremerem e se fecharem em sua camiseta, tentando aliviar o nervosismo do momento.

— Conseguiu fazer eu me apaixonar...

Sophie arregalou os olhos e sentiu o estupor tomar conta do corpo, apenas não caindo de joelhos no chão porque uma das mãos de Brandon ainda a segurava firmemente pela cintura. O corpo todo tremeu, parecia até ter sido recém-atingida por um raio. Ela ficou em silêncio por alguns segundos, com os olhos marejados pela repentina declaração, com o coração galopando dentro do peito.

Não teve coragem de encará-lo, manteve a cabeça abaixada e fechou os olhos por alguns segundos; respirou profundamente, uma, duas, três vezes. Mas foi inútil.

Queria.

Queria dizer que sentia o mesmo, que estava apaixonada por ele, mas a voz ficou presa na garganta e na timidez.

— Bran-Brandon... — Ela o chamou pelo nome de novo, era a segunda vez. — E-eu-eu... Taaaam... — engoliu em seco; os lábios tremendo e Sophie teve a certeza de que ia cair no choro.

— Eu sei. — O moreno deu um sorriso e beijou o topo da cabeça dela. — Não precisa falar, se não quiser, eu sei que é tímida e que isso deve estar prestes a explodir você...

E respirando aliviada, mas ao mesmo tempo irritada com sigo mesma, Sophie apertou o tecido da camiseta masculina levemente, sentindo uma fisgada no dedo ainda ferido.

Brandon sentiu aquela fisgada, o calafrio percorrendo a própria espinha avisando que se não parasse agora não seria capaz de parar mais tarde. Ele a afastou um pouco de si, apenas o bastante para encarar o rosto corado ainda levemente abaixado.

Cada detalhe dela parecia tão único. Cada traço, as linhas de seus lábios, do nariz, as curvas de seu maxilar. As orelhas pequenas e desenhadas. Suas expressões, todas elas. As sobrancelhas. Cada pequeno detalhe cada pequena fração. A maneira como uma leve linha diagonal se formava em sua bochecha esquerda quando ela sorria um sorriso tímido.

Nunca havia conhecido uma mulher como Sophie. Tão tímida e delicada, parecia feita de cristal e que bastaria um toque mais forte para quebrar... Mas ao

mesmo tempo, a pianista era tão cheia de caráter e honra que o assombrava. Dia após dia, Sophie mostrava em atitudes tímidas o quanto era forte.

— Sophie... — A voz saiu carregada dos sentimentos que Brandon tinha certeza ter tido êxito em esconder, mas eles todos estavam ali, escancarados, presos em cada uma de suas silabas e sorrisos. — Desculpe pelo que aquela imbecil fez com você...

Estava escrito na testa dele.

— Tudo bem... — Com as mãos espalmadas no peitoral amplo do homem, Sophie criou uma coragem quase sobrenatural para encara-lo. — Queria ser forte como ela... E ter coragem pra dizer que estou apaixonada por você... Mas não consigo...

Em choque e levemente boquiaberto, Monroe tentou omitir a surpresa, mas não conseguiu.

— Você acabou de dizer... — Ele sussurrou; o calor do próprio inferno cozinhando sua carne.

E então, presa dentro daquele par de oceanos intensamente verdes, a loira se viu derreter.

— Eu disse...?

— Será que consegue repetir...? — O homem sorriu, anestesiado.

— E-estou... Apai... Apaixonada por você... — De repente, olhos nos olhos... parecia fácil. Como se a firmeza de Brandon estivesse contaminando sua personalidade.

Foi a vez do coração dele parar por alguns segundos. Sabia que ela gostava dele, era difícil não saber com todo o nervosismo perto dele, exclusivamente dele. Contudo, ouvir dos lábios adocicados de Sophie era extasiante.

Mas na verdade, presa naqueles olhos verdes, Sophie não passava de uma refém.

Havia acabado de se dar conta daquilo.

Estava apaixonada por aquele homem, com todo seu coração. Apaixonada por sua voz, seu caráter, a personalidade firme e sua gentileza. Monroe era um homem honroso, o primeiro a respeitá-la verdadeiramente, e sentindo o carinho que ele fazia em suas costas, Sophie não conseguiu evitar o arrepio que fez os ombros tremerem e o coração de Brandon falhar uma batida.

— Sophie... — Não conseguiu firmar o timbre e não passou de um tom rouco e pesado que fez os joelhos femininos virarem gelatina, conforme o via se envergar lentamente em sua direção.

Em êxtase, Monroe roçou a boca contra os lábios rosados e trêmulos. O cheiro da pele dela era floral. O hálito doce parecia um convite que não levou nem meia fração de milésimo para aceitar.

— Eu... Vou beijar você... — Mas ele já a beijava. Sua barba já raspava contra o queixo feminino e ela já não era sequer capaz de somar dois mais dois.

Como âncoras, as pálpebras se fecharam. Parecia acometida por uma droga poderosa, uma droga psicotrópica que conseguia arrancar sua gravidade e qualquer sentido que não fosse sentir o cheiro masculino e o beijo doce que percorria seus lábios com tanta delicadeza.

Quando o peso da mulher foi sentido pelos braços fortes, Brandon soube que talvez, estivesse indo longe demais. Mas os olhos de Sophie estavam fechados e sua respiração jazia tão intensa que imaginar se afastar dela lhe causava aflição.

A verdade é que queria mais. Queria sentir o toque da língua quente da loira, queria explorá-la e acalentá-la. Queria abrigá-la em seus braços e nunca mais deixá-la partir.

Foi como uma onda, aquele pensamento. Subindo feito o mercúrio em um termômetro, a temperatura daquele beijo se tornou escaldante depois de cinco segundos, quando a língua masculina tocou o lábio inferior de Sophie.

Ela sentiu aquele calor que nunca havia experimentado antes; como lava vulcânica despejando-se sobre a pele, escaldante, absurdamente perturbador da melhor maneira possivel.

Os dedos masculinos deslizaram pelos braços pálidos da pianista até que uma das mãos grandes estivesse no meio de suas costas, trazendo-a para

perto e a outra na curva de seu pescoço, com o polegar perfeitamente alinhado à curva do maxilar delicado, levantando o rosto para que ali, pudesse mostrar a Sophie como era beijar alguém.

Como era beijar alguém pela qual estava completamente apaixonado.

Com as estrelas fazendo uma manta de brilhantes no céu, Brandon acolheu a mulher como queria ter feito desde que a conheceu. Desde que se pegou imaginando qual seria o cheiro dela, como seria seu beijo e seu sorriso mais verdadeiro. E mesmo que passassem mil anos, ele tinha certeza que se lembraria da maneira como aquele beijo o fizera sentir.

Sophie entreabriu os lábios, tomada por aquela mesma sensação arrebatadora de derretimento e deixou que o homem a conduzisse por um caminho nunca antes percorrido. Um caminho onde seus olhos estavam fechados e os corações batiam em um descompasso terrível. Um caminho onde ela sabia que não se arrependeria jamais de ter adentrado.

Nervosa e tímida, sentiu a língua de Brandon tocar a sua e um choque elétrico lhe percorreu. O corpo inteiro estremeceu e as mãos se fecharam contra o tecido da camiseta do homem, que a apertou um pouco mais entre os braços fortes, conforme permitia que o instinto lhe deixasse mordiscar delicadamente os lábios aveludados.

Ela era doce. Doce como nenhum açúcar conseguia ser e o acalmava como nenhum remédio era capaz.

Sophie era a cura instantânea para qualquer coisa que pudesse tentar lhe abater. Com os lábios dela presos aos seus, pela primeira vez na vida, Brandon se sentiu invencível e ao mesmo tempo, completamente frágil.

Sophie nunca mais estaria sozinha.

Quando se separaram, na genuína procura de ar e controle, notaram a plena incapacidade mútua de se afastarem e vendo-a ali, ainda emergida naquela sensação, Brandon teve uma secreta certeza de que não queria mais se separar de Sophie.

— Será que é um sonho? — O murmúrio acompanhou um carinho na bochecha corada.

— Essa é a minha frase... — Sophie sussurrou, sorrindo também, a voz mole assim como o corpo e permaneceu com os olhos fechados, a respiração agitada e os lábios vermelhos e inchados.

O fuzileiro tinha o coração fervendo batendo dentro do peito. Ela era tão linda, difícil de acreditar que um cara como ele havia conseguido uma mulher tão rara.

Tão oposta e ao mesmo tempo, a única completamente certa para ele.

(...)

A caminhonete preta bateu os faróis na fachada da casa pintada em uma cor creme claro que combinava com as janelas envernizadas em mogno. Sophie olhava a mão masculina abraçada a sua quando ele estacionou o carro.

— Não quero deixar você aqui. — Foi a confissão divertida, desligando o motor e permitindo que a música tocando de fundo no rádio ficasse um pouco mais nítida.

— Nem eu... Mas amanhã preciso dar aula... — A loira sorriu, com as maçãs do rosto numa nítida tonalidade vermelha.

— Venho te buscar. — Brandon sorriu, abrindo a porta do carro diante da escuridão da noite que era apenas cortada pelo poste de luz amarela ao lado da casa. Ele deu a volta e abriu a porta do passageiro, estendendo a mão para que a mulher descesse do automóvel.

E ela o fez, tentando omitir a sensação maravilhosa que sentia com aquele cavalheirismo e o beijo que ainda parecia arder em seus lábios.

— Certo, às seis?

— Às seis. Tomamos café juntos.

— Podemos comer aqui em casa! — Sophie sorriu, lembrando que tinha feito compras e a geladeira estava cheia de coisas para o preparo perfeito de um café da manhã farto.

— Isso vai ser muito bom... — Ele a segurou, o sussurro não passou de um aviso para o beijo, esse sim, veio como uma flechada pelas costas, acertando Sophie em cheio e ela se viu perdendo o chão, de novo, presa entre braços que

não queria se desprender.

Quando se separaram, a pianista estava sem ar, vermelha e com a boca inchada. Mais uma vez. Era o segundo beijo intenso que trocavam na mesma noite e ela sabia que isso ficaria mais frequente conforme a intimidade fosse sendo abraçada.

— S-se você gostar de ovos mexidos e bacon.

— Eu gosto de você... — Ele sorriu, ainda a segurando pelos quadris delgados. — Ovos e bacon são quase um bônus.

— Fica dizendo essas coisas para me deixar com vergonha... — Sophie sussurrou, rodeando os braços pelas costelas largas do homem.

— Talvez você possa ter razão... — A confissão em tom de plano diabólico arrancou risadinhas tímidas de Sophie conforme ela puxava a chave de casa. — Vai ficar bem?

— Sim... — Havia um sorriso na boca doce e Brandon sorriu também, tomado pela sensação que só aparecia quando Sophie estava por perto.

Era como se ela carregasse sua felicidade plena nos braços.

— Te ligo quando chegar em casa pra dar boa noite...

— Eu vou adorar... Muito mesmo... — Sentia vontade de pular quando se beijaram mais uma vez, um beijo delicado que durou apenas o suficiente para que Brandon começasse a sentir vontade de ficar.

— Boa noite, princesa...

— Pri-pri-pri-pri...

— Princesa... — Ele fez questão de ajudá-la a terminar a palavra, educadamente. — Pode?

— Sim... Sim... — Sophie quase começou a chorar, mas sorriu com o queixo trêmulo. — Então isso... Isso quer dizer que s-so-so-

— Você é minha princesa, Sophie... — Brandon se aproximou e a abraçou, respirando contra os cabelos loiros e afastou-se apenas o suficiente para que pudesse beijar a testa feminina. — Vá se acostumando...

— Acho que não vai ser difícil... — A chave parada na fechadura foi um sinal para que ele a deixasse entrar e o homem se afastou de vez.

— Boa noite, princesa... — O tom baixo lhe arrancou calafrios e com os ombros levemente encolhidos, Sophie sorriu um pouco mais.

— Boa noite... — Ela sussurrou de volta. E só fechou a porta quando o carro de Brandon virou a esquina no fim da rua.

Trancou-se dentro de casa e ligou as luzes da sala e escada. Estava cansada e queria ir direto para cama esperar que ele ligasse.

Sophie atravessou a sala e quando chegou no sétimo degrau, um estrondo na cozinha fez o coração saltar pela boca. Ela paralisou, bem ali.

Como algo caindo no chão e era metálico.

Mas não era uma panela.

Longe disso.

O som era exatamente igual ao que uma bandeja inteira de talheres caindo no chão faria e com a gaveta junto.

Um animal talvez?

Estava ficando mais corajosa de acordo com os dias ao lado do fuzileiro e ela sabia que descer aqueles degraus era uma prova de fogo para sua quase inexistente coragem.

Com o coração batendo como um tambor ensurdecedor, Sophie chegou à curva que lhe daria a visão perfeita para a cozinha e quando ela contemplou a entrada do cômodo, não havia gambá algum.

Tampouco uma ratazana ou por mais raro, um guaxinim.

Não era nenhum maldito animal e sim o homem que a atacara na sala de música. O homem de cabelos claros e olhos ensandecidos. Não havia passado tempo o bastante na prisão pelo visto, e quando seus olhos se encontraram com os de Sophie, ele sorriu, lôbrego, dentro do mais absoluto e sepulcral silêncio.

Fliker, o drogado de Brentwood, disparou uma risada diabólica que teria sido cessada com um soco por Brandon no primeiro segundo.

Mas Brandon não estava ali.

Não havia ninguém ali para lutar além de si mesma.

— Oi Sophie... — Ele disse e a pianista arregalou os olhos. Sabia seu nome? Como? — Eu vim aqui especialmente para *foder você*...

O ar se esvaiu dos pulmões femininos e ela girou os calcanhares para atirar o corpo em direção à escadaria. O peso daquele olhar estava em seus ombros, em seu encalço, e o colapso nervoso explodiu dentro do cérebro com adrenalina sendo bombeada tão forte que Sophie não notou o topão com o pé direito no primeiro degrau da escada, ela saltou, desesperada, e foi em pleno ar que as mãos de Fliker agarraram seu calcanhar esquerdo, puxando-o para trás.

A gravidade levou-a para baixo, cruelmente, e o queixo de Sophie bateu na quina do degrau, abrindo a carne e imediatamente ocasionando uma hemorragia intensa. Ela sentiu a mandíbula fechar num estalo forte, por pouco não lhe arrancando a língua e o zumbido se apossou dos ouvidos enquanto o rosto inteiro amortecia. O coração batia rápido e todo o ar puxado para dentro não parecia ser suficiente. Tremia tão intensamente que não foi capaz de sequer piscar quando o corpo quicou pelos degraus, sendo arrastada para baixo.

Fliker se colocou sobre ela e fechou o punho, o soco sem hesitação transformou a bochecha de Sophie em uma almofada de carne fina que se dilacerou por dentro e os olhos reviraram. A consciência sendo levada para longe. Havia sangue abundante esguichando do queixo aberto da loira. O líquido se espalhava pelo pescoço alvo e os degraus da mesma madeira que lhe causaram o ferimento.

A cabeça de Sophie girava, o estômago ardia e o instinto de sobrevivência estava gritando, mas não mais alto que o zumbido que ainda parecia capaz de lhe tirar metade dos sentidos.

Ela sentiu o toque, foi quase inexistente, como se lhe tivessem injetado uma boa dose de anestésico. O vestido azul sem decote foi aberto em um rasgo profundo que chegou até o umbigo, libertando os fartos seios presos por um sutiã de renda preto. Fliker salivou com aqueles dois melões como nunca havia feito nem com metanfetamina. Ele estava louco pra foder aquela pianista de verdade.

Sophie piscou, puxando da mente uma força que não sabia existir, e

quando visualizou o homem prostrado sobre si, algo além de tudo que já havia sentido antes pareceu simplesmente despertar e ela abriu a boca para gritar.

O rugido liberado veio junto com a mão já ferida na festa indo em punho fechado em direção à traqueia masculina. Com o golpe, Flicker se ergueu levemente, tossindo, bêbado, mas agora duplamente enraivecido. Só não teve tempo de fazer nada com os pés descalços batendo no peito e o fazendo voar para trás.

Quando voltou a encarar a escadaria, Sophie não estava mais lá e o som da porta batendo no segundo andar fez o homem trincar os dentes em pura ira.

— SOPHIE!

A loira trancou a porta do quarto com o sangue fazendo um rastro pelo caminho que percorria até chegar ao telefone sem fio no criado-mudo. O sangue estava quente, correndo rápido, e o corte era profundo o bastante para que estancar o sangramento fosse um pensamento longínquo. Ela discou imediatamente o número de Brandon, na discagem automática que começou a chamar.

Aflita e dentro de um silêncio sepulcral na casa, Sophie aguardou que a ligação completasse, mas Monroe ainda não havia chegado em casa e ela precisou desligar o telefone para discar 911.

— *911, qual é a sua emergência?* — Imediatamente atendida, foi como um sopro de alívio.

— Te-tem um ho-ho-mem na minha casa, ele, ele, ele está lá embaixo! — O sussurro desesperado fez a atendente tocar a tela e acionar duas viaturas ao endereço do telefone, identificando também a única moradora registrada naquela residência.

— Se acalme, Senhora Lanure. Eu já identifiquei seu endereço e estamos mandando duas viaturas. Elas estão à quatorze quilômetros de você e chegaram em menos de sete minutos.

Naquele exato instante, um barulho na porta fez Sophie gritar e desligar o telefone. Os olhos recaíram para a maçaneta balançando sem parar e ela discou o número do namorado de novo com lágrimas pulando dos olhos.

E o ele estava abrindo a porta de casa quando o telefone começou a tocar. Adiantou-se, fechando a folha de madeira e caminhando para pegar o aparelho.

Um sorriso largo e imediato surgiu na boca quando viu o nome de Sophie piscando na bina.

— Boa noite, prince-

— Brandon! — O sussurro desesperado fez o coração de Monroe parar. — Aquele cara, aquele cara está aqui ele me puxou me derrubou ele está aqui ele quer me matar!

As palavras foram ditas sem espaços e cada vez mais exasperadas, o bastante para que Brandon saltasse para fora da casa gritando um “Aguente firme!” contra o telefone e jogando o aparelho no chão de grama verde, largando a porta de casa escancarada, pulou dentro do carro e ligou a caminhonete.

O motor rugiu e a ré em alta velocidade fez os pneus cantarem enquanto o automóvel deslizava pelo asfalto. Brandon entrou na avenida de dezesseis quilômetros que o separava de Sophie á plenos e velozes cento e vinte por hora, o máximo que aquela merda de caminhonete pesada chegava e as mãos apertavam tanto o volante que sentia que poderia arrancá-lo.

Dentro da casa, sem saída, Sophie via a porta ser arrombada e a figura franzina, mas ainda sim mais forte do que ela, se prostrar um pouco depois do batente.

Havia um galão de gasolina na mão esquerda e uma corda que lembrava a que ela usava para pular nos treinos matinais na direita.

Tinha alguma coisa nos olhos dele também. Lúgubre. Algo que fez Sophie trincar os dentes, o rosto inchado e a bochecha cortada libertando um constante gosto de cobre na língua.

— Não se preocupe... Eu não vou te machucar...

— Por favor, não... — A voz saiu estranha devido ao inchaço no rosto, e sentada no chão com as costas coladas na madeira da lateral da cama, ela se deu conta. Finalmente.

Era a vítima perfeita.

Era tão desprovida de força que nem com a morte ali, rindo, conseguia se erguer sobre os próprios joelhos e lutar. Desprezivelmente digna de pena, a pianista notou que a única coisa para qual servia era aquilo. Tocar piano. Mais nada.

Completamente inútil e alheia ao resto, esperando que Brandon ou a polícia milagrosamente aparecessem.

Mas tudo que apareceu foi um sorriso na boca que já faltava dentes do homem magro e com olheiras profundas. O calafrio sólido percorreu a espinha feminina quando ele colocou o galão no chão.

— Vamos brincar?

— N-na... Não... Por favor... — Paralisada, Sophie sentiu a corda se enrolar em volta do pescoço e só conseguiu fazer alguma coisa quando já estava sufocando. Fliker enrolava a corda no punho, apertando mais e mais e quando montou de novo sobre o corpo de Sophie, obrigando-a a deitar, o rosto feminino já estava vermelho como um pimentão.

Exasperada, as mãos tentavam alcançar o punho tão mais forte do que ela, e com os olhos girando, Sophie foi impulsionada para trás pelo segundo soco que fez a cabeça bater forte no chão e o supercílio direito se abrir por completo.

Quando perdeu os sentidos, Fliker afrouxou o aperto da corda e lambeu os beiços, mas ele estava com tanta raiva que levou as mãos aos fios dourados e começou a bater a cabeça de Sophie contra o piso de madeira, e o cérebro dela começou a balançar dentro do crânio frágil. Levemente embriago, mas ainda sim, com cocaína o suficiente na corrente sanguínea para fazê-lo escutar, ao longe, uma buzina incessante, o homem parou. Ali se pôs de pé, alerta.

— Mas que merda! — Foi ha exclamação enfurecida e ele correu para agarrar o galão e jogar contra a porta do quarto, o piso onde Sophie jazia e começou a descer com a gasolina sendo derramada, degrau após degrau rapidamente

Se ela apenas o aceitasse! Se ela apenas visse... Tudo seria diferente.

Mas Sophie havia optado por rejeitá-lo.

Na mente esquizofrênica e afogada em drogas de Fliker, a loira era só mais uma puta que tinha mesmo é que morrer e cozinhar no inferno.

Ele jogou gasolina na escada conforme descia e espalhou o líquido por toda a sala, cantando “I’m singing in the rain” à plenos pulmões conforme a buzina incessante ficava mais alta. Largou o galão e puxou o isqueiro do bolso, ligando-o. Risonho e embriagado abaixou-se e deixou que a chama tocasse o chão e naquele momento, o fogo lambeu o rastro de gasolina e o deslocamento de ar o fez voar para o meio da sala, chamuscando.

O quarto estava sendo engolido pelo fogo assim como o resto da casa e Fliker abriu a porta de entrada com a chave ainda pendurada do lado de dentro, todo queimado e pronto para correr. Entretanto, ele continuava ouvindo a buzina, agora mais sólida que as queimaduras nos braços e mãos, e a visão foi ofuscada pelo par de faróis amarelos o encurralando como a verdadeira morte, uma morte que parou, fritando os pneus no asfalto e o silêncio só era interrompido pelo canto do fogo que engolia a casa.

Brandon saltou do carro nem se dando ao trabalho de desligá-lo enquanto via as chamas tomarem as cortinas do lado de dentro e Fliker parado na porta o encarando com um semblante de dúvida.

Mas na verdade ele estava chapado, completamente chapado, queimado e cego pelos faróis e só percebeu a aproximação quando Monroe pulou os quatro degraus da entrada da casa de Sophie com um gancho tão bem encaixado debaixo do queixo que tirou seus pés do chão e cortou sua língua ao meio.

O som das sirenes invadiu o quarteirão conforme a cabeça de Fliker, que nem tinha batido no chão, foi atingida pelo segundo soco, certeiro. O punho de Brandon parecia uma bigorna pesando cem quilos contra seu rosto e o osso frontal se afundou juntamente com a ponte do nariz, espirrando um sangue melado conforme o corpo bateu no deque fino de madeira já sem consciência.

Três segundos para um nocaute sangrento e o fuzileiro pulou o corpo de Fliker e o pedaço de língua no chão para chutar a porta encostada e entrar na casa que já ardia em chamas.

Como um radar, o par de olhos verdes varreu a sala e tudo em seu

campo de visão para então avançar sem hesitar perante as chamas enormes que o engoliram por um breve instante até que chegasse à cozinha ainda não afetada.

Do lado de fora as viaturas encostavam pedindo o reforço dos bombeiros enquanto a caminhonete de Monroe continuava ligada com faróis batendo na fachada da casa em chamas.

Dentro do inferno crescente, abriu a geladeira e puxou o galão de água gelada de dentro, correndo pela escadaria em chamas sentindo as botas que calçavam os pés derreterem.

Quando chegou lá em cima, Brandon se via dentro de um forno de cremação, sentindo a água gelada na palma da mão e a roupa cozinhar e os cabelos se enrolarem, esturricando. A única coisa capaz de fazê-lo avançar era saber que atrás daquela porta estava Sophie e precisou pegar impulso para saltar as labaredas que pareciam já engolir a suíte. Os olhos encararam um quarto devastado pelas chamas e o coração falhou uma batida.

— SOPHIE! — O desespero sequer foi medido, ele apenas queria vê-la, mas Sophie não respondeu. Ela jazia desacordada no chão que cozinhava suas costas ao lado da cama, com o rosto dilacerado e vestido rasgado. — SOPHIE! — Gritou de novo, à plenos pulmões, mas nada veio em resposta.

De alguma maneira, Brandon sabia que ela correria para lá, onde o telefone sem fio estava. A cama começava a ser engolida pelo fogo quando decidiu saltar, rolando pelo incêndio e chegando ao outro lado, quase batendo no corpo desacordado. O sangue que banhava o corpo de Sophie arrancou sua paz por completo e tudo que Brandon pôde fazer foi abrir a garrafa e jogar a água contra o rosto desacordado antes de pegá-la no colo e correr para longe daquele inferno.

Ele não quis olhar. A verdade foi que se concentrou em salvá-la.

Não queria ver o estrago.

— Tem alguém saindo! — Escutou assim que pisou para fora e já haviam quatro viaturas ali, com seis policiais prontos para ajudá-los.

Brandon apertou o corpo franzino nos braços, a mente girava sem parar.

— A ambulância está a caminho!

— Vou no meu carro! — Foi tudo que conseguiu dizer, colocando Sophie no banco ao lado e passando o cinto de segurança na mulher desacordada.

Brandon viu uma viatura o seguindo e quando virou a esquina o caminhão de bombeiro cruzou seu caminho. Precisava levá-la para um hospital. E isso significava dezenove quilômetros de infrações de transito. Ele olhou para o semblante ensanguentado e abatido da mulher por uma breve fração de segundo. O bastante para sentir uma fisgada no peito e o estômago revirar. Monroe empenhou aqueles cento e vinte quilômetros de novo, sendo seguido de perto por uma viatura policial.

Enquanto o som da sirene ecoava dentro da alma, ele percebeu que aquela era a pior sensação que já tinha experimentado na vida:

A ideia de perder Sophie fez seu chão e todo o resto desaparecer no caminho que parecia interminável e mais uma vez, apertou o volante, desejando acordar de vez do que parecia ser o pior dos pesadelos.

O real.

Os minutos até avistar a entrada principal do hospital foram agonizantes e ele subiu na rampa de emergência cantando pneus para parar.

Brandon chutou a porta, as mãos tremiam e ele rodeou o carro para pegar Sophie.

— ALGUM MÉDICO! — O berro forte e urgente ecoou pela entrada e uma equipe que vestia jalecos brancos com o logo do hospital central de Brentwood já corria, empurrando uma maca.

O coração de Monroe estava parando, havia sangue em seu pescoço e vestes, mas nada se comparava ao estado de Sophie, deplorável, ensanguentada e machucada, sem sentidos. O ar se esvaia e não conseguia ser novamente capturado pelos pulmões fraquejando do fuzileiro. A alma estava se retorcendo e revirando em milhares de hipóteses que poderiam ter ocorrido naquela casa enquanto ele a alcançava.

— Se acalma! Meu nome é Morgot, qual é o nome dela? — Ambos corriam, juntamente com mais um trio de enfermeiros, pelo corredor amplo em direção à sala de emergências.

— Sophie. — Brandon respondeu, ele se sentia o ser mais inútil da face da terra, e os olhos ardiam, cravados na figura desacordada que jazia sobre a maca. — O nome dela é Sophie...

Ela parecia um cadáver, daqueles que via jogados no chão pelas cidades dentro da guerra.

— O que aconteceu?

— Ela sofreu uma tentativa de estupro dentro de casa... A polícia me escoltou aqui, sou o namorado dela. — A voz estava urgente, mas vazia. A saliva descia como cacos de vidro mal mastigados, rasgando tudo pela frente e dilacerando as entranhas.

Como se todas as luzes dentro de si de repente começassem a se apagar, ele viu o aceno positivo da médica e as portas se abriram para que fosse segurado por um dos enfermeiros.

— Fique aqui, você precisa preencher... — O outro continuou falando, mas a única coisa que Brandon via era aquele ir e vir da porta.

Um ir e vir tão macabro e frio que lhe arrancou um calafrio fúnebre e ele observou o vão entre as duas abas se estreitar até que se fechassem de vez.

E tudo que foi capaz de ver se resumia em uma placa vermelha pendurada na porta fechada:

“Emergência. Entrada restrita”.

Com o coração transbordando de amor, Monroe tentava impedir a culpa de entrar, mas ela era mais forte do que qualquer soldado que já enfrentara antes, e mais rápida que qualquer arma.

Era uma guerra interna que ele simplesmente foi incapaz de vencer e dentro de um mar de hipóteses, à deriva, soube que estava prestes a se afogar.

SÉTIMO CAPÍTULO

— Você vai fazer um rasgo no chão, Brandon, para... — Apesar de baixo e cuidadoso, o tom de voz que Brandy usou só queria descontrair. Acalmar o irmão que não havia piscado ou saído daquela sala de espera há oito horas.

— Se ninguém vier falar algo, vou atrás de respostas... — Foi o que ele disse, em alto e bom tom para que os recepcionistas e enfermeiras circulando pela sala de espera escutassem. O rosto estava vermelho, os olhos bem abertos cravaram-se na porta para o corredor onde havia visto Sophie pela última vez.

Já havia amanhecido há algum tempo e o hospital estava movimentado, mas o maldito médico não dava as caras. Cada vez mais, era impossível controlar a vontade de invadir o que fosse preciso para saber o que tinha acontecido com a namorada.

— Brandon. — As mãos de Brandy seguraram seu braço e o obrigaram a parar o caminho de ida e volta sistemático que o irmão fazia desde que o sol nascera. — Está tudo bem. Eles não vão dizer nada sem certeza. Já disseram que ela esta em ci-

Mas a porta se abrindo fez as mãos se desgrudarem dos braços de Brandon ao passo em que o homem cortava o caminho até a conhecida médica que havia falado com ele antes.

— Brandon. — Ela movimentou a cabeça num comprimento singelo. — Sophie teve uma rachadura no osso zigomático e outra no occipital, um corte feio no supercílio e outro na bochecha, sem contar o do queixo. Nós passamos esse tempo todo colando a trinca no osso do rosto dela, pra isso, precisei abrir um corte pequeno na bochecha, aproveitando o já iniciado ferimento desferido pelo golpe.

— Certo. — Assentiu nervoso; as mãos tinham começado a tremer. — Ela está bem?

— Ela ainda não acordou. — Foi ha resposta fria, e aquilo definitivamente não era um sim. Monroe sentiu o estômago revirar. — O agressor aparentemente bateu a cabeça dela muitas vezes no chão, isso causou dano no osso occipital. Só vamos saber o real estrago que isso pode ter causado no cérebro dela quando Sophie acordar.

— E quando isso vai acontecer? — Rouco como um velho moribundo, precisou limpar a garganta, sentindo o toque da mão da irmã em seu ombro.

— Eu não posso dizer quando, mas provavelmente ela acorde dentro das próximas vinte e quatro horas.

— Vinte e quatro horas... — O sussurro vazio escapou pelos lábios e se desvencilhou de Brandy para dar as costas à Margot e sair andando pela sala de espera, as mãos nos cabelos num desespero evidente que preocupou Alexander até agora calado. Quando o amigo saiu da sala, ele o seguiu.

— Você é irmã de Sophie?

— Sou irmã do Brandon. — A morena esclareceu. — É muito ruim, doutora?

— Acalme seu irmão. Sophie não está reconhecível, a não ser pelos cabelos loiros. Precisamos fazer uma leve raspagem atrás da cabeça dela, mas nada que se evidencie facilmente.

— Entendi... — Brandy tinha um calafrio percorrendo a espinha. A frase da média ecoava dentro de si. “Sophie não está reconhecível.”. — Poderemos vê-la?

— Ela está sendo levada para o quarto. Seria bom que alguém dormisse aqui com ela, para caso acorde de noite. — A médica avisou. — Acha que o namorado é capaz?

— Ele... Só está assustado. — Sibilou francamente, num suspiro triste.

— Eu entendo. É como ver o mundo inteiro ruindo e não poder fazer nada. — Margot lhe ofereceu um sorriso complacente que de certa forma, deixou Brandy mais tranquila, sabendo que Sophie estava nas mãos de uma médica carinhosa e competente. — Tem mais uma coisa. — Ela avisou, chamando a atenção da morena mais uma vez. — O exame de corpo e delito foi feito aqui no hospital e o ato não foi consumado.

Brandy arregalou os olhos, sentindo uma onda de alívio percorrê-la.

— Meu Deus, ainda bem...

— Se quiser, pode tranquilizar Brandon.

— Vou fazer isso. Obrigada, Doutora...?

— Margot Julian. — A mais velha sorriu.

— Obrigada Margot, não sairemos daqui. Vou avisar Brandon que já

pode vê-la.

— Faça isso. Eu vou voltar para o trabalho e checar como Sophie está agora, voltarei para buscá-lo. — Ela acenou, já se virando.

— Até mais. — Brandy acenou também, saindo apressada para encontrar o irmão.

Não queria vê-lo sofrer. Não queria que Sophie, nem que ninguém mais sofresse. Mas ainda mais Brandon. Ele já havia sofrido por todos e mais um pouco e não merecia nada daquilo. *Podre Sophie,* os olhos verdes arderam e ela piscou para se livrar das lágrimas. Estava com tanta pena da amiga, sentia tanta dor pelo que havia acontecido que parecia prestes a quebrar. Por mais que soubesse que ela não havia sido estuprada, o acontecimento seria um trauma eterno para todos os envolvidos, mas irremediavelmente para ela, seria um terror.

Precisava respirar fundo e ser forte para ajudar o irmão e Sophie, precisava saber quando e como, e apesar de não saber, Brandy era o tipo de mulher que se guiava pelo bem.

E ela não estava disposta a desistir da felicidade de ninguém.

— Brandon! — A voz saiu mais alta do que deveria para o ambiente, mas sorriu ao ver o irmão. Correu para alcançar os dois homens altos encostados na parede branca de um dos extensos corredores hospitalares. — Tenho boas noticias!

— O que?

— A médica disse que se quiser pode ver Sophie. — Ela viu os olhos do irmão brilharem. — E se quiser pode dormir aqui também!

— Isso é ótimo, vocês pegam minha escova de dente e desodorante em casa?

— Pode deixar. — Alex assentiu.

— E tem outra coisa. — Brandy começou com cuidado. — Na verdade, duas coisas.

— Diz logo caralho, Brandy... — Foi um sussurro rouco de aviso.

— O rosto dela está um pouco...

— Eu sei. Não precisa me dizer. — O homem a cortou friamente. — Não dou a mínima para o rosto dela, Brandy, o que importa é que ela está viva, respirando. Qual é a próxima coisa?

— O... O ato... — Os olhos do homem imediatamente arderam, arregalados, e ele sentiu uma leve tontura com toda aquela hesitação. — O ato não foi consumado.

Alex ficou corado e se virou, fingindo interesse no velho que passava segurando o próprio soro enquanto Monroe permaneceu estático por uma porção de segundos.

O bastante para que os olhos lacrimejantes de Brandy se estreitassem, angustiada.

— Ouviu? Eu disse que—

Mas foi impossível falar já que o irmão lhe puxara para um abraço forte, urgente. Foi presa nos braços fortes que transpiravam medo e o abraçou de volta,

como sempre fazia quando passavam por maus bocados.

— É sempre assim. — Sussurrou. — Sempre nos segurando pra não cair. — Ela apertou mais o irmão tão mais alto que ela. — Pode se apoiar, maninho.

Brandon não disse nada. Havia um nó na garganta e pimenta nos olhos. Deixou que Brandy, como sempre, aliviasse suas dores e servisse como um pilar, onde poderia descansar os joelhos cansados. Feliz por Sophie não ter tido a inocência arrancada de tal maneira tórrida e devastado por ela ter passado por uma situação em que isso fosse colocado à prova.

— Vá ficar com ela, Brandon... — A irmã sibilou, depois de um tempo, e eles se afastaram. — Eu e Alex vamos buscar suas coisas e voltamos mais tarde, descanse um pouco para estar bem quando ela acordar.

— Obrigado, mana... — Ele tentou sorrir e Brandy estava surpresa.

— Faz uns dez anos que não escuto você me chamar assim.

— Me fale isso de novo daqui dez anos. — Ele afagou os fios castanhos da irmã antes de se afastar. — Nos falamos mais tarde. — Já longe, Brandon acenou para a irmã e Alex, que não se deram ao trabalho de responder, observando o homem alto dobrar numa entrada do corredor e desaparecer de vista.

— Acha que ele vai ficar bem?

— A médica falou mais alguma coisa que você omitiu? — Alex se aproximou, ficando ao lado da morena mais baixa que ele.

— Não. — Ela olhou para cima e deu de cara com a curva do maxilar de Alex, ali, evidente, chamativa. Atraente. E as sobrancelhas femininas se arquearam para os próprios pensamentos. Piscou, um pouco atordoada. Já era a segunda vez e aquilo definitivamente não era normal.

— Então ele vai ficar bem. — Alex a encarou e os olhos acinzentados se chocaram contra os verdes. Brandy olhou pro chão tão rápido que nem entendeu o por que.

— Vamos pegar tudo e voltar.

— Vamos... — Foi tudo que Alex conseguiu dizer, notando o tom rosado quase imperceptível que surgiu no rosto da mulher já andando para longe de si. Ele omitiu um sorriso e se apressou em acompanhá-la.

— Vamos passar no Mc Donald’s na volta? — A pergunta fez com que os dois pares de esmeraldas que pareciam compor os olhos de Brandy brilharem.

— Eu quero a tortinha de maçã. — Aquele pedido infantil fez Alexander começar a rir, com as mãos enfiadas nos bolsos, andando ao lado da mulher que secretamente tirava seu sono.

E ela nem se dava conta disso.

— Que sejam duas então.

— Você está querendo me engordar. — Ela apontou para um homem risonho enquanto saíam do hospital.

— Não quero que esse garoto nasça com cara de maçã.

Ali, Brandy parou de andar e Alex o fez também, imediatamente deixando o sorriso morrer.

— O que?

— Como sabe que é um garoto?

— Não sei. Eu acho que é.

Ela não soube o que dizer. Mordeu os lábios e voltou a andar. Havia algo em sua alma que não sabia identificar e era estranho pensar que sua verdadeira vontade era dizer:

— Por que se importa? — Os pensamentos gritantes foram colocados dentro de um sussurro quase inaudível e Alex engoliu em seco.

— Eu me importo com você. — Ele sussurrou de volta, e Brandy parou de andar de novo. — Se um bebê vem junto, tudo bem.

— O que? — A morena arregalou os olhos, com o coração de repente explodindo dentro do peito.

— Eu disse que m—

— Eu ouvi! — O tom saiu mais alto, quase urgente, e ela passou a mão nos cabelos, nutrindo o mesmo tique que o irmão. — O que quer dizer com isso?

— Qualé Brandy, nos conhecemos desde que nascemos. Como não posso me preocupar com você? Ou com seu bebê?

— Ele não é um bebê ainda. — As palavras foram cuspidas rispidamente.

— Ele é. Mesmo que não passe de um feijão. — Alex foi firme e um calafrio percorreu a espinha feminina.

Brandy sentiu o estômago embrulhar e uma ânsia de vômito quase a fez sair correndo.

— É o que eles dizem... — Alex deu um passo em sua direção e a morena congelou, bem ali, sendo encarada pelo homem mais alto e tão mais firme nas palavras que dizia.

— O que eles dizem? — Foi quase como se tivesse medo de perguntar, mas Alex apenas sorriu, as mãos ainda nos bolsos despretensiosamente.

— O lixo de um homem é o tesouro de outro.

Brandy sentiu as pernas tremerem e para não deixá-lo ver os olhos arregalados, se virou.

— Chega desse assunto idiota. — Só conseguiu dizer isso antes de voltar a andar apressadamente em direção ao estacionamento.

Alexander ficou parado, observando-a se afastar num ritmo rápido. Seu coração batia forte e ele não sabia se o próximo passo era prudente. Brandy era sua amiga de anos, irmã de seu melhor amigo. Engravidada por um imbecil que nunca a mereceu.

Diferente da tagarelice da dupla, parado em frente à porta fechada no meio de um dos corredores hospitalares, Monroe jazia dentro do mais puro silêncio, sendo capaz de ouvir o aparelho cardíaco no interior da sala emitir apitos agudos.

Empurrou a porta lentamente, sem fazer qualquer barulho. Os olhos pareciam querer correr e ao mesmo tempo abraçar a figura adormecida na cama,

ligada ao soro e com o rosto enfaixado, pouco se via da fisionomia estonteante de Sophie.

Na verdade, não havia nada de estonteante e Monroe não precisou dar o primeiro passo em direção à cama para perceber isso. Para notar que ela estava irreconhecível, com a face desfigurada, roxa e inchada, e essas eram as partes que conseguia ver, já que metade de seu rosto estava coberto por faixas brancas.

Um calafrio lôbrego percorreu a alma do homem e ele atravessou aquele quarto sentindo o coração parando de bater.

Segurou a mão pequena e machucada da loira sem nenhuma discrição e se abaixou o bastante para que a ponta dos dedos dela tocasse seu rosto, deslizando pela bochecha repleta de fios grossos de uma barba por fazer.

O corpo inteiro tremeu.

Ela estava ali, e o que mais podia fazer além de desejar intensamente que tudo isso passasse, ou que não passasse de um pesadelo.

A palavra “passar” estava girando e girando sem parar dentro da cabeça de Brandon quando os dentes começaram a ranger. O pensamento que o perseguia como o pior inimigo faria.

Ela não passava de uma frágil testemunha do que a maldade era capaz e aquilo era tão imutável quanto o que sentia naquele exato segundo.

Culpa. Culpa por não ter pisado mais no acelerador. Por não ter chegado mais rápido.

Ele apertou a mão de Sophie contra seu rosto.

— Não consigo mais imaginar o resto dos meus dias sem você, Sophie... — O sussurro fúnebre escapou pela boca seca e havia um nó na garganta. Ele sabia que ela não escutaria. Ele sabia que Sophie dormia num sono tão profundo que sua consciência era inalcançável e mesmo que apertasse seus dedos finos da maneira que fazia naquele momento...

Brandon sabia que aquela era uma confissão que Sophie nunca ouviria. E não se preocupava com isso... Pois haveriam outras oportunidades para dizer o quanto ela havia se tornado a única coisa indispensável em sua vida.

OITAVO CAPÍTULO

A segunda-feira seguia numa madrugada fria dentro do pequeno apartamento de Alex. Ele não precisava e nem queria muito espaço; o bastante para dormir, comer e tomar banho. O bastante para se jogar numa poltrona velha que era do pai com a décima nona lata de cerveja sendo segurada molemente em direção à boca.

Havia passado muito tempo pensando no que poderia ter sido.

Todos aqueles anos olhando uma foto ridícula.

E agora o destino tinha jogado Brandy praticamente na sua cara dizendo “veja, o tesouro de um homem é o lixo de outro” e maleficamente rindo, parecia completar “mas esse tesouro nunca será seu, imbecil!”.

Ele sabia bem sobre ser imbecil, já que havia passado quase uma década pensando em quem nem sequer deveria cogitar sobre sua existência. Brandy Monroe o via como um irmão, e aquilo não mudaria nem que chovesse canivete.

E ele estava bêbado, havia aquele porem terrível que quase o levou à um infarto quando a campainha tocou.

Os olhos cinzas correram para o relógio e ele viu exatamente 4:21 da madrugada, arqueando as sobrancelhas e se levantando de vez, ainda que cambaleante, Alex caminhou a curta distância até a porta de entrada da kitnet. Olhou pelo olho-mágico e o coração de repente corria como um cavalo ensandecido.

Alexander respirou profundamente e abriu a porta.

— O que faz aqui? — Perguntou, limpando a garganta.

— Você está bêbado?

— Não.

— Sim. — Brandy cruzou os braços em frente o peito com o cenho franzido. — Eu volto amanhã.

— Andy! — A mão forte agarrou o braço feminino e talvez a tenha puxado mais forte do que deveria, entretanto, foi o bastante para entreabrir os lábios da morena em pura surpresa. — São quatro da manhã... O que faz aqui? — Repetiu. Os olhos cinzas estavam fincados nos verdes.

— Eu... Por que... me chamou de Andy? Você parou de me chamar assim quando eu tinha quinze. — Ela hesitou. Estavam próximos e por algum motivo o coração galopava numa velocidade absurda. O que estava havendo? Que raios estava havendo? — Pode soltar meu braço?

Alex o fez, imediatamente, e eles se afastaram como se aquilo fosse mais necessário que respirar.

— Entra...

— Não, você está-

— Por acaso você tá com medo de mim depois de algumas cervejas? — Ele arqueou as sobrancelhas, parando em frente à porta e impedindo a passagem. — Não confia mais em mim?

— Claro que não. Quero dizer... Eu confio em você. Só não quero... — Brandy precisou de uma respiração profunda para continuar, com o rosto queimando e a boca ficando seca tão rápido que a vontade era de sair correndo. — Você deve estar ocupado, eu não-

— Eu estava me embebedando sozinho. — Alex foi firme, a expressão séria arrancou um calafrio da mulher. — Não estou ocupado. O que você faz aqui, Brandy? Me responde logo...

Ele deu um passo para fora de casa e Brandy deu um passo para trás.

Não sabia o motivo, nem quando exatamente aconteceu, mas de repente, a simples presença de Alex era capaz de lhe fazer dar um passo para trás, cheia de hesitação, com medo do que podia sentir com aqueles olhos cinzas mergulhando dentro dos seus.

— Eu só vim... Só... Só vim conversar... Mas acho que você está... Meio... — A verdade era que as costas haviam acabado de bater contra o alambrado de metal do corredor e Alex estava lhe encurralando no mais puro silêncio sem precisar mover um músculo. — Alex...

— Desculpe... — A palavra escapou pela boca num timbre nítido de ameaça, contradizendo o pedido de desculpas, mas indo completamente a favor de seus instintos. Os que enterrara por tantos anos e que hora após hora ao lado de Brandy pareciam ser aflorados novamente.

Presa ali, encarando fixamente os olhos do homem agora tão próximo, Brandy via o quanto ele era alto, e o quanto os fios ruivos lhe davam um ar ameaçador. Mas sabia que no fundo Alex gostava de ajudar velhinhos e brincar com crianças. Sabia que o que ele mais gostava de fazer era salvar as pessoas, lutar pelos que não podiam.

Vendo-o de tão perto, se abaixando lentamente em sua direção e deixando-a sem uma fração de oxigênio dentro dos pulmões, a morena sequer conseguiu piscar quando se viu torridamente próxima do amigo de infância. O suficiente para que seus lábios se tocassem e no momento em que aconteceu, foi como se Alex, de repente, fosse preenchido por lava vulcânica. Ele derrubou a lata no chão e segurou a cintura de Brandy, puxando-a para perto e tomando-a em um beijo que durante dez anos quis dar. Provar dos lábios doces e ferozes da mulher que secretamente sempre amou tinha gosto de cevada, um gosto levemente amargo, mas tão embriagante que Brandy foi enfeitiçada, e só pareceu acordar quando sentiu que ia desmaiar se não tomasse ar. Ela foi abduzida pela sensação que aquele beijo trouxe e quando finalmente despertou para a realidade, foi como a quebra de um encanto.

Assim que suas bocas se distanciaram, ela levantou a mão e a bateu num tapa forte contra a face de Alex, que ficou petrificado, com a boca latejando, e só o que conseguiu fazer foi observar a morena sair correndo e dobrar o corredor.

Ele esperou Brandy desaparecer para fechar o punho e socar a parede de concreto ao lado da porta. Foi um golpe tão forte que rachou o reboco e abriu os nós da mão.

O pior era saber que o gosto em sua boca era de uma mulher grávida de outro homem. Da mulher que nunca olhou com outros olhos para ele; a mulher que sequer deu algum sinal de que isso poderia um dia acontecer. E lá estava... Tentando enterrar o fato de que, exatamente da mesma maneira durante dez anos... O sentimento que sentia por Brandy continuava crescendo e crescendo.

Os problemas sempre davam um jeito de tomar o controle. Eles sempre

davam um jeito de encontrar seus pontos fracos.

(...)

Brandon estava dormindo quando a porta do quarto hospitalar se abriu, o acordando imediatamente para constatar Brandy entrando. Já era quase hora do almoço e ela veio preparada com besteiras que sabia que ele odiava. Já fazia cinco dias.

— Bom dia...

— Bom dia. — Endireitou-se na cadeira, voltando os olhos para a fisionomia da loira que dormia na cama.

— Nada ainda?

— Nada... Mas acho que o rosto dela está desinchando um pouco...

— E você... — Brandy puxou silenciosamente uma cadeira e sentou ao lado do irmão. — Está conseguindo dormir?

— Eu tinha acabado de fechar os olhos quando você abriu a porta. — Ele foi franco. — Se Sophie acordasse me pegaria dormindo no ponto.

— Você nunca dorme no ponto. — Brandy sentiu os olhos arderem. Brandon estava abatido, seu timbre de voz era vago, diferente da firmeza habitual.

— Trouxe o que eu pedi? — Ele quis saber.

— Claro que sim. Mas não vá causar problemas. — De dentro da sacola, Brandy tirou uma pequena caixinha de música, movida à bateria, e havia um cartão de memória já plugado ali.

— Não vou, obrigado Brandy. — Brandon pegou a caixinha e a colocou sobre o criado-mudo, voltando-se para a irmã. — Está usando meu carro ou o Alex tá lá fora?

— No seu carro claro, foda-se o Alex... — Ela cuspiu as palavras e ele viu as bochechas de Brandy ficarem nitidamente vermelhas.

— Ei, vocês estão tendo um caso?

— O que? — A morena quase gritou.

— Você ficou parecendo um morango quando falei dele. — Com absoluta calma e estranhando a reação dela, Monroe apenas a observou respirar profundamente.

— É claro que não... Você tá louco? Alex é como um irmão pra mim, imbecil... — Rezando mentalmente para a cor voltar ao normal, Brandy limpou a garganta como se tivesse comido um arame farpado em vez de macarronada.

— Eu não ia achar ruim. — Porque sabia o que Alex sentia pela irmã. — Vocês for-

— Cala essa boca de merda pelo amor de Deus, Brandon...

E foi ali, naquele exato instante, que a mão de Sophie se levantou num impulso que a fez apontar para o teto e então voltar a mão para ao lado do corpo. Os olhos fechados e face impassível fizeram com que os dois pares de orbes ali se arregalassem.

— O que foi isso? — Ela sussurrou macabramente.

— Não faço ideia. — Brandon já se debruçava sobre a figura adormecida, próximo o suficiente para ouvir a respiração feminina oscilando calmamente enquanto a mão espalmava-se na bochecha delicada, tocando a face pálida e morna. — Sophie...?

E então, Sophie abriu os olhos e seu nariz quase tocava o do homem. Ela piscou ao mesmo tempo em que ele dava um salto para trás, surpreso, o coração saindo pela boca dificultou e levou pelo menos dois segundos para se recompor.

Dentro do mais puro silêncio, Sophie coçou os olhos com as costas das mãos.

Tremendo, Monroe e Brandy esperavam ansiosos com sorrisos apreensivos no rosto.

— Sophie...? Tudo bem...? — Brandy se aproximou da cama, tocando a perna coberta pela manta hospitalar.

— Sophie...? — A loira indagou de volta. — Quem é Sophie? E vocês?

Brandon sentiu o coração parar de bater e toda a força que tinha nas pernas simplesmente desapareceu a ponto de precisar se apoiar na cama. Com os olhos arregalados, a irmã viu o moreno perder a cor, com os orbes cravados no rosto desfigurado da loira na cama.

— Não... Se lembra? — Rouco como um moribundo, Monroe sussurrou atônito.

— Lembrar...? Meu rosto... Dói... — Ela murmurou de volta, choramingando. — Quem são... Vocês?

Os irmãos Monroe se entreolharam, perplexos.

— Nós... — O homem respondeu, sem forças e com vontade de socar alguma coisa. — Somos seus amigos...

— Não, Sophie, Brandon é seu namo-

Mas o simples olhar fuzilador de Brandon fez a irmã calar a boca. Ela mordeu os lábios.

— Somos seus amigos... — Ela continuou, com os olhos ardendo. — E você é Sophie Lanure...

— Sophie Lanure... — A loira repetiu quase robóticamente, recordando-se que de fato aquele era seu nome. — O que aconteceu comigo...?

De novo, os irmãos se entreolharam, apreensivos.

— Você bateu a cabeça numa queda. — Ele mentiu. Havia um nó apertando a garganta de Brandon e não havia absolutamente nada além da memória de Sophie capaz de afrouxar o aperto.

— Bati... Não... Lembro de nada... — Completamente confusa, ela sibilou num tom quase inaudível, levando as mãos ao rosto novamente, aonde doía. — Eu...

— Caiu da escada. — Brandy aumentou a mentira, sentindo a urgência de dar aos ferimentos graves um motivo simples. — Por causa do sapato. — Ela engoliu em seco, limpando as lágrimas. — Fico muito feliz que esteja bem, Sophie... Agora eu preciso ir trabalhar. — Mentiu de novo, e abraçando a amiga, saiu do apartamento sem sequer se despedir do irmão. Quando Brandy bateu a

porta, caiu num pranto quase compulsivo enquanto lá dentro, Brandon tentava segurar a respiração urgente que o peito pedia para controlar os sentimentos.

— Então... Se sente melhor?

— Não... — Sophie não soube o que dizer além daquilo, sua cabeça estava girando e a busca alucinada por alguma fagulha de memória além de seu próprio nome fazia o coração bater numa arritmia quase enlouquecedora. Ela apertou os lábios machucados. — Estou com fome... E com sede...

— Eu vou pedir algo. — Com a mão levemente trêmula, o homem alcançou o botão vermelho ao lado da cama e o apertou.

Sophie não se lembrava de nada.

Nem de si mesma, quanto mais dele...

Uma memória tão fácil... De ser apagada.

Mas o moreno apenas sorriu, enterrando o sentimento que o engolia por completo, sem controle, silenciosamente, secretamente.

Quase fatal, como um câncer.

A pergunta “Ela um dia vai lembrar?” começava a gritar dentro da cabeça.

NONO CAPÍTULO

— Você não vai pra casa?

— Não. Claro que não.

— Pelo menos para um banho, Brandon. — Brandy segurou o ombro do irmão, este sequer havia se levantado da cadeira que jazia rente à lateral da cama de Sophie. Ela dormia profundamente. — Já fazem oito dias...

— Não.

— Brandon... Assim quem vai ficar doente é você.

— Você realmente está falando isso para alguém que já ficou na água por mais de duzentas horas?

— Eu não vou falar mais nada. — Ela mostrou o dedo do meio e saiu do quarto hospitalar.

Deixando Monroe sozinho novamente, encarando a feição doce da loira adormecida na cama. O coração falhava miseravelmente quando se recordava da amnésia de Sophie. Quando se lembrava da voz aflita perguntando qual era o próprio nome, quem eram eles.

Amigos.

Queria dizer que foi um engano. Que não eram amigos. Que ela era muito mais do que qualquer pessoa naquele mundo enorme. Mas não. Não para correr o risco de Sophie se assustar e afastá-lo.

— No que está pensando? — Brandon pulou da cadeira quando ouviu a voz baixa e suave soando perto e Sophie se encolheu na cama, assustada com o móvel que foi amparado antes de cair no chão.

O homem respirou fundo, colocando a cadeira em pé novamente e sentando-se nela, ele procurou encarar Sophie com uma falsa calma que simplesmente não existia.

— Eu estava pensando em quando vão trazer seu almoço... — Mentiu com uma cara tão deslavada que arrancou um meio sorriso da loira. — Que bom que acordou...

O rosto ainda inchado não permitia que fizesse mais que isso, mas ela continuou sorrindo amenamente. Sentia-se estranha enquanto a única coisa que Monroe queria era sentir o toque da boca dela de novo, comprimindo a sua num calor que se espalhava absurdamente rápido.

— Não estou com fome... — A resposta foi vazia e o sorriso foi morrendo. — Quero remédios para dor...

— Ele já está sendo injetado diretamente na sua veia. — Ele apontou para o cano ligado ao braço direito da loira e a mesma não exibiu reação. — Tudo bem?

— Não é o bastante. — Monroe arqueou as sobrancelhas.

— O que quer dizer?

— Preciso de mais remédios para me lembrar mais rápido.

— Você vai lembrar no tempo certo...

— Eu não devia ter esquecido nada, primeiramente. — Os olhos claros brilharam, lacrimejantes, e um imediato nó se formou na garganta masculina. Ele se esticou em direção a caixa de som.

— Tudo bem. — Monroe limpou a garganta e encarou Sophie com alguma firmeza. — Quer tentar lembrar? Então... Feche os olhos.

— O que? — Imediatamente ela parou, olhando para o objeto que ele tinha nas mãos. — O que é isso?

— Uma caixa de música. — A honestidade simples do homem a fez sentar na cama, ficando frente a frente para a figura forte que segurava a caixinha, tentando ser delicado. — Não é pra sentar, é pra deitar e fechar os olhos. Vou colocar uma música e você pode tentar se lembrar.

— Ah, entendi. — As maçãs do rosto ficaram vermelhas e com alguma hesitação, Sophie fez o que ele mandou.

Vendo-a obedecê-lo tão fielmente, reprimiu o calafrio que percorria sua espinha para dar play no aparelho que começou a tocar a sonata de piano que ele vivia escutando-a tocar aos fins de tarde.

Era calma e tranquilizante, mas para Sophie, durante os quarenta segundos seguintes, era apenas uma música. Por algum motivo, o som lhe acolhia como talvez nenhum abraço fosse capaz. Ela não notou Brandon colocando a caixa de som no criado-mudo. De olhos fechados, Sophie não viu a figura masculina curvar-se sobre o seu rosto em uma proximidade estarrecedora, mas a única coisa que ele queria era observá-la melhor. Estava mergulhando cada vez mais fundo naquela mulher e de repente ela mais parecia um monte de areia movediça onde se não ficasse parado, ia acabar afundando.

Mas era praticamente impossível permanecer parado quando os lábios femininos se abriram levemente, apenas o suficiente para que pudesse soltar o ar que saía dos pulmões e bem ali, num piscar de olhos, seu nariz estava prestes a tocar o dela.

Submersa nas teclas do piano soando baixo pelo quarto, Sophie sentiu aquela proximidade como um vento batendo contra o corpo, mas o vento era quente, colidindo diretamente contra seu rosto e foi como se, por meio segundo, estivesse morrendo de medo de abrir os olhos.

O cheiro feminino estava dançando nos pulmões quando a viu levantar as pálpebras, devagar.

As chamas do próprio inferno invadiram Sophie e ela sentiu o corpo inteiro congelar no milésimo seguinte, impedindo-a de sequer puxar o ar para dentro do peito.

— Eu tenho escondido uma coisa de você. — O halito de Brandon bateu contra o rosto machucado e ela era quase capaz de ouvir o próprio coração batendo desenfreado.

— O... O... — Engoliu em seco, e por mais que seu rosto já queimasse, Monroe continuava exatamente no mesmo lugar. Absurdamente perto. — Do-do que e-está fa-fa-falando...

— Eu sou seu namorado.

Por pelo menos cinco segundos onde ela não sabia o que dizer, Monroe aguardou pacientemente que Sophie o empurrasse ou gritasse.

Mas ela não fez nada.

Nada além de continuar o encarando fixamente com aqueles olhos machucados e rosto inchado, com a respiração congelada e lábios trêmulos que pareciam um imã para os seus.

— E não quero voltar a ser só um amigo... — O sussurro não tinha nenhuma intenção a não ser dizer a mais aflita verdade que andava gritando na alma.

Havia um impulso urgente tomando as ações de Brandon quando ele cortou a distância que separava sua boca da de Sophie. O coração batia num descompasso terrível, por mais que aquilo não passasse de um tocar delicado de lábios.

Por mais que ela não se lembrasse de bulhufas.

Sophie estava fechando os olhos e a compressão de suas pálpebras libertava uma lágrima que escorreu pela lateral esquerda do rosto abatido.

Ela só queria lembrar.

Lembrar exatamente dos sentimentos que tornavam Monroe capaz de afundá-la num mar de água fervente com um simples tocar de lábios.

Mas a porta do quarto se abrindo o afastou com rapidez, aflito e levemente preocupado com o que tinha feito, Monroe encarou a loira que não conseguia fazer o mesmo. O rosto ferido estava vermelho e ele sentiu uma fisgada no estômago quando percebeu que Sophie não pretendia encará-lo.

— Desculpe. — Ignorando completamente o médico entrando no quarto, o homem se aproximou mais uma vez.

— Sophie, como estamos? — O senhor de olhos castanhos encarava a ficha da loira. — Melhor?

Ela apenas concordou com um gesto robótico.

— E a dor?

— Ela estava comentando sobre a dor mais cedo. — Monroe precisou comentar.

— Vou aumentar a dosagem de analgésico. — Ele tirou uma seringa cheia do jaleco e a fincou no buraquinho de borracha da bolsa de soro. — Isso vai fazer tudo passar, Sophie. — O sorriso foi automático. — Seu almoço está chegando. A doutora vem mais tarde para ver como você está.

Quando o homem que nem sequer havia se anunciado saiu do quarto, os olhos verdes voltaram-se para os azuis e dessa vez ele não pretendia desviar o assunto.

Mas as batidas na porta recém-fechada fizeram uma ruga de irritação se formar entre as sobrancelhas do homem.

— Entre.

A maçaneta girou e Alex abriu a porta com algum receio.

— Tudo bem?

— Tudo. Ela saiu faz uns quinze minutos... Tá bem raivosa.

Alex apenas suspirou cansado.

Os dois compartilhavam do mesmo crime: eram ótimos ladrões de beijos.

— Eu sei.

— O que fez? — Com a pergunta, Alexander deu uma leve olhada para Sophie, que observava corada o quanto o logo do hospital costurado no lençol era interessante e então voltou sua atenção para Brandon, deixando um novo e ainda mais cansado suspiro escapar.

— Nada.

— Nada? — As sobrancelhas grossas estavam arqueadas.

— Eu... Posso falar com você depois? — Com uma expressão aflita e quase desmoronando, Alex praticamente implorou.

— Claro...

E a porta simplesmente se fechou. Ele parecia tão perturbado que nem tinha notado que a loira havia acordado depois de dormir por quase cinco dias.

Brandon respirou profundamente, ainda de costas para a loira. Ele sabia sobre a suposta imensidão de incertezas que rondavam a mente de Sophie agora. Quando se virou, o silêncio parecia dominá-los.

— Eu sei que não lembra. Mas vai lembrar... — Sussurrou, vendo os olhos azuis correrem dos seus. — Desculpe... Pelo beijo. — O tom de voz estava mais grave, uma rouquidão provocada pela garganta seca.

— Meu... Namorado?

— É... — O passo até a cama foi lento, estudando o olhar da loira. Não queria que sentisse medo e para seu completo alívio, ela não recuou quando tocou o colchão ao lado da mão delicada. — Está sendo difícil segurar esse fato.

— Mas eu não me lembro de você...

— Eu sei. — As duas palavras pareceram tiros a queima roupa.

— Desculpe...

— Não precisa se desculpar, Sophie... Nada do que aconteceu foi culpa

sua...

— Eu... — A voz ficou desafinada. Sophie tentou retomar o poder sobre os músculos do queixo, mas não conseguiu, e diante dos olhos masculinos, precisou esconder com as mãos o rosto se contorcendo em uma careta de choro. — Eu caí...

— Talvez eu deva começar desde o primeiro momento... Em que nos conhecemos. — De novo, Brandon precisou se segurar para não falar o que tinha acontecido. Ele não queria que Sophie se lembrasse de tudo de repente, como os médicos previram.

Por um breve momento, ela não soube o que dizer. Foi rápido. Logo estava abaixando as mãos tremulas para rente o peito. O coração batia forte.

— Pode ser? — Monroe viu os olhos claros cintilarem, lacrimejantes e um aceno positivo o fez sorrir levemente. — Bom... Você se chama Sophie Lanure, tem vinte e cinco anos..., e é uma pianista genial... Nós nos conhecemos no dia seis de fevereiro, de noite...

— De noite...? Onde... Onde foi isso?

— Eu... Estava saindo da academia... E aí pisei em uma bolsa... — Brandon respirou profundamente para continuar, já que o corpo começava a doer só de lembrar-se da cara daquele desgraçado. — Essa bolsa estava bem em frente a uma porta trancada. Eu fiquei ali por alguns segundos imaginando o que uma bolsa estava fazendo lá. Então eu ouvi um grito. — Ele notou o olhar atento se encher de nervosismo, e o próprio coração começou a galopar. — Imediatamente entendi que a dona da bolsa estava em perigo e arrombei a porta... Quando cheguei lá em cima... Você era a dona da bolsa... E tinha um cara tentando te atacar. Então... Joguei ele pela janela e chamei a polícia. Não se preocupe... A única coisa que ele conseguiu fazer foi rasgar seu casaco preferido.

— Então... Foi assim que nos conhecemos?

— Foi... — Ele teve que deixar o riso ameno sair, vendo-a sorrir levemente também. — Coisa maluca né?

— Sim... Você me salvou... Obrigada... E ai, depois? — Com a expressão amenizada, Brandon respirou fundo mais uma vez e continuou:

— Então você fez bolo de cenoura e levou para mim, como agradecimento... E eu não dividi com Alex, como você sugeriu, comi tudo porque estava muito bom mesmo. O pessoal veio arrumar sua porta e você começou a tomar aula de defesa pessoal com Alex, que é tipo um irmão para mim. Eu não pude te ensinar porque estava em outra cidade, me preparando para uma luta e-

— Luta?

— É, eu... Luto pelo peso médio pesado do UFC.

— Oh... E então? — Vendo como ela de repente parecia ansiosa e curiosa, sentiu a plena vontade de saciar as dúvidas da loira.

— E ai... Nos dias que fiquei te levando até sua casa, antes de ir pra Boston treinar para luta... Aqueles dias foram o bastante para quase me matar de saudade e... Quando voltei eu tinha certeza que queria ficar com você... E eu sabia que você também queria ficar comigo porque eu era o único cara que podia chegar perto de você, e Alex não conta porque nós dois sabemos que ele ama minha irmã Brandy...

— A moça de antes?

— Isso... — Ele sorriu. — A moça de antes, é sua amiga Brandy, ela inclusive te vestiu pro nosso primeiro encontro e te obrigou a usar sapatos vermelhos que no início não achei muito sua cara, mas depois dei graças a Deus porque você usou.

— Por que fez isso? — A indagação foi inocente.

— Porque desse jeito, quando te deixei em casa, você se desequilibrou..., e eu consegui segurar você... E nos beijamos pela primeira vez...

O rosto dela ficou vermelho num piscar de olhos, e os orbes azuis que antes cintilavam em sua direção fitaram fixamente o lençol.

— E acredite foi... Um momento que nunca vou esquecer... Porque tive a certeza que você... Queria o mesmo que eu. E aí te pedi em namoro... E... No dia do meu aniversário, dia vinte e sete de fevereiro agora, fomos num parque aquático e a noite você e Brandy me enganaram direitinho e fizeram uma festa surpresa... Então... Depois da festa eu te deixei em casa e disse que ligava para

dar boa noite... E aí...

— Eu caí...?

— Sim... — O sorriso ameno simplesmente morreu e Monroe viu uma ruga de nervosismo se moldar entre as sobrancelhas loiras. — Você caiu... — Ele esfregou a própria face aflitamente. O coração galopando a ponto de fazer a caixa torácica vibrar. — Por que um filho da puta te derrubou no chão...

Ali, Sophie parou.

Ela ficou travada e os olhos cintilaram diante da expressão séria do homem ao lado da cama hospitalar.

— O... O que?

— Alguém entrou na sua casa. — A voz saiu carregada de um peso peculiar. Era uma raiva que até mesmo Sophie, aturdida, conseguiu sentir. — Você estava sozinha e ele invadiu.

— Mas... — Foi como um choque corporal intenso. Cada fibra, cada músculo, cada milímetro da pele de Sophie começou a latejar e ela fechou os olhos com a sensação de que iria morrer bem ali. Um impacto eminente.

— Era um drogado... Que estava querendo arrumar alguma desgraça na vida de alguém e infelizmente ele... *Escolheu você*...

As pálpebras de Sophie pareciam duas âncoras. Quando finalmente permitiu que os olhos se fechassem, duas grossas lágrimas escorreram quase simultaneamente.

— Não bati... Com a cabeça...? — Aquela cena se formava rapidamente na mente. Um turbilhão de imagens começou a surgir como um verdadeiro furacão, levantando seus níveis de adrenalina à absurdos e fazendo a respiração começar a ofegar.

— Não... Na verdade, ele-

— Bateu minha cabeça. — De novo, fechou os olhos, e diferente de antes, foi sugada para dentro de um túnel de cenas que a levaram direto para o momento em que a própria cabeça era batida contra o chão de madeira.

Foi quase como ouvir o coração parar. Como ouvir o som do crânio rachando.

— Ele bateu minha cabeça no chão, de novo e de novo e de novo... Até eu apagar... Foi isso...

O sinal que media os batimentos cardíacos da pianista estava disparado e quando deu por si, as mãos abraçavam os longos e gelados dedos femininos em quase desespero.

— Mas não importa. — Brandon soube pela quantidade de detalhes que ela estava se recordando da memória recente que o cérebro tinha bloqueado por segurança. — Não importa, porque você está aqui... E eu estou aqui... E eu não vou sair daqui nem morto. Não sou um homem de meias palavras nem meias verdades e agora você sabe tudo que tinha que saber. Inclusive que não vou a lugar algum nem que você queira. Agora precisa olhar pra mim. — O olhar perdido moveu a mão de Brandon até o maxilar delicado e ele a segurou com firmeza, obrigando os olhos alagados e vagos a lhe encararem. — Sophie, me escute. Não deixe isso abater você. Não deixe isso te derrubar, você é maior, muito mais forte que isso. Logo estará saindo do hospital, vamos esquecer essa história e voltar a-

— Ele me estuprou?

O maxilar de Sophie se moveu contra sua mão e os olhos se arregalaram. A boca de Brandon ficou seca como um deserto e de repente, estava deslizando a mão cuidadosamente até a nuca feminina, abraçando-a protetoramente.

— Não... — Sussurrou. — Ele não fez nada disso.

Quando se afastou de Sophie, os olhos estavam fincados nos azuis. Mais uma vez, no mais puro silêncio, foi como se conversassem. Ela não se lembrava, mas era aquela a exata sensação que mais lhe atraia do homem. A sensação de pura segurança que ele era capaz de transmitir com um único olhar. Uma firmeza inquebrável que só tinha visto nos olhos de Brandon.

— Às vezes a vida nos passa rasteiras, Sophie. — Ele disse. Tirou a mecha loira caindo sobre o rosto machucado sem tirar os olhos dos dela. A verdade é que seu espírito estava queimando um fogo doloroso e difícil de apagar. — Se não tem força para ficar de pé... Eu vou levantar você.

(...)

— É melhor parar ai. — Brandy congelou quando ouviu a voz de Alex. Ela estava com o punho estendido na porta da kitnet do homem. — Já que eu estou aqui.

Voltou-se para ele com a sensação de esmagamento no coração que batia cada vez mais rápido. A verdade é que não tinha conseguido encarar o ruivo desde o beijo que lhe fora roubado e ela ainda sentia o gosto de cevada na boca.

Talvez por isso estivesse ali, a questão é:

Nem Brandy sabia o que estava fazendo parada na frente na porta dele.

— Fui até o hospital atrás de você. Depois na academia. — Ele disse, se aproximando até que estivessem frente a frente e as mãos sempre tão firmes da morena tinham começado a tremer.

Não queria dizer que tinha feito a mesma coisa.

— Brandy... Eu-

— Por que diabo me beijou aquele dia, Alex...

O tom sussurrado e cheio de insegurança arrancou um calafrio do fuzileiro. Ele cerrou os punhos, encarando fixamente os olhos verdes.

— Acho que não vai gostar da resposta. — Foi um aviso sério e claro que fez uma ruga se formar entre as sobrancelhas de Brandy.

— É melhor dizer. Agora. — E a ordem quase provocou risos em Alex.

— Você vai se arrepender.

— É você que está com medo de dizer, na verdade.

Pego em cheio, Alex ficou surpreso com a coragem que ela tinha, apesar de, conhecendo-a a tanto tempo, a surpresa veio como uma tempestade imprevista.

— O único motivo por eu não ter feito nada até agora foi por respeito à você, Brandy Monroe, não por medo. — Alex tinha olhos firmes em cima de Brandy quando disse aquilo e ela nunca assumiria, mas estava sim com medo.

Medo da verdade.

— Mas agora eu quero saber.

— Será que você já não sabe? — O homem passou a mão pelos cabelos.

Ambos estavam parados em frente à porta de sua casa e ele sabia que ela não tinha nenhuma intenção de entrar.

Brandy não respondeu.

Talvez pela primeira vez em toda sua vida, ficou sem resposta. Apertou a alça da bolsa presa em uma das mãos e encarou Alex mais uma vez.

— Acho que não quero mais saber. — E dizendo isso, de novo, Brandy simplesmente saiu correndo.

— É Brandy... — Alex sussurrou quando a morena sumiu de vista. — **Fuja, como sempre**.

DÉCIMO CAPÍTULO

— Você tem certeza?

— Médicos costumam ter certezas, Brandon. Essa é uma delas.

— Mas...

— Não há motivos para ela permanecer no hospital, isso está deixando você doente também. Sophie já melhorou, o quadro se estabilizou, tiramos os pontos e as fraturas estão praticamente cicatrizadas. Ela só vai precisar de mais repouso, mas isso pode fazer em casa.

— A casa dela foi queimada, Margot.

— Ah... É mesmo... — A médica coçou o queixo, sem graça. — Mas ai tem sua casa.

Naquele momento, Brandon parou, olhando-a fixamente, mas na verdade a mente já viajava para o plano diabólico que era mover Sophie para sua casa.

Eles se conheciam há quase um mês, mas ele não dava a mínima para isso.

— Brandon?

— Você tem razão... Tem minha casa.

— Brandon! — Ele se virou quase imediatamente para onde vinha a voz da irmã, e a viu correr em sua direção com um semblante preocupado no rosto. — Novidades?

— Sophie vai receber alta.

— Meu Deus! — A morena o abraçou, feliz. — Olá Margot! Como vai nossa Sophie?

— Ela está bem, Brandy. Apesar de a memória ainda não ter retornado por completo, os ferimentos estão se cicatrizando. Em apenas doze dias aqui, Sophie já tem fraturas quase cicatrizadas.

— Isso é ótimo! Não acha mesmo, Brandon?

— Acho que é pouco tempo, ela ainda está frágil e-

— Ela vai pra nossa casa! E ai pode cuidar dela você mesmo. — Brandy deu tapinhas nas costas do irmão diante das risadas singelas da médica.

— Está com medo, Brandon?

— Vocês estão rindo... Mas isso é pior do que o Iraque.

Ali, as duas pararam de rir e o encararam em dúvida.

— Sophie ir pra casa é pior que o Iraque?

— Não... A ideia de não conseguir fazer nada para ajudar ela é pior do que o Iraque. Não quero que a situação saia do controle de novo... — Haviam rugas de preocupação na expressão masculina quando encarou a médica. — Não quero que ela tenha algum problema longe do hospital.

— Ela não vai ter problema algum. Você está se preocupando por antecipação. A bateria de exames acabou de chegar e eu já lhe expliquei sobre os ferimentos superficiais serem mais “aparentes e terríveis” do que os escondidos.

— Sim... Eu já entendi. Parece ruim, mas não é tanto.

— Não mais. Agora ela está fora de risco, e deixamos Sophie dois dias a mais em observação, era para ela ser saído dia nove.

— Certo, certo... Então... Me faça um favor...

— Hm? — Margot franziu o cenho.

— Deixe-a mais um dia no hospital.

— O que? — A médica estranhou.

— Por que Brandon? — A irmã segurou-lhe o braço, atraindo os olhos da mesma cor que os seus.

— Porque precisamos de tinta azul, e um armário novo e-

— EU TO DENTRO!

— Brandy! — Margot fez um sinal explícito de silêncio. — Gritando em um hospital?

— Desculpa, desculpa Margot! É que essa foi a melhor ideia do mundo!

— Tudo bem... — A mais velha mantinha um sorriso nos lábios. Ela não conseguia entender como um fuzileiro conhecido pelo braço de ferro podia ser tão frágil quando se tratava de uma pequena e inofensiva garota. — Você me convenceu.

E Brandon não esperou mais nem um segundo para sair pelo corredor e se apressar até o quarto hospitalar. Ele bateu na porta por educação e logo entrou, visualizando Sophie mastigando uma torrada.

— Quer torrada?

A verdade é que desde que soubera a verdade, absolutamente ninguém tinha sido tão importante em sua recuperação quanto Brandon Monroe. Ele estava ali sempre e quando ela dizia sempre, queria dizer que assim como ela, o moreno também parecia estar de moradia temporária no hospital.

Sophie sabia que era unicamente por causa dela e a maneira que Brandon lhe tratava foi capaz de derreter o coração inicialmente em dúvida da loira. Ele tinha contado tudo. Cada detalhe, cada momento desde que se conheceram e todas as noites, ambos dormiam escutando ao piano que saía da caixinha da

música.

— Não, obrigado. — Deixou que a boca masculina colasse em sua testa de maneira singela e com as bochechas atingindo um tom escarlate, Sophie não conseguiu manter o contato visual. — Vim te avisar que vou precisar sair...

— Sair? — Ali, incontrolavelmente, buscou os orbes verdes que tanto lhe passavam segurança.

— Não se preocupa... Eu volto hoje de noite.

— Tu-tudo bem... — Ela engoliu a vontade de saber aonde ele ia e tentou sorrir amenamente.

— Tudo bem mesmo? — Brandon não tinha medo de tocá-la. Muito pelo contrário. Desde que contou a verdade para Sophie, ele o fazia o tempo todo e nunca fora recusado. O fato deixava o alívio entrar para que Brandon pudesse respirar. Mesmo que ela não se lembrasse de nada... Era como uma ligação que ia além de memórias recentes.

Brandon não entendia que a mente dela poderia ter se esquecido, mas a alma de Sophie ainda se lembrava de tudo e no fundo, a loira sentia aquele estrondoso sentimento a cada olhar, palavra ou toque.

Em uma velocidade alarmante, a chama dentro de Sophie se tornava mais uma vez um incêndio.

— Tudo bem mesmo. — A pianista afirmou, fadigada com o fato de ter que ficar no hospital todos aqueles dias. O rosto, ainda que dolorido, já estava voltando ao normal, exceto pelos ferimentos mais graves como os pontos na bochecha e queixo, além do supercílio que ainda cicatrizavam, mas Sophie se sentia bem o bastante para dizer: — É tedioso...

— Eu sei... — O homem sorriu complacente e afagou os cabelos loiros com carinho. — Logo isso aqui vai ser só uma lembrança chata.

— Esqueci as coisas que mais quero lembrar... E o que eu lembro é tudo que quero esquecer...

— Você vai se lembrar, Sophie... — Brandon se sentou na beirada da cama ao lado do pacote de torradas. — E se não lembrar, vamos aprender de

novo, juntos.

Ali, a porta se abriu e Brandy passou por ela saltitante.

— Oiii Sophyy! — A morena abraçou a amiga rapidamente. — Brandon disse que vamos ter que dar uma saidinha?

— Disse sim...

— Mas de noite estamos de volta, tá?

— Tá...

E foi a deixa para Brandon sair, mas ele se viu ali, sem a mínima vontade de deixar a loira sozinha.

— Vamos maninho?

— Pode ir na frente... — Os orbes verdes estavam presos na face delicada quando a irmã beijou o topo da cabeça de Sophie e saiu do quarto.

— Você não vai...? — Sendo encarada tão poderosamente, ela teve que perguntar.

— Eu fiquei porque queria beijar você. — Sophie congelou diante daquela frase. Olhou para Monroe por meio segundo antes de voltar os olhos para a torrada ainda nos dedos direitos.

— Be... Bei... Be...

— Beijar. — Direto, ainda que delicado. — Beijar você. Por isso eu fiquei.

— Ma-mas... — Mas quando Sophie o olhou de novo, Brandon estava perto. Levemente envergado em sua direção e a simples constatação fez a mulher colar as costas no colchão. A cama hospitalar tinha sido levemente dobrada para que ela não ficasse o tempo todo deitada e agora estava ali, sem nenhuma escapatória.

— Se isso for um não, é melhor dizer agora... — E não passou de um sussurro. Um tão rouco que levantou cada um dos pelos de Sophie e botou um calafrio na espinha dela capaz de fazer a loira morder os lábios.

Diante da distância cada vez mais curta, Sophie não disse nada.

A sensação de escape era presente. Ela queria fugir, correr, escapar, mas de repente se deu conta de que não era nada disso.

O corpo estava mandando ela fugir, sim.

Mas não era de Brandon e quando seus lábios se tocaram, docemente, foi como retomar um sentimento há muito esquecido. O calor que aqueceu Sophie chegou a ser sobrenatural. Ela ficou fervente e apesar do rosto vermelho, largou a torrada sobre a cama e levantou os braços para tocar, delicadamente, as bochechas masculinas.

Seu coração estava pulando dentro do peito e tudo que sua alma queria, gritava, era um segundo a mais naquele beijo. Um beijo capaz de apagar suas cicatrizes e transformar a tempestade em um dia de céu azul.

Sophie entendeu, subitamente, que precisava escapar até ele, correr até seu abraço, fugir para seus beijos...

Brandon Monroe era seu escape perfeito.

Quando se separaram daquele quente e delicioso tocar de lábios, ele estava tremendo como não tremeu nem no primeiro beijo que trocaram. A eletricidade percorrendo cada centímetro de sua carne pareceu plenamente capaz de cimentá-lo bem ali e vencido, Brandon permaneceu mais um pouco com o nariz tocando o dela.

No mais puro silêncio, viu os olhos azuis se abrirem lentamente até que o encarassem de tão perto.

— Eu amo você, Sophie... — Brandon murmurou sem se distanciar um milímetro. — Eu amo demais você. Acho que não tive a oportunidade de te dizer isso antes... E mesmo que ainda não sinta isso... Não tem problema... — Ali sim, o homem se afastou um pouco, apenas para olhar melhor a face corada da loira. — Vou fazer isso por nós dois.

DÉCIMO-PRIMEIRO CAPÍTULO

Eram dez da manhã quando Brandy, Monroe e Alex chegaram ao sobrado verde-musgo. Na caminhonete tinha uma cama nova, desmontada, uma lata de tinta, pincéis, rolos e todos os aparatos necessários para pintar um quarto.

— E o armário?

— Eles disseram até o meio dia.

— A cama já ta montada até lá. — Alex deu de ombros, praticamente garantindo o serviço e Brandon sorriu, aliviado por ter um melhor amigo como aquele.

— Antes de qualquer coisa. — Ele começou, encarando Alex e Brandy. — Obrigado pelo que estão fazendo. Acho que eu já teria entrado em parafuso se não-

— Qualé Brandon. — Brandy deu um soco no braço do irmão, sorrindo.

— Vai chorar agora?

— Meu Deus, Brandy. — Alex não conseguiu conter o riso e começou a gargalhar. — Como você é filha da puta!

— Uma desgraçada. — E devolvendo o golpe, só que em escala menor, Brandon deixou a irmã esfregando o braço para trás, e Alex rindo mais ainda o acompanhou.

Em poucos minutos já tinham tirado tudo do quarto de Brandon, que era a única suíte da casa, e colocado no segundo quarto de hospedes que, por falta de vizitas, estava completamente vazio. Os três eram fortes e não faziam corpo mole, além de serem ótimos trabalhando em equipe.

Isso resultou em três horas de trabalho árduo e contínuo. Quando o armário novo chegou, o quarto já estava pintado de um azul claro que Monroe havia notado ser a cor de muitos vestidos de Sophie; a cama já estava montada, o banheiro e chão limpos, tapetes postos.

— Vai ser um milagre conseguir passar no shopping... — Brandy comentou, vendo que já era uma hora da tarde e o armário vinha subindo pelas escadas.

— Gente, já está tudo pronto. Eu fico aqui montando o armário e vocês vão. — O ruivo chegou no quarto, ajudando os entregadores a subirem o móvel.

— Não. — Foi a afirmativa de Brandon que atraiu a atenção de ambos. — Brandy fica aqui ajudando o Alex, eu vou.

Para não levantar suspeitas, Brandy simplesmente confirmou com a cabeça.

— Ótimo. — E ele sabia que algo estava acontecendo. Olhou para o amigo e ambos conversaram em silêncio, a palavra cintilando nos orbes cinzas parecia até um singelo “obrigado” e Monroe saiu de casa deixando a dupla sozinha.

— Por essa você não esperava. — Ele disse sem sequer olhá-la, quando os entregadores se foram e não sobrou ninguém além de Brandy e Alex dentro de um cômodo cheirando a tinta.

— Não mesmo. — Sussurrou, contrariada, e pegou uma chave de fenda para começar a montagem do armário.

— Eu até poderia dizer que você merece isso, mas seria maldade.

— Você acabou de dizer, imbecil.

— É, você realmente merece isso. — Alex riu da cara de irritada que Brandy carregava. Mas ele também via as bochechas coradas e aquele fato era algo novo no relacionamento que tinha com ela. — Posso perguntar uma coisa?

— O que, fala logo...

— Por que decidiu não saber?

— Porque não. — Brandy desviou os olhos para qualquer coisa que não fossem os orbes cinzas fincados nela como machados afiados.

— Você e seus arrependimentos, Brandy.

— Sim. Eu tenho medo de me arrepender.

— Esse bebê vai nascer com cara de arrependimento?

— Vai. — Ela sentiu vontade de chorar com aquela pergunta, talvez pela primeira vez, e olhou para Alex para ter a certeza de que o homem tinha percebido.

— Para com isso. — O ruivo largou a chave e a peça de madeira para se levantar e andar até ela, ficando de joelhos, na altura da morena. — Não pode se arrepender disso, Brandy.

— Mas me arrependo... — Foi incontrolável, como ser engolida por uma onda em pleno tsunami. — Me arrependo muito, Alex...

Completamente surpreso, Alex viu as lágrimas se acumularem nos olhos verdes até escorrerem pelas bochechas e imediatamente o estômago revirou, o nó se formando na garganta e ele precisou levantar o braço até que a mão tocasse o ombro feminino. Alex não via Brandy chorar desde que ela tinha dezesseis anos.

— Não importa, Brandy... Não mais. Seu arrependimento não vai fazer o tempo simplesmente voltar. Agora que ele já está ai dentro, crescendo... Você

precisa amá-lo. — E então aqueles mesmos dedos que antes acariciavam o ombro tremulo, agora mergulhavam nos fios castanhos e curtos de Brandy. — Você vai ser uma ótima mãe, eu tenho certeza...

— Como pode ter tanta certeza, Alex... Sou uma pedra... Pedras não são boas mães.

— Se é uma pedra, então você é uma pedra foda... A pedra mais bonita e honrosa que eu já conheci, Brandy. Mais cheia de caráter, bom humor e inteligência. Você vai ser uma mamãe pedra e tanto... Por isso pare de se arrepender disso... Está tirando a vida dos seus olhos, só você não percebe isso.

Brandy o encarou; um pouco chocada pelas palavras honestas, o choro preso na garganta e as lágrimas silenciosas descendo lentamente.

— Eu trato você que nem merda, Alex... Por que faz essas coisas?

— Que coisas? — Ele arqueou as sobrancelhas em dúvida.

— Coisas como dizer que serei uma mamãe pedra e tanto...

Alex riu, puxando-a para perto e para seu completo choque, a morena se deixou ser amparada.

— Mas você vai ser. Não importa que me trata que nem merda. Também te trato que nem merda, Andy. É assim que a gente é... Mas isso não significa que eu não ame você. — Ali, os olhos verdes se arregalaram e Brandy simplesmente congelou.

— O que?

— Porque eu amo. — Ele continuou, ignorando o fato de que ela parecia petrificada. — Amo muito para deixar você e esse feijão ai dentro para trás.

— Você...

— É. — Ele a cortou, e olhou nos orbes lacrimejantes, ainda que duros de Brandy com um sorriso sincero e complacente. — Eu sei que você não me ama, Brandy. Na verdade, eu sempre soube. Por isso me desculpe por beijar você à força aquele dia. Eu tava meio bêbado e tudo que eu queria era... Engolir o arrependimento de dez anos.

— Dez... Dez anos? — Foi só o que ela teve coragem de dizer. — Como assim... Alex?

— É sério que está me perguntando como assim? — Alex franziu o cenho. — Ou está se fazendo de imbecil?

— Talvez eu esteja me fazendo de imbecil...

— É só me dar um fora, caralho! — Ele não estava bravo. Brandy não entendia como o ruivo conseguia falar aquilo com um sorriso ameno nos lábios. — Eu nunca esperei ser correspondido... Não vai ser agora que vou fazer isso.

— Não quero te dar um fora... — Brandy deixou o sussurro escapar conforme o estômago revirava e os olhos voltavam a transbordar. — Se... Se eu pudesse voltar no tempo.

— Para de querer voltar no tempo, Brandy. Tudo que temos é o agora, o presente. Os arrependimentos fazem parte da vida, não dá pra deixar isso te matar aos poucos.

— Mas não é isso que você fez...? Deixou um arrependimento durar dez anos? Levou ele até pra guerra!

— Eu não levei isso para guerra. Eu levei você. E quando eu digo que levei você, eu não quero dizer sobre o arrependimento de nunca ter dito nada e sim... Sobre aquela nossa foto quando ganhou seu primeiro campeonato, você tinha dezesseis, lembra? Pulou no meu colo e o Brandon bateu a foto bem na hora. Caramba eu olhava essa foto toda noite.

Brandy ficou estática. Olhando para Alex como se ele fosse só uma ilusão e toda aquela conversa não passasse de um plano diabólico de seu próprio cérebro para enlouquecê-la. Mas a verdade é que ele realmente estava ali... Descaradamente dizendo que a amava. Descaradamente dizendo que sentia isso há dez anos.

E mesmo que quisesse, Brandy não poderia se convencer de aquilo era uma brincadeira de mal gosto pelo único e singelo motivo de que nunca tinha visto tanta verdade naquele par de olhos cinzas.

— E sabe de uma coisa...? — O homem sussurrou, quando viu que ela não responderia, e puxou a carteira. — Vamos resolver isso hoje. Agora. Sem

arrependimentos. — De dentro, Alex puxou a foto já velha e surrada, levemente rasgada e colada com durex. — Essa garota da foto não existe mais, muito menos o garoto bobo que está a segurando. Estou ficando velho, Brandy. E farto de me arrepender.

E foi exatamente ali que Alex viu a foto que segurava ser rudemente arrancada de seus dedos e Brandy ficou de pé tão rápido que os olhos se arregalaram, aturdido.

— O que vai fazer?

— Isso vai pro lixo. Assim como essa conversa... E tudo que nós fomos e não somos mais!

Foi como levar um tiro de um fuzil MP-40 no pescoço. Quase capaz de sentir a bala varar e estraçalhar sua carne e músculos de uma forma tão dolorosa que a expressão de Alex se contorceu em uma perfeita carranca de dor. Ele ficou sentado no chão sem acreditar que tinha ouvido algo tão cruel vindo da boca de Brandy.

Justo de Brandy.

— É... Tudo que nós fomos... E não somos mais...

(...)

— Esse parece bom. Pode me trazer aquele ali também. — Ele apontava para o vestido azul claro, a saia rodada até abaixo do joelho.

— Qual é o número dela?

— É Zero. Se tiver um menor, também acho que dá.

Nós pés de Brandon, dobradas em sacolas e pacotes para presente, haviam pelo menos oitocentos dólares em roupas, sapatos, roupas intimas, presilhas de cabelo, maquiagem.

Tudo que ela tinha perdido.

Enquanto a atendente trazia o vestido pedido, o celular dentro do bolso traseiro da calça jeans começou a tocar e ao ver o nome de Brandy no visor, o homem atendeu prontamente.

— Tudo bem ai?

— Eu sei que é a pior hora. — Brandy estava sussurrando e Brandon imediatamente franziu o cenho.

— O que houve Brandy? Está tudo bem?

— Será que... Podemos conversar?

— Não me deixe preocupado, o que diabos aconteceu?

— É por isso que quero conversar! — Os olhos verdes se arregalaram quando notou que a irmã estava chorando. — Por favor, Bra-

— Eu estou indo. Não chora, se acalma. Eu resolvo.

Ele nem sabia o que tinha acontecido, mas o instinto protetor era tão forte que já preferiu dar a garantia de que tudo ficaria bem.

— Eu tô na esquina de casa... Não fala nada pro Alex.

— Isso tem a ver com o Alex? — Ele ficou surpreso.

— Brandon, porra, pelo-

— Tudo bem, tá certo, já estou indo.

Ele pagou o vestido, rumou para o carro com aquelas milhões de sacolas e em quinze minutos estava encostando a caminhonete na porta da própria casa, onde já conseguia ver Brandy parada. O rosto dela estava inchado e sequer o esperou sair do carro para correr e entrar no automóvel.

— Vamos. — O timbre foi urgente. — Vamos! — E ainda mais urgente, e Brandon acelerou a caminhonete.

— O que diabos aconteceu, fugindo da polícia...?

Brandy não respondeu. Quando olhou para ela, viu uma coisa que há pelo menos dez anos não presenciava.

Brandy Monroe estava chorando como uma criança bem ao seu lado, em silêncio, com as mãos trêmulas cobrindo a face retorcida.

— Meu Deus, Brandy... — Sentindo o coração apertar, o irmão parou o

carro um pouco mais distante da própria casa e segurou os punhos da irmã, puxando-a para um abraço desajeitado. — Mana... Mana... Me diz o que houve.

— Alex... Disse... — Ela precisou tomar uma profunda respiração para continuar, mas em vez de palavras, o choro estrondoso veio, colidindo contra o ombro do irmão preocupado. — Disse que me ama... Disse que olhava minha foto toda noite... Na guerra... E eu sequer me despedi de vocês, Brandon... Eu sempre tratei Alex como merda... E agora ele parece amar mais essa coisa crescendo dentro de mim do que eu mesma!

— Ele ama você, Brandy... — O irmão esclareceu. — Grávida ou não grávida.

— Mas eu não entendo Brandon! Porque! Porque, meu Deus... — Brandy voltou a chorar. A verdade é que Alex sempre tinha sido como um irmão para ela. Tinha tomado banho junto com Brandon e Alex até os seis anos e as fotos de família ainda existiam para comprovar o fato. Os viu se tornarem garotos travessos e depois adolescentes fortes envolvidos na luta até que crescessem para homens íntegros, fortes, rodeados de mulheres.

Brandy nunca, sequer por um segundo, imaginou que Alex pudesse sentir algo além por ela. Até o beijo que lhe fora roubado, ela realmente achava que eram como irmãos.

Que o sentimento era fraterno.

Mas agora a certeza de que Alex aguentou todas as merdas dela por tantos anos apenas por amor colidia contra sua cara como uma marretada. E doía tanto que transbordava pelos olhos, sem que Brandy pudesse fazer algo para controlar.

— Brandy... — Depois de alguns minutos em silêncio, foi quando o irmão falou, tocando o ombro dela e a afastando apenas o suficiente para olhar nos olhos já avermelhados. — Como não entende? É tão simples... Alex sempre foi apaixonado por você... Lembro quando éramos apenas crianças e ele dizia que um dia ia ter muito dinheiro pra casar com você. Lembro quando você quis entrar pra luta e ele teve um acesso de raiva nos fundos de casa porque morria de medo de você se machucar... Ou como ele ficou quando tentou ligar pra você, já no caminho para embarcarmos pro Iraque, e deu caixa postal... A verdade que só você não viu esse tempo todo é essa, mana. Alex sempre te amou. Ele sempre

esteve ali. Pronto pro momento em que você finalmente o enxergaria. Mas isso nunca aconteceu. Certo?

— Não... Não está certo... — Brandy tinha um nó na garganta. — Eu comecei a gostar do Alex quando eu tinha quinze anos, Brand... Mas eu matei isso porque achava que ele me considerava uma irmã.

— Peraí. — Ele a encarou chocado. — Você gostava do Alex?

— Há doze anos! Eu convenci a mim mesma de que esse era o melhor e-

— Caralho, Brandy... Porque nunca me contou isso?

— Eu nunca contei pra ninguém. — Ela confessou. — Ninguém. Porque eu tinha medo... Do Alex... Sumir...

— Bem... — Brandon suspirou, encarando a irmã com um sorriso enigmático. — Se eu pudesse adivinhar o que você está pensando agora... Seria algo como “porque estou aqui... E não lá?”.

Quando Brandy olhou para o irmão, seus olhos estavam arregalados e o coração batia como um tambor muito rápido. A pele repuxava em um calafrio atrás do outro e a mulher olhou para as próprias mãos, calejadas, e puxou do bolso a foto amassada que tinha prometido jogar fora.

Nela, Brandy exibia um sorriso que quase nunca dava. Era pura, explícita e genuína felicidade. O cinturão do peso pena esticado nas mãos erguidas enquanto Alex lhe levantava bem alto, o rosto dele colado no abdômen suado da morena. Era uma foto de vitória.

— Eu nem sabia que essa foto existia, até hoje... — Brandy sussurrou. Os ombros encolhidos quando se afastou do irmão de vez. Atrás da foto, as escritas “o verão de 2001” a fizeram começar a chorar de novo.

Brandy sentia as memórias se infiltrarem dentro de si, dentro de seu coração e os sentimentos começavam a transbordar de uma maneira nunca antes sentida.

— Essa foto foi a única coisa que tirou Alex da morte, se quer saber. — Ali, ela ficou perplexa.

— O que? — De olhos arregalados, encarou o irmão.

— O que? — Ele repetiu em dúvida.

— Como assim da morte? — Ouvindo tal pergunta, Brandon estranhou, parando pra pensar se já tinha mencionado o ocorrido no Iraque antes.

— Você não sabia? — Se fosse sincero, diria que sentiu até receio de indagar.

— Pelo amor de Deus o que eu não sabia?

— Alex levou oito tiros em combate no Iraque, Brandy. Ele quase morreu. Ficou dois meses no hospital militar. A única coisa que ele pediu para não se separar... Foi essa foto.

Foi como se ela mesma tivesse levado aqueles tiros, bem ali, naquele segundo, olhando nos olhos que eram da mesma cor que os seus e quando abriu a boca para falar, o celular de Brandon começou a tocar. Ele puxou o aparelho do porta-treco da caminhonete apenas para virá-lo para Brandy. O nome de Alex escrito no visor.

— Eu-

— Alo? — Ele apenas atendeu no viva-voz para o completo desespero da irmã.

— *Sua irmã está com você?*

— Está... Estamos parados no posto, ela foi comprar uma água. — Monroe mentiu descaradamente. — Aconteceu alguma coisa?

— *Bom...* — Do outro lado da linha, Alex esfregava o rosto, andando em direção ao BMW. — *Eu já terminei o armário, tá tudo pronto por lá...*

— Hey, Alex, você-

— Eu vou passar uns tempos fora, melhor nem comentar nada com Brandy. — Aquela frase arrancou um calafrio da espinha de Brandy, que escutava tudo com a boca costurada de medo. — A chave da sua casa ficou no mesmo lugar de sempre, embaixo do bloco no jardim.

— Espera ai, Alex,... Como assim uns tempos fora? O que aconteceu?

— Não se preocupa, Brandon. Tá tudo bem. Avise Loui que não vou mais abrir a academia. Eu mando noticias.

Eles se conheciam ha muito tempo para Monroe ter a certeza de que Alex estava mal, muito mal, e ele olhou para a irmã com o cenho franzido de irritação.

— Vamos conversar antes, não vai fazer as coisas de cabeça-

— Minha cabeça nunca esteve tão fria. — E com isso, Alex respirou profundamente. — Até mais, Brandon.

— Alex! — Quando finalmente teve a coragem de gritar, a linha já estava muda. — Brandon, Brandon, Brandon! Corre! Corre porra!

— Agora está desesperada? — Calmamente, o homem colocou o celular no mesmo lugar de antes. — Você que fugiu, Brandy!

— Essa é a pior hora para um sermão, Alex vai-

— Ele é adulto. — Aquela frase calou a boca dela. — E como um adulto que paga as próprias contas, tem direito de fazer o que quiser. E isso inclui ficar longe por um tempo. Você fugiu a vida inteira. Deixa ele fugir pelo menos uma vez, porra.

— Mas, mas... — Ela caiu num pranto desesperado que deixou Monroe preocupado. — Mas e se ele não voltar, Brand...

— Alex não vai fazer isso. Ele vai voltar. Mas Brandy... Você e eu o conhecemos muito bem para saber que talvez... Você deva estar preparada para quando isso acontecer. Alex está se afastando para matar o que ele sente por você. Nada, além disso.

— Eu sei...

Mas aquelas palavras não saíam de sua cabeça.

“Matar o que ele sente por você”.

DÉCIMO-SEGUNDO CAPÍTULO

Brandon lhe deixou ali e não imaginava que não teria nenhuma coragem para subir sequer o primeiro degrau.

Olhava para o lance de escadas como se elas fossem um monstro enorme prestes a devorar-lhe a alma, já que já o tinha feito com sua coragem.

Brandy não conseguia dar uma respiração sem lembrar-se de uma memória antiga. Antes da guerra, antes de serem adultos. Quando eram apenas crianças, quando eram rodeados pela inocência e os planos mais sérios não passavam de estratégias para escalar uma árvore.

Quando nenhum daqueles problemas existia.

Era uma corrente de lembranças se enrolando em volta do corpo feminino e prendendo Brandy ali, no primeiro passo, no primeiro degrau.

Os pés estavam cimentados no chão e as lágrimas começaram a escorrer pelo queixo mais uma vez.

Sim, ela queria voltar no tempo, queria tanto voltar. Retroceder como uma fita cassete e pausar no momento em que aquela foto tinha sido tirada. No momento em que sorriu daquele jeito e com tamanha euforia, sequer sentiu a bochecha de Alex colada em seu abdômen. Porque agora, sabendo de tudo, ela notaria.

Olharia para Alex e contaria a verdade.

Diria que estava fazendo de tudo para não vê-lo como algo além de um irmão. De um grande amigo.

Mas como o próprio tinha dito: voltar no tempo era algo que ela precisava parar de querer.

“Minha cabeça nunca esteve tão fria.”

— Seu mentiroso... — Sussurrou, sozinha, e limpou o rosto com as costas das mãos para dar o segundo passo e então começar a correr. Os outros cinco lances de escada até o último andar de aglomerado de pequenos kitnet’s foram atravessados tão rápido que qualquer um duvidaria se não fosse Brandy a subi-los, saltando os degraus com o rosto ainda levemente molhado.

Ofegante, a morena fechou a mão em punho e socou a porta do minúsculo apartamento do homem.

— Alex! — Ela gritou, já irritada. — Abre! Abre agora! Alex!

Mas para sua surpresa, foi a porta ao lado que se abriu, revelando uma mulher de quarenta e poucos anos com um cigarro dependurado na boca.

— Está procurando o Alex?

— Sim, onde ele foi? Sabe me dizer?

— Ele se mudou essa tarde, pegou o mais importante e foi-

— Para onde? — Brandy praticamente gritou contra o rosto da outra e de sobrancelhas arqueadas, a senhora hesitante se escondeu atrás da porta, deixando só o rosto visível, ela tragou o cigarro e disse:

— Eu lá vou saber? Só sei que o apartamento tá vago agora.

— Isso não pode ser verdade... — Brandy olhou para a porta trancada logo ao lado com olhos que ardiam mais uma vez.

— Mas é... — A senhora disse, um pouco curiosa. — Arrependida de algo?

— Muito... — Sussurrou em resposta, deixando a testa bater na porta de madeira fechada. — Amargamente...

— Bem, se ele tivesse deixado algum endereço, eu daria.

— Tudo bem... Obrigada...

— Boa sorte... — E com um sorriso complacente, a porta foi fechada.

Quase ao mesmo tempo em que Brandy escorreu até o chão como as lágrimas descendo pelo rosto.

Mas o que nenhum das duas mulheres sabia, é que a mão de Alex estava abraçada à maçaneta do lado de dentro, e ele estava travando uma batalha interna para não girá-la.

(...)

Já era noite quando pegou Brandy de novo e levou ela pra casa. A irmã estava um caco e o medo de deixá-la sozinha obrigou Brandon há ficar um pouco mais antes de voltar para o hospital.

Quando a morena dormiu no sofá, ele se levantou, escondeu todas as facas da casa e tirou as garrafas de vinho da adega. Brandy era autodestrutiva e não poderia dar chances para uma nova tragédia.

Trancou a porta de casa pelo lado de fora e entrou no carro, sacando o celular e discando o número de Alex.

— *Brandon...* — Uma única palavra foi o bastante para saber que o amigo estava mais do que bêbado.

— Onde é que você está, heim?

— *Nashville...*

— Foi para Capital só pra ficar bêbado?

— *Eu só segui a primeira placa que vi, na verdade, e parei nesse bar porque não aguentava mais dirigir.*

— Acho melhor eu ir-

— Não vai há lugar algum, Brandon, que não seja o hospital onde está sua garota.

— Eu não quero que meu irmão morra num acidente de carro, dirigindo bêbado.

— *É provável que eu acabe montando acampamento nesse bar, então relaxa.*

— Quando pretende voltar?

— *Quando já estiver morto e enterrado.*

— Espero que esteja falando de um sentimento...

— *É. Estou. Você sabe, eu sei, Brandy sabe, todos sabem.*

— Pois é... Não sei pensei que fosse dar no pé.

— *Era isso ou... Não, não tem "ou". Era isso ou era isso.* — Brandon riu da resposta e suspirou, cansado.

— Brandy... Me disse umas coisas hoje.

— *Pelo amor de Deus, eu não quero ouvir.*

— Ela disse que se-

— *Brandon, para.* — Mas Monroe apenas o ignorou e continuou:

— ... apaixonou por você quando tinha quinze anos. E que se forçou a parar de gostar de você por que achava que você não sentia nada além de sentimentos fraternos.

— *O que?* — Alex sequer conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ele não sabia se era pela bebida ou pelo coração turbulento, mas o que Brandon falava não poderia ser um delírio.

— Pois é. A vida é bem filha da puta às vezes.

— *Eu sei.*

— Alex... Saiba que o que eu vou dizer agora não é porque Brandy é minha irmã... Mas ela é uma boa mulher que fez más escolhas na vida. Ela escolheu Travis e ele fodeu com a cabeça dela. Agora, Brandy não estava esperando que você caísse do céu dizendo que amava ela. Ela esperava que você continuasse como sempre foi, um irmão.

— *Eu nunca fui um irmão...*

— Você sempre foi um irmão. O que sente por ela existe só porque você entrou pra nossa família. Ela estava chorando em pleno desespero dentro do carro quando você ligou hoje cedo.

— *Ela pegou minha foto, Brandon, e jogou fo-*

— Alex, Brandy está dormindo em casa agora, no sofá, abraçada nessa foto. Ela não jogou fora.

O silêncio dominou a ligação por pelo menos um minuto inteiro até Monroe suspirar de novo.

— Sabe que são só onze milhas, certo? De Brentwood até aí.

— *Não me diga.* — Alex respondeu rispidamente e o amigo sabia que o silêncio após foi graças à cerveja que ele estava entornando.

— Para de se embebedar, Alex...

— *Sabe, Brandon... Às vezes as coisas não são do jeito que a gente quer que seja. Por mais que desejemos. Por mais que passemos anos esperando ou lutando para as coisas acontecerem. Existem coisas que simplesmente não são pra ser.*

— E você acha que Brandy e você-

— *Acho*. — Ele não esperou o moreno terminar. — *Acho não... Depois*

de tudo isso, eu tenho certeza.

— Você também tinha certeza que ia voltar do Iraque num caixão.

Ele ficou em silêncio depois daquilo e só restou à Brandon um novo suspiro cansado. Sabia que o amigo sofria há anos pela irmã. Sabia sobre o sentimento que Alex nutria por Brandy e todos os freios que ele colocava em si mesmo por esse exato fato.

— *Eu vou desligar...* — Dentro do pútrido bar em Nashville, Alex esfregava o rosto cansado com uma fadiga tremenda. — ***Chega de chorar pitangas.***

— Alex... Você sabe que Brandy tem medo de perder você. De se arrepender. A cabeça dela gira muito em torno disso... Não vá tomar atitudes precipitadas, mais do que já tomou.

— *Eu não vou.* — Foi quase como uma promessa. — *Boa noite, Brandon.*

— ... Boa noite.

E desligaram com uma sensação estranha de conversa não terminada, mas ambos sabiam que a vida era assim: Cheia de pontas soltas que hora ou outra, éramos obrigados a atar.

O moreno parou em frente ao hospital e pulou do carro, trancando-o e rumando por corredores já conhecidos até o quarto de Sophie.

Quando abriu a porta, a cama estava vazia.

O coração simplesmente explodiu dentro do peito conforme atravessava o cômodo até o pequeno banheiro.

— Sophie? Sophie? — Havia um nó se formando na garganta quando Margot surgiu na porta com um sorriso complacente nos lábios.

— Procurando alguém?

— Onde ela foi?

— Imagina se algo realmente tivesse acontecido. Precisaríamos chamar a defesa americana para controlar você. — Margot riu da cara que ele fez. — Vamos, vem ver. — E Brandon se apressou em acompanhá-la.

— Será que dá pra falar o que está acontecendo?

— Acho que vai ser mais bonito se eu fizer surpresa.

— Ainda bem que não tenho problemas cardíacos... — Ele praguejou, procurando Sophie em cada rosto que via pelo corredor, mas se assustou quando chegaram em frente ao elevador. — Elevador?

— Ela está na ala terminal infantil. — A pontada no peito que surgiu ao ouvir aquilo fez Brandon estatelar os olhos para a médica, que novamente, lhe mostrou um sorriso gentil. — O bom e velho destino ataca novamente. — Margot comentou ao entrarem na caixa metálica. Ela apertou o botão do quarto andar e as portas se fecharam.

— O que quer dizer?

— Quando eu comecei a faculdade de medicina, não acreditava nessas coisas, sabe? Destino, coisas que não podemos controlar, que está além do nosso entendimento. Mas durante minha residência e depois de me formar, este fato veio sendo provado de acordo com os anos e acontecimentos.

— O que é que o destino fez com Sophie? — Monroe praticamente sussurrou ao saírem do elevador.

— Fez você deixar ela aqui mais um dia. — A médica respondeu francamente e arrancou um calafrio imenso da espinha masculina. Eles começaram a andar pelo corredor e depois do décimo passo, Brandon começou a escutar a melodia longínqua de um piano e estancou; os olhos verdes completamente arregalados para Margot, que sorriu um pouco mais.

— Ela... É ela?

A médica fez um aceno gentil e positivo com a cabeça e voltou a andar, sendo seguida por um homem que sequer conseguia se equilibrar em cima das pernas direito.

Brandon estava tremendo. Verdadeiramente tremendo e ele se surpreendeu ao notar que não tinha ficado assim desde que se lembrava. Era algo completamente diferente de medo, nervoso, angústia ou aflição.

Era um tipo de felicidade misturado com excitação que tirou a firmeza de seus passos. A verdade é que Monroe estava com medo de desmaiar assim que botasse os olhos em Sophie tocando piano.

Ao dobrarem o longo corredor, o som já estava tomando todo o local e o incontrolável sorriso surgiu ao localizar a silhueta feminina dentro de uma das grandes alas infantis do andar. O vidro transparente o permitiu ver as costas pequenas. Sophie ainda vestia o avental hospitalar e só ali foi possivel ver a raspagem que os médicos tinham feito em sua nuca.

Em silêncio, médica e fuzileiro se aproximaram e quando chegou bem perto, Brandon parou.

Sem ser notado e com os orbes ardendo, vislumbrou a namorada deslizar os dedos pelas teclas de um teclado simples, tirando dele uma sinfonia maravilhosa que aparentemente, havia acalmado o andar inteiro, pois não se escutava uma lamuria, um choro.

Não havia dor.

— Esse andar costuma ser um inferno. — Ela comentou num sussurro. — Crianças chorando o tempo todo. Quase todo dia... Alguma vai pro céu. Mas hoje depois que você saiu, Sophie ligou a caixinha de música e eu entrei lá para conversarmos. Ela me disse que era uma pianista e eu perguntei se ela era ou se ainda é. Sophie disse que não se recordava de como fazia e eu a convidei para ver se conseguia se lembrar de algo.

— E ai...?

— Ela ficou sentada olhando as teclas sem tocá-las por pelo menos uma hora. As crianças estavam chorando e as enfermeiras me perguntando se não era melhor tirar ela de lá... Mas percebi que foi justamente o desejo de fazer as crianças se acalmarem que fez Sophie colocar as mãos sobre as teclas. No início, ela não conseguiu. Parou de novo e ficou olhando. Mas de repente... Era como se a boa e velha pianista voltasse à tona... E ai... Ela começou a tocar, Brandon, e as

crianças foram parando de chorar... Até mesmo as mães, que costumam estar muito abatidas... Olhe para elas...

Margot apontou para algumas mulheres presentes. Elas mantinham seus olhos fechados e em uma delas, havia um sorriso tremulo nos lábios.

Ele não soube o que dizer. A verdade é que havia um nó na garganta e poderia até parecer estranho um marmanjo daquele tamanho com vontade de chorar, mas era exatamente aquela vontade que Brandon estava tentando refrear conforme o som do teclado se espalhava por toda a ala hospitalar.

— Ela é uma garota e tanto, Brandon... Não se preocupe... As coisas só tendem a melhorar agora...

— Eu sei... — Foi ha única coisa que a voz embargada foi capaz de sibilar.

E Margot apenas sorriu, olhando para Brandon e pensando que nas mãos dele, Sophie não poderia ser nada além de absolutamente feliz.

DÉCIMO-TERCEIRO CAPÍTULO

— Então... Nervosa?

— Sim... — Ela foi honesta, respirando profundamente enquanto caminhavam para fora do hospital. Sophie prendeu o cabelo de forma que a raspagem não ficasse aparente e o vestido azul recentemente comprado por Brandon tinha caído nela como uma luva.

— Não fique. — O sorriso foi ameno e complacente; com o peito batendo rápido, Brandon tentava evitar que ela notasse. — Brandy está em casa esperando...

— E-em ca-casa...? — Sophie estancou, parada no estacionamento a céu aberto do hospital. A manhã vinha calorosa, como quase sempre, composta pelo céu azul imenso e o ar árido do verão de Brentwood.

— Ah... Bem... — Ele coçou a cabeça nervosamente. Aquele era um detalhe ainda não revelado para a loira e se fosse honesto, diria que temia a reação que ela poderia ter ao saber que estaria indo morar junto com ele e Brandy.

— Parece a cara que você fa-fazia antes de me co-contar a ve-verdade... — O murmúrio tímido o fez sorrir. Ela estava gaguejando menos, apesar de tudo.

— Você tem razão... Não to contando toda a verdade.

Ali, Sophie o encarou genuinamente surpresa, como se esperasse outra resposta. As bochechas coradas fizeram a boca de Monroe secar.

— Agora é a melhor hora... pra... me contar...

— Sua casa foi queimada pelo mesmo cara que fez tudo isso em você... — Quando disse, os olhos azuis se arregalaram e começaram a lacrimejar imediatamente. Por um momento, Brandon sentiu vontade de mentir, mas acabou por falar a verdade cuja sabia ser dura de ouvir.

Ele deu o passo que a separava da namorada e a abraçou.

— Não se preocupa, Princesa... Todo esse pesadelo vai passar... Vamos reformar sua casa juntos. — A mão forte pousava no quadril delicado com absoluta gentileza e cuidado. Tinha medo de que ela quebrasse ao menor toque, como sempre, mas agora... Agora o sentimento era ainda mais estrondoso e precisou medir a força com que acariciou os fios loiros.

— A-a-aonde... — Vencida pelo carinho que ainda não sabia ser tão bem capaz de derretê-la, Sophie deixou a testa se encostar ao peito largo do namorado. — Aonde eu vou morar...

— Você vai pra minha casa. Acho que vai gostar. — Novamente, ao pegar-se imaginando a reação que a loira teria ao ver o quarto, o homem sorriu.

— Mas... — Sophie, de certo modo, ainda estava presa naquela frase. “Sua casa foi queimada pelo mesmo cara que fez tudo isso com você.” Se perguntava como era sua antiga casa. Como era sua rotina. Como pudera um estranho ter entrado em sua casa e destruído sua vida. Queimado suas memórias, além das paredes.

— Achei que fosse preferir minha casa à um hotel, mas se quiser eu posso-

— Não! — A voz saiu alta, desestabilizada. Respirou, ou pelo menos era isso que tentava fazer, mas quando levantou a cabeça para encará-lo, de repente, respirar parecia a tarefa mais impossível com Monroe a encarando daquela forma; os orbes verdes cintilavam quase esperançosamente, fincados aos seus. Foi instintivo voltar o olhar para baixo e deixar que a bochecha repousasse no peito forte.

Por um momento, era como se fosse incapaz de ouvir o próprio coração batendo.

Tudo que Sophie conseguia ouvir era o batimento cardíaco de Brandon.

Um tambor forte capaz de contaminar seus próprios batimentos e em um piscar de olhos, eram as palpitações no peito dele que moviam suas mãos.

Não se lembrava de tudo. Ainda não tinha recordado nem a metade. Mas as coisas estavam voltando, lentamente, como uma chuva leve na manhã molhando a grama verde do jardim até se transformar em um temporal que alaga, destrói e afoga qualquer coisa pelo caminho...

Quando tocou o rosto masculino, erguendo novamente os olhos até os dele, Sophie se afogava naquelas memórias perdidas, no coração de Monroe, em tudo que ela sentia por ele e por mais que não se lembrasse completamente, no fundo mais fundo de sua alma, era o único sentimento gritante, o único capaz de levá-la à uma completa falta de direção, de equilíbrio.

— Não... — Repetiu diante do silêncio masculino. As pequenas e trêmulas mãos espalmadas nas bochechas do homem que tinha deixado de fazer a barba há cinco dias. — Não quero ir p-pra... Um hotel...

A verdade é que Sophie estava morrendo de medo, mas queria perguntar qual tinha sido o fim do homem responsável por jogá-la no inferno. O que tinha acontecido com ele e como foi cada segundo.

Seu corpo doía. O rosto assemelhava ser de outra pessoa. A cabeça girava com o mínimo esforço de se lembrar.

Cada centímetro de Sophie ainda parecia arder naquele momento, ainda que estivesse a salvo.

— Nem eu... Quero que você vá... — Brandon foi franco. — Quero que fique perto de mim, quero ter certeza de que está bem...

— O que... Aconteceu... Com ele? — O sussurro foi triste, tímido, e beirando ao angustiante timbre de choro.

Olhos nos olhos, Sophie viu o olhar do homem que lhe abraçava mudar.

— Eu arranquei metade da língua dele. — Seco como um deserto, fez o coração feminino disparar. — E também teve um esmagamento de crânio. Assim que sair do hospital vai ser preso... Esqueça esse cara, Sophie... Os homens na cadeia vão cuidar de transformar a vida dele num inferno muito pior do que ele

pode imaginar.

— Eu... É como se... Nunca... Fosse passar... — Monroe comprimiu os lábios enquanto as entranhas reviraram.

— Eu sei... Mas vai passar. — Os braços fortes abraçaram o corpo pequeno e franzino protetoramente e pela primeira vez, o homem se abaixou levemente até que o nariz estivesse próximo ao pescoço feminino. Ele respirou ali, sentindo o perfume natural que a pele dela exalava. — Eu vou fazer passar, Sophie... Prometo.

Ela não respondeu. Sentiu vontade de chorar. Pela voz de Brandon era capaz de sentir as coisas horríveis rondando a alma do homem e o simples fato lhe arrepiava ate o último fio de cabelo.

— E se... Não passar... — Brandon congelou diante daquele murmúrio choroso e quando olhou para ela, Sophie tinha uma expressão pavorosa de terror no rosto já molhado pelas lágrimas. — E se não passar, se eu não conseguir voltar a tocar como antes, se eu ficar assim e se eu afundar pra sem-

— Não vai afundar! — Tão rápido quanto uma bala, foi a velocidade em que as mãos abraçaram os antebraços e lhe seguraram com a firmeza necessária para perder o ar. — Você se tornou a coisa mais importante na minha vida... — Com os orbes transbordando, Sophie viu os olhos verdes lacrimejarem também. — Vou fazer de tudo, tudo mesmo... Vamos superar isso..., juntos... Nem que seja a última coisa que eu faça, Sophie... Você vai ser feliz... Muito feliz.

— Brandon... — Ele se perguntava se Sophie lembrava sobre o costume de sempre chamá-lo de Monroe. Se ela se lembrava de o que acontecia com o espírito dele quando o chamava pelo primeiro nome. O homem piscou e libertou a fina lágrima diante dos olhos azuis. Estava partido ao meio, silenciosamente, secretamente, não houve dor semelhante desde a morte de seu pai.

Quando a viu naquele quarto em chamas... Foi como ver Sophie morta e foi como morrer também. Mas ela estava viva, bem ali, olhando-o nos olhos, segura em seus braços, mais uma vez.

Monroe decidiu que aquilo nunca mais mudaria.

(...)

Brandy estava andando de um lado para o outro com o coração na mão quando ouviu a caminhonete do irmão chegar em frente ao sobrado. Ela se apressou em correr até o quintal e com um enorme sorriso, abriu os braços e começou a pular em frente ao carro.

— Sophie! Sophie, Sophie, Sophie! — Os berros podiam ser ouvidos pelos vizinhos e Brandy não esperou nem mesmo a loira sair do carro direito para abraçá-la. — Estou tão feliz! — Era uma mentira. A morena nutria a felicidade por ter Sophie por perto; mas a tristeza de ter perdido Alex superava qualquer coisa.

Por isso ela mentiu o enorme sorriso, mentiu a animação exagerada. Mentiu os pulos e os gritos de felicidade. Queria ver Sophie feliz, acima de tudo. Não poderia ser tão egoísta a ponto de deixar o desolamento que corria pela alma transparecer.

— Ei, deixe ela respirar. — O toque no ombro foi da mão de Brandon, que a afastou o bastante para que ambos pudessem guiar uma mais animada Sophie para dentro de casa.

— Você vai adorar! Que comece essa nova fase da nossa vida! — Abrindo mais a porta, a Monroe mais nova deu espaço e o casal entrou logo atrás.

Os olhos azuis encaravam tudo ao redor como se fosse completamente novo para ela, apesar de já ter estado ali antes.

— Brandon reformou o quarto inteiro para você, vamos, vamos! — Como uma criança, Brandy puxou Sophie pela escadaria e ela sabia que o irmão parecia mais abatido do que quando a deixou em casa. Sabia que algo tinha acontecido naquele tempo e por aquele exato motivo preferiu ignorar e continuar, animadamente, puxando a amiga até o segundo andar.

— Na-não precisava... — Timidamente, Sophie deixou que a mulher por quem já nutria um grande afeto arrastá-la até o corredor da parte de cima da casa. A porta branca, diferente das outras que eram marrons, destacava-se no corredor de quatro portas.

— Claro que precisava! Essa é sua casa agora. Vamos, abra a porta.

A loira olhou para a porta branca da qual tinham parado em frente e então voltou o olhar para um homem abatido e que ainda sim, sorria honestamente.

— Ela tem razão... Essa é sua casa agora... Pode abrir.

A mão trêmula abraçou a maçaneta com aquela positiva e ela a girou com certo receio, mas arregalou os grandes e lacrimejantes olhos quando encarou o quarto além da porta.

— Isso... É... Lindo...

As paredes eram azuis. Seu tom preferido, e os moveis eram brancos, assim como a roupa de cama posta sobre a cama de casal. Haviam algumas fotografias no hack onde a TV tinha sido colocada e foi uma das primeiras coisas que atraíram sua atenção.

— Fotos... — Brandy e o irmão se entreolharam quando Sophie atravessou o quarto até os porta-retratos. — São... Fotos minhas... — Os olhos brilharam ao pegar um deles.

Brandon tinha vasculhado a casa incendiada a procura de fotos que tivessem resistido às chamas e ele havia achado apenas algumas, guardadas dentro de uma das gavetas da cozinha.

— Foi o que eu consegui achar... — Ele murmurou, vendo a irmã dar meia volta para deixá-los sozinhos. Atrás do pequeno corpo, observou a mão que segurava o retrato tremer cada vez mais até que se sentisse obrigado a esticar o braço e colocar a própria sobre a pequena de Sophie, firmando o aperto para que a foto parasse de tremer. — Essa é você pequena..., e sua avó Madalena.

— Você... Fez tudo isso... Por alguém... Que conhece há tão pouco tempo...

— Isso não é nada, Sophie... — Com a mão livre, o homem circundou a cintura delgada, abraçando-a por trás e deixando o queixo se apoiar cuidadosamente no topo da cabeça de fios dourados. — Acho que o tempo não consegue medir esse tipo de coisa... Nunca senti por ninguém o que eu sinto por

você... Não importa quanto tempo faz... O que importa é... — Docemente, Monroe a virou. Seus olhos se chocaram contra o rosto molhado por lágrimas silenciosas e de novo, o estômago revirou. — O que importa é que eu sei que é pra sempre...

— Pra... Sempre?

— Se for isso que você quiser também... Pode ter certeza, Princesa... Eu nunca vou deixar você sozinha.

— Eu... Quero... — Sophie engoliu em seco e Brandon sentiu o calor do inferno apossá-lo. — Mesmo antes de me... Lembrar de você...

— O... O que? — Era difícil um homem feito como Monroe hesitar, mas ele o fez, cruelmente e de novo, o ar faltou nos pulmões femininos.

— Quando... Vi você... Quando acordei... Eu... Senti algo...

— Algo...? — Ele ficou chocado com a confissão repentina.

— Sim... Meu coração... Me disse...

— Sop-

— Espera... — Sophie abaixou o rosto e mão pequena tampou a boca do homem. Brandon arregalou os olhos. — Eu quero dizer.

Com o aceno quase petrificado do homem, ela deixou que a mão voltasse para o peito largo. Espalmada ali, Sophie foi capaz de sentir os batimentos cardíacos do homem contra a palma de sua mão, como se ela o segurasse.

— Meu coração di-disse... Que e-era você... Ele disparou... Se aqueceu... Ba-bateu todo errado... A única coisa mu-muito clara... Foi o que eu senti... Como... Como... — Olhando para o chão, a loira fechou os olhos. Tímida, era absurdamente difícil dizer aquele tipo de coisa sentindo um coração bater tão rápido contra a própria mão.

O coração dele batia mais rápido que o seu, se é que era possivel.

— Como amor a primeira vista... — Sussurrou incrédula por ter

conseguido dizer sem ao menos gaguejar, Sophie sentiu o aperto masculino se intensificar em seu quadril. — Com você... Olhando para mim tão de perto... Eu... M-me apa-apaixonei por você de novo... Bem ali.

— Sophie... — Brandon não conseguiu segurar a própria mão e ela subiu para o queixo machucado da loira. Em um ato carinhoso, levantou seu rosto até que os orbes azuis o encarassem novamente.

— É muito bom mesmo... Saber disso, pequena...

Incapaz de segurar a própria vontade, o homem deixou que o corpo se abaixasse o bastante para que tocasse a testa feminina em um beijo terno e inocente. Sophie fechou os olhos, havia um choque elétrico percorrendo seu corpo inteiro quando a barba por fazer raspou contra sua pele conforme a boca masculina descia, distribuindo beijos doces pela ponte de seu nariz até que a própria boca fosse levemente tocada.

Absurdamente rendido e cansado de lutar, deixou que aquele sentimento o engolisse por completo. Monroe beijou os lábios de Sophie com medo de que ela se desfizesse em seus braços, mas nutrindo a certeza de que se quando abrisse os olhos ela ainda estivesse ali, nunca mais a deixaria ir.

Até aquele dia, ele não acreditava em destino, muito menos em almas gêmeas.

Até aquele dia.

DÉCIMO-QUARTO CAPÍTULO

05/05/2013

— Fica calmo! — Brandy olhava para o irmão com ares desesperados.

— Ela não deveria ter-

— Brandon, ela quis vir! Agora não vai apanhar e fazer ela passar nervoso!

— Tudo bem ai? — O treinador, Matt Grove, surgiu na sala sustentando sobrancelhas arqueadas. — Consigo ouvir seus gritos do corredor, Brandy.

— Foda-se! Esse imbecil quer dar pra trás!

— Você tá louco?

— Escuta Matt, minha namorada-

— Sua namorada está te procurando segurando um saco de pipocas no outro corredor. — Ele apontou para a porta ainda aberta. — Como assim dar pra trás?

— Ela sofreu um ataque dia 27 de fevereiro e-

— Caralho ela sofreu um ataque? No dia do teu aniversário? Que azar é esse?

— Então... Brandon está preocupado que a luta seja muito pra cabeça dela... — Brandy girou os olhos, pois sabia que a loira vinha melhorando muito desde sua saída do hospital.

— Não faz nem dois meses que ela saiu do hospital. Ela perdeu o concerto de piano e-

— Ela saiu do hospital há dois meses e você a trouxe pra um UFC em Miami? — Matt começou a rir quase descontroladamente. — Se for o caso, dê alguns calmantes para ela, Brandon.

— Cala a boca Matthew. Não vai dar calmante nenhum. Eu vou ver onde ela está e você! — Brandy apontou um dedo acusador para o irmão. — Não vai cancelar nada, seu imbecil, a multa vai deixar você morando na rua!

— Ela tem razão... — O treinador concordou depois que a morena fechou a porta. — É isso mesmo ou...?

— Ela quase foi estuprada... O cara botou fogo na casa dela e ela perdeu a memória recente... — O homem suspirou, já pronto para a luta.

— Caralho... Por que não me contou isso?

— Só Brandy e Alex souberam... Não queria ninguém mais envolvido.

— Faltam dez minutos para começar a luta, Brandon... Vá lá, derruba o cara e pronto, ela não vai sofrer se você não sofrer. É sua primeira luta depois de conquistar o cinturão... Não pode-

— Perder. — Ele completou a frase do treinador. O cenho franzido. — Eu sei.

— Se sabe por que está hesitando?

— Não estou... Essa luta não significa nada para mim se ela não aprovar.

— Posso perguntar... Ela já viu isso ai? — Ele apontou para a nova tatuagem no antebraço esquerdo do homem forte.

— Não... Era para saber hoje.

— Vai ser uma baita surpresa.

Ali, a porta se abriu para revelar a irmã e a namorada, que diferente do habitual, vestia uma calça jeans preta e uma camiseta da mesma cor e quando olhou melhor o que estava escrito na vestimenta de Sophie, Brandon arregalou os olhos.

— Ei o que é isso? — Se aproximou dela escondendo o braço esquerdo e abraçou a loira, depositando um beijo doce nos lábios rosados.

— Eu acabei de comprar! — Ela sorriu animada e Monroe sentiu o coração falhar uma batida.

Em cima dos seios fartos, em contraste com a cor preta do tecido, o nome “MONROE” estava escrito em letras garrafais douradas.

— Assim todo mundo sabe que você é minha... — Foi um sussurro contra a orelha que só ela escutou e o rosto feminino se aqueceu rapidamente.

— Sete minutos. Vamos indo, Brandon. — Matt deu dois tapas nas costas fortes do homem e ele se distanciou de Sophie apenas o bastante para olhá-la nos olhos.

— Não saia de perto da Brandy, promete?

— Prometo... — E qual foi a surpresa quando, ao se afastar, foi puxado de novo por mãos trêmulas e pequenas. Ele olhou para Matt e depois para Brandy e os dois saíram da sala juntos, rindo.

— Que foi...?

— Eu só queria... Dizer... — Sophie circundou o pescoço masculino e ficou na ponta dos pés. Para ele, aquele ato foi absurdamente novo e estarrecedoramente excitante. Ela estava se esticando para beijá-lo e os olhos azuis começavam a se fechar, lentos o suficiente para fazê-lo ter a vontade de pegar Sophie e fugir dali. — Boa sorte... — O sussurro fez Monroe cortar a distância que os separava e beijar os lábios adocicados. Ela era maravilhosa, capaz de fazê-lo esquecer da preocupação anterior.

Quando se separaram, havia um sorriso animado nos lábios da loira.

— Acabe com ele, amor! — Ela usou o que tinha de força e coragem para dizer aquilo e Brandon ficou paralisado com o “amor” usado na frase.

— Assim você me mata, princesa... — Sorriu, beijando-a mais uma vez a tempo de ouvir um grito vindo do corredor que dizia “Cinco minutos!” e sabia que a voz era de Matt.

Andou com Sophie até Brandy e eles se separaram ali, sem que a loira fosse capaz de notar a nova tatuagem feita no antebraço esquerdo.

Cinco minutos depois, estava sentada ao lado da amiga na primeira fileira de frente ao ringue e o nome do namorado era anunciado pelo locutor que estava dentro do octógono. O oponente, Ian Huve, pulava lá dentro também, com uma cara de poucos amigos que fazia Sophie tremer dos pés a cabeça.

— Ai meu Deus... — Ela corou quando viu a própria face no telão ao lado de Brandy por alguns segundos e logo em seguida o som desapareceu.

— Vai começar... — A Monroe mais nova sussurrou.

Ali, uma singela e solitária nota de piano soou, chamando a atenção de todos e arrancando um calafrio da espinha de Sophie.

— O que é isso? — Mas ela já havia reconhecido. Aquela era sua música preferida remixada com toques intensos e ainda não havia se recordado qual foi o momento em que disse isso à ele. Entretanto, estava acontecendo mesmo, realmente. A música começou a tocar e diante de tantos olhares de estranheza, Sophie sorriu quando o namorado saiu da pesagem e começou a correr em direção ao octógono.

O locutor gritou o nome de Brandon e quando deu por si, era ela mesma de pé.

— Vai Brandon! — As pessoas começaram a gritar quase ao mesmo tempo em que a voz saiu pela garganta e Brandy se levantou também, conforme o locutor e juiz anunciavam as regras.

Ao bater do sino a luta começou e de olhos arregalados, Sophie o viu

atravessar o octógono com os ombros enrijecidos.

Dentro do rinque, o moreno não queria esperar. Seus pés pisaram na lona com força e ele pulou, levantando uma das pernas, alto o suficiente para acertar o antebraço que Ian usou para proteger a orelha. A canela de Brandon bateu e fez o outro se desequilibrar, o bastante para que quando pousasse novamente no chão, avançasse para abraçar o quadril masculino e jogá-lo no chão.

O coração bombeava rápido e a adrenalina em Brandon talvez não fosse maior do que a que corria dentro de Sophie.

— Vai, Brandon! — Ela estava gritando a plenos pulmões. — Vai, vai! Acaba com esse maldito! — Brandy arregalou os olhos quando ouviu aquilo. Ela tinha acabado de falar “maldito”? De pé ao lado da amiga, gritou também o mais alto que pôde e quando viram, era Monroe jogando Ian no chão, caindo em cima dele e iniciando uma sequência de socos fortes que para Huve, foi simplesmente impossível de se desviar. O rosto já estava ensanguentado e quem tinha olhos no telão via uma luta ganha, mas Ian não estava pensando em desviar, ele pensava apenas em acertar um único e certeiro soco, e foi o que conseguiu quando Brandon levantou o braço para acertá-lo mais uma vez.

O homem de um metro e oitenta recebeu o golpe duro contra o maxilar e no segundo seguinte, as pernas de Huve saíram de debaixo de si para abraçarem sua cintura e girarem. Com o peso dos músculos de Ian, a bochecha colidiu contra a lona ao mesmo tempo em que um soco de direita forte contra o tímpano arrancava sua audição.

Os gritos da multidão simplesmente desapareceram e preso em uma chave difícil de sair, Monroe se preparou para o segundo golpe que veio para fazer sua cabeça quicar no chão como uma bola de ping-pong. O supercílio se abriu por inteiro, esguichando sangue na lona e fazendo metade da plateia começar a gritar desesperadamente.

E aquilo incluía Sophie e Brandy, que já tinham veias saltadas nos pescoços e testas.

A respiração vinha rápida, ardendo para dentro dos pulmões quando conseguiu, entre golpes, se virar e girar, desequilibrando Ian e esticando o braço,

atingiu o punho forte contra a lateral esquerda do tronco. O soco foi tão pesado que Huve caiu de costas, sentindo os ossos das costelas trincados enquanto Monroe se colocava em pé de novo.

Dentro da cabeça, a contagem para o primeiro round acabar continuava e ele não esperou para avançar, à tempo de ver o outro ficar de pé, os braços erguidos em uma nítida posição de defesa que Monroe ignorou. Precisava acabar logo com aquilo já que o sangue e o inchaço começavam a atrapalhar a visão.

Com o coração disparado, viu Ian levantar a perna e o reflexo rápido o fez segurá-la na altura do quadril, esticando o braço em um soco direto contra o rosto de Huve, que teve o nariz esmigalhado enquanto o sangue começava a esguichar e o corpo era jogado para trás em um impulso causado pelo golpe de Monroe, que saltou para frente e sentou em cima do homem, o próprio sangue pingando contra o peitoral de Huve quando viu os olhos dele girarem. No quarto golpe, o juiz o segurou à tempo de conseguir encaixar o quinto soco.

Todos que estavam assistindo ainda pareciam chocados com a virada do jogo e quando finalmente ficou de pé, a plateia ovacionava o nocaute.

Foi amparado pelo técnico que conteve o sangramento no supercílio rápido o suficiente para que pudesse mais uma vez, levantar o cinturão mantido.

Brandon olhou para Sophie enquanto o locutor falava de sua vitória e ele sorriu, um pouco preocupado com a expressão de terror que ela ainda esboçava apesar de sua conquista.

— Algum recado para os fãs, Monroe? — Piscou, voltando para a realidade onde o microfone lhe era direcionado e o homem, ainda ofegante disse:

— Essa foi pra você, Sophie! — Ele gritou contra o microfone, erguendo o braço esquerdo e apontando para a loira congelada na plateia e a câmera focou no rosto ainda assustado, mostrando-o para a multidão que aplaudia.

Sophie se olhou no telão, o rosto vermelho mal conseguiu esboçar qualquer reação e Brandy a abraçava feliz quando a câmera focou no braço masculino com alguns respingos de sangue.

Os olhos azuis se arregalaram, lendo a tatuagem que ela não sabia da

existência.

— É meu nome? — Foi um sussurro que sequer Brandy ao seu lado ouviu. — É meu nome... — No braço esquerdo de Monroe, com algumas teclas de piano, seu nome estava escrito em uma letra corrida que pegava praticamente todo o espaço entre os tribais que ela já conhecia.

Sorrindo abertamente, a loira começou a chorar, sendo guiada por uma atônita Brandy até o octógono, onde pôde por fim beijar o namorado e abraçá-lo apertado.

— É meu nome! — Ela sussurrou quando o homem a tirou do chão em um abraço firme.

— É seu nome! — Brandon riu, beijando Sophie enquanto uma metralhadora de flashs fotográficos era disparada na direção deles.

Vendo a cena, longe dos olhos da maioria, Alex se apoiava na parede com os braços cruzados, os olhos em Brandy ao lado do irmão com um sorriso enorme no rosto.

— Tudo bem? — A voz feminina soou rente e ele desviou a atenção para a figura da loira de seios fartos e sorriso pago.

— Tudo.

— Você ficou estranho...

— Acho que é você que bebeu demais...

— Eu não bebi demais! — A mão feminina percorreu o abdômen trincado de Alex até atingir o limite do tecido, onde o levantou para que pudesse sentir a pele masculina contra a palma da mão.

— Não...?

— Não. — Ela sorriu quase libidinosamente e na verdade, os dois já tinham bebido demais. — Vamos pro quarto, Sand... Quero uma guerra de travesseiro...

— Só se você estiver pelada...

— Alguma dúvida de que eu não estaria? — E a mão feminina saiu de dentro de sua camiseta para segurar a mão forte e puxá-lo para fora do estádio.

Dentro do octógono, repentinamente parando de sorrir, foi como se por um segundo ou menos, Brandy tivesse a certeza de ter visto Alex lá em cima, saindo por uma das grandes portas.

E ele não estava sozinho.

De repente, a alegria pela vitória de Brandon, pelo retorno de Sophie, pelos planos dando certo... Simplesmente desapareceu.

— Ei onde está indo?

— Eu vou pro hotel! Nos encontramos lá! — Foi só o que teve tempo e força para gritar, saindo correndo sem revelar ao irmão os olhos transbordando de lágrimas.

(...)

Alex sentiu a língua de Amanda deslizando por sua virilha e no meio de um quarto cheio de penas de travesseiros e champanhe, o homem fechou os olhos e deixou que ela fizesse o que queria. Quem era ele para negar aquele tipo de coisa? Tinha uma mulher gostosa em cima dele abocanhando-o como um sorvete delicioso e mesmo assim não parecia satisfeito, tampouco feliz. Ele colocou as mãos sobre a cabeça feminina a incentivando a continuar e tentava pensar em Amanda ao invés de pensar no que Brandy estava fazendo, mas parecia impossível.

Tudo que passava pela mente do homem era a conversa que tivera com Brandon há alguns dias.

“Ela disse que se apaixonou por você quando tinha quinze anos. E que se forçou a parar de gostar de você porque achava que você não sentia nada além de sentimentos fraternos.”

Alex Sand nunca se sentira tão mal em toda sua vida. Parecia até que deixar aquela loira pagar um boquete pra ele era um crime, uma traição, uma desonra. Aquilo ia contra todos os princípios que achava nutrir, principalmente depois de saber sobre o que Monroe comentara.

— Espera... — Deixou um suspiro cansado escapar e empurrou a mulher.

— Tá ruim...?

— Não, eu... Só tenho que dar uma saída. — E pulou da cama, ainda excitado e lambuzado de saliva e champanhe.

— Sair? Espera aí Alex, o que tá acontecendo? — Nua, Amanda levantou também. Eles tinham se conhecido uma noite antes e ela não pretendia deixar aquele bom partido sem ao menos lutar.

Já tinha notado pela forma como ele se portava que Alex Sand era um militar e ela, secretamente, tinha uma queda enorme por fardas, apesar de não tê-lo visto usando uma ainda. Alex era forte, engraçado, absurdamente maravilhoso fisicamente e uma máquina de prazer na cama, além de bom bebedor. Seu tipo preferido.

— Eu preciso resolver uma coisa. — O homem vestiu a calça jeans e a camiseta e pegou a carteira em cima do criado-mudo da cama.

— O que pode ser mais importante que isso? — O abraçou, os seios sendo comprimidos contra o peitoral largo do homem.

Alex a encarou quase friamente, segurando seus ombros e a empurrando gentilmente até que estivesse sentada na cama.

— Você não faz ideia.

Quando piscou, Amanda se viu sozinha no quarto. Ela bufou irritada e se jogou na cama, alcançando o champanhe e o controle da televisão.

— Idiota.

No corredor, Alex percebeu que tinha se esquecido de colocar os sapatos e preferiu ignorar o fato. Ele desceu até o hall com ares ansiosos e passou as mãos pelos fios ruivos no intuito de parecer menos louco, se é que era possivel. Fazia quase dois meses que não via Brandy e o fato o consumia vivo.

— Por favor... — Foi quase um murmúrio para a atendente que já o conhecia e o olhava em dúvida. — Sabe me dizer qual é o quarto de Brandy Monroe?

— Senhor Alex, espere um segundo. — A morena começou a digitar e dentro do segundo que fora pedido, estava sorrindo. — 3698°.

— Obrigado. — Alex sorriu também e logo andava novamente em direção ao elevador, mas o que o parou no meio do caminho foi uma risada escandalosa.

Congelado, ficou com medo de se virar e ver algo que não queria, mas mesmo assim ele o fez. Virou-se devagar para a abertura que separava o hall de entrada do salão bar do hotel e um calafrio percorreu a espinha ao visualizar Brandy Monroe segurando um copo cheio de conhaque. Ela estava completamente bêbada e gargalhando ao lado de um homem de cabelos grisalhos.

Descalço, Alex trincou os dentes.

— Não faça isso. — Sussurrou para si mesmo. Um sussurro que só queria esquecer o que tinha acabado de ver. — Não faça isso, Alex... — Mas era impossível, completamente impossível, e quando deu por si os pés descalços atravessavam o enorme tapete vinho até chegar ao balcão onde Brandy entornava aquele copo inteiro. Ele agarrou o punho feminino e ela levou um susto que derrubou o copo no chão.

Um olhar fulminante foi o suficiente para fazer o cara de cabelos grisalhos espirrar de lá tão rápido que foi quase como se nunca de fato tivesse existido.

Quando Brandy o encarou, o sorriso morreu e a expressão se contorceu em uma carranca de raiva.

— O que pensa que está fazendo? — A pergunta foi feita entre dentes.

— O que **você** pensa que está fazendo, seu desgraçado... — Brandy sussurrou com um ódio quase palpável, e eles se encararam por dois segundos sem falar mais nada.

A vontade de Alex era pegar Brandy pelos cabelos e tirar ela dali, mas os olhos verdes embriagados faziam o estômago revirar e a coragem simplesmente desaparecer.

— Você está gráv-

— FODA-SE! — O grito chamou a atenção do bar inteiro, e a dúzia de homens ali não pareceu gostar da maneira como Alex segurava o punho feminino.

— Foda-se o caralho! — Ele a apertou mais forte, obrigando-a a levantar e isso fez a raiva borbulhar em uma Brandy já completamente enraivecida. — Seu bebê não-

— Eu não dou a mínima para esse bebê! Não dou a mínima para você! Some daqui! — Puxou o punho que já latejava, mas Alex não soltou, pelo contrário, apertou mais forte e a trouxe para perto. — Eu vou socar a sua cara, seu desgraçado, tira a mão de mim.

— É verdade sobre a foto?

Ali, ela parou de se debater e de olhos arregalados, o encarou.

— O que está falando... Sai da minha fren-

— RESPONDE! — Talvez pela primeira vez na vida, Brandy ouviu Alex gritar e ele rugiu tão alto e tão forte que fez os ombros dela se encolherem.

— Acho que sua mulher vai ficar furiosa quando souber que está aqui...

— Não foi isso que eu perguntei, caralho.

— Por acaso isso importa agora...? Depois de quase dois meses sem dar as caras...

— É claro que importa... — Estava bravo; os olhos cintilavam uma fúria que ela ainda não conhecia e só Deus sabia o quanto Alex se segurava para não cometer uma loucura bem ali.

— Aqui. — A mão livre alcançou a calça jeans e ela jogou a fotografia amassada contra o peito forte, que arfava quase exasperadamente. — Agora dá o fora da-

Parou de falar quando Alex a largou e pegou a foto no chão. Ele a desamassou pacientemente e guardou no bolso da própria calça, voltando-se mais uma vez para Brandy, que agora parecia mais calma e um pouco surpresa.

— Se você não se importa com as coisas mais importantes da sua vida,

eu me importo. — Disse, frio como uma geleira e ela engoliu em seco, amedrontada pela sombra que se esgueirava nos olhos acinzentados.

— Do que porra você ta falando, Alex...

— Estou falando dessa foto. E do seu bebê. E de você. São as coisas mais importantes da minha vida. Acha que enchendo a cara e envenenando essa criança vai mudar o que aconteceu? Não vai. — De novo, Alex segurou o braço de Brandy e a puxou para perto. Dessa vez, depois de ouvir tudo aquilo, ela não teve forças para contestar. Olhando para os olhos que além de raivosos, pareciam desesperadamente honestos. — Eu fiquei dez anos pensando se eu tinha o direito de sentir o que eu sinto por você, se eu deveria falar ou não, se eu deveria agir. Passei dez anos me segurando para não fazer merda e agora quem está jogada na bosta é você, Brandy... Será que não entende... Que essa criança não é a única que você está matando? Estou morrendo também, sua imbecil... E você está também... Isso não é uma piada, Brandy... Isso é a vida real...

— Eu sei! — Os olhos dela estavam transbordando de lágrimas.

— Está tudo bem aqui? — Dois homens grandes se aproximaram, os braços cruzados em frente ao peito e os semblantes sérios fizeram Alex voltar um olhar ameaçador para ambos.

— Fiquem fora disso.

— Moça, está tudo-

— DÁ O FORA, PORRA! — Ele gritou e Brandy se encolheu quando notou que Alex estava prestes a explodir.

— Está tudo bem! — Deixou claro, mas os dois homens não pareciam convencidos. Foi necessária uma respiração profunda para conseguir olhar para o lado e reafirmar. — Eu disse que está tudo bem.

— Não parece. — Um deles disse e os olhos cinzas se fecharam fortemente. — Esse imbecil tá te machucando?

— Eu mandei cair fora. — O sussurro beirou ao macabro e Brandy sentiu a genuína vontade de segurar Alex.

— Você é quem deveria estar saindo fora, filho da puta. Tira a mão dela!

— Mas por algum motivo... Ela estava com medo. Medo demais. E não o fez. Ela viu o pavio do ruivo queimar e queimar e de olhos arregalados, presenciou uma completa e explosiva transformação.

— Não, espe-

A frase foi cortada ao meio com o impacto das costas batendo contra o balcão e abriu os olhos a tempo de ver Alex chutar o peito de um deles, que caiu no chão e foi logo coberto por um ruivo enraivecido que fechou o punho na intenção de nocautear o homem, mas foi parado pelo chute certeiro contra o rosto que o levou para o chão com tudo girando.

Brandy gritou; a raiva subitamente explodindo ao ver Alex em maus lençóis e no próximo piscar de olhos, embriagada, era ela mesma a fechar o punho, tomando impulso e pulando em cima do desgraçado que tinha chutado Sand. As pessoas começaram a correr e no meio daquele burburinho, a fúria invadia a alma como uma avalanche; sem conseguir controlar, ela passou o antebraço em volta do pescoço masculino e começou a apertar enquanto via Alex ficar de pé ao mesmo tempo em que o homem antes caído no chão.

Era boa de briga, aquilo não era segredo para ninguém. Não era segredo também o fato de que uma vez irritada, era difícil se acalmar e ela só voltou a atenção para o pescoço que apertava quando sentiu a primeira cotovelada atingir as costelas direitas.

O estômago revirou e os dentes trincaram. Brandy cruzou as pernas em volta dos quadris masculinos e apertou mais o pescoço enquanto as cotoveladas que recebia ficavam cada vez mais fortes. E para Alex, uma vez de pé, foi automático desviar do golpe no rosto e desferir um soco de direita na traqueia do moreno, que caiu sentado no chão sem conseguir respirar.

Ele se voltou para o segundo homem e deu de cara com a expressão de dor de Brandy, assim como também a feição avermelhada do indivíduo que estava sendo enforcado por um mata leão bem desempenhado. O corpo inteiro congelou quando viu aquela feição de dor no rosto da Monroe mais nova e cada músculo de Alex sofreu uma explosão de adrenalina que o fez avançar com o punho fechado, batendo contra o queixo masculino em um gancho perfeito que o fez morder a língua. Enquanto o sangue invadia a boca do segurança como uma

enxurrada, Brandy caiu no chão sentindo uma absurda vontade de vomitar.

O estômago doía como nunca antes.

Foi só então que ela lembrou:

Estava grávida.

Era um fato que odiava tanto que, depois de tanta bebida, acabou por esquecer.

— Brandy! — O ruivo caiu de joelhos logo à frente enquanto mais cinco seguranças corriam para lá. O bar tinha ficado vazio de repente e ele segurou os ombros femininos, vendo que ela protegia a barriga. — Andy, por favor, responde!

Brandy ouviu a voz dele, mas parecia estar muito distante, e os pontos pretos que dominaram sua visão impediram que ela visse a face de desespero do homem que a tirara do chão.

Alex não esperou que ela falasse algo. A expressão de pura dor por si só já era uma resposta e a pegou no colo, ignorando os seguranças para começar a correr em direção ao hall do hotel.

— O que diabo está acontecendo? — Ele foi parado por um dos seguranças que ainda tentava entender a situação.

— Ela precisa de um médico! — Os olhos cinzas começaram a arder quando encarou novamente a morena, e pálida, com os braços moles, ela já não o encarava de volta. — AGORA!

(...)

Toda aquela situação sequer passava pela cabeça de Brandon, que tinha um coração galopando dentro do peito conforme deslizava os dedos pela lateral do corpo esguio e beijava os lábios de Sophie.

Ele ainda não acreditava que aquilo era real, que ela estava mesmo ali, escorada na parede e permitindo ser beijada de tal maneira profunda. As mãos respeitosamente acariciando os quadris femininos começaram a subir, em apertos firmes pelas costas pequenas até que estivessem mergulhando nos cabelos loiros e sentindo o ferimento que cicatrizava na cabeça de Sophie.

Ela tinha uma nova cicatriz na bochecha a qual fazia de tudo para esconder com a maquiagem, além da do queixo, que ele sabia incomodar muito a pianista.

Toda vez que Monroe olhava para Sophie, ele se lembrava daquele fatídico acontecimento, mas se lembrava também do que sentiu ao ouvi-la dizer que havia se apaixonado por ele mais uma vez, como amor a primeira vista.

Com a boca colada na dela, o fuzileiro não conseguiu controlar o sorriso. Tinha beijado muitas antes, dormido com outras mulheres, conhecido seus desejos mais profundos e satisfeito seus anseios. Mas os próprios, durante todos aqueles anos, continuaram adormecidos.

Sophie foi a primeira capaz de tomá-lo de assalto, de colocar nele uma coleira invisível que nem ela mesma sabia existir. Foi a única a fazer seu coração bater tão rápido, e ele não se importava com as cicatrizes, nem com o tempo curto que foi necessário para se apaixonarem. Brandon se importava apenas com o presente e com o futuro. Queria enterrar as memórias ruins, o passado doloroso, os sentimentos fúnebres, a tristeza. Tudo que almejava era fazê-la feliz como nunca antes e dentro do que parecia ser um sonho, pegou o corpo franzino no colo e suas bocas se separam quando deitou Sophie na enorme cama de casal da suíte que partilhavam, ainda que não dormissem juntos.

Ela estava tremendo. O coração corria forte como uma locomotiva e todo o ar dentro do peito se esvaiu ao passo em que sentia o corpo masculino cobri-la. Brandon tinha levado três pontos no supercílio direito e a lateral do rosto estava levemente inchada, mas o que tirava mesmo sua paz era a sensação que a boca dele despertava em sua alma.

Ela não fazia ideia, mas ambos compartilhavam da experiência de amarem de verdade. Era um sentimento estrondoso, forte, que os invadia como um tsunami e pela primeira vez, Sophie se viu completamente sem controle. Incapaz de sequer abrir os olhos enquanto sentia a trilha de beijos que o homem fazia por seu pescoço. Ela passou as mãos pelos braços fortes até chegar aos fios de cabelo castanhos e arfando, tentou achar algum equilíbrio naquela dança que nunca tinha dançado antes.

Tudo era novo.

A forma como Brandon lhe beijava, tão intensa, tirava sua paz e

substituía por um inferno inteiro de calor que cozinhava Sophie de dentro para fora e ela não entendia como aquilo era possível. A avalanche de sentimentos lhe engolindo por completo conforme os dedos masculinos deslizavam pela lateral de seu corpo, descendo por seus quadris e pela primeira vez, atingindo as coxas alvas. A calça jeans parecia ser feita de fogo, de repente, e aquele mesmo fogo lhe consumia inteiramente de acordo com os beijos que, por mais delicados e gentis que fossem, despertavam em Sophie novas e únicas sensações.

Ela nunca tinha sentido nada daquilo. Sequer sabia qual nome dar à esmagadora sensação que tomava seu coração e alma e colocavam sua mente em um liquidificador. A única coisa que ela sabia é que o responsável por causá-las era Brandon Monroe.

Monroe e sua barba por fazer, arranhando-lhe a pele e protuberando cada poro existente no corpo; Monroe e sua incrível capacidade de hipnotizar em silêncio, ao ponto em que o único som no quarto fosse ha respiração alta da loira, arfando conforme a língua masculina surgia para arrancar de vez sua sensatez, atingindo a curvatura de seu pescoço e fazendo a pele entrar em combustão.

Sophie sentia os pelos arrepiados e a mão masculina apertar sua pele com gentileza, como se o verdadeiro intuito fosse mostrar que aquilo não iria feri-la, muito menos desonra-la. A única intenção de Brandon ali era fazer Sophie se sentir bem e naquele momento, ela se sentia mais do que bem.

Sophie estava levitando diante da nova e estarrecedora sensação de excitamento lhe preenchendo. Ela jamais tinha sentido isso antes. Mal podia distinguir aquele calor de uma febre, mas era o que era: uma febre de quarenta graus que provocava delírios fortes o suficientes para arrancar de suas entranhas um gemido baixo, mas que fez os dentes masculinos se fecharem levemente contra a pele de seu pescoço, quase incapaz de se controlar, de controlar a vontade, o desejo, a paixão, a intensa onda que o dominava.

A loira deu por si passando as mãos por debaixo do tecido da camiseta preta que ele vestia, sentindo o abdômen trincado do namorado e o peitoral forte que também arfava. Novamente, com a mão espalmada ali, ela soube que o coração de Brandon batia tão rápido quanto o seu. O cheiro do homem era delicioso e inconscientemente, saber que ele parecia tão nervoso quanto ela lhe deixava ainda mais inquieta.

O moreno levantou-se levemente, abrindo os olhos e sentindo o aroma de lavanda que vinha da pele feminina. Contemplou o rosto vermelho de Sophie e sua expressão única de prazer secreto que quase foi capaz de nocautea-lo e tirou a mão esquerda da coxa dela para deslizar os dedos até o limite da blusa preta e levantá-la, revelando a cintura delgada da qual não pôde controlar a vontade de beijar.

E quando ele o fez, Sophie gemeu de novo, dessa vez um pouco mais alto, os olhos apertados e a ponto de lacrimejar, ela abraçou os cabelos castanhos, puxando o homem para cima.

— Não... — O pedido não passou de um sussurro choroso e ele parou imediatamente.

— Desculpe... — Monroe sussurrou, atônito, vendo os olhos azuis se abrirem lacrimejantes. — Eu... Te machuquei...?

— Eu nu-nu-nunca... Fiz... Isso...

— Eu sei princesa... Se quiser esperar, não tem problema... — Ele desferiu, como uma facada, mais um beijo molhado em cima de seu umbigo e ela trincou os dentes. — Eu espero... — E subiu novamente, o bastante para beijar os lábios adocicados. — O quanto for necessário...

— Desculpe... — Sophie estava prestes a chorar. Ela sentia aquele calor no meio das pernas e a calcinha úmida e não sabia o que estava acontecendo. A única coisa que sabia era que todas aquelas sensações, além de deliciosas, também eram aterrorizantes.

— Não se desculpe... Eu é que fui... Rápido demais... — Ele acariciou os cabelos loiros e deitou ao lado da mulher pequena, abraçando-a protetoramente. — Desculpe, princesa... Eu juro que-

Mas as batidas desesperadas na porta fizeram Brandon e Sophie sentarem na cama assustados e eles se entreolharam ainda corados e arfantes à tempo de novas batidas, que dessa vez pareciam socos, fazerem a porta tremer.

Brandon se levantou e atravessou o quarto para abrir a porta e dar de cara com Matt. Ele tinha nos olhos uma sombra que nunca vira antes.

Era desespero. Puro e genuíno desespero.

— Brandon, sua irmã, ela... Ela...

— Fala logo! — Brandon quase gritou enquanto Sophie pulava da cama, o alcançando.

— Ela está a caminho do hospital, Brandon... Uma briga aconteceu e ela levou uns socos no estômago... Alex foi com ela-

Mas Brandon saiu correndo pelo corredor assim como a namorada e o treinador, sem tempo para mais explicações, a única coisa que vinha na mente dele era a irmã, e o fato de que ela estava esperando um bebê.

DÉCIMO-QUINTO CAPÍTULO

O murro na parede abriu os nós da mão direita do ruivo e mesmo assim, ele desferiu mais dois golpes. Nada, nem mesmo a dor invadindo a mão e se apossando do braço poderia anular a que gritava dentro do coração. Ele estava do lado de fora do hospital, impedido de sequer se aproximar da morena enquanto ela passava por exames. Os olhos cinzas estavam despejando um choro silencioso que não importava quantas vezes limpasse, insistiam em cair de novo. Aquelas malditas lágrimas de culpa cujo ele sabia que se estenderiam por um bom tempo.

Não acreditava em Deus.

Nunca acreditou.

Mas naquele momento, observando a marca de sangue na parede branca, Alex fechou os olhos e se rendeu à uma secreta e muda oração. Pediu para Deus que o levasse, mas não levasse Brandy, nem aquela criança crescendo dentro dela. Que impedisse o azar de vencer a sorte, que impedisse qualquer coisa de ruim que pudesse acontecer com Brandy Monroe unicamente porque ela era a única pessoa capaz de levá-lo para o céu e para o inferno. A única que poderia curar sua dor ou afogá-lo para sempre dentro dela.

A culpa.

O remorso.

Estavam devorando Alex vivo na frente daquele hospital quando escutou o cantar de pneus e o farol que bateu contra o rosto e o cegou por alguns segundos até que pudesse ver Brandon e Sophie pularem do sedan que sequer

tinha parado direito ainda. Brandon passou por ele, e o viu, mas foi completamente ignorado. A expressão no rosto do amigo era uma temível e desesperada preocupação e ele quis segui-lo. Quis ir com Brandon e ter coragem para ouvir do médico o que tinha acontecido, mas não conseguiu.

Alex sentou no chão, a mão pingando sangue sequer era notada e ele enfiou os dedos nos fios ruivos, exasperado.

A memória ardia fumegando dentro da alma e sabia que não conseguiria apagá-la, muito menos os sentimentos que vinham junto.

— Alex... — A voz de Sophie surgiu baixa, doce, e até temerosa. Fazia muito tempo que não o via e ele abriu os olhos para vê-la abaixada a sua frente. — Va-vamos lá dentro cuidar de-dessa mão...

— Por favor... Já estou esperando há meia hora... — Sophie ficou com o coração partido ouvindo a voz de choro de um homem tão alto e tão forte. Ele levantou os olhos para ela, despejando lágrimas grossas. — Por favor vá lá dentro e volte para me dizer que ela está bem...

— Alex... Me escute... Brandon vai cuidar de tudo, ele-

— ALEX! — Mas o grito de Monroe quase fez Sophie cair no chão, tamanho o susto e Alex viu o amigo surgir e levantar a loira, puxando-a para cima. — O que porra você fez, O QUE PORRA VOCÊ FEZ, ALEX!

— Não! Não! Brandon! — E por mais que Sophie tenha tentado, não foi capaz de segurar o braço do namorado, puxando Alex para cima e o segurando pela camisa. Olhos nos olhos, o ruivo não teve sequer coragem de responder.

— Se ela perder esse bebê a culpa é sua entendeu? SUA! — E o empurrou.

Cambaleante, Alex deu passos para trás conforme Sophie arriscava segurar Brandon. Ele tinha falado com Matt e o pouco que escutou de Brandy foi o bastante para fazer a raiva borbulhar. Já fazia muito tempo desde a última discussão e ambos sabiam que uma briga era difícil de acontecer. Mas naquelas circunstâncias...

— Você tem... Toda razão... A culpa... **É toda minha.** — Sussurrou; a mão pingando sangue ao se virar e iniciar uma caminhada vazia pelo

estacionamento do hospital.

— Alex, vo-volta aqui! — Sophie gritou, nervosa, mas foi completamente ignorada e sendo puxada para dentro, ela viu o ruivo desaparecer entre os faróis dos carros na rua. — Você não devia ter feito isso! — Os olhos começaram a lacrimejar quando viu a expressão raivosa do namorado. — Ele é seu amigo!

— E Brandy é minha irmã! — Brandon vociferou, atordoado. — E aquele bebê é meu sobrinho... E eu... Não quero... Perder ninguém...

Sophie engoliu em seco diante daquela voz embargada. Ouvir Brandon usando tal timbre era desesperador. Mas o que mais a preocupava era a sombra nos olhos de Alex, assustadoramente vazia.

— Você não vai... Não vai perder ninguém, eu juro... — Ela o abraçou, apertado, colando o rosto no peitoral largo para ouvir um coração batendo desenfreado. A respiração masculina arfava como se estivesse segurando um choro e passando as mãos por suas costas, Sophie pediu à Deus força para enfrentar a vida e clareza para poder, no meio de um furacão, enxergar o caminho certo a seguir.

E enquanto a loira guiava o namorado para dentro do hospital, Alex sequer conseguia enxergar.

Mesmo que os olhos estivessem abertos. Mesmo que ouvisse as buzinas.

Mesmo que os primeiros pingos de chuva começassem a molhá-lo.

Parecia estar preso entre as rachaduras de um solo seco e árido.

Preso dentro de um oceano sem água e mesmo assim, se afogando.

Enjaulado no deserto pútrido de uma alma sem direção.

A bússola interna estava parada, quebrada, de repente, e os passos que dava eram automáticos em direção ao completo nada.

Tinha passado tanto tempo almejando o certo, buscando o correto, ansiando a felicidade. Passou tanto tempo amando alguém que nunca o amou.

Tanto tempo buscando alguém que nunca o buscou.

Mais do que nunca, as memórias devoravam Alex vivo. Elas o cozinhavam dentro de um inferno doloroso onde só se ouvia gritos e palavras de culpa.

Jogado dentro daquela rachadura que mais parecia um abismo, Alex estava se lembrando da risada escandalosa que Brandy costumava dar quando o impacto jogou seu corpo longe e o barulho dos pneus freando atravessou seus tímpanos, se misturando com a gargalhada antes de simplesmente atirá-lo dentro de um limbo onde nada se ouve, nada se vê.

Nada se sente.

(...)

— A culpa não foi de ninguém...

— Eu fiz tudo errado...

— Não, Brandon... — Ela insistiu, os olhos cheios de lágrimas. — Você não tem culpa, as situações acontecem sem que possamos controlar... Isso é a vida! As pessoas fazem coisas e se arrependem e é só! Isso não te torna alguém ruim, por favor... — Sophie não entendia como conseguia dizer tudo sem gaguejar, mas não havia hesitação diante da expressão desolada de Brandon. Ele estava sentado em uma cadeira ao lado da cama da irmã e ambos sussurravam aquela conversa como se planejassem um crime.

Mas o crime na verdade, era a cadeia de acontecimentos que corria quase sem controle em torno de suas vidas.

— Se eu tivesse agido diferente... A raiva me subiu a cabeça e agora-

— Pessoas fazem coisas impensadas às vezes... Brandy fez, Alex fez, você fez, eu também... Todos já fizemos um dia... Mas isso não nos torna demônios... Isso nos faz humanos... Que nutrem sentimentos... O que aconteceu com o Alex... Você não teve culpa...

— Eu-

— O que... — Os olhos azuis se arregalaram, como os verdes, quando a voz de Brandy surgiu em um murmúrio. Eles encaram a mulher recém-desperta e ela já tinha uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas. — O que

aconteceu... Com o Alex...?

— Brandy! — Sophie pulou da cadeira e abraçou a amiga, apertado, quase subindo em cima da cama. — Que bom que acordou, céus!

— Está tudo bem? Está se sentindo mal? — O moreno veio logo que Sophie se separou dela, a abraçando também. — Como estão as costelas?

— Brandon... — A cabeça ainda doía muito, mas ela tinha certeza que era pela ressaca. No coração um peso estranho puxando os pensamentos para baixo e dentro do abraço do irmão, a única coisa que ressoava na mente era “o que aconteceu com Alex não foi culpa sua”. — O que aconteceu com Alex?

— Brandy, você precisa desca-

— O QUE ACONTECEU COM O ALEX! — O grito cortou a frase de Sophie no meio e a fez sentar na cadeira de novo, o choro irrompendo pela garganta. — Me fala, me fala agora! — Brandy sentou na cama e puxou de dentro da veia a agulha que mandava soro para dentro do organismo, sentindo imediatamente os braços de Monroe segurando seus punhos.

— Para! Você enlouqueceu? — Ele a segurou, impedindo que a irmã pulasse da cama como ela queria fazer.

— Por que não quer me dizer? — Brandy já estava chorando e ver a expressão da morena o fez se sentir ainda pior. Ele apertou os punhos femininos e olhou dentro dos olhos que tinham a mesma cor que os dele.

— Ele sofreu um acidente. — Frio, tentou não ser acertado por aquela expressão, mas não conseguiu. A maneira como Brandy o encarou foi pior do que um tiro de .50 no estômago e as lágrimas que começaram a escorrer do rosto ainda abatido fez Sophie começar a chorar também.

— A-a-acidente... O que você... O que você quer...

— Brandy...

— Pelo amor de Deus me diz que ele está vivo, por favor... — Brandy entrou em uma crise de choro compulsivo que fez Monroe abraçá-la apertado, mesmo que a morena tentasse se afastar. — Por favor, me diz!

— Ele está vivo, ele está, Brandy, se acalme...

Aquela frase fez uma pequena porcentagem de sua coerência, lucidez e paz retornarem. Ela o encarou, exasperada, e segurando a camiseta do irmão, finalmente, conseguiu empurrá-lo, saltando da cama e antes que Brandon conseguisse alcançar seu braço de novo, a morena já abraçava a maçaneta da porta e saía do quarto.

— ALEX! — Ela gritou no corredor, chamando a atenção de cada um dos passantes e começou a correr em direção à primeira pessoa de branco que viu, tendo em seu encalço o irmão e Sophie.

— Brandy! — Sophie sentia que ia desmaiar, correndo pelo corredor atrás da amiga, mas não conseguiu ser mais rápida que Brandon.

Quando viu, ele abraçava a irmã pelos quadris e a tirava do chão antes que ela pudesse obter as respostas que queria. Sem forças para continuar de pé, a morena deixou que Brandon lhe segurasse e ambos, juntos, foram para o chão.

— Me escute... — Ele sussurrou, segurando-a com firmeza. — Ele está em cirurgia. — A voz de Monroe começou a desaparecer quando ouviu aquilo. Novamente, os pontos pretos se apossando da visão e Brandy arranjou forças do sobrenatural para continuar lúcida.

— O que aconteceu, o que... — A médica que tentava alcançar antes se abaixou em frente aos dois, tentando ajudar, mas Brandy se debatia tanto que apenas Monroe era capaz de segurá-la. — Por favor me di-

— Ele foi atropelado! — A ruiva disse, vendo que aquele era o único jeito de acalmá-la e foi o que aconteceu. Brandy parou de se mover, olhando-a nos olhos. — Sofreu uma ruptura grave no baço. Está passando por cirurgia para conter a hemorragia e talvez seja necessária a retirada do órgão. Você precisa se acalmar, Brandy.

— Não... — O sussurro escapou entre soluços.

Que sensação era aquela?

De estar prestes a perder o que nunca foi seu?

— Seu braço está sangrando, vamos mana... — Monroe tentou colocar Brandy de pé, mas as pernas femininas pareciam feitas de gelatina.

Atrás dele, Sophie chorava compulsivamente, lembrando-se das palavras da médica.

“Vai ser muito difícil... Estejam preparados.”

DÉCIMO-SEXTO CAPÍTULO

18/04/2001

— Sua cara tá ficando inchada.

— Me diz uma novidade... — Sorriu, sentindo a bolsa de gelo ser delicadamente colocada sobre a face.

— Pelo menos a cara da Fifi tá pior. — Alex começou a rir e ela também riu. — O nariz dela com certeza nunca mais vai ser o mesmo.

— O melhor jeito de estrear as luvas novas. — Sozinhos, sentados naquele vestuário, o coração do ruivo batia disparado.

— Sabe o que eu tava pensando?

— O que?

— Que tal sair para comemorar?

— Eu vou pra casa do Trav mais tarde.

— Ele vai adorar sua cara de sapo. — Mas o estômago tinha começado a revirar de repente e ele tirou o gelo do rosto feminino para se levantar.

— Ele adora todas as minhas caras.

— Tá, tá, me poupe do seu arco-íris.

— Seu imbecil, traga meu gelo de volta! — Brandy se levantou também, vendo que Alex tinha começado a caminhar para fora do vestuário. — Minha cara dói, sabia?

— “Trav” devia cuidar disso também. — Ele deu de ombros, jogando o saco de gelo na direção da morena.

— Ele cuida de muito mais do que isso.

— Ah claro, por isso não veio ver sua luta.

— Qual é o seu problema, Alex? — De um segundo para o outro, tinham saído de risadas para cenhos franzidos. — Eu acabei de ganhar um cinturão e você-

— Eu vou pro Iraque. — A frase calou a boca dela e fez os olhos verdes se arregalarem quase imediatamente.

— O que?

— O alistamento chamou, eu e seu irmão. — Parado, olhando para o ringue ainda sujo de sangue, a única coisa que Brandy via era a figura que lhe dava as costas. — Estamos embarcando em poucos meses.

— Poucos meses? Mas e seu aniversário?

— Provavelmente eu passe lá.

— Mas...

— Escuta Brandy... — Alex coçou a cabeça. Ele tinha dezenove anos e aquilo já durava muito tempo. E o nome “daquilo” era Brandy Monroe, ou melhor dizendo, o que sentia por ela. — Quero que cuide de tudo por aqui, e principalmente de você mesma.

— Peraí, tá dizendo como se fosse sair daqui agora e não voltar.

Sem que ela visse, Alex deixou um sorriso triste permear os lábios.

— Não se preocupa. Eu e Brandon não vamos sem dizer tchau.

— É melhor mesmo! — O soco nas costelas o pegou desprevenido e ele se virou, mascarando uma risada falsa e pegando a garota no colo, jogou-a no chão.

— Como se você se importasse com isso. — Foi o que disse quando se viu em cima dela.

— Do que está falando...?

— Eu dizer ou não tchau antes de ir.

— Ficou louco? Você é como um irmão para mim, não vou te perdoar se não se despedir. — Subitamente, Brandy ficou quente. O coração acelerou e a simples proximidade dos cabelos ruivos resvalando sobre a face ainda inchada parecia atribular seu espírito. Foi como se repetisse mentalmente aquela frase dentro da cabeça, só pra se convencer.

“Você é como um irmão para mim”.

— Você também... É como uma irmã pra mim. — O sussurro, quase hipnótico, fez a morena perder o ar e eles passaram os dois segundos seguintes dentro de uma batalha para não avançar.

— Alex... — O sussurro saiu automático quando viu que estava prestes a perder a luta contra a vontade de beijar o amigo. Brandy tinha um coração galopando rápido dentro do peito e precisou desferir um chute entre as pernas para Alex cair ao seu lado.

Ela encarou fixamente o teto tentando espantar a sensação que o olhar dele tinha trazido.

— Essa doeu...

— Hey Alex... — Brandy engoliu em seco, ainda sentindo o corpo aquecido e coração desenfreado. Há dois segundos, era como se o ruivo estivesse prestes a beijá-la e o simples fato tocou em Brandy um terror nunca sentido antes. Talvez aquele medo só não superasse a ideia de perder os dois homens de sua vida, Alex e Brandon, para a guerra.

— Hm? — O timbre chamou sua atenção e ele parou de fingir a dor para encarar a garota deitada ao seu lado.

— Se eu te dissesse uma coisa, você ia zombar de mim?

— Se disser uma idiotice muito grande, talvez... — Ele riu, mas parou quando viu que ela continuava séria. — O que é?

O ruivo virou o rosto para encarar Brandy fitando o teto. O rosto dela estava vermelho e ele se obrigou a botar a culpa nos golpes que ela tinha levado no rosto.

— Você vai voltar?

Os olhos cinzas se arregalaram quando Brandy virou o rosto para ele, e a lágrima singela escorreu pela ponte do nariz até o outro lado da face.

Subitamente apavorado, Alex sentou no chão e ela fez o mesmo.

— É claro que eu vou, tá louca?

— Pode prometer? — Os dentes morderam o lábio inferior nervosamente. Sentia-se uma criança fazendo-o prometer algo que definitivamente estava fora do controle humano.

Por meio segundo, Alex lutou contra o demônio enorme e poderoso que habitava seu espírito. Ele respirou profundamente e avançou, abraçando Brandy apertado.

— Eu prometo, marrenta. Você vai ter que me aguentar por muitos anos, ainda.

— Brandy? — A voz de Travis fez Alex largar a morena e ela ficou de pé tão rápido que se sentiu incomodado.

— Trav!

— Tá acontecendo alguma coisa? — O timbre foi de puro ciúme e ela sorriu nervosamente.

— Alex acabou de me contar que o exército chamou ele e Brandon pro Iraque.

— Caralho. — Ele olhou para o ruivo que ainda estava sentado no chão. — Boa sorte.

— Obrigado. — Foi ha única palavra que conseguiu arrancar de si mesmo, devido ao tom irônico usado pelo outro e finalmente, ficou de pé. — Vou indo Brandy. Boa comemoração hoje.

— Até mais, Alex! — Ela sequer acenou, já andando com o namorado para a saída. — E ai, para onde vamos amor?

Alex ficou observando aquela cena com vontade de vomitar ou socar alguma coisa até perder a sensibilidade. Ele era um garoto duro na queda. Não costumava ser chorão nem fricote, mas quando se tratava da Monroe mais nova, Alex virava um bebê cheio de sentimentos e o pior de tudo, não correspondido.

— Hey! — A voz animada de Brandon o despertou dos maus pensamentos e ele acenou sem ânimo para o amigo. — Acabei de ver Brandy e Tra-

— Espero que pare agora e diga que trouxe cervejas. — Ele o interrompeu, fazendo Monroe sorrir e mostrar o engradado de cervejas que tinha trazido. — Ainda bem.

— Não vai superar essa?

— Aquele cara é um imbecil. Ainda vai trazer problemas para sua irmã.

— Ela já é bem grandinha.

— Ela só tem dezesseis.

— Com dezesseis a gente cuidava da mãe, dela e da vó, se não tá lembrado. — Brandon sentou ao seu lado e lhe entregou uma das oito cervejas que tinha colocado no chão.

— É. Mas ela não cuida nem dela.

— Eu sei. Só que às vezes as pessoas precisam quebrar a cara pra aprender, Alex.

— Vai deixar sua irmã quebrar a cara em vez de ensinar?

— Eu já falei o que tinha para falar. — O moreno deu de ombros e ouviu o suspiro do amigo ao seu lado. — E você também.

— Quase beijei ela agora ha pouco. — A revelação o fez arregalar os olhos, surpreso.

— Caralho e ai? Por que quase?

— Porque ela tem namorado. E me considera um irmão.

— Foda-se o namorado, e disse bem, “considera”.

— Para, Brandon... Já to de saco cheio dessa história.

— Sabe, Alex, to vendo daqui dez anos você falando a mesma coisa... E ainda sentindo a mesma coisa.

— Vira essa boca pra lá. Daqui dez anos quero ‘tar bem casado e rico.

— Indo para guerra o máximo que pode acontecer com a gente é voltar vivo.

— É... — Mas o coração ainda batia rápido, lembrando-se da proximidade que ficou da irmã de Brandon e mesmo assim, recuou. — Voltar vivo é o máximo que posso esperar dessa vida, pelo jeito.

Alex abriu a cerveja e bebeu um gole grande, mas nem que acabasse com toda a bebida de Brentwood ia conseguir esquecer aquele timbre de voz.

O timbre quando ela disse.

“Pode prometer?”

(...)

— E ai, nada?

— Nada. — Alex desligou o celular, subindo finalmente no jeep militar sentindo uma estranha vontade de gritar até perder as cordas vocais. — Foda-se.

— Se a gente passar lá talvez-

— Se ela se importasse o mínimo, estaria aqui.

Brandon não respondeu. Ele concordava com Alex. Se Brandy se importasse em dizer adeus, estaria lá e não com o celular desligado.

— Vocês se cuidem por lá! — Loui tinha olhos ardendo, vendo os garotos que viu crescer se aprumarem junto aos outros jovens dentro de um grande jeep. — Nada de morrer!

— Pode deixar, Loui, a gente volta para te aporrinhar! — O motor rugiu e o automóvel começou a seguir pela rua e quanto mais ele seguia, mais a dupla via a vida antiga ficando para trás. Fardados e cheios de medo do que estava por vir, acenaram para Loui.

— Eu vou avisar a Brandy quando ela chegar! — Ele gritou, acenando e tentando correr para acompanhar o carro. — Eu amo vocês, garotos!

— A gente também! — Brandon gritou de volta, acometido pela onda de emoção que ver o velho Loui chorar e correr atrás do jeep trazia. Alex segurou o choro, piscando para dissipar as lágrimas insistentes.

— Nunca achei que ele ia dizer isso um dia.

— As pessoas só percebem as coisas quando elas desaparecem ou se distanciam. — Um outro garoto que sequer conheciam disse, um sorriso triste no rosto que parecia significar muito mais que tristeza.

Já era saudade.

Muita saudade.

E eles ainda não tinham nem saído da rua. A rua onde nasceram e cresceram e agora, se despediam.

— Às vezes... Nem assim. — Foi só o que Alex pôde dizer antes de ser sugado de dentro daquela memória longínqua para abrir os olhos em uma claridade quase insuportável.

O som agudo e continuo de um aparelho mecânico o fez piscar repetidas vezes e ele puxou o ar para dentro dos pulmões sentindo o corpo inteiro anestesiado. Lembrar-se de tudo como se ainda estivesse lá pareceu mais doloroso que a dor, vindo gradativamente, se espalhando pelo corpo até fazê-lo trincar os dentes, deitado naquela cama.

— Alex... — Mas os olhos cinzas se arregalaram e logo em seguida duas mãos absurdamente geladas se espalmaram em suas bochechas. — Alex... — Ele ficou paralisado, sentindo o toque trêmulo, tentando arrancar da memória o que diabo tinha acontecido para ir parar ali, mas não se lembrava. Sequer sabia onde estava.

Abriu a boca para falar, mas a voz não saiu. A única coisa que ele sabia com certeza era que aquela voz pertencia à Brandy. Alex sequer tinha forças para levantar as próprias mãos e se odiou pelo fato. Não sabia o que tinha lhe acontecido e isso o irritava ainda mais. Ele puxou o ar para dentro dos pulmões conforme sentia um peso no colchão em que se deitava sobre. Os olhos se abriram novamente e foi como um tiro na cara vê-la tão perto, em cima de sua cama e com o rosto contorcido num choro silencioso.

Foi quando adquiriu forças de novo, puxadas do próprio inferno para segurar os antebraços femininos, mas Brandy simplesmente explodiu, bem ali, praticamente em cima dele.

— Quando eu tinha quinze anos sentia vontade de me socar cada vez que meu coração acelerava quando você olhava para mim e sorria. — Alex petrificou naquele exato instante, sentindo os próprios dedos apertarem um pouco mais os punhos de Brandy.

— Eu pensava que você me tinha como uma irmã e não admitia meu coração sentindo aquelas coisas estranhas cada vez que via você dando uma risada. — Ela colou sua testa à dele e o coração parecia prestes a explodir. — Mas a verdade é que eu me obriguei a me apaixonar pelo primeiro imbecil que se preocupou um pouco comigo porque eu tinha medo de perder você para algo que nem eu sabia direito o que era. Eu tinha medo de demonstrar o que não devia e você pular fora porque eu era sua irmã. Mas a verdade é que nunca fomos irmãos. Nós nunca fomos irmãos Alex, e eu passei esses anos todos me arrependendo de ter enterrado isso tão fundo, porque nem que eu cave até morrer consigo achar onde perdi! Onde te perdi pra guerra, pras memórias e pros sentimentos que tentamos matar durante todos esses anos...

Alex tinha a plena certeza de que aquilo era um delírio. Brandy nunca dispararia uma metralhadora daquelas contra ele muito menos o faria com a testa colada à sua. Mas o timbre de voz da mulher lhe dizia que era real. Era tão real que chegava a doer.

— Você foi embora e eu, justo eu que falei que não te perdoaria se não dissesse adeus, não me despedi de você. Eu passei doze anos me remoendo e dizendo pra mim mesma que eu não merecia nada. Eu não merecia o que você sentia por mim, eu não merecia sua preocupação, sua honra, seu caráter. Eu não

merecia esse amor inabalável que nem comigo sendo uma cretina se alterou.

Brandy puxou o ar, chorando e tentando se acalmar.

— De repende eu volto pra Brentwood..., e você me beija as quatro da madrugada, diz que me ama..., que ama esse neném dentro de mim como se fosse seu e eu me vi de novo no olho do furacão porque eu tinha certeza que nada do que eu sentia tinha morrido e muito menos o que você sentia. Era tudo fresco como se tivesse acabado de nascer mesmo que fosse quase tão antigo quanto nós mesmos! Eu fiquei com medo, Alex! Fiquei com medo para caralho porque eu tinha e ainda tenho certeza que você merece mais, muito mais que isso!

Ela parou, o choro irrompendo pela garganta precisou ser controlado e naquele meio segundo, Alex abriu de novo a boca para falar. O peito estava vibrando com as palpitações cardíacas e ele não sabia se sobreviveria para responder qualquer coisa. A única coisa que Alex sabia era que Brandy parecia falar palavras que segurou por anos e por algum motivo, ele simplesmente precisava escutar.

— Merece muito mais do que eu posso um dia te oferecer, por mais... Por mais... Que o que eu sinta por você seja capaz de me atravessar como uma facada... Eu sei que tudo que você sente por mim, que tudo que fez por mim... Toda a preocupação, todo o sentimento que eu menosprezei... Por mais que eu implore por perdão e que você me perdoe! Por mais que jure que nada disso foi capaz de te abater, você está aqui agora por minha causa, foi atropelado por minha causa, se envolveu em tantas brigas, bateu em tantos caras! Carregando aquela foto nossa na carteira por tantos anos enquanto eu... Eu transbordava de arrependimentos... Eu não aguento mais me arrepender...

Alex teve que fechar os olhos para dissipar o choro. Ele chorou pelos anos perdidos, pelas lembranças da guerra, pelos arrependimentos, pelas hesitações, pelo orgulho massacrado e a dor que sentia dentro do espírito. Pelo alívio que vinha depois de uma enorme tempestade. Era como aceitar a morte e continuar vivo e era a voz de Brandy atravessando o quarto, o único antídoto para apaziguar qualquer dor, curar qualquer ressentimento, apagar de vez o vazio e fazer com que o medo simplesmente desaparecesse.

— Bran-

— Não! — Ela gritou, os punhos cerrados tremendo sem parar. — Me deixe terminar... Porque não suporto mais a ideia de que se não falar agora, nesse exato momento, Deus vai tirar você de mim para sempre... Parece que ele tá cansado de tentar mostrar para essa burra que você é a única pessoa nesse mundo inteiro para mim! Não existe mais ninguém capaz de causar o que você causa... To cansada de tentar esconder... De tentar matar... De ficar lutando contra...

Brandy se livrou do aperto nos punhos e espalmou as mãos no rosto de Alex, se afastando o bastante para olhá-lo no mais fundo de seus orbes cinzas alagados.

— Por isso diga que vai me perdoar, diga que mesmo que eu tente te afastar você não vai deixar, que vai me puxar e me segurar e ficar comigo não importa o quanto eu tente fugir do que eu sinto! Diga que não vai desistir de mim por mais que eu tenha desistido tantas vezes! Essa estrada está sendo dura para nós e eu sei que estamos no meio dela agora e não podemos fechar os olhos e deixar que nossos caminhos se separem de novo. Vamos parar de correr e finalmente ficar, Alex. Vamos ficar. Por favor, vamos ficar...

Alex Sand não sabia se tinha morrido e aquilo tudo era uma alucinação. A única coisa que ele sabia era que Brandy estava chorando em cima dele, dizendo todas as coisas que ele sempre quis que ela dissesse.

— Só falou tudo isso porque estou no bico do corvo... — Ele sussurrou. — Não precisa ter pena-

— Não estou com pena, imbecil! — Ela berrou exasperada. — Eu não aguento mais tentar esquecer o que eu sinto por você! Agora eu só quero ter

certeza que você também não quer... Não quer me esquecer! Eu realmente amo você e eu quase morri quando soube o que tinha acontecido! Minha ficha finalmente caiu, Alex! A droga da ficha caiu pesando uma tonelada e eu percebi que se perdesse você eu ia me perder pra sempre! Você não ent-

Mas Alex fez um esforço sobre-humano para levantar levemente o próprio corpo e beijar os lábios molhados da Monroe mais nova. O coração estava explodindo e a dor que o exauria pareceu simplesmente desaparecer quando sua boca tocou a dela e foi retribuído tão desesperadamente.

Parecia um sonho. Parecia loucura.

Mas nunca foram tão reais e lúcidos quanto naquele momento.

— Eu não vou... — Ele tentou falar quando se separaram, mas a arritmia cardíaca e as pontadas no estômago dificultavam tudo. Alex respirou fundo, sentindo a ponta do nariz de Brandy roçando contra o seu. — Eu não vou te deixar ir embora nunca mais.

DÉCIMO-SETIMO CAPÍTULO

— Será que se acertaram? — Sophie ainda tinha olhos vermelhos, sendo amparada pelo namorado enquanto observavam juntos Brandy saindo do quarto de Alex.

— Pela cara dela...

— Brandy! — A loira não esperou mais antes de soltar Monroe e sair correndo até a amiga, que a abraçou como se fosse exatamente aquilo que precisava para saber que não estava sonhando. — Como foi? Me diz?

— Eu... Isso é mesmo real...?

— Pelo o amor de Deus, Brandy! — As mãos trêmulas a chacoalharam e os olhos da morena começaram a lacrimejar. Ela não disse nada, apenas abraçou Sophie de novo enquanto Monroe passava por ambas, desferindo um pequeno afago na cabeça da irmã e entrando no quarto.

Elas se olharam levemente amedrontadas, mas antes que pudessem tomar qualquer atitude, as risadas altas lá dentro trataram de aliviar os corações turbulentos.

— Posso saber por que os dois estão rindo lá dentro...? — Corada, a pianista tomou coragem para perguntar.

— Deve ser porque me declarei pro Alex... — Quando disse aquilo, viu a amiga arregalar os olhos e imediatamente sorrir abertamente, iniciando uma série de pulinhos saltitantes que fizeram Brandy gargalhar. — E porque ele aceitou...

— Meu Deus! — Ela não aguentou a empolgação, tampouco a felicidade. Pulou em cima da morena e se sentiu ser abraçada fortemente. — Isso é maravilhoso! Isso quer dizer que agora posso contar?

Ali, Brandy simplesmente parou. Ela afastou Sophie e a encarou com

um semblante completamente sério.

— O que diabos você pode contar?

— Brandon te disse que Alex perdeu o baço, mas não perdeu. Ele teve uma hemorragia muito séria, mas é forte como um touro e não precisou retirar o órgão. Ele fez isso para você-

— Puta merda, Sophie! — Sequer esperou por alguma resposta antes de entrar no quarto de novo, pegando Brandon e Alex ainda entre risadas. — Seu imbecil, mentiu pra mim!

— Sophie não consegue sustentar uma mentira por duas horas... — Brandon parou de rir, massageando as têmporas.

— Que mentira? — O ruivo estava subitamente confuso.

— Você não perdeu o baço. Só teve uma hemorragia. Falei isso para-

— Brandon! — Alex e Brandy berraram ao mesmo tempo e se olharam a tempo de repetirem ao mesmo tempo novamente: — Seu imbecil!

— Estão até combinando as falas agora?

— Imbecil cretino... — A irmã continuou praguejando conforme atravessava o quarto até o homem deitado na cama e se debruçava sobre ele, sem nenhum aviso ou hesitação, colando seus lábios aos de Alex, que ainda não estava acostumado com aquilo e ficou levemente petrificado. — Ainda bem que não participou disso...

— Estou tão feliz por ter meu órgão quanto você, acredite... — Ele respondeu ainda sem ar.

— Agora dá o fora daqui? — O irmão exigiu. — Quero falar com Alex.

— Se culpar ele por algo de novo eu-

— Eu já me desculpei por isso, pirralha. — O tom foi de brincadeira e com uma piscada, Brandy sorriu.

— Estamos lá fora.

E foi naquele exato segundo que o celular de Brandon começou a tocar. Ele tirou o aparelho de bolso e o atendeu, atraindo o olhar do mais novo casal.

— Alô? — O semblante mudando deixou Alex e Brandy ainda mais curiosos. — Isso é maravilhoso... Não, não... Certo... Não se preocupe... Não vamos faltar!

Ele desligou a rápida ligação voltando a sorrir.

— Quem diabos era pra sorrir desse jeito? — Brandy tinha sobrancelhas arqueadas.

— Era a Monica, do concerto da Sophie... Ela disse que o evento vai acontecer de novo e conseguiu colocar Sophie. Vai ser em um mês e meio!

— Caralho, eu preciso contar pra ela! — A morena saiu correndo, abrindo a porta do quarto e deixando ambos sozinhos de novo.

— Então... — Alex pigarreou.

— O que?

— Esse remédio pra dor me nocauteou legal. Eu sonhei com aquela época que a gente foi pro Iraque... Lembra que disse que o máximo que podíamos esperar dessa vida era voltarmos vivos?

— Lembro... O que tem isso?

— Acho que podemos esperar muito mais do que isso, cara...

(...)

18/06/2013

— Sem dar para trás...

— Eu não vou! — Ela segurava as alças da bolsa com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Então por que parece que vai...?

— To morrendo de medo...

— Já estamos aqui, princesa... E tenho certeza que você vai fazer todo mundo desmaiar de emoção...

— Como pode ter ta-tanta certeza! Eu nem-

— Vi você treinando nesse ultimo mês inteiro e tenho absoluta certeza. Me deixou arrepiado todas as vezes, e eu não costumo me arrepiar... — Brandon sorriu diante das bochechas coradas. — Só me arrepio com você.

— Seu bobo! Você... — Mas Sophie perdeu a voz quando sentiu a aproximação inescapável e as mãos que antes apertavam a bolsa tão forte simplesmente ficaram moles.

— Sou bobo... — Ele se abaixou, pegando-a pelos quadris e levantando a loira até que ela ficasse de sua altura. — Mas sou **seu** bobo... E nunca mentiria para você... Sophie... Você tem um dom... E essas pessoas te colocaram de novo em um evento enorme apenas pela necessidade de te ouvir tocar... Você é importante na vida de cada um lá dentro e mesmo que esteja com medo... Saiba que vou estar na primeira fila, e vai bastar um olhar para eu pular no palco e tirar você de lá. — Ela riu, com lágrimas nos olhos, e o abraçou. — A gente foge de tudo... Mas antes... Você precisa tentar. Por mim?

— Por você... — Sophie deixou o sussurro choroso escapar quando a boca já roçava contra a do namorado. — Eu vou até pra guerra...

— Isso não. — Brandon deu uma risadinha antes de beijá-la. Um beijo calmo e confiante que levantou cada pelo no corpo dos dois. Era muito bom. Aquela felicidade... Era maravilhosa.

— Sophie, Sophie! — A voz desconhecida surgiu para separá-la do aparente sonho e Brandon colocou a pianista no chão para juntos olharem a mulher correndo até eles. O enorme teatro atrás dela, por um momento, fez Sophie congelar de novo. — Finalmente!

— Acho que essa é a Monica... — Monroe sussurrou conforme ela se aproximava cada vez mais.

— A-acho q-que sim... — Ela engoliu em seco.

— Eu juro, estava quase te ligando de novo, Monroe... — Quando chegou no casal, Monica parecia ofegante e um pouco nervosa. — Já vai começar, melhor ir se aprontar, vamos, eu te levo!

— Ma-mas...

— Vá se arrumar princesa... Lembra? Estou na primeira fila. — O homem piscou para a namorada que imediatamente ganhou uma injeção de confiança.

E assim uma hora inteira passou, rápida como uma bala. Àquele ponto, Alex e Brandy estavam ao seu lado e igualmente nervosos. Monroe estava rezando para Sophie aparecer logo já que ele jazia à beira de um colapso nervoso. Pensando seriamente em se levantar, pois sabia que ela seria a terceira pianista a se apresentar e o segundo já tinha saído do palco há dez minutos.

— Será que ela não vai entrar? — Com as mãos alisando a barriga de quase seis meses, Brandy sussurrou, incentivando um burburinho que já se intensificava atrás deles.

— Ela vai entrar. — Ele afirmou com categoria.

Mas a verdade era que o coração de Monroe batia prestes a explodir dentro do peito quando a loira surgiu num vestido azul marinho de gala e uma linda gargantilha de prata, provavelmente emprestada de alguém no camarim, os cabelos loiros presos em um coque alto que destacavam o rosto angelical. Ele respirou profundamente e desabrochou um sorriso largo se levantando e aplaudindo junto com o resto das duzentas pessoas sentadas nas cadeiras restantes do enorme teatro.

No palco, Sophie suava frio. Ela já tinha se recordado de tudo, os três meses passados ao lado de Brandon fizeram um bem inigualável para sua memória e desempenho no piano e por mais confiante em si mesma que estivesse, ela nunca, em toda sua curta vida, havia se apresentado para uma plateia tão grande.

— No piano, Sophie Lanure. — A voz masculina grave e melódica anunciou no microfone conforme ela andava até a banqueta confortável e se sentava.

O ar entrou pelos pulmões e a loira admirou o caríssimo piano do qual estava prestes a por seus dedos sobre.

— Sabe o que ela vai tocar? — A irmã indagou quase inaudível e sem tirar os olhos do palco, Brandon respondeu:

— As três são de Beethoven.

A voz saiu num fio conforme os olhos azuis buscaram os seus e ele sorriu ainda mais abertamente para uma Sophie que novamente, parecia tirar doses de confiança daquele sorriso firme que Monroe lhe oferecia tão facilmente.

As pessoas pararam de aplaudir e diante do mais absoluto silêncio, Sophie colocou as mãos sobre as teclas e fechou os olhos, puxando o ar para dentro dos pulmões com calma. O corpo vibrava e as mãos antes trêmulas ficaram absolutamente firmes e quando ela abriu novamente os olhos, os dedos começaram a afundar nas teclas conforme o som saía do piano e se espalhava pelo grande teatro, imediatamente causando um reboliço no estômago de cada um ali.

Diferente do que haviam treinado incessantemente, Sophie Lanure tocava o que lhe surgia na alma. Havia uma partitura em frente aos seus olhos, mas não era da música que tocava. Ela sequer olhava para o papel. Sophie olhava para os próprios dedos e quase fechava os olhos. O coração parecia receber uma dose cavalar de calmante e batia tão devagar que de repente, era como se estivesse prestes a parar.

Brandon não conseguia desviar os olhos da loira. Ele estava arrepiado dos pés à cabeça e seus olhos começaram a arder sem que pudesse controlar. Mordeu a boca, impressionado como depois de ouvir dois pianistas, a música que ela tocava parecia simplesmente fazer sua alma arder.

A canção de um pianista famoso chamado Yann Tiersen, era curta, mas absurdamente tocante e parecia até que Sophie tinha entrado em outro mundo, em uma dimensão completamente distinta da que estavam, pois ela finalmente fechou os olhos e seus dedos escorriam pelas teclas, apertando-as em forças diferenciadas que arrancavam arrepios da plateia.

Foi tão diferente e tão tocante que quando parou, todos ainda pareciam chocados, recém-despertos de um delicioso transe.

Pelo menos cinco segundos até que um novo olhar fosse direcionado a Brandon e ela sentiu borboletas no estômago quando viu a expressão masculina.

Monroe, e todos ao seu redor pareciam muito mais do que tocados, eles estavam anestesiados e aquilo foi apenas um incentivo para pegar a partitura e jogá-la no chão. O ato fez com que o namorado sorrisse ainda mais e provocou quase pânico nas pessoas ao redor.

A loira respirou e começou a tocar, dessa vez “Tempest” de Beethoven, e ela era minuciosa, tão intensa que calou até os mais fofoqueiros que insistiam em falar sobre a pianista no fundo do teatro. Brandon estava impressionado por ela estar fazendo tudo sem sequer uma partitura e mais impressionado ainda por nunca ter ouvido Sophie tocar a primeira música, tampouco aquela segunda, tão graciosa e que sim, lembrava muito uma tempestade, passando por partes calmas e outras intensas.

Os dedos de Sophie batiam nas teclas graves e de repente lá estavam nas teclas agudas, mudando rapidamente a intensidade e a velocidade exatamente como o próprio mestre pianista fazia.

E assim como começou, terminou. Os minutos passaram sem que ninguém pudesse medir a extrema velocidade. Era como se cada pessoa ali desejasse que o tempo se alentasse, pois sabiam que a terceira música indicaria o fim da apresentação de Sophie, até aquele momento, completamente desconhecida.

Então ela se levantou. Esticou os braços e alongou os dedos diante da estranheza geral. Brandy, Alex e Monroe se entreolhavam em pura dúvida quando Sophie ela se sentou de novo.

— Para mim, essa canção fala sobre quebrar barreiras... — A voz da loira ecoou pelo teatro, fazendo todos os presentes ficarem ainda mais surpresos já que geralmente pianistas não abriam a boca para falar coisa alguma. — Fala sobre superar. **Superar o insuperável.**

O trio na primeira fila foi imediatamente acometido pela emoção e

Brandy cobriu a boca para esconder o queixo trêmulo.

E então, frente ao silêncio, Sophie olhou mais uma vez para Monroe e sorriu para ele. De algum jeito, o homem sabia que ela estava prestes a cometer uma loucura muito maior do que fugir.

Sophie estava superando o insuperável.

E ele mais do que ninguém era capaz de ler isso nos olhos azuis.

O conjunto inicial de notas foi imediato e intenso e ele começou a escutar um burburinho atrás de si.

— Ela vai tocar Mazeppa!

— Céus, sem partitura!

— Essa garota está perdid—

— Shhh! — Ele se virou no mesmo instante em que a canção recomeçou, saída de sua pausa inicial para uma completa e eletrizante canção repleta de conjuntos difíceis e que ecoavam incessantemente no teatro.

Mas ela não estava perdida. Sophie olhava para os próprios dedos e era como se fosse o próprio Liszt ali, tocando aquelas teclas com seus dedos rápidos e firmes e ela começou a se mover cada vez mais abruptamente, o suor brotando da testa pelo esforço e nervosismo e a gargantilha balançava em seu pescoço conforme a respiração se intensificava, os dedos pressionando as teclas sem parar e cada vez com mais firmeza enquanto o teatro jazia em um silêncio sepulcral que só queria ouvir e se deliciar com o concerto magnífico desempenhado por uma desconhecida cada vez mais equilibrada e desde o início marcando sua presença, os olhos da plateia se estatelavam, até que finalmente se acalmou mais uma vez, iniciando uma sequência maravilhosamente perfeita que começou a arrancar lágrimas das mulheres que assistiam a apresentação.

O coração de Brandon estava parado, ele sequer era capaz de respirar, seus olhos estavam tão arregalados e ardidos que se piscasse naquele momento libertária as duas lagoas formadas lá dentro. Seu corpo queria se levantar, queria pegar Sophie e dançar aquela música com ela e o mais impressionante para o homem era saber que a loira tocava aquilo sem nenhuma instrução, saber que ele

jamais a havia escutado tocá-la e mesmo assim o fazia com absoluta maestria.

Sophie parecia estar levitando no teatro com aquele piano enorme e branco, seu coque começou a se desmanchar diante das notas cada vez mais rápidas e intensas e quando chegou ao ponto grave, os fios loiros já estavam completamente sobre o rosto feminino. Os dentes estavam trincados e o cenho franzido e ela iniciou uma valsa rápida que fez sorrisos surgirem na mais magnífica e perfeita execução que já tinham ouvido daquela difícil canção.

Pegou-se ali, hipnotizado, sem ar ou batimentos cardíacos, incapaz de piscar ou fazer qualquer movimento que o tirasse daquela atmosfera tremendamente poderosa que Sophie criava com o poder de seus dedos e ela sabia exatamente o que estava fazendo; era superar o insuperável. A tempestade e a dor e a alegria, a dança e o choro, o sombrio e o dia mais límpido, estava tudo ali, em uma mesma canção tão perfeita que parecia ter sido escrita pela loira.

Quando ela começou a bater os dedos em pausas tensas, todos pareciam segurar os próprios corações, uns com as mãos no peito, outros com as mãos sobre a boca, como se aquele simples gesto fosse capaz de apaziguar a tormenta que era ouvir uma música tão bem executada e quando ela finalmente acabou, Brandon ficou de pé, iniciando desesperadamente a salva de palmas que se alentou graças ao choque.

A loira tinha o suor pingando do queixo e cabelos despenteados quando pareceu despertar para o som de palmas ininterruptas e ela olhou para a plateia de olhos arregalados, o coração explodindo no peito parecia prestes a parar de vez e o rosto se contorceu em uma carranca de choro quando olhou para Monroe.

Haviam duas grossas lágrimas no rosto masculino enrijecido pela guerra e pela vida, e ele parecia estar livre. Subitamente desperto para novas sensações nunca antes sentidas.

Diante dos aplausos incessantes, Brandon pulou no palco e abraçou a namorada. Era loucura, ambos sabiam, mas nenhum dos dois ligava.

Eles se abraçaram ainda sentindo a intensidade daquelas notas que por mais que já houvessem se silenciado, ainda pareciam dançar dentro do enorme

teatro.

(...)

— Ela ainda parece estar meio congelada... — Brandy sussurrou. Estava ao lado do irmão na porta do teatro e observavam Sophie sentada a frente do piano que tanto desejara tocar. — Acha que agora é a hora...?

— Não sei... Só sei que vou fazer... Se não for a hora vamos saber... — O sorriso quente nos lábios de Monroe tranquilizaram a morena e ela suspirou, se desencostando do batente.

— Vai dar certo... Boa sorte, maninho. — E assim, saiu, fechando a pesada porta enquanto Brandon iniciou seus passos pelo corredor largo entre as cadeiras até o palco.

Quanto mais se aproximava, mais via o quanto Sophie parecia submersa nas mais novas memórias adquiridas naquela noite. A salva de palmas, a entrevista para a TV logo depois, o prêmio de melhor pianista da noite. As coisas ainda pareciam frescas e girando sem parar na mente da loira, mas mesmo assim, Monroe apertou a pequena caixinha dentro do bolso e pulou lá em cima, abaixando-se e a abraçando a mulher por trás, que não se moveu.

— Feliz...? — Sussurrou rente à orelha delicada.

— Muito... — Ela sussurrou de volta. As mãos pousadas nas teclas quando Brandon sentou ao seu lado.

— Eu queria te pedir uma coisa... — Novamente, um sussurro quente que dessa vez atraiu os olhos azuis até os verdes e ela sorriu em dúvida.

— O que? — Sophie piscou, liberta da corrente de lembranças das últimas horas e voltou sua completa atenção ao namorado que parecia tão estranho. — Aconteceu alguma coisa?

— Nada aconteceu... Eu só... Queria te fazer uma pergunta...

— Está me deixando preocupada. O que houve? — Ali, Brandon tirou a caixinha do bolso e a abriu, colocando-a em cima das teclas próximas aos dedos de Sophie.

Os dedos de Sophie afundaram nas teclas e ela arregalou os olhos que imediatamente começaram a arder.

— O que? O que... O que? O que? O que? O que é isso? Isso é-

— Pare de repetir. — O homem riu do rosto feminino cada vez mais vermelho. — Quero saber... Se você quer ser algo além de minha namorada...

Sophie precisou piscar para se livrar das lágrimas, mas elas continuavam brotando e brotando e quando deu por si, o corpo inteiro tremia, com o peso dos olhos de Monroe sobre seus ombros e aquele sorriso doce, ela sequer era capaz de respirar.

— Pode dizer não se quiser. Eu sei que nós nos conhecemos há nem meio ano... Por isso não vou perguntar se quer casar comigo. — Ele disse, mas Sophie só conseguia chorar e tremer sem parar. Ela escondeu o rosto com as mãos e os soluços vieram em puro desespero. Mas não era bem desespero. Era uma felicidade tão grande que lhe deixava desesperada. Parecia cair e nunca parar de cair. Uma queda infinita dentro daquele par de olhos verdes. — Isso... — Monroe engoliu em seco, o estômago revirando incessantemente. — Isso é um não, Sophie...?

— Não... — Entre soluços, sussurrou, deixando que o namorado visse a expressão completamente contorcida de choro. — Isso é um sim! — Ela o abraçou. Pulou em cima dele e os dois se desequilibraram diretamente para o chão. — Sim, sim! Sim! Sim! Sim! Sim, sim, sim! Sim!

Jogado no chão, sentindo o corpo feminino sobre o seu e ouvindo-a repetir o ‘sim’ tantas vezes, Brandon só conseguiu abraçar Sophie, apertado, com um sorriso incapaz de ser omitido na boca.

— Acho que já posso morrer agora... — Murmurou, extasiado, e a ouviu parar de rir entre lágrimas e se apoiar em seu peito para encará-lo.

— Na-não pode não! Você tem que casar comigo!

Monroe começou a rir com expressão irritada que Sophie esboçou, mas ele estava rindo mesmo era de felicidade.

Pura.

Genuína.

Plena.

— Então, o que somos agora?

— Noivos?

— Hm... Eu gosto disso...

DÉCIMO-OITAVO CAPÍTULO

— Ele já tem seis meses... Não acha que já passou da hora de começarmos a comprar as coisas? — Alex acariciava os cabelos castanhos enquanto o sol se escondia no horizonte de Brentwood.

— Ele tem seis meses na minha barriga, ainda nem nasceu. Podemos começar a comprar coisas daqui dois meses.

— Você não vai conseguir nem andar, Brandy...

— Eu vou conseguir, inclusive, nocautear você. Agora cala a boca e continua esse carinho.

O ruivo começou a rir enquanto Brandy devorava um pote inteiro de sorvete.

— Comendo sorvete desse jei-

— Alex! — Ela deu um tapa na cabeça dele. — Cala essa boca.

— Nem me dá uma colher sequer, egoísta do car-

Mas dessa vez não foi um tapa que calou a boca do homem e sim uma enorme bola de sorvete diretamente contra o rosto. Petrificado e sem reação, Alex olhou para Brandy com sobrancelhas arqueadas.

— Ta falando sério que jogou sorvete na minha cara...? — Brandy apenas riu, quase diabolicamente, em resposta. — Ah... Entendi... Você acha que só porque está grávida não vou fazer você engolir esse pote inteiro agora...

— Você não teria cora-

O sorvete foi arrancado de suas mãos com tanta rapidez que ela mal teve reflexo. Quando viu, o delicioso sabor de chocolate estava sendo

esparramado por seu rosto e pescoço e a mão de Alex se espalmava na face corada na intenção única de espalhar mais o sorvete. Brandy começou a gargalhar descontrolada, caindo no chão de grama e tentando se desviar das mãozadas de sorvete que vinham contra o rosto.

— Para! Para!

— Quem é o melhor? Quem é?

— É você! Para!

— Eu não escutei, Brandy! — Alex estava colocando sorvete até dentro de seus ouvidos e ela perdia o ar, soltando as gargalhadas escandalosas que o homem adorava ouvir.

— É você! É o melhor, Alex! Para!

E ele parou. Prestes a abrir os olhos, Brandy sentiu a boca masculina roçando contra a sua e mudou de ideia imediatamente, mantendo os olhos fechados e envolvendo o pescoço forte.

Já fazia quinze dias. Quinze dias de beijos como aqueles, de noites deliciosas e carinhos intermináveis. Ainda não entendia como ele conseguia ter tanta paciência e tanto bom-humor, mas ele tinha, e muito. Era algo tão bom que muitas vezes, secretamente, se beliscava para ver se estava mesmo acordada, e a surpresa era que sim, era real, a mais pura realidade. Palpável! Brandy nunca tinha se sentido tão leve, tão feliz.

— Ei, casal fofura. — A voz de Brandon tirou os dois daquele beijo com gosto de chocolate e fez os olhos verdes se voltarem quase raivosos para entrada da casa. — O almoço ta pronto.

— ALMOÇO! — Brandy gritou, se desvencilhando do namorado e correndo para dentro de casa como um furacão.

— A fome dela nunca acaba? — Lambuzado de sorvete, Alex ficou de pé.

— Esse moleque vai dar trabalho quando nascer... — Foi o que o moreno disse.

— Eu não quero nem ver. — Eles riram e juntos andaram para dentro de casa. Porém, as risadas cessaram quando chegaram na sala e viram as duas mulheres paradas em frente a TV. Na tela, o jornal mostrava o cenário de guerra que arrepiou cada pelo nos corpos de Brandon e Alex.

— O que é isso?

— Acho que é no Iraque... Uma explosão de bomba... — Sophie sussurrou, petrificada, e os dois homens se entreolharam, engolindo em seco.

— Tá agora desliga essa merda e vamos comer? — Alex quis mudar de assunto, passando reto pela sala, direto para o banheiro, mas as duas continuaram ali, atentas à guerra que estourava no oriente médio.

(...)

— É aqui?

— É. — Ele sorriu. — Vamos logo que vai começar a chover...

— Tudo bem, tudo bem! — Brandy saiu correndo e abriu a cerca, passando pelo jardim de gramado verde e parando em frente à casa branca com detalhes de azul bebê.

— É perfeita... — O sussurro comoveu o ruivo, que mexia na chave dentro do bolso direito da calça jeans. — Térrea e...

— Com um quarto extra. — Ele completou, vendo os orbes verdes e brilhantes o encararem.

— Mas... É uma decisão...

— Se está achando que vou deixar **meu filho** morar longe de mim, tá achando errado. — A frase fez os já lacrimejantes olhos de Brandy transbordarem e ela cobriu o rosto. Onde estava a velha e dura na queda Brandy de antes? Ela não sabia. Talvez tenha ficado para trás, junto com o passado que queria esquecer.

— Seu filho...? — As mãos fortes circundaram sua cintura e lhe apertaram com firmeza.

— Se é seu, e você é minha... Isso faz dele meu também. Só estou seguindo a lógica. — Alex a abraçou quando percebeu que tinha a feito chorar, mas sabia que não era um choro triste. Era pura comoção e ver aquilo o comovia também, pois sabia que Brandy era dura na queda. Sabia que a mulher que tinha escolhido era tão forte quanto ele e que juntos os dois fariam aquela criança crescendo dentro dela, muito feliz.

— Vamos entrar... Na nossa casa? — Sussurrou, ainda abraçando o corpo feminino. Sentia a respiração quente transpassando o tecido de sua camiseta e as mãos de Brandy apertando suas costas.

— Eu gostei de como isso soou... — Ela levantou o rosto para encará-lo e os joelhos de Alex perderam um pouco de força quando viu aquele sorriso. Um sorriso genuíno, permeado de lágrimas e que ainda sim, era capaz de desestabiliza-lo completamente.

Os primeiros pingos de chuva começavam a cair quando o ruivo enfiou a chave na fechadura e abriu a porta.

A porta de seu futuro.

(...)

21/07/2013

— As autoridades pedem cautela para pessoas que estão em transito nas ruas. Fiquem em suas casas, não saiam para nada. O tufão Camila pode causar graves problemas no Tennessee e proximidades, por isso, moradores do estado, fiquem alertas e...

— Sophie? — Brandon desligou a TV. O som da chuva lá fora preocupava quando saiu do banho e encontrou a casa vazia. Desde a primeira notícia sobre a bomba explodida no Iraque, a loira estava calada e devido à outras explosões ocorridas em Cabul, a coisa vinha piorando há um mês. O olhar tinha mudado. Ele sabia o que ela estaria pensando, e não queria pensar o mesmo, por mais que a verdade fosse inevitável; se as coisas ficassem sombrias, eles seriam chamados novamente.

— Sophie? — Chamou mais alto quando chegou à cozinha e apenas as luzes jaziam acesas. Monroe sentiu o estômago revirar depois de checar o lavabo

e a lavanderia, além de também vistoriar o quarto de Sophie, o de vizitas comumente usado por Brandy e Alex e o quintal.

Ela não estava em nenhum lugar e ele ainda estava com a toalha em volta do pescoço, usando só uma calça de moletom quando abriu a porta de entrada. A chuva despencando lá fora lhe deu a certeza de que a noiva não poderia ter saído em tais circunstâncias e ele fechou a porta de novo, pegando o telefone sobre a mesa de centro e discando o número do celular de Sophie às pressas.

A ligação chamou e o toque alegre imediatamente soou perto. Brandon virou o rosto para constatar o aparelho em cima do sofá e arregalou os olhos, o coração entrou em um descompasso que o fez ter vertigens e ele largou o telefone sem fio em cima da mesa pronto para pegar as chaves quando a visão periférica captou uma sombra do lado de fora. Pela janela, o moreno olhou o jardim da entrada da casa e quase saltou por ela quando viu Sophie parada ali.

Ela encarava fixamente a bandeira americana molhada, fincada no chão.

O vestido azul igualmente encharcado e os ombros encolhidos fizeram o homem atravessar a casa até a porta e saltar os degraus com o coração explodindo dentro do peito.

— Sophie! — Ele agarrou o punho feminino, mas ela não se moveu. Os cabelos loiros escorriam sobre o rosto e o semblante gélido da loira fez um tremendo calafrio percorrer sua espinha. — Sophie! — Chamou de novo, dessa vez o puxão a fez se virar. — Meu Deus, o que há com você? Por que está aqui?

Sem resposta. Sophie não se movia. Ela sequer parecia estar realmente ali. Os olhos vagos saíram da bandeira diretamente para os verdes orbes de Brandon e ele trincou os dentes, sendo molhado pela tempestade torrencial que desabava sobre eles.

— Sophie... O que est-

— Você vai pra guerra. — Foi um sussurro. Mas tão intenso que aos ouvidos de Monroe, pareceu um grito ensurdecedor. Ele segurou os punhos de Sophie com mais força e firmou os olhos nos dela.

— Do que está falando... Não pensa nisso, princesa, nada vai-

— Vai me deixar aqui e ir embora. — As palavras da loira pareciam facadas contra seu abdômen e ele a abraçou.

— Sophie, nada vai acontecer.

— Brandon... Você viu aquela filmagem da bomba... Você viu...? Eu vou te perder pra guerra... — As unhas de Sophie cravaram nos antebraços do homem e ele sentiu uma estranha sensação nunca antes experimentada. Era uma vasta, imensa e estrondosa onda de dor chegando em seu espírito e devastando tudo que via pela frente.

— Nada vai me tirar de você... — As mãos fortes se espalmaram no rosto feminino e obrigaram os olhos azuis a lhe encararem. — **Nada.** Nem a guerra, nem o tempo, nem nada. Ouviu? Eu posso ter mesmo que ir, se o exército chamar eu vou ser **obrigado** a ir... Mas eu vou voltar... Vou voltar pra você... Para nossa vida... Para me casar com você... Para termos filhos... Formarmos uma família... Você está se desesperando por algo que ainda nem aconteceu, princesa... Meu Deus eu quase morri quando te vi aqui fora... Sinto que vou morrer agora mesmo se você continuar me olhando desse jeito...

— E se não voltar... E se anos passarem, se tudo desabar, se tudo explodir, e se você morrer Brandon! — A voz antes sussurrada se tornou um grito que atravessou a rua inteira e ele arregalou os olhos. — Eu não vou aguentar, eu vou desabar, eu vou explodir, eu vou mo-

Não deixou que ela terminasse aquela sentença. Beijou os lábios doces abruptamente, num bater de bocas que calou a loira e ele a pegou no colo, apertando o quadril fino num abraço quase esmagador. Parecia estar sendo passado por um triturador de carne e as próprias mãos, que seguravam Sophie com tanta firmeza, começaram a tremer.

Pela primeira vez, Monroe se arrependeu de ter se alistado.

Pela primeira vez, ele se arrependeu verdadeiramente de uma decisão da qual sempre se orgulhou.

— Me escuta! — Ele a colocou no chão e segurou seus ombros. — Nada vai acontecer. Ninguém vai morrer, ouviu? Vamos aproveitar os dias, só isso!

— Mas-

Sophie foi calada pelo puxão na mão e quando viu, estava correndo, tendo os dedos entrelaçados aos de Monroe e o vestido colado no corpo.

— ‘Mas’ nada! — Ele deixou a toalha cair no chão e ambos começaram a correr pelo gramado verde, atravessando a rua até o campo de futebol do outro lado.

— Se você não rir vou te fazer rir! — Gritou, olhando para ela com um sorriso tão largo que foi como uma pequena dose de tranquilidade na alma feminina.

— O que está fazendo? Vai ficar doente!

— Ninguém vai ficar doente! — Ele a puxava, correndo para o meio do campo. — Vai rir ou não?

— Monroe!

— Ah, Sophie! — E assim, em um piscar de olhos, Sophie estava no chão de grama encharcada, vendo o corpo masculino montar em cima do seu. — Eu avisei!

Ele mostrou as mãos. Os dedos levemente dobrados como garras e logo estavam em suas costelas.

— Ataque de cócegas! — Brandon gritou, começando a mexer os dedos ali e foi imediato. A mulher começou a se contorcer e gargalhar, já que costelas eram seu ponto fraco, e sentindo a chuva bater no rosto, olhou para Monroe.

Ele estava fazendo de tudo. O possível e o impossível só por uma risada. Talvez fosse egoísmo chorar, mas sabia que o homem não perceberia por causa da chuva. Entre as risadas, Sophie libertou as grossas lágrimas que se misturaram com a chuva e foram silenciadas pelo riso. Era pedir demais um momento de alegria? Um momento onde não houvesse preocupação maior do que quando seria o momento que ele a beijaria de novo?

Sophie sabia que Deus estava ao seu lado. E que Ele só daria o fardo que ela pudesse carregar. Por isso se entregou a situação e fazendo um esforço

sobre-humano para vencer a vergonha, levantou os braços e agarrou as costelas masculinas, fazendo cócegas em Brandon também, que foi pego de surpresa e sentiu a risada explodir na garganta enquanto os dedos de Sophie não lhe deixavam ficar em cima dela. Ele caiu no chão e os dois ficaram rindo e provocando cócegas um no outro enquanto um tufão despontava em Brentwood.

Quando finalmente já não tinham fôlego, tampouco forças para continuar, se olharam. Um do lado do outro com sorrisos largos ainda presentes nos lábios. A chuva caindo era quase ignorada, se não fosse pelo frio começando a chegar.

— Eu te amo, Sophie Lanure... Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida... — Ele viu o sorriso dela desaparecer, mas sabia que não era tristeza e sim surpresa. — Sei que Deus vai deixar você aqui, bem onde está agora, para sempre... Do meu lado... E que ficaremos velhinhos juntos...

Sophie sentiu o choro subir como um nó na garganta e o estômago revirou com as borboletas voando lá dentro. Ela mordeu os lábios e se apoiando nos cotovelos, jogou-se em cima do peito desnudo do namorado, o abraçando.

— Eu também te amo... Muito... Mais do que qualquer coisa... Mais do que já amei qualquer pessoa na minha vida... E quero ficar velhinha do seu lado, Brandon... Quero muito mesmo!

Brandon não disse nada. Ele sabia que Sophie estava ouvindo seu coração de novo, como ela gostava de fazer, e apenas a abraçou apertado, sozinhos naquele enorme campo de grama verde.

Era assim que a vida agia. Misteriosamente te levando a extremos. Mas ele não se importava com os extremos.

Brandon só se importava com Sophie, e a maneira que ela sorria quando ouvia seu coração batendo forte.

Mas o primeiro trovão pareceu arrancá-los daquele momento rapidamente, e botou ambos de pé levemente preocupados.

— É melhor a gente correr...

Sophie mordeu os lábios com aquele pedido.

— Quem chegar por último limpa a casa! — Ela gritou antes de sair correndo como uma louca pelo campo de futebol. Ainda ficou parado por um segundo ou dois, vendo Sophie correr. Era uma sensação de transbordar o coração. Os cabelos molhados e o vestido azul colado no corpo. A pele sedosa sendo banhada pela chuva e abraçada pelos ventos. Aquelas pernas nem tão finas nem tão grossas e as canelas desnudas absurdamente delicadas. Só ali percebeu que ela estava sem sapatos e a visão se tornou ainda mais estarrecedora.

— Obrigado Deus... — Sussurrou, voltando os olhos para o céu. — Obrigado... Eu não vou te desapontar. — Brandon sorriu, e depois disso, saiu correndo também, logo alcançando a loira, mas por puro capricho a deixando ganhar a corrida. Não se importava de limpar a casa, mesmo que o fizesse, sabia que ela o ajudaria, pois adorava limpeza e mais ainda, adorava fazer coisas junto com ele.

— Peguei! — Ele a levantou do chão assim que Sophie abriu a porta e ela gritou um berro histérico seguido de risadas escandalosas. — Direto pro banho mocinha!

Monroe a colocou no ombro com absoluta facilidade e saiu correndo pela casa, encharcando o piso e segurando as coxas alvas até que chegassem no banheiro. Ele a colocou dentro do Box e já estava saindo quando sentiu a pequena e trêmula mão segurar a sua.

— Você v-vai... Ficar... Do-do-do-

— Doente. — Ele completou a palavra rindo e viu a expressão feminina emburrada. As bochechas vermelhas denunciavam a tensão do momento. — E não, eu não vou... Mas agora que você segurou minha mão... Não quero mais sair daqui... — O sorriso era honesto e por mais que as vontades e desejos estivessem gritando, inocente. Não queria forçar nada com Sophie. Sabia que ela tinha traumas inapagáveis e que apenas o tempo lhe daria a abertura necessária. A mão dela segurando a sua era um início, mas não um sinal verde.

Brandon ligou o chuveiro quente e empurrou levemente Sophie para trás. A água quente atingiu o corpo feminino e ela semisserrou os olhos, não querendo assumir que aquilo era basicamente delicioso, já que estava morrendo de frio.

Quando abriu os olhos de novo, Sophie deu de cara com o par de imensidões verdes que arrancaram o ar de seus pulmões. Ela prendeu a respiração no exato momento em que Monroe lhe beijou, cortando os cinco centímetros ou menos que os separavam. Um beijo doce que de repente, parecia jogá-la dentro de uma panela de água fervente.

A água morna parecia fria diante da sensação que o homem lhe trazia. Era estarrecedor pensar que um simples beijo poderia causar aquilo. Uma ebulição que parecia afetar e efervescer seu próprio sangue. Sophie colocou as mãos nos braços fortes, mas quando deu por si os dedos estavam deslizando pelo peitoral forte e amplo, sentindo os músculos enrijecidos do noivo cada vez mais próximo. De vestido, mas era como se estivesse nua. Era como se aquele chuveiro despejasse água fervendo em cima de sua cabeça e Monroe fosse feito de fogo.

Ela sentiu mais uma vez o formigamento entre as pernas e quando pensou em separar sua boca da dele, as costas colaram nos ladrilhos gélidos, causando uma súbita falta de ar que a fez abrir um pouco mais os lábios.

As mãos grandes escorregavam pelas laterais do corpo curvilíneo e ele sabia que estava ultrapassando um limite ali. Sabia, mas o quão forte um homem precisava ser para simplesmente parar? Ele poderia ser forte, poderia ser o mais forte, e ainda sim, era mais fraco que uma formiga.

Mas a verdade que Brandon não sabia é que Sophie estava em uma situação mil vezes pior. Ela sentia as pernas se liquefazerem diante das mãos firmes percorrendo seu corpo e a carne cozinhar pelo beijo incessante que arrancava seu fôlego, seu equilíbrio, sua sanidade. Pegou-se o desejando, desejando mais daquele toque, mais daquele beijo, mais de Monroe, tudo dele, tudo que ele poderia lhe dar, lhe mostrar, tudo que ele era capaz de fazer porque por mais que tentasse negar, aquela sensação fazia Sophie se esquecer de qualquer coisa, até de si mesma. E ela poderia negar até a morte, mas não deixaria de ser verdade.

Brandon lhe levava a um estado de descontrole nunca antes experimentado e o simples fato lhe descontrolava ainda mais.

O homem separou suas bocas, colando seus corpos e praticamente batendo a testa na parede. Precisava parar, mas não conseguia! Que diabos

estava fazendo ali prensando Sophie na parede e ainda sim era a melhor sensação do mundo!

— Na... Não... — Ela teve que falar. Necessitou dizer. Mas era como se a voz sequer existisse. Sophie sentia mais do que os músculos do homem enrijecidos. Ela sentia a elevação em seu quadril e por mais que nunca tivesse sentido antes, sabia exatamente o que era. Fervendo, sem coragem de olhar para cima, as mãos tremendo empurraram o peito masculino com a mínima força que ainda nutria. — Brandon...

— Desculpe... — Se afastou o bastante para que ela não sentisse mais o que sabia que Sophie sentia. Estava excitado. Desgraçadamente excitado e não poderia fazer absolutamente nada para mudar o fato, nem que pulasse numa banheira de gelo seria capaz de apaziguar aquilo. — Eu... É difícil controlar isso... — Confessou, levemente sem ar, e aquela confissão fez todo o ar desaparecer de dentro dos pulmões de Sophie, que fechou os olhos, apertando as pálpebras. — O simples fato de beijar você debaixo do chuveiro me deixa **maluco**... Desculpe...

Sophie não respondeu. Apenas o empurrou um pouco mais. Era muito egoísmo submeter Monroe aquele tipo de tortura, ela sabia, mas não podia evitar. Não tinha medo dele. Só tinha muita vergonha. Não queria fazer nada antes do casamento, por mais que já estivesse fazendo.

— Vou pegar uma toalha pra você... — Sussurrou ao ver que a loira estava congelada ali. — Desculpe de novo, princesa... A culpa foi toda minha...

— Não... — Ela o segurou. — A culpa... Não é sua... Eu não devia... Fazer isso... Eu...

— A culpa foi minha. — Brandon reiterou. — Prometi que ia esperar. — Ele sorriu, beijando-a docemente mais uma vez, brevemente. — Vou pegar a toalha.

E saiu do Box, fechando a porta de vidro e assim que Sophie se viu sozinha, ela simplesmente desabou no chão, tentando apaziguar o próprio desejo.

Quando saiu do banho, foi obrigada a encarar a realidade: um tufão chegava a Brentwood. Ela se secou e se vestiu no silêncio do próprio quarto

ouvindo o namorado limpando a sala e lavando a louça como prometido na aposta e quando chegou lá embaixo, a noite anunciava uma tempestade interminável de raios e trovões que lhe atiravam em um medo nunca antes sentido. Aquela era a primeira vez que algo tão forte recaía sobre suas cabeças.

— Fique longe das janelas. — A voz grave de Brandon surgiu da cozinha e sem jeito, ela o encarou. — Os raios estão caindo sem parar. — Ele lhe estendeu uma xícara de café recém-feito.

— Odeio raios e trovões... — Sussurrou de volta, aceitando a bebida quente. Sophie estava absurdamente constrangida. O simples fato de olhar para o moreno trazia as mais recentes memórias estarrecedoras e o simples fato fazia seu sangue ferver de novo. — Será que Brandy e Alex estão bem?

— Eles tinham comprado um vídeo game ontem, lembra? Acho que sim. — Brandon se sentou no sofá na intenção de mostrar que não tinha motivos para evitar Sophie. Apontou o local vago para ela e foi prontamente entendido.

— Achei tão lindo ele usar o dinheiro que vinha guardando para a academia para comprar aquela casa e mobiliar como a Brandy queria...

— O sonho do Alex nunca foi a academia. O sonho dele sempre foi a Brandy. E a casa está nos planos para fazer ela feliz.

— Isso é muito bonito... — Sophie sorriu, finalmente vencendo a vergonha e sentando ao lado do namorado. As mãos abraçando o café foram contempladas e ela fixou o olhar na aliança em seu dedo anelar direito. Era de ouro branco, completamente cravejado com diamantes brancos e rosas. Maravilhosa e escolhida minuciosamente. O sorriso terno se apossou dos lábios.

— Não está triste que Brandy saiu daqui...?

— Claro que não. Brandy saiu daqui para ser feliz. Isso só me deixa ainda mais feliz.

— Fico pensando que essa casa é muito grande só pra nós dois... — Na mesma hora, Sophie ficou quente de novo. Ela encarou Brandon de olhos arregalados.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que devíamos vender essa casa... E comprar outra, menor... Mas com um quarto extra também. — Ele sorriu, mordendo os lábios nervosamente diante dos olhos azuis tão arregalados.

— Um... Um... Um... Qua-qua-qua-

— Quarto extra... — Ele completou rindo. — Estou ficando bom em completar suas frases.

— Seu bobo... Me deixa... Com vergonha...

— Fico imaginando um moleque loirinho com seus olhos azuis enormes correndo em volta de mim e sinto até vontade de chorar... — Brandon sussurrou, tirando uma das mãos de sua xícara e abraçando Sophie.

Mas ela não apenas sentiu vontade de chorar, como chorou, no puro silêncio, piscando para se livrar das lágrimas.

— Quero uma menina de olhos verdes correndo em volta de mim também... — Confessou num timbre choroso.

— Então precisaremos de dois quartos por que acho que eles vão odiar dividir um só... — Sorriu, se envergando o bastante para contemplar o rosto manchado de lágrimas. Brandon beijou as bochechas molhadas de Sophie silenciosamente, tomado pela comoção que sentia ao vê-la daquela maneira.

— Estou tão feliz... — Ela não aguentou. — Desculpe por chorar... — O abraçou. Precisava do abraço. Precisava da segurança que um simples gesto vindo daquele homem lhe trazia. Ele era a estaca que a fincava no chão e o vento que a levava pros céus.

O amor de sua vida.

— Se não parar de chorar, vai ter ataque de cócegas... — O tom de ameaça fez Sophie rir entre lágrimas.

— Não, por favor, não... — Sussurrou, se afastando levemente dele.

— Então pare... Não é como se você fosse acordar de um sonho... — Ele afagou seus cabelos.

— Eu sei... É que... Eu nunca pensei... Que fosse encontrar alguém capaz de me fazer amar tanto... Nem sorrir tanto... Quando estou com você Brandon... Eu me sinto... **Completa.**

Ali, naquele momento, quem sentiu vontade de chorar foi ele. Brandon lhe puxou de volta para um abraço forte e afundou o rosto nos cabelos loiros.

— Eu também princesa... Me sinto completo... Muito feliz... Te amo tanto... Tenho que confessar que... Já tinha me conformado que ia morrer sem encontrar alguém que me fizesse sentir isso...

— Mas isso não te dá o direito de morrer, ouviu! — Ela o empurrou, os olhos subitamente fincados nos seus. — Me prometa agora!

— O que? — Ficou surpreso.

— Me prometa que não vai morrer antes de mim!

— O que? Não. Claro que não!

— É melhor prometer! — Quando viu, estava em cima dele, os olhos firmes e a voz mais firme ainda. As mãos seguravam o colarinho da camiseta masculina com uma garra nunca antes empenhada.

— Se você morrer eu vou morrer na mesma hora. Pode parar com isso? Odeio esse assunto!

— Se não prometer vou ficar de mal de você!

— Vamos fazer uma promessa diferente? Vamos prometer que... Que não vamos morrer.

— Ahn? — Ela arregalou os olhos.

— É. Não vamos morrer. O primeiro a quebrar a promessa... Liberta o outro. Se eu morrer...

— Não, chega disso! Apenas me prometa! — Brandon fechou os olhos diante daquele timbre.

— Tudo bem... Eu prometo.

Pela primeira vez na vida, Brandon Monroe fez uma promessa que seria incapaz de cumprir. Se Sophie morresse antes dele... Com certeza iria atrás dela. Mas se ele fosse antes, tudo que queria era que Sophie seguisse sua vida. Era injusto, mas quando o amor é justo?

— Agora me prometa também. — Pediu, abrindo os olhos verdes que faiscavam na direção de Sophie. — Me prometa que se eu mo-

— Se você morrer eu vou logo atrás de você. Isso eu prometo.

— Sophie...

Mas ela o beijou, subiu em cima dele e o abraçou forte, com a boca colada na sua. O homem sentiu o coração falhar uma batida, mas não a afastou. Secretamente, em seu profundo mais egoísta, tinha gostado de ouvir aquilo e ao mesmo tempo, odiado.

Depois de algum tempo o assunto, estranhamente, como veio, se dissipou. Viram filme, comeram hambúrgueres gordurosos e tomaram refrigerante até sentirem sono. O homem estava bocejando quando olhou para a feição adormecida da noiva e soube que era hora de dormir.

Pegou Sophie no colo e a levou até o quarto dela, colocando a loira na cama e a cobrindo com cobertas grossas já que a noite prometia ser fria.

"Se você morrer eu vou logo atrás de você. Isso eu prometo." A voz dela ressoava na cabeça quando beijou a testa feminina, levantando-se da cama e saindo do quarto.

Brandon foi para o próprio quarto com o coração apertado. Ele sabia que uma guerra não iria se resolver da noite para o dia e quando fechou os olhos, preparava o próprio coração para o futuro. Adormeceu daquela forma, cheio de medos secretos e não soube quanto tempo dormiu, mas acordou com um raio que pareceu cair do lado da casa. Pulou da cama levemente assustado e notou que a energia tinha caído já que sempre deixava a luz do corredor aceso, pois Sophie tinha medo do escuro. Ele imediatamente pensou na loira e saiu do quarto para constatar a completa escuridão.

Os raios lá fora iluminavam as janelas do quarto feminino e ele imediatamente constatou a cama vazia. O coração entrou num descompasso

aflitivo e percorreu os olhos pelo cômodo, preocupado.

— Sophie? — Chamou alto devido ao som da chuva e dos trovões irrompendo a casa e se aproximou da janela apenas para ter certeza de que ela não estava de novo lá fora olhando a bandeira. O alívio foi imediato ao notar que não e foi ali que escutou um choro baixo.

Brandon olhou para o armário e o abriu imediatamente, constatando a loira encolhida entre os casacos.

— Sophie! — Ela não respondeu quando o noivo lhe pegou no colo. Apenas o abraçou apertado. — Vamos,... Não fique com medo...

— Brandon... — Sophie escondeu o rosto no peito masculino. — Não quero... Não quero dormir sozinha...

Ele sentiu o ar faltar, apertando mais um pouco a mulher em seus braços, beijou o topo da cabeça de fios dourados.

— Não precisa dizer mais nada princesa... Você vem comigo...

Atravessou o quarto e o corredor até chegar ao próprio quarto, onde colocou Sophie na cama e deitou ao lado dela, abraçando o corpo franzino protetoramente e iniciando um cafuné nos cabelos femininos.

— Pode dormir princesa... Nenhum raio mal vai pegar você... — Ele brincou para tranquilizá-la.

Não foi a cama.

Nem o cafuné.

Foi a simples presença de Brandon que acalmou sua alma por completo.

Sentiu-se segura. Protegida. Confiante de que nenhum raio atravessaria a casa, e quando fechou os olhos, Sophie sonhou com duas pequenas crianças correndo por uma casa que ela ainda não conhecia, mas já amava.

(...)

Brandon abriu os olhos escutando a ventania lá fora. A claridade passando pelas cortinas o permitiu ver também a chuva e, além disso, Monroe viu a feição adormecida que pousava praticamente sobre seu abdômen. As pequenas mãos estavam espalmadas em seu peito e ombro esquerdo e a bochecha direita de Sophie colada na boca de seu estômago.

Ele perdeu o ar, sentiu a nítida sensação de estar sonhando até se lembrar da madrugada passada. Tinham dormido juntos e aquela noite, poderia dizer com certeza... Fora a melhor de toda sua vida, e eles tinham só dormido. Ousou mover o braço livre e tirar os cabelos loiros da feição suavizada pelo sono. Ela ficava linda dormindo e mais linda ainda dormindo em cima dele.

O coração levemente disparado precisou de pelo menos cinco minutos para voltar ao normal e Monroe não se movia, queria passar o máximo de tempo possível absorvendo aquela imagem. Era como ser submetido em uma experiência secreta, aonde Sophie vinha apenas para causar aquele tipo de sensação anestésica. Sequer era capaz de sentir o próprio corpo ali, petrificado na cama tentando acalmar os próprios instintos.

Contra a própria vontade, Brandon olhou para o teto e começou a pensar em coisas nojentas. Ele não queria que Sophie acordasse com uma surpresa desastrosa apontando para a cara dela e por isso, rezando para dar tempo, contou até três e rolou para o lado, cobrindo-se com o cobertor grosso e voltando-se para a loira que ainda dormia pesadamente, a puxou para cima, abraçando-a. Afundou o rosto nos cabelos loiros e respirou o perfume que chegava a ser perturbador.

— Hm... — O grunhido doce fez as mãos masculinas apertarem a cintura delineada e ele afastou o quadril para longe. Por que o maldito grunhido sonolento tinha que ser tão sexy? Por que diabos tinha que causar aquilo? Monroe precisava urgentemente de um banho gelado e ainda sim, não queria sair dali.

O corpo inteiro tremeu quando ela se virou. As pequenas mãos abraçaram seus braços e escorregaram por seus ombros até estarem enlaçadas em seu pescoço. Sentiu a respiração de Sophie batendo diretamente contra seu peito e novamente, foi como ser eletrocutado.

— Brandon... — Monroe fechou os olhos perante o sussurro sonolento.

Sophie ainda não tinha acordado. Ela estava dormindo. Conhecia a loira bem o bastante para saber que ela já teria pulado daquela cama se visse o que estava fazendo.

A abraçou, passando as mãos por cima do tecido daquele pijama fino de ursinhos até chegar aos fios loiros e mergulhou os dedos entre os cabelos femininos, acariciando o couro cabeludo de Sophie como fizera na noite anterior até ela dormir.

Queria passar o resto dos dias assim. Queria ter aquele cheiro, aquele toque, a voz sonolenta e as sensações deliciosas que a mulher lhe trazia. Ela era como um remédio diário necessário e que se não tomasse, simplesmente enlouqueceria.

Brandon secretamente estava com medo. Medo de tudo aquilo de repente desaparecer. Evaporar. Se desmaterializar dali e ser formado de novo dentro de um campo de guerra. Tinha medo de ser engolido pela onda de medo cada vez mais próxima, cada vez maior. A vontade de lutar era mais forte que a de desistir e ele sabia o que isso significava.

— AH! — O grito lhe arrancou dos devaneios e tudo que viu foi o corpo feminino rolando da cama até cair no chão. Arregalou os olhos e pulou para o chão a tempo de ver a expressão de puro choque da loira. Ela estava com a mão tampando a boca e olhos prestes a pular para fora da orbita.

— O que houve? — Abaixou-se e puxou Sophie para cima, sentando-a na cama e tentando não rir da coloração escarlate que o rosto dela começava a adquirir. — Você acordou?

— Nó-nó-nós-nós... Nós...

— Meu Deus, dessa vez vai ser difícil adivinhar a próxima palavra... — Sussurrou divertidamente, vendo-a fechar os olhos e cobrir o rosto.

— Nós... Nós... Eu... E-eu e vo-você... Nós...

— Sophie? — Brandon incentivou, controlando o riso e sentando ao lado dela.

— Do-dormi... Dormimos...Nós..

— Ah, certo, sim, nós dormimos juntos... Por que?

— Meu Deus... — A loira se jogou para trás, afundando nas cobertas e as puxando, enrolou-se completamente até lembrar um casulo.

— Não, espera, não assim. Nós só dormimos! E você estava sóbria como não se lembra?

— Eu me lembro! — A voz saiu abafada e chorosa. — Eu me lembro! — Ela repetiu quase num grito e Brandon arqueou as sobrancelhas. — Mas pensei que fosse um sonho!

— Isso foi tão horrível e diabólico assim?

— Não! Isso... Isso...

— Terrível? Um desastre? Eu ronco?

— Você não ronca! Não foi terrível! Nem um desastre! Muito menos diabólico!

— Então por que está chorando...? — Ele apertou o tecido onde ela se escondia e tentou puxá-lo, mas Sophie segurou mais forte.

— Estou com vergonha... — O sussurro foi quase inaudível. — Eu... Estou com tanta vergonha...

Ali, o homem soube o que precisava fazer.

— Também fiquei com vergonha, princesa... Mas uma vergonha boa, sabe?

Ela não respondeu.

— Sophie...

— Desculpe... Ainda... Ainda não estou preparada... Pra olhar pra você... Não consigo mudar... Não consigo...

— Não precisa olhar pra mim... Nem mudar nada. — Brandon disse. — Não precisa fazer nada. Às vezes as pessoas não conseguem coisas simples

porque para elas a batalha é muito maior. Sei que está travando uma guerra ai dentro, princesa... Mas estou em uma aqui fora também... Por isso... Vamos aprender juntos a lidar com esse constrangimento... Vamos vencer juntos... Combinado?

— Sim... — Sophie sussurrou, tirando coragem dos céus para tirar o cobertor do rosto e olhá-lo com olhos lacrimejantes. — Juntos...?

— Juntos... — Brandon sorriu. — Se pretendemos dormir e acordar todos os dias um do lado do outro... Imagina como vai ser se você tiver um colapso toda manhã?

— Bobo...

— Quero que seja mais forte, Sophie... — Ele estendeu a mão em sua direção, sustentando aquele sorriso confiante que lhe anestesiava. — Vem...? Vamos tomar café da manhã... Tenho uma surpresa.

— Surpresa? — Os olhos de Sophie brilharam e ela sentou na cama. Monroe começou a rir. — Não faça isso, sabe que sou curiosa...

— Então vou usar do meu poder de chantagem pra dizer que falo a surpresa se sair da cama e ir tomar café.

— Já saí! — Ela pulou da cama, corada e tremendo, mas tão curiosa que nem notou o quanto estava descabelada, e o homem não quis falar já que constatar aquilo provavelmente faria Sophie se trancar no banheiro pelo resto da manhã.

— Agora falta tomar café... — Mordeu os lábios, contendo outra risada e lhe estendendo de novo a mão, continuou: — Vamos?

— Vamos, vamos! E a surpresa, me conta, me conta!

— Esses olhinhos de gatinho do Shrek aí...

— Brandon!

— Ta, ok, gatinha!

— Eu era princesa!

— Princesa gatinha! — Ele a abraçou por trás diante de protestos tímidos e foram para baixo rindo.

DÉCIMO-NONO CAPÍTULO

— U-u-u-uma ca-ca-ca-ca-

— Casa. — Ele completou. — Má ideia?

— Não... — Sophie tentou não gaguejar de novo. Eles já estavam parando o carro em uma rua onde crianças corriam depois da passagem da chuva, brincando com os galhos caídos. Era um lugar tranquilo e arborizado. — Brandon...

— Hm?

— Isso... Isso é o que... Você realmente quer?

O carro deu uma freada brusca e parou no meio da rua. De olhos arregalados e subitamente trêmula a loira ousou encarar o olhar do qual sentia o peso sobre si.

— O que?

— Você... Realmente... Quer ficar comigo?

— Sophie... Não me assuste... Do que está falando? Por que isso? Como assim?

— Eu... Tenho medo... — Se fosse continuar, não poderia fazê-lo olhando aqueles olhos verdes e ela cobriu o rosto com as mãos que suavam frio. — De um dia você... Se cansar de mim...

— Não pode estar falando sério, princesa... Sério que tem esse medo? Eu nunca vou cansar de você! Tá maluca? Quero casar com você, Sophie! Te trouxe até aqui pra vermos-

— Eu sei! — A voz ficou levemente desestabilizada. — Nós nos conhecemos em-

— Seis de fevereiro. Fazem-

— Cinco meses. — Ela sussurrou.

— É pouco para você...?

— Já estamos noivos... Parece até um ano...

— Sophie... Estou sendo rápido? Não quer casar? Não quer-

— Eu quero! — Se adiantou, levemente exasperada. — Eu quero muito Brandon... E-estou... Estou perguntando se é isso que **você** quer...

— Essa... É a maior certeza que eu já tive na vida... — Ele sussurrou e por mais que Sophie não o encarasse, continuava olhando fixamente para a figura parada ao seu lado. — Não ligo pra quanto tempo faz...

— Mas e se quando me conhecer melhor não gostar de mim? Se quando descobrir que nao sou o que você acha que eu sou, eu vo-

— Você é louca?

— Não!

— Terrorista?

— Claro que não, Brandon!

— Tem outra família na Venezuela?

— Eu não tenho outra família! — Vencida pela irritação e pela vontade de botar os olhos nele, Sophie tirou as mãos do rosto e o encarou com o cenho franzido.

— É só minha e de mais ninguém? — Ali ela travou de novo, engolindo em seco.

— Claro que sim...

— Então por quê eu mudaria de ideia? Já conheço você. E você, já me conhece?

— Sim... Eu conheço... — Sussurrou, olhando-o fixamente e de repente, era como se já não fosse capaz de olhar para outro lugar.

— E gosta?

— Sim...

— Ama...? — A voz do homem ficou rouca.

— Eu amo... Muito... — Sentiu vontade de chorar.

— Porque eu também conheço você, gosto de você. Amo você. Muito. Nunca amei nenhuma mulher antes, Sophie. — Finalmente, aquela confissão pareceu ser o estopim e Sophie sentiu os olhos arderem. — Você é a primeira mulher que eu amo. E eu sei que vai ser a única. Por isso te pedi em casamento. Não quero dar chance pra outro cara vir e conquistar você. Não quero dar chance pra... Nada... Tirar você de mim. Da minha vida. Será que entende isso?

— Você também é o primeiro homem que amei... Que permiti que tocasse em mim... O primeiro, o único, o último... Não quero outra pessoa... — Ela não entendia como conseguia dizer aquilo sem gaguejar, mas era exatamente o que estava acontecendo. Talvez fossem aqueles olhos... Injetando doses cavalares de coragem em sua alma. — Não quero outro, Brandon... Não quero mais ninguém...

— Então porque está com medo...? — Brandon precisou piscar para espantar aqueles calafrios subindo sem parar e tirou a mão do volante para espalmá-la na bochecha feminina. — Princesa... Eu to aqui... Para destruir qualquer coisa que te faça ter medo... Alguém que não vai hesitar, que vai te ajudar a completar a frase quando não conseguir, que vai matar quem tentar te ferir... Sou seu escudo e sua arma... Dou minha vida por um sorriso seu... Então sem medo... Me diz agora... Vou perguntar de novo e eu juro, que se disser não, vou encarar numa boa...

— O-o-o q-que? — Suas lágrimas estavam escorrendo e passando pela mão de Brandon.

— Quer casar comigo?

Arregalou os olhos. O coração explodindo dentro do peito.

— Sim. Eu quero. — Não houve hesitação. — Eu me caso agora. Aqui, nesse carro... — Diante das risadas masculinas, Sophie voltou a respirar.

— Nesse caso, Sophie Lanure você aceita se casar-

Mas uma bola de futebol voou no vidro do carro e fez os dois pularem de susto, notando as crianças rindo do garoto que buscava a bola.

— Isso foi um sinal pra te levar numa igreja... — Ele sussurrou divertido e vencida pelo susto, Sophie começou a rir.

— Então... Onde é?

— Ali. — Brandon sorriu, apontando para a casa amarela perto do carro.

— Vai tirar o carro do meio da rua...?

— Vai me fazer ter outro derrame?

— Não. — Ela riu.

— Então eu vou. — E assim, Brandon acelerou, encostando o carro ao lado da casa. O homem saiu do carro e deu a volta enquanto Sophie tentava fechar a bolsa e quando viu, sua porta já estava aberta.

— Princesa...? — Ele foi comicamente cordial, estendendo-lhe a mão como um príncipe faria e com uma risada presa, Sophie segurou a mão forte e saiu do carro.

— Obrigada, Príncipe...

— Oh, gostei disso... A partir de agora quero ser chamado de Senhor Príncipe Brandon. — Ponderou conforme andavam pela calçada e passavam pelo jardim e dessa vez a loira não foi capaz de segurar a risada. Ela gargalhou conforme a porta da casa amarela se abria.

— Senhor Príncipe Brandon, as pessoas na casa estão olhando para nós...

— Eu avisei que viríamos... Senhora Princesa Sophie gostou da casa?

— Eu nem passei do jardim e já estou adorando, senhor príncipe Brandon...

— Agora acho melhor pararmos ou vão pensar que somos loucos e dobrar o preço da casa.

Sophie disparou uma risada alta que surpreendeu até mesmo o noivo, e eles atravessaram o jardim de mãos dadas, cumprimentando o casal de idosos e logo, observavam a sala ampla.

— Mini Brandon e Mini Sophie correndo por aqui heim...

— Dois? — Sophie corou, olhando para ele.

— Acho que já tivemos essa conversa...

Os dois se olharam e abafaram as risadas antes de subirem as escadas até o quarto principal, ao lado de mais dois quartos que pareciam ter sido feitos sobmedida para os dois pequenos que Brandon tanto falava.

— É perfeito... — Ela sussurrou. — O quarto é enorme...

— E só nosso... Sem essa de dormirmos separados... — De novo, a mulher ficou sem respostas, e apenas venceu a timidez para abraçar o tronco forte de Monroe.

— Eu amei, Brandon...

— Acha que vai amar mais outra casa?

— Não... Essa parece... *Nossa*...

Ele sorriu, abraçando-a também.

— Então é nossa...

(...)

— Está marcado para meados de quinze de setembro... — Brandy enfiava um enorme pedaço de torna de morango na boca. — Sinto que um saco de cimento vai sair de mim.

— Não seja exagerada. — Sophie riu. A casa nova era linda e mais do que linda, cheia de futuro. Brandon vinha sendo um príncipe e eles nunca tinham brigado. Em mais um dos churrascos na casa dos Monroe, as duas mulheres papeavam na cozinha enquanto os dois amigos de infância conversavam perto da churrasqueira.

— E vocês, já decidiram a data?

— Que data? — Sophie subitamente ficou nervosa e a morena começou a rir.

— A data do casamento.

— Eu... Não sei... Estou evitando a resposta para Brandon.

— Por que?

— Porque... Minha religião...

— Já sei dessa parte, Sophie, o que tem isso? — Brandy enfiou mais uma colherada de torta na boca.

— Acha que seu irmão quer casar logo por isso?

— Ele não quer casar logo. — A amiga deu de ombros. — Ele só quis colocar um anel no seu dedo para fazerem planos.

— Mas não é ruim sermos noivos sem uma data?

— Claro que não! Mesmo que se casem daqui cinco anos, não faz diferença...

— Estou pensando em setembro de 2014... — Sophie confessou. — Seu bebê já vai ter um ano... E-

— Acho setembro perfeito... — O sorriso foi sincero. — O tempo necessário para planejar tudo.

— Nós vamos fazer algo simples Brandy, um churrasco ou algo assim... E estou pensando em ir buscar minha avó...

— Acho que minha mãe vai vir quando o bebê nascer... — Brandy murmurou. — Eu não falo com ela há pelo menos um ano... Já podemos falar sobre voltar em setembro do ano que vem...

— Estou vergonha de estabelecer uma data para Monroe casar comigo...

— Mas é isso que todos fazem...

— Todos menos você e Alex.

— Nós vamos! — Ela apontou, parecendo lembrar-se de algo. — Eu esqueci de avisar! Hey, amor!

— Fala Andy! — A voz de Alex surgiu vinda do quintal.

— Já falou pro Brandon a novidade?

— Ah, é verdade... — Alex voltou-se para o amigo. — Vamos ser apressados também.

— O que? — Monroe arqueou as sobrancelhas.

— Eu e a Brandy. A gente vai casar.

— O que? — O amigo começou a rir. — Quando?

— Não sabemos ainda. Assim que der. Ela já está barriguda e disse que não entra em nenhum vestido...

— Está cortando os anos de atraso?

— É, quero dizer... — Alex coçou a nuca sem jeito. — Para quê namorar, noivar, e casar se eu já posso só casar? Conheço ela há tempo o bastante para me dar ao luxo de pular umas etapas...

Os dois começaram a rir quase na mesma intensidade que Brandy e Sophie riam na cozinha.

— Isso é tão legal! — A loira disse. — Eu com certeza vou ser a madrinha.

— Com certeza! E também quero algo simples... Depois da luta do Brandon no mês que vem vai ter uma feira de bolos para casamento... Vamos comigo? Eu não faço questão de festa, mas quero o bolo mais gostoso desse país!

Sophie gargalhou.

— Você está obcecada por bolos. — Ela tentou tocar o prato cheio de torta de morango, mas Brandy deu um tapa ameno na mão pequena.

— É meu. — E enfiou a colher na torta diante das risadas escandalosas da amiga.

— Brandy... — O sussurro fez a morena parar de mastigar e as risadas cessaram rapidamente enquanto a conversa continuava lá fora.

— Por que está sussurrando? — Brandy sussurrou de volta, engolindo o pedaço de torta.

— Quero fazer uma surpresa pro Brandon...

— Surpresa? — Os olhos verdes se arregalaram.

— Vai precisar me encobrir...

(...)

— Você vai querer apostar? — Eles estavam andando pelo amplo corredor iluminado nos bastidores de mais uma luta para manter o cinturão.

— Não! — Ela o empurrou levemente. — Apenas volte intacto!

— Você sabe que esse Irlandês é meio desgraçado né? Posso perder.

— Não, nada disso! Se perder ele vai bater em você!

Brandon riu, abraçando a noiva.

— É. Não fique chocada se acontecer...

— Não diz isso...

— É melhor dizer do que ser pega de surpresa, não acha?

— Vamos fazer um trato... — Ela ponderou. O timbre de voz atraiu o homem.

— Trato... Hm... Gostei de como isso soou, continue...

— Se você ganhar... Eu... Eu...

— É melhor você não continuar essa frase... — Avisou, já rouco. — Ou vou acabar perdendo a luta porque estou com minha noiva em uma dessas salinhas... — Ele apontou para as inúmeras portas enquanto a loira ria constrangida.

— Se ganhar, vou fazer uma surpresa...

— Isso acabou de derreter minha imaginação... — Sophie riu de novo conforme andavam para cada vez mais perto do fim do túnel, onde Matt, o treinador de Brandon, os esperava.

— Amor... — Ela o parou. — Por favor, lute com cuidado... Dê o melhor de si, mas não ultrapasse seus limites... Não quero cuidar de ferimentos, ouviu?

Monroe sorriu, aquecido.

— Sim Senhora... — O sussurro arrancou calafrios de Sophie pouco antes de ser beijada. Um beijo intenso e profundo que transformou seus joelhos em gelatina e quando finalmente se separaram, Sophie queria apenas mais alguns minutos dentro daquele toque. — Amo você...

— Amo você... — Respondeu, vendo-o acenar e sair ao lado de Matt para mais uma luta.

Quando a pianista sentou ao lado de Brandy e Alex, a luta estava prestes a começar. Ela estava morrendo de medo de algo acontecer, graças aos avisos do noivo em relação ao oponente que ele enfrentaria.

Kirk o Irlandês era forte, com alguns quilos à mais e centímetros mais alto e era por sua extrema agilidade que Brandon vinha treinando há um bom

tempo.

Quando o sinal de que a luta tinha começado soou, as mãos de Sophie apertavam as de Brandy.

— Vai Brandon! — A irmã gritou assim que o moreno deu o primeiro passo.

A plateia estava enlouquecida com aquela luta e entre gritos, o homem atravessou o octógono com os olhos fincados nos de Kirk.

Monroe só pensava em qual seria a surpresa.

Ele queria muito saber.

E para saber precisava ganhar.

Mal viu o que ele mesmo fez. Quando deu por si, o punho se esticava em direção ao abdômen do adversário enquanto movia o tronco para a direita a fim de se desviar de um soco forte. A inicial câmera-lenta desapareceu rapidamente e quando a velocidade voltou ao normal, Brandon estava desferindo seu quinto golpe estrondoso contra o abdômen de Kirk. Ele sentiu o segundo soco contra seu rosto, mas não moveu sequer um centímetro de sua atual posição. Os olhos de Monroe observaram, na fração de segundo seguinte, o braço do Irlandês se levantar para mais um soco e ali ele recuou o próprio golpe, mudando o de direção para atingir, potente, a axila do oponente.

Kirk foi pego por uma dor lancinante e uma falta de ar súbita que arrancou seus sentidos momentamente. Aquilo não era um lutador e sim um militar, fantasiando que estava desarmando um homem que empunhava uma faca e quando Kirk readquiriu equilíbrio, o punho de Brandon já estava se fechando contra sua têmpora esquerda, jogando-o no chão pesadamente.

Não esperou para cobrir o corpo masculino de socos na costela e na cabeça. Os locutores iam à loucura em canais fechados enquanto Brandon Monroe socava o homem no chão até ele perder os sentidos.

(...)

— Mais uma vitória, Brandon, parabéns! — A repórter falava ao

microfone enquanto ele caminhava ao lado doo treinador para os vestuários novamente. — Tem alguma coisa para falar para gente depois dessa vitória?

— Só agradecer ao treinador. E minha noiva. E aos amigos. — Ele sorriu. — E o pessoal torcendo. Obrigado todo mundo. — Brandon acenou para a câmera antes de entrar no túnel onde a imprensa era barrada e assim que pisou ali, ele a viu, correndo em sua direção com um sorriso largo.

— Parabéns! — Sophie quase pulou em cima dele quando se encontraram. — Eu fiquei preocupada quando ele te deu aqueles socos!

— Eu me distraí pensando no que seria a surpresa... — O tom divertido arrancou um bico zangado de Sophie. — Brincadeira... — Ele beijou os lábios rosados. — Era tática, princesa, tática.

— Sei...

— E agora, vou saber o que é?

— Não, ainda não. — Não soube exatamente como foi capaz de dizer o encarando e sem gaguejar, mas conseguiu. — Só mais tarde.

— Poxa... Eu quero muito saber o que é. — Dessa vez foi ele que fez bico e corada, Sophie riu atrevidamente.

— Já é impossível esconder as coisas de você... Imagina agora... — A pianista tampou a boca para não falar.

— Brandon! — A voz de Brandy interrompeu a conversa e o casal visualizou a morena ao lado do homem alto.

— Brandy e Alex parecem felizes... — Sophie murmurou os vendo se aproximar.

— Eles estão... Tudo que eu queria era minha irmã e meu melhor amigo felizes... Não podia esperar coisa melhor.

— Eles formam um casal tão bonitinho. — Ela deu uma risadinha feliz que o fez abraçar o quadril delineado, rindo também.

— Você que é bonitinha... — Para Brandon já era automático beijá-la

daquela forma. Desprovido de hesitações. Mas para Sophie, cada vez que acontecia era como uma injeção de calor que a derretia por completo.

Amava tanto aquele homem que chegava a doer.

(...)

Eles se jogaram na cama depois de comer deliciosas costelas na companhia de Brandon e Sophie. O hotel em Las Vegas era todo temático, mas Brandy não sentia a mínima vontade de perder tempo no meio de tudo aquilo.

Preferia passar o tempo ali. Com seu melhor amigo e em breve, marido também.

— Vou arrotar costela até amanhã... — Foi o comentário que a fez rir.

— Vou arrotar o Outback inteiro, querido... — Confessou, ouvindo a risada de Alex ecoar pelo quarto.

— Está se sentindo bem? Não quer tirar essa calça? — Alex ficou de pé, vislumbrando a namorada que possuía uma barriga de sete meses de gravidez.

— Seria como se fosse um anjo enviado para me salvar... — O sussurro fez Alex continuar rindo enquanto as mãos fortes alcançavam o botão da calça feminina.

— Você está me obrigando a tirar a sua calça e não fazer nada...

— Eu nunca disse sobre não fazer nada... — Brandy o encarou com uma expressão travessa que fez Alex morder os lábios.

— Você é uma grávida muito safada, sabia? — O homem abriu o botão da apertada calça jeans que ela usava e a retirou.

— Não sou não. — Ela alisou a barriga. — Pare de me lembrar que carrego um bebê prestes a nascer dentro de mim.

— Brandy, já já vai nascer. — Alex gargalhou da cara que ela fez.

— Eu disse para parar! — Sentada na cama, a mulher tentou chutá-lo,

mas foi naquele exato momento que sentiu o pontapé na barriga e ela arregalou os olhos.

Seu bebê era calmo. Ele chutava quando tomava banho ou cozinhava, mas um chute tão forte era uma coisa nova.

— Alex... — Ela colocou a mão em cima dos chutes. — Está chutando...

O ruivo imediatamente parou, se abaixando e espalmando a mão na barriga de Brandy.

Com a lateral da mão praticamente colada à da mulher, eles se encararam. Ambos sentindo os chutes fortes do bebê.

Foi uma sensação estranha e tão quente que calou a ambos.

No quarto próximo, no mesmo andar, Brandon mudava os canais enquanto a porta do banheiro se abria e Sophie saía recém-saída de um banho rápido.

— Podemos ir de avião buscar minha mãe se ela não se sentir segura em vir sozinha. — Ele apenas retomou o assunto que discutiam antes de Sophie entrar no banho. A verdade é que Monroe tentava ignorar o cheiro de flores que tinha se espalhado no quarto e se tornava cada vez mais forte conforme ela se aproximava da cama em que estava deitado.

— É uma boa ideia! E aí vamos para casa e depois para a maternidade. Acho que sua mãe ia gostar de descansar e tomar um banho antes de ir.

— Sim... Ela é uma velhinha birre-

Brandon parou de falar quando o corpo de Sophie caiu ao seu lado.

— Não chame sua mãe de birrenta.

— Não vai me dizer qual é a surpresa? — Mudando subitamente de assunto, Monroe se apoiou no colchão para encarar Sophie de cima.

— Não, ainda não. — Ela riu.

— Já pensou na data...? — O beijo que não permitiu respostas de Sophie foi quente, intenso, e ela pegou a si mesma puxando levemente os cabelos masculinos.

— Já... — Ofegante, foi só o que conseguiu dizer ao se separarem. — Essa era a surpresa... — Sussurrou. Havia tanto desejo em seu espírito que mal se deu conta de que havia falado sobre um assunto que antes hesitava.

Ela não sabia o que Brandon ia achar da mais espera.

— Dezembro...

— Parece ótimo pra mim... — Os dentes masculinos morderam seu lábio e ela fechou os olhos, sem ar. — Adorei a surpresa pequena, mas... posso continuar beijando você agora...?

Sophie parecia estar dentro de um forno e o ar restante em seus pulmões só foi suficiente para sibilar, em um murmúrio rouco, um “sim” que deixou Brandon à beira de um colapso.

VIGÉSIMO CAPÍTULO

SETEMBRO DE 2013

Quando o dia nasceu, aquela casa branca de detalhes azuis ainda era um cenário tórrido. Já estava completamente mobiliada, e o quarto do bebê acumulava cada vez mais presentes.

As molas estavam rangendo quando a chuva recomeçou e nenhum dos dois se importava com o fato da uma nova goteira ter aparecido perto do armário. Na verdade, eles sequer haviam notado direito já que a preocupação mais forte era se aquela cama iria de fato aguentá-los.

— Se você continuar gritando, os vizinhos-

— Fo-fo-foda-se! Foda-se os vizinhos!

Brandy estava rebolando em cima dele e Alex teve de fechar os olhos para não acabar com a brincadeira. Fazer amor com a morena era a coisa mais enlouquecedora que já tinha sido submetido e ele sabia que aquela não seria a última vez, embora parecesse, já que ela estava pingando suor, mas não o deixava finalizar.

Quando chegava ao limite, Brandy parava, como se pudesse sentir a pressão dentro de si se tornando maior.

Ela queria prolongar aquilo o máximo possivel e ele não era ninguém para dizer que também não queria exatamente o mesmo.

A vida era muito curta.

Muito mesmo.

E ambos sabiam disso.

Foi quando aconteceu.

Ela parou de se mover e o encarou com um semblante assustado.

— Amor... Acho que... — Ainda ofegante, fechou os olhos sentindo uma contração forte. — Acho que minha bolsa estourou...

— O que? — Alex arregalou os olhos e segurou os quadris femininos, sem coragem de se mexer. — Estourou sozinha ou eu estourei?

Brandy começou a rir, nervosamente, mas riu da cara que o namorado fazia.

— O que fazemos agora? — Ela sussurrou.

Alex levantou Brandy com facilidade e a colocou na cama.

— Aguente firme, eu vou pegar a bolsa e as chaves e volto aqui. Não se levante!

Alex deu um salto da cama, levemente desesperado. Ele vestiu a cueca e as primeiras roupas que puxou do armário. Colocou a mala de Brandy e do bebê no carro em frente a casa e deixou a porta do passageiro aberta, voltando para casa rapidamente e alcançando a morena no quarto.

— Preparada?

— Não exatamente. — Ela se sentou, sentindo contrações enquanto via o ruivo se envergar para pegá-la no colo e ele o fez sem nenhuma dificuldade. Comparada à Alex, Brandy era absolutamente pequena e leve.

— Você quer que eu filme?

— Pelo amor de Deus, não! — Alex começou a rir enquanto a colocava no banco do passageiro.

— Cuidado com a perna... — Ele avisou carinhosamente antes de fechar a porta e dar a volta no carro, entrando e batendo a própria porta, ligou o motor do BMW. — E ai, vamos fazer um fast and furious?

— Mas sem bater! — Brandy riu, mas a risada foi calada por uma contração absurdamente forte que substituiu a gargalhada por um grito. — Meu Deus, Alex!

— O que? O que foi? — O ruivo acelerou, começando a dirigir pelas ruas da cidade em alta velocidade.

— Ele! Quer! Sair! — Brandy se agarrou ao apoio da porta, sentindo as pontadas e contrações cada vez mais enlouquecedoras. — Caralho! Caraaaaalhoooo!

— Abra as pernas, amor! Inclina o banco, Brandy, vai, ai do lado. — Ela o fez, hiperventilando, mas se sentiu melhor ao seguir os comandos do marido.

— Mais sete quilômetros, marrenta, calma ai!

Ele bateu o dedo no computador do bordo que era conectado ao celular e disse:

— Ligar Brandon.

A ligação começou a chamar até completar.

— *Alô?*

— Brandon, estou indo pro hospital com a Brandy agora.

— *Puta que pariu! Sophie, pega a chave do carro! Já estamos indo, Alex!*

— Encontro vocês lá!

Alex começou a rir sozinho e olhou para a morena ao seu lado mordendo os lábios de dor.

— Tudo bem ai?

— Você está rindo da minha desgraça?

— Não! Estou rindo porque finalmente vai nascer e vamos saber se é menino ou menina.

— Vamos apostar? — Brandy sorriu, respirando alto e tentando controlar a dor.

— Vamos. — Ele entrou na distração, adentrando a rua do hospital.

— Eu aposto que é menina.

— Eu aposto que é menino.

— Se eu ganhar você vai ver ele chorar por um ano.

— Combinado. Se eu ganhar você vai dormir pelada para sempre...

Brandy o encarou de olhos arregalados.

— Feito. — Ela riu conforme embicavam no estacionamento de emergência.

Foi quase imediato ver a caminhonete de Brandon chegar na rua. A nova casa deles era bem mais perto do hospital e quando pegou Brandy no colo, o casal já subia a rampa correndo.

— Brandy!

— Sophie! — As duas deram as mãos conforme Alex levava a namorada no colo para dentro.

— Mana... Alguma dor?

— Ele está louco para sair, Brandon. — Brandy disse entre dentes, passando por outra contração.

— Eca. — O irmão brincou, fazendo a morena usar a mão livre para lhe mandar um dedo do meio. — Vai dar tudo certo, o doutor já está te esperando. — Ele apontou para o homem que havia feito o pré-natal de Brandy. — E estaremos aqui o tempo todo. Alex vai com você e-

— Brandon, Brandon. — Ela parou o irmão com um sinal de pare. — Não precisa ficar tão nervoso. Nos vemos daqui a pouco. Amo vocês dois!

Brandon parou de andar, acenando para o doutor que recebeu Alex e Brandy e ambos sumiram pelas portas de emergência do hospital. Sophie o encarou sorrindo.

— Um bebê à caminho... — O sussurro o fez abraçá-la.

— Tomara que tenha puxado só a Brandy.

VIGÉSIMO-PRIMEIRO CAPÍTULO

DEZEMBRO DE 2013

— Ei, ei parou! — Sophie chegou no quarto onde Alex e Brandon brincavam de “atirar o bebê de uma distância ‘segura’ um para o outro”. — Eu vou precisar vigiar vocês?

— Amor, ele gosta!

— É verdade, Sophie, olha. — E então Alex atirou o filho, delicadamente, e da mesma maneira, Brandon o pegou, enquanto o pequeno bebê ria muito.

Sophie mordeu os lábios, achando aquela risada contagiante. Ele só tinha três meses, mas era forte e gordinho como tinha visto Brandy em fotos antigas.

— Ele gosta tudo bem, mas isso não quer dizer que é seguro. Poxa, Brandy entra no banho por dez minutos e vocês brincam de ping-pong de bebê?

— Gostei desse nome... — Alex pontuou enquanto Brandon jogava de novo o bebê para ele.

Rindo, a criança foi pega firmemente pelos braços fortes do ruivo.

— Eu desisto. — De mãos erguidas, Sophie se aproximou, beijando os lábios de Brandon. — Ao menos troquem a fralda, ok?

— Sim, Senhora. — Ambos zombaram e Sophie saiu rindo e mostrando a língua para o noivo. Eles ficaram com o bebê para que Brandy e ela pudessem ir fazer a ultima prova dos vestidos.

A cerimônia pequena para poucas testemunhas seria em alguns dias e a própria reunião da família em si ia ser mais agitada do que o próprio casamento.

A vida tinha seguido muito boa e caridosa com todos eles. Loui tinha dado à Alex 80% das ações do lugar e aquilo o permitiu tomar decisões que melhoraram o negocio e começaram a gerar muito lucro.

Sophie e Brandon continuavam com suas respectivas carreiras e tentavam convencer Brandy à não voltar a lutar e sim criar o bebê.

E era um menino.

Alex sorriu quando se lembrou da aposta até hoje levada a serio. E ele tirava proveito disso sempre que podia.

— Depois que casarmos vocês vão marcar a data ou vai esperar o pirralho crescer mais?

— Não sei... A Brandy anda toda misteriosa acho que vem coisa por ai...

— Quem está misteriosa? — A morena entrou no quarto enrolada à uma toalha e entrou entre os dois homens para pegar o pequeno bebê dos braços do

namorado.

— Você. — Alex respondeu.

— Eu o que? — As sobrancelhas se arquearam.

— Está misteriosa. O que vem planejando? Eu sei que tem algo...

— Acho que vou sair dessa câmara de gás. Me dê meu sobrinho. — Ele pegou o bebê dos braços de Brandy e saiu do quarto, fechando a porta.

Enquanto Brandon descia as escadas, Alex e Brandy se encaravam com sorrisos travessos, em silêncio.

— Não vai me contar...? — Alex insistiu.

— Não tem nada...

— Eu vou ter que usar minhas técnicas para revelar a verdade? — O ruivo foi absolutamente irônico, aproximando-se da mulher com um olhar atrevido.

— Você pretende me torturar em busca da verdade...? — Brandy começou a rir, soltando a toalha que foi diretamente para o chão. O corpo dela já estava perfeito de novo. Devido à musculatura malhada, nem parecia uma mãe e os seios estavam ainda maiores do que o normal.

— Eu vou acabar descobrindo entre um gemido e outro... — A ameaça deixou Brandy excitada. Ela colou as costas no armário e respirou fundo.

— Meu irmão e Sophie estão lá embaixo...

— E você é uma escandalosa... — Lembrou quase maleficamente.

— Então...

— Esse é mais um motivo para me contar por bem...

— Era para ser surpresa... — Mordendo os lábios, sentiu o corpo forte do namorado prensando-a contra o armário.

— Mas agora você já está pelada... E eu já estou muito perto... — Alex tirou Brandy do chão com extrema facilidade e ela enrolou as pernas em seu

quadril, beijou os lábios do ruivo enquanto a mão grande percorria a pele sedosa.

Ele usou o joelho para segurá-la por um breve instante e assim poder segurar o quadris um pouco mais para cima, o bastante para que o nariz se encaixasse perfeitamente entre os seios redondos.

Alex passou a ponta da língua ali, em uma trilha lenta até a boca de seu estômago e o ar dentro dos pulmões de Brandy desapareceu.

— Passagens... — Ela sussurrou. — Para Las Vegas... Quando Brandon e Sophie voltarem da lua de mel... Deixamos o Charlie com eles... — Ofegante e percebendo que Alex não pretendia parar, as mãos femininas abraçaram os ombros fortes. — Alex...

17/12/2013

A pequena capela em uma fazenda linda nos arredores de Brentwood tinha sido o local escolhido. Brandy saiu do carro usando um vestido azul bebê para dia, lindo, com o pequeno Charles de três meses de idade e Alexander, que de smoking, combinava com o traje do filho, que tinha cabelos castanhos e intensos olhos verdes.

— Cadê a Sophie? — Foi a primeira coisa que Brandon perguntou quando avistou o amigo e a irmã.

— Ela está vindo com a vó. E a mamãe?

— Já chegou, está tomando Martini há meia hora.

— Pensei que ela tivesse parado de beber — Brandy ficou surpresa.

— Ela disse que Martini não conta. — Monroe quase rosnou.

Então um segundo carro despontou na estrada e o barulho do motor chamou a atenção do grupo, que olhou o automóvel cada vez mais próximo.

— Acho que é ela...

— É ela... — Brandy confirmou, sabendo que era naquele carro que a amiga chegaria até a capela. — Acho melhor se preparar, Brandon.

O homem observou por mais alguns segundos aquele carro se aproximar. Era seu futuro chegando. Ficando mais e mais próximo daquele par de olhos azuis que adorava mergulhar sempre que possivel.

A vida tinha pontos doces e amargos e Sophie era um ponto doce que ele queria tornar constante.

Entrou na capela e acenou para o pastor que iria comandar a pequena cerimônia.

— Filho, e ai? — A mãe, Tessa, tinha um sorriso largo e se aproximava com uma taça de Martini na mão.

— Ela tá chegando, mãe...

— Vai ser lindo! Sophie é maravilhosa. — Tessa fez o gesto comum para que o filho alto se abaixasse e ele o fez para que ela beijasse sua testa. — Você é maravilhoso também filho... — Ela afagou os cabelos castanhos. — Você

e Brandy são meus tesouros... Quero que seja muito feliz.

— Eu vou ser. — O homem forte sorriu, abraçando a mãe.

— Acho melhor ir me sentar. — A mais velha abaixou o rosto para que o filho não visse a face chorosa e foi até um dos bancos envernizados para sentar-se.

Brandy e Alex, junto com o pequeno Charles, observavam tudo acenando boa sorte para Brandon, que encarava fixamente a porta da pequena capela.

Ele olhou no relógio.

Eram duas e seis da tarde, do dia dezessete de dezembro de dois mil e treze, quando escutou o barulho da folha de madeira se abrindo e o clarão revelar Sophie, ao lado de sua avó Madalena.

A loira usava um vestido branco simples e rodado, de renda, que ia até os joelhos, e sapatos brancos de boneca lindos. O vestido de noiva perfeito para o calor e a simplicidade que o casal buscava. O pequeno buquê que ela segurava consistia em uma pequena dúzia de rosas azuis.

Brandon sentiu o coração parar. Quase a mesma sensação que permeava Sophie quando ela deu o primeiro passo em direção ao seu futuro marido.

Um sorriso tímido pôde ser visto. Os cabelos loiros estavam longos e praticamente soltos, presos apenas por uma presilha despojada atrás para segurar os cachos.

Um concerto de piano tocava baixo e por um momento, foi como se nada mais existisse, senão aquele par de olhos intensos fincados nos seus como duas estacas. Sophie respirou profundamente. Estava tão feliz. Ela caminhou com a avó ao seu lado, sorrindo, e ao chegar no pequeno e simples altar, Brandon ajudou a senhora a se sentar e então voltou-se para a noiva com um sorriso emocionado.

— Oi... — Sussurrou.

— Oi... — Ela murmurou de volta, um sorriso preso nos lábios.

— Você está linda...

— Você também está... — Sophie respondeu, mordendo os lábios. — Muito lindo...

— Queridos amigos, podemos começar? — O pastor sorriu e ambos se olharam mais uma vez antes de voltarem-se ao mais velho.

— Sim. — Responderam, juntos. Nos lábios sorrisos emocionados.

— Estamos aqui hoje para celebrar o amor sincero e genuíno de dois filhos de Deus. Ele, que abençoa essa relação pela plenitude, bondade e lealdade em seus atos e incumbiu a mim, a tarefa de uni-los perante as leis do homem e de Deus neste dia, hoje, onde Sophie e Brandon estão aqui, frente a frente, para fazer seus votos.

Os olhos verdes encaravam os azuis com tranquilidade e ao mesmo tempo, nervosismo e absurda felicidade.

— Brandon Monroe... Perante os olhos de Deus, você promete amar, respeitar e cuidar de Sophie Lanure na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza?

— Aceito. — O homem respondeu sem pestanejar. Sem desviar os olhos dos azuis que já lacrimejavam.

— Sophie Lanure... Perante os olhos de Deus, você promete amar, respeitar e cuidar de Brandon Monroe na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza?

— Aceito. — A loira também não hesitou. As lágrimas de emoção escorriam pelas bochechas e ela estava sorrindo.

— Sendo assim, pelo poder à mim concedido, eu os declaro marido e mulher... — O pastor sorriu. — Pode beijar a noiva...

E Brandon o fez. Pegou Sophie no colo e beijou ela em um giro que fez a mulher começar a gargalhar enquanto as poucas pessoas comemoravam.

Separaram-se entre risos e a mulher o encarou, travessa. Conhecendo-se tão bem, Monroe lhe encarou de volta.

— Eu to com a chave do carro... — Ele sussurrou.

— Vamos!

E sem dizer mais nada, o homem a pegou no colo e saiu correndo da capela.

— Até mais, família! — Brandon gritou.

— Tchau pessoal! — Sophie acenava de ponta cabeça. — Amamos vocês!

— Eles deram fuga? — A Monroe mais nova quis se certificar quando se viram sozinhos com Madalena, Tessa e o Pastor.

— Eles com certeza deram fuga.

— Anime-se filha. — Tessa deu tapinhas nas costas da filha. — Significa que todas aquelas guloseimas vão lá pra casa.

— Sábia Tessa. — Madalena inteirou risonha.

(...)

— Em falar nisso, para onde estamos fugindo? — Sophie indagou assim que atingiram a estradinha de saída da fazenda.

— Ah, eu estava esperando essa pergunta. — O moreno sorriu, travesso. — Olhe para trás.

A mulher quase pulou para trás, encarando o banco repleto de malas e casacos grossos.

— Meu Deus, o que isso significa...

— Eu lembro de uma conversa nossa sobre neve e-

— NÃO ACREDITO! — O grito histérico fez o homem começar a rir. — Você está brincando?

— Claro que não.

— Onde vamos, onde, onde!

— Abra o porta-luvas. — Calmamente, Brandon pediu e a esposa o fez quase desesperada, abrindo o compartimento e puxando as duas evidentes

passagens aéreas.

— Brandon... — As palavras desapareceram quando Sophie leu o destino. — Não me diga que levou meu comentário ao pé da letra...

— Sobre aquele resort na Finlândia...? Ah, eu levei... — Diabolicamente sorrindo, o homem quase saiu da pista com o carro quando a loira pulou em cima dele, o abraçando. — Não nos mate antes de chegarmos!

— Eu te amo! — Sophie estava cantarolando, agarrada a seu pescoço e lhe dando pequenos beijos na bochecha.

(...)

Quando finalmente chegaram no hotel, Brandon e Sophie estavam exaustos. Ela não usava mais seu vestido de noiva, mas sim casacos grossos e botas resistentes à neve.

— O homem estava falando de um bar de gelo ou eu entendi errado?

— Foi o que eu entendi também. Podemos ir ver depois, o que acha?

— Vamos esquiar! — Ela deu um gritinho animado.

— Só se valer rir até morrer das quedas. — Brandon aconselhou e rindo, ela viu o marido levantar o dedo e bater na tela acoplada à parede para ligar o aquecedor, puxando o resto das malas para dentro.

— Vale! — Ela puxava as malas também. — Mas sem golpes na cara.

— Mas na cara que é o mais engraçado...

— Só se a neve for fofinha. — Quando Brandon fechou a porta, Sophie se jogou na grande cama, vendo o esposo fazer o mesmo. — Como será que funciona? — Ela apontou para o teto. A enorme cúpula parecia um teto comum, exceto pela arquitetura excêntrica.

— Vamos ver... — Brandon alcançou os controles no criado-mudo e observando por alguns segundos, ele apertou um botão que começou a clarear o céu.

Já era noite e a claridade da aurora boreal iluminou todo o quarto em um tom verde fosforescente.

— Meu Deus! — Sophie sentou na cama, hipnotizada. — É maravilhoso!

— É lindo mesmo... — O moreno estava espantado com a engenhoca. — Olha as estrelas... — Ele apontou para o aglomerado de pequenos pontos brilhantes no canto esquerdo de seu próprio observatório.

(...)

O tempo passou rápido, e eles se divertiram, passearam e curtiram os dias e noites com muita risada. Já se passavam das dez da noite quando voltaram para o quarto e Sophie se jogou na cama, as pernas doloridas por todos os locais visitados.

— Nem acredito que estamos aqui...

— E sabe o que é mais impressionante...? — Brandon se jogou ao lado dela.

— O que? — O encarou com um sorriso feliz nos lábios rosados.

— Agora você é a Senhora Monroe... — O timbre rouco lhe arrancou calafrios e a pianista avançou para beijar timidamente os lábios do esposo.

— Sua esposa... — Ela sussurrou, e o sussurro causou um furacão dentro do homem.

Ainda não havia se entregado, por mais que quisesse..., que desejasse tanto, ela estava com medo.

Já tinham se passado seis dias desde que disse sim à Brandon e ele ainda não havia cobrado nada dela, além de normalmente levá-la ao limite da hesitação.

Mais uma vez, ela recuou e respeitoso, o marido acatou sua decisão... Mas a tensão sexual entre os dois estava tão forte que não confiava mais em si mesma dormindo ao lado do homem. E naquela noite, ela encarou a feição adormecida, mordendo os lábios.

Ele era o homem de sua vida. Seu molde perfeito. Com o caráter e a fisionomia que fazia cada um de seus gatilhos serem disparados, mas o medo que Sophie nutria, o constrangimento, todo o receio de que pudesse dar errado.

Essas coisas acabavam com sua coragem.

Em todos aqueles dias não houve um dia em que não tivesse sido levada do paraíso ao inferno por beijos intensos e toques ainda mais profundos, e por mais que Sophie estivesse cega de desejo, ela congelava quando Brandon avançava um pouco mais do que ela já conhecia.

A mão pequena se levantou, olhando a aliança agora dourada no dedo.

Ela sabia que tinha problemas com timidez. A ideia de Monroe vê-la nua fazia uma sensação de desmaio acometê-la. Mas durante aquele tempo todo ele aguardou pacientemente o tempo estimado por Sophie. Precisava aprender a vencer o medo. A vencer a hesitação e a timidez.

Precisava se entregar aos prazeres por ela ainda desconhecidos.

— Brandon... — O único e baixo chamado foi o suficiente para acordá-lo e o homem abriu os olhos dando de cara com a expressão corada da esposa.

— Tudo bem, princesa? — A preocupação veio logo depois quando viu que ainda era madrugada. Sophie, acordada no meio da noite, o chamando com aquele timbre... Algo estava errado.

Só ali viu que a pianista apertava o pijama branco de tecido tão fino que poderia ver a curvatura dos seios redondos. Brandon endireitou-se na cama, afagando os cabelos loiros.

— Eu estou com vergonha... — Sophie confessou depois uma breve hesitação.

— O que? — O coração do homem quase parou de vez. — Por que?

— Eu fiz uma coisa.

— Sophie, apenas diga de uma vez... — Porque a imaginação masculina já estava muito longe.

Sophie respirou fundo e ficou de joelhos em cima da cama. Ela o encarou por alguns segundos.

— Eu deveria ter escolhido melhor o momento... — Sussurrou, sem

jeito, e Brandon viu as mãos pequenas circundarem a borda do pijama.

— Escolhido melhor o momento...? — Balbuciou, petrificado, enquanto via a noiva levantando o pijama.

Sophie apenas fechou os olhos e levantou o tecido até um pouco abaixo dos seios, de forma que Monroe quase fosse capaz de ver as linhas bem desenhadas. Quando ela se virou levemente, inclinando o tronco a fim de mostrar as costelas direitas, o homem viu.

— Sophie! — Ele sentou na cama, vendo seu nome tatuado na pele dela, dentro de plaquetas de identificação militar. As mesmas que ele guardava em seu armário.

— Você odi... — A voz doce sumiu quando sentiu as duas mãos firmes circundarem seus quadris, deslizando para cima até que o polegar de Brandon estivesse deslizando sobre a tatuagem recém-feita. Seu coração estava batendo forte e ele quase teve um derrame quando viu que ela tinha, inclusive, copiado seu número de identificação real.

— Espertinha... — Sussurrou, extasiado. Sem o mínimo uso de força, Brandon jogou Sophie na cama e ela riu constrangida. — Até meu número de identificação?

— Eu anotei um dia desses... — Ela murmurou travessa.

— Doeu muito...?

— A Brandy segurou minha mão... — Sophie continuava sorrindo apesar de o esposo estar cada vez mais e mais próximo de beijá-la.

— Ela foi sua cúmplice, então, hmmmm, agora tudo faz sentido... Aquele dia que “passaram a tarde no shopping”...

A loira caiu na risada, circundando o pescoço masculino. As unhas acariciando a nuca forte.

— Espertinho... — Ela repetiu no mesmo timbre que Brandon havia usado e o homem sorriu, roçando os lábios aos dela.

— Ficou muito bonito, princesa... — A boca de Brandon se moveu contra a sua. — Eu adorei, de verdade...

— Já que você sempre me tem por perto... — Os dedos pequenos escorregaram pelo braço forte do marido até que estivessem deslizando em cima do próprio nome tatuado ali. — Quero ter você sempre por perto também...

— No que depender de mim não precisará dela pra me ter por perto... Se você quiser... Fico assim para sempre... — E aquele foi o estopim. O limite que Monroe era capaz de aguentar. Ele aprofundou aquele selinho e beijou Sophie com uma intensidade muito além do que ela já conhecia.

A pianista soube identificar no mesmo momento que Brandon soltava seus poderes de hipnose aos poucos e quando deu por si, as pernas estavam abertas para que o quadril do homem se encaixasse ali. A boca já ardia, latejando, e aquele formigamento corporal parecia plenamente capaz de derretê-la.

Era inexplicável. Aquela estranha sensação de estar perdendo a sensibilidade no corpo, como se os toques masculinos fossem quentes o suficiente para anestesiá-la.

Não sabiam de onde tinha vindo aquele sentindo. Como ele se formou ao longo do tempo. Mas a simples presença um do outro era o suficiente para uma arrebatadora sensação de estar completo que esmagava qualquer outra.

As mãos pesadas levantaram o quadril feminino e Sophie pegou-se sentada no colo do marido sobre a cama enquanto ele levantava o tecido de seu pijama tão devagar que o coração iria sair pela boca a qualquer momento.

Os olhos se fecharam quase obrigados; Sophie tentava acalmar o próprio corpo. Ele estava em brasas, cada fibra, cada músculo, cada pedaço de carne tão absurdamente quente quanto nunca esteve antes. Mordeu os lábios latejando enquanto sentia a barba de Monroe roçando contra seu maxilar. Os beijos de seu marido estavam tirando sua sanidade ou era apenas uma mera intenção?

Uma respiração profunda foi necessária para abafar um gemido baixo e Sophie deixou que as mãos firmes tirassem a blusa branca de seu pijama, revelando seios redondos cobertos por um sutiã branco com pequenas flores

azuis.

Dando uma rápida olhada, Brandon sentia aquele choque corporal percorrendo-o dos pés a cabeça e deixou o tecido cair ao lado da cama para voltar a beijar as clavículas delicadas de sua frágil esposa. A ponta dos dedos da mão direita percorriam o pequeno e quase inexistente relevo da nova tatuagem de Sophie quando percebeu o corpo feminino pender levemente para trás, e ele não esperou mais para avançar. Sophie tinha olhos fechados e uma hipnotizante boca semiaberta quando beijou o peito alvo da loira, segurando-a pelos quadris para, aos poucos, ir deitando-a, como também descendo os lábios até estar beijando o vale dos seios redondos ainda presos pelo sutiã.

Hiperventilando. Era o estado em que Sophie entraria em dois ou três segundos, ao passo em que as mãos de Monroe subiam para as alças de seu sutiã ao mesmo tempo que em o rosto forte descia, beijando seu abdômen com uma lentidão estarrecedora.

Sophie levantou um pouco a cabeça para olhá-lo, mas desistiu logo em seguida. Não conseguia manter os olhos naquela visão. Brandon Monroe de olhos fechados beijando sua barriga daquele jeito chegava a fazer o ar desaparecer de seus pulmões.

Ele era maravilhoso. Sua alma e seu físico combinavam naquilo porque quando o homem chegou no limite da calça de pijama de sua esposa, olhou para cima e deu de cara com a segunda tentativa de Sophie em olhá-lo. Seus olhos se chocaram e o rosto doce já avermelhado foi coberto por duas mãos que tremiam violentamente.

Hiperventilando para ataque cardíaco, conforme as mãos fortes, lentamente, tiravam seu pijama.

E quando se viu usando apenas uma calcinha e um sutiã de florzinhas azuis, a esmagadora conclusão caiu por terra na mente de Sophie Lanure.

Os olhos antes fechados se abriram e ela deu de cara com o marido de joelhos na cama, encarando-a com um semblante sério que fez vibrar cada centímetro de seu pequeno e delicado corpo em chamas.

O homem se envergou, apoiando-se em um dos braços para afagar o rosto corado.

— Você é a mulher mais linda desse mundo, princesa... — O sussurro bateu contra o rosto conforme a ponta do nariz masculino roçava contra o seu. — A mais doce, cheirosa e delicada mulher que Deus já fez... — Seus lábios se tocaram levemente. — E o melhor de tudo... É que de todos os caras legais por ai... Justo eu te encontrei... Devo ser o homem mais sortudo... Consegui a mulher dos meus sonhos... E estamos aqui agora... Por que você me ama também...

Sophie abriu os olhos lacrimejantes para encarar os semisserrados de Brandon.

— Muito... — Ela inteirou, rodeando os braços em volta do pescoço forte. — Mais do que qualquer coisa...

E foi quase como uma necessidade cortar aquela distância, beijando os lábios quentes do marido que mais uma vez, causou um fuçarão com um simples beijo e jogou Sophie dentro de uma devastadora excitação cuja ela nunca tinha sentido na vida.

Em nenhum momento, Brandon pediu que ela ficasse calma, ou que não sentisse medo. Ele tirou aqueles sentimentos com beijos e toques e sussurros que tornaram Sophie completamente entregue.

Conforme o sutiã caía na cama e a loira, de olhos fechados, abafava um gemido que subia incontrolável pela garganta, ela sentiu a mão grande apossar-se de seu quadril e começar a subir até que estivesse massageando seu seio direito de uma maneira tão deliciosa que Sophie, dessa vez, não conseguiu conter o murmúrio escapando pela garganta e as pequenas mãos seguraram os ombros fortes em busca de algum controle para os próprios instintos que começavam a trazer a vontade de fechar as pernas, esfregá-las ou qualquer coisa que afugentasse aquele calor, mas em vez disso, Sophie as abriu um pouco mais, completamente sem controle, e deixou que o homem ficasse ainda mais colado em seu corpo.

Tremendo e suando, mesmo que o aquecedor mantivesse o ambiente frio o bastante para ser necessário o uso de cobertores, Sophie Lanure sentia as gotas de suor começarem a brotar de seu couro cabeludo e a cada respirar, Monroe estava um pouco mais perto de sua calcinha.

E se tinha uma peça que ela não queria que o esposo chegasse perto era

daquela calcinha.

Porque Sophie sabia...

Ela sabia que a peça estava úmida, e mesmo sem fazer ideia do motivo não queria que ele notasse, mas quando percebeu...

O homem respirava sobre seu ventre.

E a respiração dele era tão forte, e tão quente, que o simples fato daquele halito estar batendo contra sua pele a fez gemer.

Sophie trincou os dentes. O que diabo acontecia com sigo? Ela estava latejando, vibrando como celular no silencioso, e ela simplesmente não era capaz de sequer puxar o oxigênio para dentro dos pulmões quando a língua de Brandon pousou em sua cintura, logo abaixo do umbigo.

O homem lutava contra um exército de pensamentos. Ele queria que fosse doce, e suave para ela e ao mesmo tempo, que a loira sentisse prazer, que esquecesse o medo, que perdesse a noção do tempo.

Brandon queria levar a esposa à uma secreta loucura que ela jamais havia experimentado antes.

Ele levou um segundo inteiro ali, respirando em cima do ventre alvo apenas para ter certeza de que ela não o rejeitaria... Entretanto, para sua surpresa, o que aconteceu foi o completo contrário. Sua princesa já não parecia mais estar naquele reino.

Ela estava ofegante. Os lábios vermelhos abertos para tentar resfriar o corpo com grandes respirações, mas era em vão e ele viu enquanto Sophie fechava os olhos para sentir o peso de sua língua em cima da pele quente.

Sentiu as pequenas mãos de Sophie abraçarem seus cabelos e ela os puxou levemente, apenas o bastante para que Brandon tirasse a mão livre do seio de Sophie para abraçar o pulso feminino delicadamente, acariciando-a.

Era como se o esposo estivesse embaixo de sua pele. Ele, seus toques e beijos eram os únicos culpados por agora estar daquela forma.

Entregue. Incapaz de mover um músculo porque eles pareciam estar derretendo.

Sophie mordeu os lábios quando sentiu aquele toque úmido e quente começar a descer lentamente até estar colidindo contra o tecido de sua calcinha e ela quase feriu a boca, tamanho o calor.

Estava tremendo violentamente quando os dedos masculinos deslizaram de seu punho até o quadril, percorrendo toda a distância lentamente até estarem circundando o tecido.

— Sophie... — Aquele chamado bateu diretamente contra a pele já arrepiada e quente da mulher e ela levantou levemente a perna, dobrando o joelho. Não teve coragem de olhá-lo, mas estava tão incendiada, tão tomada, que a única coisa que conseguiu dizer, num fio de voz foi:

— Amor...

O coração de Brandon estava pulando dentro do peito quando iniciou a decida tórrida do pequeno tecido pelas pernas inclinadas de Sophie, e ele novamente se ajoelhou na cama, tirando a peça pelas pernas brancas e delicadas.

Quando a calcinha caiu no colchão, Monroe arrancou a própria camiseta e novamente, abaixou-se para beijar os lábios vermelhos de Sophie. Ela estava anestesiada, tonta de prazer, de desejo, de vontade, e todas aquelas coisas acabaram vencendo a vergonha quando caiu em mais um de seus devastadores beijos.

Ela sentia os seios colidindo contra o peitoral masculino e o fato lhe atingia como uma marretada atinge um prato de metal gigante. A vibração parecia abranger e tomar seu corpo em tal velocidade que a loira já sequer conseguia somar dois mais dois.

Sophie deu por si ofegante, morrendo de calor, sentindo a boca de Brandon se separar por apenas um centésimo de segundo antes de tomar seu maxilar e descer pelo pescoço alvo.

As mil borboletas estavam voando sem parar em seu estômago e ela nunca tinha sentido tantas sensações intensas e urgentes de uma vez só na vida. Era como cair de uma montanha russa ao mesmo tempo em que se cai de paraquedas enquanto come um delicioso chocolate e toma uma injeção de morfina.

Era como poder voar, ser livre, ter o maior amor e a felicidade plena bem

ali, ocupando o coração.

Sophie entendeu que ela não estava fazendo nada sujo ali.

Ela estava prestes a fazer amor.

Com os lábios de seu esposo percorrendo pacientemente seu corpo;

Deliciando-se com a textura e gosto de sua pele.

Inebriado por seu cheiro.

Hipnotizado pelo timbre de sua voz.

Sophie sentiu a língua de Brandon deslizar de seus seios para a cintura e da cintura para seu ventre e ali o coração parecia prestes a explodir.

Ela estava nua.

Mas o corpo continuava tão quente que de algum jeito, a única coisa que Sophie conseguiu fazer foi respirar profundamente conforme o marido descia, devagar, até que sua respiração estivesse batendo contra o íntimo feminino.

Ele espalmou as mãos nos quadris femininos e os braços longos se esticaram enquanto passeava os dedos em massagens pelo corpo esguio.

Naquele momento, Sophie prendeu o ar e ergueu levemente o rosto. E o coração quase parou, como se tivesse sentido o peso de seu olhar, os orbes verdes se abriam em sua direção e pela primeira vez...

Brandon Monroe pareceu um lobo.

Um lobo grande e silencioso que acendia um incêndio em seu espírito e ela já não era mais capaz de sustentar aquele olhar quando sentiu o peso da língua masculina sobre si.

Sobre seu íntimo mais íntimo, e o cenário em volta simplesmente desapareceu.

A única coisa restante foi a sensação.

Como mergulhar em uma banheira de lava vulcânica. Como voar em um céu de fogo. Era como se fosse ouro sólido derretendo dentro da boca de seu

marido e os olhos azuis se fecharam em pleno êxtase.

O prazer vencendo o constrangimento em uma velocidade tão rápida que parecia fazer Sophie simplesmente evaporar conforme a barba por fazer do homem roçava contra sua pele e arrepiava cada poro.

— Bran... Brandon... — O chamado foi tão apelativo aos olhos masculinos que ele simplesmente beijou a pele doce e cheirosa de sua esposa. As mãos descendo até estarem abraçando as pernas torneadas e pálidas que começavam a se fechar em puro impulso muscular. — Ah... — Ela trancou aquele gemido na garganta quando sentiu a língua do esposo beijar seu intimo, um calor incandescente atingiu-a daquele ponto para o resto do corpo e um espasmo involuntário levantou levemente os quadris.

Aquele incontrolável espasmo fez Brandon empenhar um pouco mais de intensidade e as pernas de Sophie tentaram fechar, mas as mãos fortes seguraram as coxas alvas enquanto a língua percorria e apertava todos os gatilhos de Sophie.

Ele sabia exatamente onde estavam todos eles. Cada ponto que fazia a respiração dela simplesmente parar. Os locais que provocavam espasmos na esposa e era intuitivo.

Não sabia como, mas sabia. E vendo-a começar a se retorcer levemente o fez avançar a profundidade do toque e a pianista gemeu alto, quase sendo capaz de causar uma morte súbita em Brandon, que sentia a força nas pernas da esposa cada vez mais forte quando ela começou a tremer.

Sophie não sabia. Mas a plena falta de ar, calor inigualável, coração a mil e músculos completamente rígidos era seu organismo novo e inocente chegando ao primeiro e singelo ápice de sua vida.

E aquilo aconteceu com doze segundos da língua masculina tocando-a.

A mulher simplesmente não conseguiu refrear. Ela ficou paralisada e ao mesmo tempo tremendo muito. As costas se levantaram e a lateral do rosto afundou no lençol. Sophie estava sentindo quase a mesma coisa que uma injeção de heroína causaria. Monroe era a melhor droga. A única que surtia efeitos tão profundos em seu corpo, em seu espírito.

O coração batia rápido quando o homem parou, beijando suas pernas e

voltando para o quadril, ele ficou de joelhos, segurando os braços femininos, Sophie só conseguiu abrir os olhos quando sentou sobre o quadril masculino. A cueca que o homem vestia era uma Box preta da qual Sophie já havia se acostumado há um tempo já que dormiam juntos e ele geralmente o fazia com uma camiseta velha e de cuecas. Nos primeiros dias foi alarmante, mas depois, ela se acostumou.

E agora aquela mesma cueca era a única coisa que a separava do momento mais esperado, e ao mesmo tempo temido, de sua vida.

Era Brandon ali, o amor de sua vida, e ela não tinha medo dele.

Sophie tinha medo do momento.

Quando finalmente aconteceria e todas as coisas que ouviu de Brandy se concretizariam ou não.

Abraçou o marido quando ele se moveu sobre a cama, arrancando a última peça de roupa que lhe restava com agilidade e deixou que a esposa repousasse o queixo em seu ombro logo depois.

Sophie respirou profundamente quando Brandon moveu as mãos fortes até seus quadris.

Ela já havia sentido aquele volume antes algumas vezes, mas agora era diferente.

Agora ela estava completamente nua e Brandon também.

Os lábios colidiram contra a pele do ombro masculino e ela respirou de novo, sentindo os orbes arderem e o íntimo pulsar em excitação.

— N-não va-vai... Doer...? — O sussurro foi rouco, trêmulo e ofegante e os braços fortes lhe abraçaram, colando seus corpos em um toque quente, seguro, firme.

— Não... Eu juro... — A voz dele estava absurdamente rouca, foi o que passou pela mente de Sophie Lanure. Mas apesar de rouca, carregou tanta honestidade, e o simples timbre fez uma nova onda acometer seus músculos.

— Me-mesmo...

— Você sabe... Que eu nunca quebrei uma promessa... Nem nunca vou quebrar... Eu te amo, princesa... — Monroe beijou o ombro delicado, abraçando-a profundamente. — Respira fundo...

E Sophie o fez. Ela sabia que Brandon queria fazer tudo da melhor maneira possivel por isso entregou à ele a direção daquela dança.

A verdade é que seu corpo inteiro estava fervendo quando o homem se fez notar, e os dentes roçaram contra a pele do ombro masculino, sentindo o futuro virar presente lentamente, Sophie fechou os olhos e abraçou o marido conforme ele, respeitosamente, adentrava seu verdadeiro íntimo.

A primeira vez de Sophie foi na Finlândia. Na lua de mel. No meio da madrugada e com o amor da vida dela e Monroe já tinha estado com outras antes... Mas aquela foi a primeira vez que ele fez amor.

(...)

— Dorminhoca... — Sophie acordou com a voz do marido e notou-se nua na cama. Ela arregalou os olhos e puxou a coberta até os ombros à tempo do homem forte entrar no quarto, usando uma calça jeans preta e apenas ela, além de carregar uma bandeja enorme nas mãos, com delicias finlandesas escolhidas pelo telefone.

— Oh Meu Deus... — Observando-o se aproximar com um sorriso feliz nos lábios, a loira se ajeitou na cama. — Eu estou com tanta fome que poderia comer uma padaria inteira...

Brandon riu, sentando na cama e colocando a bandeja sobre o colchão.

— Não seja por isso... Pode comer a vontade o telefone é logo ali, podemos repetir mil vezes. — Ele fez uma expressão tão divertida que a loira relaxou um pouco mais, rindo baixinho.

— Gosto da ideia de repetir mil vezes... — E então eles se olharam e quando Brandon mordeu os lábios, Sophie percebeu como aquela frase tinha soado e as mãos pararam à caminho da torrada de framboesa. — A co-com-mida...

— Ah, entendi. — Normalmente, o homem pegou uma torrada para si e uma xícara de café e encarou a esposa. — Não quer repetir mil vezes uma outra

coisa também...

— O QUE? — Ela quase jogou a bandeja longe quando se escondeu debaixo do edredom.

— Você fala tão naturalmente...

— Eu deveria estar me escondendo debaixo do edredom também...? — Brandon mordeu a torrada. — Amor, você disse que estava com fome...

Sophie o observou cobrindo o rosto até acima do nariz.

— Estou com vergonha.

Os olhos verdes lhe encararam quase selvagens e ele deu mais uma mordida na torrada.

— Você quer... — Mas Brandon parou subitamente. — Nada.

— O que? — Sophie tirou o edredom do rosto, curiosa, e revelou a face absurdamente vermelha.

— Nada, já disse princesa... Esqueça...

— O que era que você ia falar? O que eu quero? — Ela pegou a torrada da mão masculina e o encarou diante dos olhos verdes se estreitando ameaçadoramente.

— Eu ia perguntar se você quer torrada. — Ele mentiu.

— Não era isso!

— Era sim... — Novamente tomando poder do que sobrara de sua torrada, Brandon mordeu e apontou para a esposa. — E ponto final, mocinha.

— Escuta aqui, mocinho! — Haviam farelos na boca feminina quando ela ficou de joelhos na cama e por um momento, Brandon quase engasgou. — É melhor você me dizer logo!

— Quer mesmo... ouvir... — Monroe só foi capaz de sussurrar, viajando os olhos pelo corpo de sua esposa.

— Quero! — E foi apenas com aquele olhar dançando sobre si que

Sophie teve a grande ideia de olhar para onde o marido encarava e quando abaixou o rosto, o que viu foram suas mãos segurando fortemente o edredom na altura do quadril.

Sophie quase deu um pulo na cama, levantando o edredom rapidamente.

— Pare de olhar! — O grito foi agudo e a cara envergonhada o fez rir.

— Não consigo, desculpe... — Confessou roucamente, limpando a garganta. — É hipnotizante...

— Bran-brandon... É horrível, isso que é... — Ela murmurou e o moreno avançou a distancia rapidamente, até estar ajoelhado ao lado da bandeja.

— Enlouqueceu...? — A mão forte segurou seu queixo e obrigou-a a encará-lo. — Você é linda, princesa... Se quer mesmo saber, você é uma gostosa... — Ela arregalou os olhos e ele sorriu. — Isso mesmo, uma delicia, estonteante, me faz desmaiar... E agora que somos casados eu acho que posso falar isso... Porque você é minha... — A mão livre de Brandon afagou a nuca de fios dourados e ela mordeu os lábios. — Minha gostosa... Só minha...

— Só... Sua... — Foi ha última coisa que Sophie conseguiu dizer antes de ser beijada por uma boca que tinha sabor de framboesa.

(...)

— Vamos pegar ele amanhã? — A loira tirava a mesa.

— Vamos. — Brandon a acompanhava, colocando os pratos na lava louça. — De lá podemos passar no supermercado para abastecer a casa de coisas para bebês...

— É verdade. — Ela riu empolgada conforme o som de Kings of Leon soava ao fundo. — O pequeno Charlie está crescendo rápido, né?

— Ele está enorme. — Teve que admitir. — Mas vendo as fotos de Brandy e Alex na idade dele, não poderia ser diferente.

Tinham voltado de viagem no dia anterior e na segurança de casa, Sophie construía sua coragem, pedra por pedra.

— Já já não poderemos mais chamá-lo de pequeno Charlie...

O moreno riu, concordando num aceno irônico. O que serviu quase como um incentivo para Sophie fechar a tampa da lava louça e encarar o esposo timidamente.

— E-eu comprei uma coisa. — Ela avisou diante do semblante de Brandon mudando completamente.

— O que comprou?

Sophie precisou de uma enorme e profunda respiração para alcançar o zíper do vestido no meio das costas e, começando a tremer violentamente, abaixá-lo.

Os olhos de Monroe se arregalaram gradativamente até que o vestido branco e azul da esposa estivesse em volta dos pés calçados por delicados sapatos.

Usando um lingerie branco, a pianista estava exuberante. Ela tinha um corpo maravilhoso, cheio de curvas, com um umbigo bem desenhado e braços delicados, além dos grandes seios redondos.

Brandon engoliu em seco. Ela era tão deliciosamente hipnotizante que por um momento, pensou que era ele que não estava preparado para isso, mas quando deu por si, as mãos percorriam os quadris arredondados da esposa com uma lentidão estarrecedora e Sophie já estava tremendo violentamente embaixo de suas mãos quando a segurou e a levantou fazendo a loira sentar em cima do balcão de mármore.

Tomou os lábios doces com uma intensidade que ia sendo revelada aos poucos para Sophie, que pegou a si mesma entrelaçando as pernas em volta do quadril masculino.

O ar desapareceu e um formigamento corporal a acometeu no instante em que os dedos de Brandon deslizaram por baixo das alças de seu sutiã, e ele separou sua boca da dela para beijar o pescoço alvo, mordiscando a pele aveludada até encontrar as clavículas delineadas e diante de um gemido baixo de Sophie, apossou-se do peito cheiroso até chegar à ondulação que o levaria até o seio direito e pela primeira vez, Brandon decidiu não fazer uma pausa para ela decidir se era isso mesmo que queria.

Ele simplesmente continuou, sem pestanejar, e abaixou com o queixo

uma das taças do sutiã, beijando o seio da esposa que já não conseguia mais sequer empenhar força em seus cabelos.

A loira estava de olhos fechados, sentada em cima do balcão de sua cozinha com o marido explorando seu corpo de uma maneira simplesmente devastadora. A boca que não conseguia manter fechada e ela fez de tudo para matar o gemido que veio junto com a mordiscada carinhosa de Brandon na pele de seu seio.

Por outro lado, Brandon pensava em fazer daquela noite algo inesquecível e prazeroso para Sophie, já que seria a primeira vez deles estando em casa, e pensando nisso, ele voltou pela trilha antes feita até alcançar a boca feminina mais uma vez e só então a tirou do balcão, começando a andar pela casa, subindo as escadas até alcançar a suíte que partilhavam e jogou a loira na cama. Os cabelos dourados se esparramaram na roupa de capa azul marinho conforme o corpo forte de Monroe cobria a delicada mulher excitada na cama.

Tomou-a mais uma vez em um beijo profundo, e Sophie se viu naquela cama como uma boneca, completamente entregue. De repente, todos os medos que sentia desapareciam ao simples toque de Monroe.

Agora ela entendia que o homem viera lutando contra aquela intensidade na intenção de respeitá-la e foi apenas ao seu sinal que Brandon mostrou o verdadeiro desejo que carregava secretamente. A intensidade que ele relevara apenas 30% agora estava 100% em cima de si, pronto para tirar sua sanidade e torná-la incapaz de abrir os próprios olhos.

Cobriu-a de beijos até estar novamente nos seios perfeitos, beijando a pele quente enquanto os dedos deslizavam o tecido de renda para baixo.

Brandon usou o mínimo de força para o sutiã simplesmente ceder e pender em cima dos seios fartos de Sophie.

Quando ela percebeu o que tinha acontecido, só conseguiu cobrir o rosto, preparando-se para ser despida e analisada pelos olhos que mais amava naquele mundo.

Mas a surpresa foi quando, entre as duas mãos, a boca de Brandon tocou a sua, resvalando em seus lábios e ela imediatamente deixou que as mãos saíssem do caminho para que ele a beijasse mais uma vez enquanto a mão livre,

lentamente, tirava o sutiã branco do caminho.

Sophie mal notou. Ela só percebeu quando sentiu o tecido da camiseta masculina deslizando contra as pontas de seus mamilos e dentro de um beijo profundo, ficou subitamente nervosa. As pernas se fecharam levemente e Monroe compreendeu aquela mensagem que nem a própria Sophie sabia que estava enviando.

Separou sua boca da dela para encarar as pálpebras femininas se levantarem devagar até que o par de olhos azuis o encarasse..., Ela estava levemente amedrontada, conseguia ler Sophie tão bem quanto qualquer outra coisa.

— Princesa...

— Te amo, Príncipe... — O sussurro fez Monroe sorrir verdadeiramente emocionado e ele a beijou mais uma vez, levente.

— Também te amo... Muito...

E Sophie, depois de uma respiração profunda, fechou os olhos; entregou suas ações para Brandon e quando aconteceu, já tinha alcançado o orgasmo algumas vezes, estava excitada, fervendo, e o corpo praticamente implorava para que ele a tornasse sua mais uma vez.

Delicadamente, o homem o fez, sentindo os pingos de suor caírem do nariz de Sophie em seu rosto. Ele a encarou por alguns segundos. Os olhos dela estavam fechados e os dentes cravados no lábio inferior conforme descia torridamente devagar.

Fazer amor era diferente de qualquer ato carnal comumente praticado por pessoas.

Era algo que transcendia e ligava almas para sempre.

Naquela noite quente em Brentwood, Tennessee, dia vinte e cinco de dezembro de dois mil e treze, Sophie fez amor pela terceira vez, e por mais que Brandon já não fosse mais virgem, ele nunca tinha feito amor antes de conhecer Sophie Lanure. Foi como uma terceira oportunidade de reafirmar a vontade de ficar para sempre do lado daquela única e insubstituível mulher.

VIGÉSIMO-SEGUNDO CAPÍTULO

2015

— Ei não vale! — Ela espirrou água no bebê que adorava bater os bracinhos e ver as pessoas se molharem. Charlie já era grande e pesado e muito inteligente, e nos domingos quentes, adorava brincar na pequena piscina improvisada nos fundos da casa de Brandy e Alex, que já estavam casados desde dezembro de 2013 quando foram para Las Vegas e casaram em segredo.

— Amor, tem carne... — Brandon avisou, vendo a esposa já toda molhada com a água que o sobrinho espirrava. — Charlie está te dando um banho... — Ele se abaixou ao lado da loira para colocar o pedaço de carne na boca dela e beijou os lábios salgados logo em seguida, levantando-se e entrando na casa de Alex para, segurando uma cerveja, caminhar até o banheiro.

Brandon voltava pela sala quando o telefone tocou e ele pegou o aparelho sem fio, levando-o até o amigo ruivo, que em um aceno de agradecimento, atendeu a ligação.

Brandy e Sophie estavam brincando com o bebê e não notaram a expressão de Alex se fechando para uma pálida expressão tenebrosa.

As sobrancelhas morenas franziram diante das palavras baixas de Alex para quem quer que fosse do outro lado da linha e ele não demorou a desligar.

— O que foi isso? — Brandon praticamente sussurrou.

— Não conseguiram falar na sua casa. — Alex sussurrou de volta, ainda pálido. — A coisa na Síria ficou feia.

— O que? — Os olhos verdes se arregalaram para o amigo, que mantinha uma já feição abatida.

— Brandy vai ter um colapso...

— Mas foi chamada? Ou aviso? — O coração de Brandon já batia num descompasso mortal.

— Aviso...

— Menos mal.

— Um aviso nunca vira fumaça, Brandon. — O homem suspirou. — E precisam de fuzileiros especialistas.

— É melhor não falar nada... Não vamos deixar a coisa ruim sem antes ter certeza...

(...)

— Por que diabos está gritando, Sophie?

— Eu já disse! — Ela atirou o travesseiro contra a porta que Brandon estava prestes a abrir. — É só Tpm!

— Tem certeza que não contraiu raiva?

— Quantas vezes eu já pedi para não entrar de sapato no banheiro! — Berrou assim que entrou no banheiro sujo.

Brandon arqueou as sobrancelhas.

— Nunca?

— Então nunca mais entre!

— Sophie... — Cuidadoso, o homem suspirou sem paciência. — Você quer um uísque ou um sorvete para matar esse demônio da raiva?

— Eu quero desinfetante, um pano de chão e um rodo! — A loira esbravejou e só saiu do banheiro quando ouviu a porta do quarto batendo.

Os olhos lacrimejaram imediatamente, correndo para se jogar na cama e chorar por ter sido completamente estúpida com o marido, como nunca era.

Mas a verdade é que a notícia vista da TV estava triplicando sua falta de humor e sentimentos a flor da pele.

Uma nova guerra na Síria. E por mais que tenha perguntado sobre isso para o marido, ele havia garantido que nada aconteceria. Da última vez tinha sido assim, não é? Nada tinha acontecido.

— Olha só. — A voz do marido a fez afundar ainda mais o rosto no travesseiro. — Isso você não pode negar.

Ele parou em frente a cama com uma taça de sorvete de chocolate cheio de granulado, calda e pequenos canudinhos de chocolate.

— Eu fui lá embaixo e usei minha criatividade gourmet por você. — Brandon deu mais alguns passos, esperançoso, mas a esposa não se moveu.

— Se você não for comer eu faço questão de usar isso para te fazer um tratamento de pele, o que acha?

Ali, Sophie se virou, o rosto fechado com um bico emburrado.

— O que está insinuando?

— Que vou esfregar tudo isso aqui na sua cara... — Ele sorriu diante da expressão surpresa da esposa. — Se você não comer...

— Desculpe ter sido grossa com você... Não esperava que me trouxesse sorvete criativo...

— Como espera que eu faça uma guerra de sorvete agora? — Brandon sentou na cama, estendendo-lhe uma colher.

— Bem... — Ela enfiou o talher no sorvete e pegou uma boa quantia de tudo, comendo de olhos fechados.

— Cuidado, seu cérebro vai congelar... — Sophie riu do timbre de aviso macabro e ela engoliu o sorvete o encarando divertidamente. — Mas continue... — Brandon comeu um pouco também. — O que estava dizendo?

— Eu estava dizendo... — Sophie pegou um pouco mais. — Que é bem simples... — Ela pegou um canudinho de chocolate e o comeu diante dos olhos desconfiados de Brandon.

— O que é bem simples?

— Começar uma guerra de sorvete. — E a colher carregada de sorvete que ela levava a boca foi impulsionada de forma que a pequena porção do chocolate congelado fosse atirada diretamente contra a face de Brandon, que abriu a boca em uma teatral expressão de surpresa.

Sophie começou a rir descontroladamente enquanto o marido jogava a colher antes tão educadamente empunhada longe e lhe encarava com sorvete

escorrendo pela bochecha.

— Agora você tá ferrada! — Ela enfiou a mão no copo e tirando uma enorme porção, pulou na cama, atingindo a face de Sophie e esparramando tudo enquanto as mãos pequenas tentavam pegar a taça da “munição”.

(...)

— Dois anos de casados, isso precisa de um brinde enorme! — Brandy levantava a taça para o alto. — Parabéns porra!

— Sua idiota. — O irmão zombou, mas levantou a própria taça também com um sorriso bobo nos lábios antes de beijar a esposa ao seu lado.

— Obrigada gente. — Sophie sorriu corada. — Nada melhor que comemorar boas datas com a família. E com quem a gente ama. — Ela deu mais um beijo no marido.

— Então, quero aproveitar para falar algumas coisas... — Brandon sentou e sentou Sophie em seu colo.

— Uhh, novidades... — A Monroe mais nova estava curiosa.

— Eu e Alex estamos pensando em comprar o que resta da academia e a sala de cima, que hoje é o deposito de uma loja de sapatos se não me engano... — Ponderou. — Mas enfim. Comprar. Podemos fazer uma sala de música para Sophie em cima da academia assim ela não paga mais aluguel.

— E os clientes do piano podem virar clientes da academia e vise-versa. — Alex fez o adendo entre um gole e outro de cerveja.

— Parece uma ótima ideia... — A pianista teve que assumir. — Vou ficar à um andar de distância de você. — Ela acariciou a mão entrelaçada a sua.

— E ai Brandy?

— Vocês vão me deixar pelo menos fazer alguns treinos?

— Talvez sim, talvez não. — O marido zombou diante dos olhos faiscantes. — Depende se for uma boa garota.

— Alex não tem medo de morrer? — Sophie riu da cara que Brandy estava fazendo para o ruivo.

— Ela me ama, Sophie, não tem coragem nem mais de me dar aqueles socos que quebraram meu nariz no passado. — O timbre foi quase de desafio.

— Podemos decidir se devo voltar a treinar ou não no tatame, o que acha? — A morena cruzou os braços.

— Olha só. — Ele, como um fuzileiro, sorriu em vitória. — Eu concordo, amor..., mas não vem chorar depois.

(...)

Dezembro tinha passado tão rápido desde que colocaram o plano de comprar a academia e a sala de cima. Mover o piano custou um dia inteiro de trabalho árduo e precisavam viajar para Nova York para uma luta de Brandon em quatro dias.

Sophie limpou o suor da testa. O cheiro da tinta fazia o nariz coçar.

— Devia colocar a máscara. — O homem que pintava o teto aconselhou.

— A máscara não me deixa respirar. — Ela pegou próprio rolo e o molhou na tinta azul. — Mas tudo bem, agora só falta o teto.

— Em pensar que amanhã já é outubro.

— Passa rápido quando estamos fazemos o que gostamos.

— Isso me lembra daquela nossa conversa sobre sonhos e metas. — Brandon parou, olhando para a esposa.

— Eles parecem bem iguais agora, não acha? — A loira apenas sorriu, piscando para um arrepiado homem alto que não teve outra escolha a não ser continuar pintando o teto.

— Pensei em dar um presente de aniversário para minha irmã diferente esse ano. — Ele mudou de assunto.

— O que pensou?

— Ela disse que o Charlie gostava de cavalo, não disse?

— Está pensando em dar um cavalo para Brandy?

— Ela sempre gostou. — O homem girou os olhos. — E Charlie parece ter o mesmo gosto.

— E como pretende realizar isso? — Sophie já estava empolgada.

— Eu descobri uma fazenda aqui perto que aluga baia e cuida de cavalos para quem não tem terreno... Pensei em irmos lá depois ver um potro, o que acha?

— Eu acho perfeito amor! — Sophie deu pulinhos, o rolo respigando tinta no jornal do chão. — A Brandy e o Charlie vão adorar, e o Alex vai também porque ele adora ver os dois felizes.

— O Alex tá fazendo uma fabriqueta de cerveja no porão dele. — O moreno revelou, atraindo o imediato olhar da pianista.

— Isso é muito legal, apesar de eu não beber.

— Eu falei sobre transformarmos isso num negócio, no futuro. O povo do Tennessee gosta de coisas caseiras.

— Verdade... — Ela ponderou seriamente sobre isso. — Expandir os negócios no futuro seria produtivo... Tipo um bar.

— Minha pequena esposa inocente falando em abrir um bar?

— Por que não? — O sorriso foi honesto. — Com cerveja de fabricação própria, pode dar um bom dinheiro.

— E seus petiscos fariam sucesso... — Comentou, fazendo o sorriso de Sophie crescer.

— Aquele bolinho de queijo ia vender fácil...

Ambos se olharam por alguns segundos antes de começarem a rir. As coisas estavam acontecendo bem diante de seus olhos e mesmo assim, ainda parecia um sonho.

(...)

— Sophie, para, para! — Eles entraram em casa fazendo cócegas um no outro. Brandon largou as malas e pegou a mulher pelos quadris para jogá-la no sofá. — Eu falei para parar, sua peste!

Ela estava gargalhando escandalosamente conforme atacava suas costelas.

— Chega, eu me rendo! — Sem ar, Sophie apelou para o timbre choro para fazer o marido parar e funcionou, ele se ergueu ainda rindo e disse:

— Posso pegar nossas malas agora?

— Eu te ajudo. — Sophie se levantou ainda rindo travessa e puxou as malas da entrada. Ela estava levando algumas bagagens para sala quando Brandon olhou para o chão e encarou um envelope.

Ele congelou, cimentado no chão.

Aquele era o selo do exército.

(...)

— Tá muito em cima... — Foi praticamente um murmúrio contra o telefone enquanto o barulho do chuveiro soava ao fundo.

— Eu sei... Por isso não tem jeito. Precisamos falar logo. Agora que não é mais aviso.

— Eles não te liberaram por causa do Charlie?

— Nem fodendo. Especialistas estão mais em falta que água na Síria, Brandon. Principalmente porque o governo está tentando encobrir o verdadeiro inferno que está lá.

— Porra... Então...

— Então... — Alex o interrompeu. *— Temos três dias para contar a verdade para Brandy e Sophie.*

— Eu vou desligar, Alex... — Levemente perturbado, Brandon respirou profundamente. — Boa noite e boa sorte ai, com Brandy... Qualquer coisa é só ligar.

— Digo o mesmo. Boa sorte e boa noite, irmão.

Ambos desligaram e quando Monroe se jogou na cama, pegando a carta dentro de seu criado-mudo, o som do chuveiro sumiu.

Ele olhou para a porta fechada fixamente até que ela se abrisse para relevar uma ainda molhada Sophie de toalha.

— Covardia... — Sussurrou, fitando a esposa que riu para ele.

— Seu bobo... — Sophie abriu a porta do armário e vestiu-se ali, onde da cama não poderia ser vista. Ela colocou a camisola e encarou o marido. — Que cara é essa?

Brandon sentiu o coração falhar.

— Pode sentar aqui um pouco? — Foi um pedido totalmente estranho para Sophie.

— O que houve? — Disparou, caminhando para andar e sentar na cama ao lado do moreno.

— Preciso falar uma coisa... — Não sabia como dizer. Nunca tivera uma esposa para avisar sobre esse tipo de coisa.

— O que aconteceu Brandon Monroe? — A voz de Sophie já estava trêmula e ela o olhava no mais fundo de seus orbes.

— Isso chegou hoje. — A mão forte estendeu a carta já aberta com o timbre do exército e os olhos de Sophie se arregalaram.

Ela pulou da cama num susto e se afastou pelo menos cinco passos.

— O que é isso? — Piscou, os olhos transbordando.

— Isso... — Brandon deixou a carta na cama e levantou-se. — É um pedido de comparecimento.

— Pedido de comparecimento aonde? — Sophie tampou o rosto para esconder a feição de choro que irrompeu como as comportas de uma represa.

O homem alto parou de andar. Havia um nó enorme na garganta.

— Na Síria.

EPÍLOGO

— Vai ficar tudo bem... — O rosto de Sophie estava inchado conforme as mãos firmes do marido acariciavam a face abatida.

Ela estava do lado de fora de sua casa e um comboio militar permanecia parado logo em frente.

Brandon usava sua farda pela primeira vez desde que o conhecera e era horrível ter que dizer Adeus, jogar a pessoa que mais amava nas mãos de um

terrível e desconhecido destino.

— Por favor, não vai..., fica aqui... — O sussurro pegou Brandon de jeito e ele apertou um pouco mais o rosto de Sophie entre as mãos.

— Eu vou, mas vou voltar. Um ano. Você me espera?

— Eu já disse que sim. — As pequenas mãos abraçaram os antebraços cobertos pela farda militar. — Mas por favor, **volte**.

— Eu prometo, princesa... — Monroe aproximou-se um pouco mais para beijar profundamente a boca que tanto gostava de tomar.

Sua pequena Sophie estava chorando copiosamente e ele estava fadado à deixá-la sozinha por um ano inteiro.

Não havia nada mais massacrante que isso.

Enquanto Alex e ele iriam para guerra, Brandy e Sophie ficariam no Tennessee, cuidando dos negócios e do pequeno Charlie.

Um ano longe do sonho que se acostumou em viver todos os dias.

— Amo você... — Sophie disse quando se separaram. — Amo muito você, não esqueça...

— Não esqueça também. — A beijou mais uma vez. — Amo você, Sophie...

E então ele se separou dela. Ela o viu dar um passo para trás como se nunca mais fosse voltar e era como se o coração estivesse parando de bater.

— Não esqueça que você tem que voltar pra mim! — Ela berrou quando o motor do carro foi acionado, ignorando os outros soldados silenciosos dentro do jeep. E Brandon subiu, sentando-se e colocando a mochila no meio das pernas, era como se estivesse abandonando seu coração naquela rua.

— Não esqueça que você tem que ficar forte por mim!

— Eu juro... — Sophie sussurrou, tampando os lábios que tremiam em pranto.

E então o jeep acelerou.

— Eu te amo! — A loira gritou, dando os primeiros passos para acompanhar o jeep e lembrou-se que da primeira vez que foi para guerra, era o velho Loui correndo atrás do carro.

— Eu também te amo! Tranque sempre a porta antes de dormir! — Foi a ultima coisa que Sophie escutou até que o automóvel militar dobrasse a esquina e se distanciasse.

Ela parou no meio da rua, completamente sem direção, vendo o jeep se tornar um borrão até sumir na quadra seguinte.

Pelo menos cinco minutos depois, Sophie finalmente acordou para a realidade.

A realidade de que precisava lutar pelo que realmente queria e ela voltou correndo para casa, subindo as escadas aos saltos e limpando as lágrimas do rosto, abriu o laptop.

Em um site de busca, Sophie Lanure digitou:

“Ajuda voluntária na Síria”.

Continua